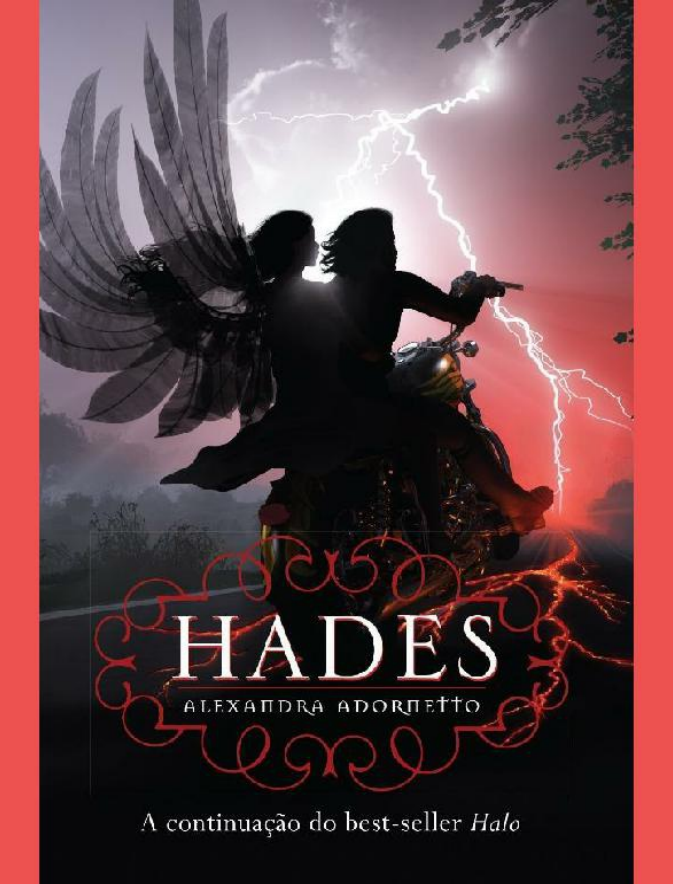




HADES

ALEXANDRA ADORNETTO

A continuação do best-seller *Halo*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



HADES

ALEXANDRA ADORNIETTO



A

AGIR

A TODOS OS QUE JÁ ESTIVERAM NO INFERNO E VOLTARAM.

Como foi cair do céu, Lúcifer, filho da
manhã!

— Isaías, 14:12

The Devil went down to Georgia, he was
lookin' for a soul to steal.

He was in a bind, 'cos he was way behind;
he was willin' to make a deal.

— Charlie Daniels, "Devil went down to
Georgia

Quando o sinal tocou na Bryce Hamilton, eu e Xavier guardamos nossas coisas e corremos para o gramado que se abria do lado sul. A previsão do tempo tinha anunciado uma tarde de tempo aberto, mas o sol travava uma luta no céu, que permanecia triste, cinzento. De vez em quando, um raio fraquinho conseguia vencer o bloqueio e dançar por ali, aquecendo a minha nuca.

— Quer vir jantar hoje? — perguntei a Xavier, dando-lhe o braço.

— Gabriel quer tentar fazer uns burritos. Xavier me olhou e soltou uma risada.

— Qual é a graça?

— Estou pensando uma coisa — respondeu ele. — Por que em todas as pinturas os anjos aparecem protegendo tronos no Paraíso ou tentando vencer os demônios? Por que nunca aparecem na cozinha, preparando burritos?

— Porque temos uma reputação a zelar — respondi, dando uma cotovelada nele. — Você vem ou não?

— Não posso. — Xavier suspirou. — Prometi à minha irmã que ficaria em casa para esculpir carinhas em abóboras.

— Droga. Sempre me esqueço do Dia das Bruxas.

— Você deveria tentar entrar no espírito da festa — sugeriu Xavier. — O pessoal aqui leva isso muito a sério.

Eu sabia que ele não estava exagerando. Abóboras iluminadas e túmulos de plástico decoravam a entrada de todas as casas para marcar a ocasião.

— Eu sei — respondi —, mas a ideia me assusta. Por que todo mundo se fantasia de fantasma e zumbi? E como se os nossos piores pesadelos ganhassem vida!

— Beth — chamou Xavier, parando de caminhar e pousando a mão no meu ombro. — É feriado, anime-se!

Ele estava certo. Eu tinha que deixar de ser chata. A terrível experiência com Jake Thorn acontecera seis meses antes, e as coisas não poderiam estar melhores. A paz retornara a Venus Cove e eu estava mais do que nunca ligada àquele lugar. Aninhada na pitoresca costa da Geórgia, a cidadezinha sonolenta do condado de Sherbrooke tinha se transformado num lar para mim. Com varandas belas e vitrines ornamentadas, a rua principal era um lugar único, uma espécie de cartão-postal. Tudo por ali — do cinema ao velho prédio do Tribunal de Justiça — evocava o charme do Sul e a gentileza de uma era há muito esquecida.

Ao longo do ano anterior, a influência da minha família tinha crescido, transformando Venus Cove numa cidade-modelo. A congregação religiosa

triplicou, as missões de caridade tinham voluntários além da conta, e os crimes registrados eram tão poucos e esparsos que o xerife foi obrigado a procurar outra atividade para ocupar o seu tempo. As poucas confusões não tinham muita importância, como, por exemplo, motoristas disputando uma vaga. Mas isso faz parte da natureza humana, que não pode ser modificada nem é obrigação nossa tentar alterá-la.

Mas a melhor novidade de todas era que eu e Xavier tínhamos ficado ainda mais próximos. Olhei para ele, lindo como sempre, de tirar o fôlego, com a gravata frouxa e o blazer jogado sobre um dos ombros, e senti o seu corpo forte roçando o meu enquanto caminhávamos lado a lado, compassados. Às vezes, era fácil pensar que éramos um só.

Desde o violento embate com Jake, no ano anterior, Xavier encarava a malhação com ainda mais afino, atirando-se aos esportes com todo o vigor.

Sei que o objetivo principal era me proteger, mas isso não significa que eu não pudesse me divertir com os resultados. Xavier estava com o peitoral e a barriga tanquinho ainda mais definidos. Era esbelto e muito bem proporcionado, e eu podia ver os músculos que saltavam de sua camisa de algodão puro. Olhei para as suas feições: o nariz afilado, as bochechas salientes, os lábios carnudos. Sob a luz do sol, os cabelos castanho-claros pareciam dourados, e os olhos amendoados se transformavam em topázios azuis. No dedo anelar, ele usava um anel que eu lhe dera de presente por me ajudar após o ataque de Jake. Era uma aliança de prata larga com os três símbolos da fé: uma estrela de cinco pontas representando a estrela de Belém; um trevo em honra aos três personagens da Santa Trindade; e as iniciais IHS, ou seja, a abreviatura de Ihesus, como Cristo era chamado na Idade Média. Eu tinha um igual, personalizado, e os enxergava como uma espécie de anel de compromisso. Qualquer pessoa que tivesse visto as mesmas coisas que Xavier poderia ter perdido a fé em Nosso Pai por completo, mas ele tinha a mente e o espírito fortes. Havia se comprometido conosco, e eu sabia que nunca nos abandonaria.

Meus pensamentos foram interrompidos quando encontramos um grupo de amigos de Xavier no estacionamento, uns meninos que formavam o time de polo aquático. Alguns eu conhecia de nome e consegui entender alguma coisa da conversa.

— Não acredito que Wilson ficou com Kay Bentley — disse um garoto chamado Lawson. Ele ainda tinha os olhos roxos por causa de uma briga no fim de semana. Por experiência própria, eu sabia que essa briga teria algo a ver com um barril e um obstinado ataque à propriedade privada.

— Vai ser a sua sentença de morte — murmurou alguém. — Todo mundo sabe que ela é mais rodada que o velho Chrysler do meu pai.

— Não estou nem aí, desde que não tenham usado a minha cama. Eu seria obrigado a queimar tudo.

— Não se preocupe, tenho quase certeza de que eles estavam no gramado dos fundos.

— Eu estava tão mal que não me lembro de nada — disse Lawson.

— Pois lembro que você tentou me agarrar — comentou um menino chamado Wesley, com voz afetada, fazendo uma careta.

— E daí... Estava escuro. Você teria feito muito pior.

— Engraçadinho... — retrucou Wesley. — Alguém colocou uma foto no Facebook. O que vou contar ajeiss?

— Que não resistiu ao corpo perfeito de Lawson — sugeriu Xavier, dando um tapinha nas costas do amigo. — Ele está tinindo após tantas horas jogando PlayStation.

Eu dava gargalhadas enquanto Xavier abria a porta do seu Chevrolet Bel Air conversível azul-celeste. Entrei, me espreguicei e senti aquele cheiro familiar dos assentos de couro. Adorava aquele carro tanto quanto Xavier. Ele estava conosco desde o princípio, desde o primeiro encontro no Sweethearts ao terrível embate com Jake Thorn no cemitério. Embora nunca admitisse, cheguei a pensar que o Chevy poderia ter personalidade própria. Xavier girou a chave na ignição, e o carro ganhou vida. Os dois pareciam se mover em sincronia, como se estivessem ligados um ao outro.

— Então, já sabe que fantasia vai usar?

— Fantasia? — perguntei, perdida.

Xavier me reprovou balançando a cabeça.

— Para o Dia das Bruxas, lembra?

— Ainda não — admiti. — Mas estou pensando nisso. E você?

— O que você acha de Batman? — Ele piscou o olho. — Sempre quis ser um super-herói.

— O que você quer é fingir que dirige um Batmóvel. Xavier abriu um sorriso embaraçado, dizendo:

— Droga! Você me conhece bem demais..

Chegamos ao número 15 da rua Byron. Xavier curvou o corpo e beijou os meus lábios. O beijo dele era suave e doce. Para mim, era como se o mundo desabasse e eu me fundisse a ele. Sua pele era macia sob os meus dedos, e o cheiro, fresco e limpo como a maresia, me envolvia. Em tudo aquilo havia um toque mais forte, como baunilha e sândalo misturados. Eu mantinha sob o travesseiro uma das camisetas de Xavier banhada com o seu perfume, pois assim era como se ele estivesse ao meu lado todas as noites. E engraçado como o comportamento mais tolo pode parecer perfeitamente normal quando estamos apaixonados. Sei que algumas pessoas não gostavam de ver Xavier comigo, mas estávamos tão absortos um no outro que nem percebíamos.

Quando o carro de Xavier se afastou do meio-fio, voltei à realidade, como quem desperta de um sono profundo.

— Até amanhã de manhã — gritou ele, com um sorriso lindo. — Na mesma hora de sempre.

Fiquei de pé no jardim, observando, até que o Chevrolet desaparecesse no fim da rua.

Aquela casa era o meu refúgio, e eu adorava descansar nela. Tudo era muito familiar: dos gastos degraus da entrada aos grandes e arejados cômodos do interior. A aparência era a de um casulo seguro, afastado da turbulência do mundo, pois, mesmo amando a vida humana, ela algumas vezes me assustava. A Terra tinha problemas — problemas muito grandes e complexos para serem entendidos. Pensar neles fazia a minha cabeça girar e me deixava com a sensação de não servir para nada. Aliás, Ivy e Gabriel já tinham me dito que eu deveria parar de perder tempo e focar na missão. Tínhamos visitas agendadas a cidades e vilarejos próximos, para livrá-los de forças malignas. O que não sabíamos é que essas mesmas forças nos encontrariam antes.

O jantar estava quase pronto quando cheguei. Meus irmãos estavam do lado de fora da casa, envolvidos em atividades solitárias. Ivy lia um livro com total atenção, e Gabriel estava profundamente concentrado, compondo ao violão. Seus dedos bem-treinados massageavam as cordas com delicadeza, cordas que pareciam responder aos seus comandos silenciosos. Eu me aproximei e me ajoelhei para acariciar o nosso cachorro, Phantom, que dormia com a cabeça recostada nas patas gigantes e macias.

Ele estirou o corpo ao sentir o meu toque e parecia tão forte como sempre. Depois me encarou com os olhos tristes, e sua expressão parecia dizer: "Onde você esteve o dia inteiro?"

Ivy estava reclinada na rede, os cabelos dourados chegando à cintura, e a sua imagem era resplandecente ao pôr do sol. No entanto, minha irmã não sabia como descansar numa rede. Parecia muito agitada, como se fosse uma criatura mítica perdida num mundo que não fazia sentido para ela.

Ivy usava um vestido de musselina azul-claro e se protegia do sol com uma sombrinha cheia de babados. Sem dúvida, encontrara a sombrinha em algum brechó e não conseguira resistir à compra.

— Onde você encontrou isso? — perguntei, sorrindo. — Esse tipo de sombrinha saiu de moda há algum tempo.

— Pois eu acho charmoso — disse ela, deixando o livro de lado. Dei uma olhada na capa.

— Jane Eyre? — Estranhei. — Você sabe que é uma história de amor, certo?

— Claro que sei — respondeu ela, bufando.

— Acho que você está ficando mais parecida comigo — provoqueei-a.

— Duvido que um dia consiga ser tão boba quanto você — retrucou Ivy, num tom despreocupado, mas seus olhos demonstravam divertimento.

Gabriel parou de mexer nas cordas do violão e ergueu os olhos.

— Ninguém bateria Bethany nesse departamento — comentou ele, com um sorriso no rosto. Pousou o violão no chão com cuidado para curvar-se contra o parapeito e olhar para o mar. Como sempre, Gabriel mantinha o corpo esguio, com os cabelos loiros claríssimos presos num rabo de cavalo. Os olhos cinzentos e as feições angulosas o deixavam parecido ao guerreiro que era, mas Gabriel vestia roupas comuns: jeans surrado e camiseta solta no corpo. Seu rosto era alegre e amigável. Eu gostava de ver o meu irmão mais tranquilo. Era como se eles dois estivessem menos críticos em relação a mim, como se aceitassem mais as minhas escolhas.

— Como você sempre consegue chegar em casa antes de mim? — perguntei. — E olha que eu volto de carro, e você vem andando!

— Tenho meus truques — respondeu ele, abrindo um sorriso discreto.

— Além do mais, não preciso parar a cada dois minutos para uma demonstração de carinho.

— Nós não paramos a cada dois minutos para demonstrar carinho! — respondi.

Gabriel ergueu uma das sobrancelhas, perguntando:

— Então por que o carro de Xavier sempre estaciona a duas quadras do colégio?

— Talvez seja verdade... — respondi, indiferente, odiando o fato de ele estar sempre certo. — Mas a cada dois minutos é exagero!

O rosto em forma de coração de Ivy explodiu num sorriso.

— Fica tranquila, Bethany. Já estamos acostumados a essas demonstrações públicas de amor.

— Que história é essa? — perguntei, pois Ivy não costumava falar sobre esse tipo de coisa. Na verdade, minha irmã era sempre muito formal.

— Ando convivendo muito com gente jovem, e você sabe... — respondeu. — Estou tentando ser mais moderna.

Eu e Gabriel não conseguimos prender o riso.

— Nesse caso, melhor se esforçar muito — avisei.

Gentil, Ivy curvou o corpo para acariciar os meus cabelos e mudou de assunto:

— Espero que não tenha planos para este fim de semana.

— O Xavier pode ir com a gente? — perguntei, ansiosa, antes que ela me contasse o que tinha a fazer.

Há muito tempo Xavier se transformara num complemento do meu corpo. Mesmo separados, não parecia haver distração ou atividade capaz de afastar os meus pensamentos dele.

Gabriel revirou os olhos:

— Se ele quiser...

— Claro que vai querer — respondi, sorrindo. — Qual é o plano?

— Existe uma cidade chamada Black Ridge, a vinte quilômetros daqui — começou ele. — Dizem que estão tendo problemas por lá.

— Problemas com demônios, você quer dizer?

— Três meninas desapareceram no mês passado, e uma ponte em perfeito estado desmoronou enquanto carros passavam por ela.

Estremeci levemente.

— Parece ser o nosso tipo de problema. Quando partimos?

— No sábado — respondeu Ivy. — Acho melhor você descansar um pouco.

No dia seguinte, eu e Molly nos sentamos com as outras meninas no pátio à esquerda do colégio, local que se transformara no nosso novo ponto de encontro preferido. Molly estava diferente desde a perda de sua melhor amiga, no ano anterior. A morte de Taylah, pelas mãos de Jake Thorn, foi um aviso à minha família. Não tínhamos calculado a extensão dos poderes de Jake até o dia em que ele cortou a garganta de Taylah para nos enviar uma mensagem.

Desde então, Molly se afastou do seu velho círculo de amigos e perdeu o sentimento de lealdade. Aliás, eu teria feito o mesmo e não me importei com as mudanças. Sabia que o colégio traria lembranças dolorosas a Molly e resolvi apoiá-la como pudesse. E o nosso grupo era mais ou menos igual ao anterior. Eram meninas com as quais costumávamos sair, mas que nunca foram muito próximas. Elas conheciam as mesmas pessoas e fofocavam sobre as mesmas coisas. Por isso, entrosar-se era muito fácil.

O clima estava tenso no grupo a que Taylah pertencera, e eu sabia que Molly não ficaria tranqüila ao lado delas. Qualquer dia, do nada, as conversas poderiam ser interrompidas de forma constrangedora, gerando uma pausa e fazendo com que todas pensassem a mesma coisa: "O que diria Taylah neste momento?" Mas ninguém tinha coragem suficiente de dizer o seu nome em alto e bom som, e eu pressentia que as coisas nunca voltariam a ser como antes para aquelas meninas.

Elas queriam que tudo voltasse ao normal, mas sempre deixavam a impressão de que faziam muita força para isso. Riam alto demais, e as piadas pareciam ensaiadas. Tudo o que diziam ou faziam parecia uma constante lembrança da ausência de Taylah. Ela e Molly eram as principais do grupo, exercendo o papel de autoridades em muitas ocasiões. Mas Taylah não estava mais ali, e Molly parecia perdida.

Conclusão: as outras meninas tinham perdido as mentoras e não sabiam o que fazer.

Era duro vê-las tentando vencer a dor em grupo. Dor que não conseguiam articular por causa do medo ou de emoções incontroláveis. Eu queria pedir que não enxergassem a morte como um fim, mas como um recomeço, e explicar que Taylah só tinha atravessado para um novo plano existencial, que nada tinha a ver com o aspecto físico. Queria explicar que Taylah continuava por ali, mas que se transformara num ser livre. Queria conversar com elas sobre o Céu e sobre a paz que a amiga encontraria lá. Mas, claro, dividir esse tipo de conhecimento seria impossível. Eu estaria simplesmente revelando o nosso segredo mais importante e expondo a nossa presença na Terra. Na verdade,

seria chutada do grupo de imediato, considerada uma louca.

As novas amigas se reuniam ao redor de bancos de madeira, sob um arco de pedra que chamavam de seu. Aliás, uma coisa que nunca mudou foi a natureza territorial do grupo. Caso alguém de fora cruzasse a área por acidente, não ficaria muito tempo ali. Os olhares de desaprovação garantiriam que o intruso fosse logo embora. Nuvens cinzentas sempre rolavam sobre as nossas cabeças, mas as meninas nunca buscavam abrigo, exceto em casos excepcionais. Como sempre, sentavam-se perfeitamente penteadas e vestiam saias passadas a ferro, buscando os fracos raios de sol que conseguiam vencer as nuvens e banhar o pátio com uma luz diáfana. Não poderiam perder a oportunidade de melhorar seus bronzeados.

A festa do Dia das Bruxas, marcada para sexta-feira, animava a todos, gerando uma grande excitação. Aconteceria numa casa abandonada na saída da cidade, propriedade que pertencia à família de um veterano do colégio, Austin Rnox. O bisavô dele, Thomas Knox, construíra a casa em 1868, anos depois do fim da Guerra Civil. Ele foi um dos fundadores da cidade, e, embora a família não a freqüentasse havia anos, as leis de proteção do patrimônio histórico impediam a demolição. Por isso, estava vazia há muito tempo. Era uma velha casa rural cercada de varandas e envolta por campos e uma estradinha deserta. Os locais a chamavam de A Casa do Espanto — ninguém nunca saiu ou entrou lá —, e Austin dizia já ter visto o fantasma do avô numa das janelas do segundo andar. De acordo com Molly, seria perfeita para a festa. Quase ninguém passava por ali, só gente perdida ou caminhoneiros. Além do mais, estava afastada o suficiente da cidade para que ninguém reclamasse do barulho. A ideia surgiu num grupo pequeno, mas de alguma maneira todos na escola ficaram sabendo e conseguiram convite.

Eu me sentei ao lado de Molly, cujos cachos ruivos estavam presos no topo da cabeça, num coque desajeitado. Sem maquiagem, seu rosto era como o de uma boneca chinesa, os olhos azuis da cor do céu e os lábios rosados. No entanto, Molly nunca resistia a um pouco de gloss e sempre fez de tudo para chamar a atenção de Gabriel. Eu imaginava que ela deixaria essa fixação no meu irmão para trás, mas a verdade é que o sentimento parecia cada vez mais forte.

Eu preferia Molly sem maquiagem, pois ficava mais bonita ao natural, e não parecendo dez anos mais velha.

— Vou me vestir de aluna malcriada — disse Abigail.

— Em outras palavras, vai se fantasiar de você mesma? — Molly bufou.

— Por que não nos conta qual é a sua ideia brilhante, Molly?

— Vou de Sininho.

— De quê?

— A fada de Peter Pan.

— Não é justo — interrompeu Madison. — Nós combinamos que todas

iríamos de Coelhinhos da Playboy!

— É tão antiquado... — comentou Molly, jogando a cabeça para trás. — Sem contar que é meio ridículo.

— Meninas... — interrompi, chamando-as —, acho que as fantasias deveriam ser assustadoras, certo?

— Ah, Bethie — retrucou Savannah, com um suspiro —, será que a gente não lhe ensinou nada?

Eu abri um sorriso amarelo.

— Poderiam refrescar a minha memória?

— Basicamente, a história se resume a um grande... — começou Hallie.

— Vamos dizer apenas que se trata de uma oportunidade de nos reunirmos com representantes do sexo oposto — explicou Molly, interrompendo e encarándo Hallie. — Nossas fantasias devem ser assustadoras e sexy.

— Vocês sabiam que o Dia das Bruxas costumava ter algo a ver com Samhain? — perguntei. — E sabiam que as pessoas tinham muito medo disso?

— Quem foi Sam Hain? — perguntou Hallie, perdida.

— Não foi uma pessoa, mas uma coisa — respondi. — E essa coisa se manifesta de forma diferente em cada cultura. Mas, em essência, as pessoas acreditam que, numa única noite do ano, o mundo dos mortos se encontra com o mundo dos vivos. Nessa noite, os mortos podem caminhar ao nosso lado e possuir os nossos corpos. E as pessoas se vestem de forma assustadora para afastá-los.

O grupo me observava com profundo respeito.

— Meu Deus, Bethie. — Savannah tremeu. — Que maneira de nos assustar.

— Vocês se lembram daquela sessão espírita no sexto ano? — perguntou Abigail, e as meninas assentiram.

— O quê? — perguntei, incapaz de mascarar a minha descrença.

— Uma sessão espírita é quando...

— Sei o que é uma sessão espírita — respondi. — Mas vocês não deveriam fazer esse tipo de coisa.

— Eu avisei, Abby! — gritou Hallie. — Avisei que seria perigoso.

Lembra quando a porta se fechou com força?

— Claro que lembro. Foi a sua mãe — respondeu Madison.

— Não poderia ter sido ela. Minha mãe estava dormindo àquela hora.

— Enfim... Acho que deveríamos repetir na sexta-feira. — disse Abigail, com as sobrancelhas arqueadas — O que vocês acham, meninas? Topam?

— Eu, não — respondi, decidida. — Não quero me envolver com isso.

As meninas trocaram olhares, como se não engolissem bem a minha recusa.

— ELAS SÃO TÃO INFANTIS — comentei com Xavier enquanto caminhávamos juntos para a aula de francês. Ao mesmo tempo, portas eram batidas, avisos dados pelos alto-falantes, conversas nos rodeavam, mas eu e Xavier continuávamos trancados em nosso mundo particular. — Elas querem fazer uma sessão espírita e vestir-se de coelhinhas.

— Que tipo de coelhinhas? — perguntou ele, com malícia.

— Da Playboy, eu acho. Seja lá o que isso signifique.

— Interessante... — disse Xavier, sorrindo. — Mas não deixe que elas obriguem você a fazer coisas que não queira.

— Elas são minhas amigas.

— E daí? — Ele deu de ombros. — Se elas se atirassem de um penhasco, você faria o mesmo?

— Por que elas se atirariam de um penhasco?! — perguntei, assustada.

— Elas estão tendo problemas em casa?

— É só uma maneira de dizer — respondeu Xavier, sorrindo.

— Bobo — retruquei. — Você acha que eu deveria me vestir de anjo? Como o anjo do filme Romeu e Julieta?

— Seria um pouco irônico — respondeu. — Um anjo que se passa por humano e finge ser anjo. Gostei.

O sr. Collins nos observava enquanto nos aproximávamos das cadeiras.

Ele parecia sentir inveja da nossa proximidade, e eu ficava pensando se o histórico de três divórcios dele não o teria transformado num homem avesso ao amor.

— Espero que vocês consigam sair da bolha do amor e aprender algo hoje — disse ele, enquanto os demais se sentavam. Sem saber o que fazer, baixei a cabeça para evitar o contato visual direto com ele.

— Não se preocupe, professor — respondeu Xavier. — A nossa bolha nos permite aprender coisas.

— Muito engraçadinho... Mas a sala de aula não é lugar para romances. Quando essa história terminar, com os corações partidos, vocês pagarão o preço pelas notas baixas. L'amour est comme un sablier, avec le coeur remplir le vide du cerveau.

Reconheci a citação do escritor francês Jules Renard. Traduzida, queria dizer: "O amor é como uma ampulheta, com o coração sendo preenchido enquanto a mente é esvaziada." Odiei ouvir aquela certeza de que o nosso relacionamento estava fadado a terminar e abri minha boca para reclamar, mas Xavier tocou minha mão por baixo da mesa e se curvou para murmurar ao meu ouvido:

— Talvez não seja uma boa ideia discutir com professores que vão dar

notas às nossas provas.

Ele voltou a olhar para o sr. Collins e com sua melhor voz disse:

— Já entendemos, professor. E obrigado pela sua preocupação.

O sr. Collins parecia satisfeito e voltou a escrever os verbos no subjuntivo no quadro-negro. Não resisti e dei a língua às costas dele.

Hallie e Savannah, que freqüentavam a mesma aula de francês, me encontraram do lado de fora. Gentilmente, elas agarraram os meus braços.

— Que aula você tem agora? — perguntou Hallie.

— Matemática — respondi, suspeitando de algo. — Por quê?

— Ótimo — comentou Savannah. — Vem com a gente.

— Aconteceu alguma coisa?

— Só queremos conversar. Um papo de mulher para mulher.

— Tudo bem — concordei, tentando imaginar o que tinha feito para ser interpelada daquela forma. — Mas conversar sobre o quê?

— Sobre você e Xavier — respondeu Hallie. — E acho que você não vai gostar do que vai ouvir, mas somos amigas e estamos preocupadas com você.

— Por que estão preocupadas?

— Porque não é nada saudável para vocês dois passar tanto tempo juntos — respondeu Hallie.

— E isso aí — afirmou Savannah. — Vocês parecem siameses. Nunca estão separados. Onde está o Xavier você está atrás... o tempo todo.

— E isso é mesmo um problema? — perguntei. — Ele é meu namorado. Eu quero estar ao lado dele.

— Claro, mas isso é demais. Você precisa manter certa distância — enfatizou Hallie, dizendo a palavra "distância" como se fosse um termo médico.

— Por quê? — quis saber, encarando-as, perdida, e imaginando se aquilo partira de Molly ou refletia a opinião das duas.

Eu passei o verão inteiro sendo amiga daquelas meninas, mas era um pouco cedo para aquele tipo de conselho. Por outro lado, eu era adolescente havia menos de um ano e de alguma forma me sentia balanceada pela experiência das duas. Certo, eu e Xavier éramos muito próximos, qualquer idiota notaria isso. Mas será que éramos estranhamente próximos? Para mim, a nossa relação não parecia estranha, já que tínhamos passado por tantas coisas juntos. Mas aquelas meninas não sabiam de nada disso.

— E um fato comprovado — disse Savannah, interrompendo a minha linha de raciocínio. — E posso demonstrar. — Ela pegou a bolsa, tirando dela um exemplar da revista Seventeen. — Encontramos um teste que você deveria fazer.

Ela abriu a revista e procurou o teste. A imagem na página mostrava um casal jovem sentado frente a frente, mas amarrados por correntes nos pulsos e nos tornozelos. O teste se chamava: "Seu relacionamento é codependente?"

— Não somos assim — respondi. — O importante é o que sentimos... e não o tempo que passamos juntos. Além do mais, não acredito que um teste de revista possa medir os sentimentos de alguém.

— A Seventeen é ótima para dar dicas... — afirmou Savannah.

— Tudo bem, não faça o teste — interrompeu Hallie. — Mas responda algumas perguntas.

— Manda — disse eu.

— Qual o seu time?

— Dallas Cowboys — respondi, sem hesitar.

— E por quê? — perguntou Hallie.

— Porque é o time do Xavier.

— Sei... — disse Hallie. — E quando foi a última vez que você fez alguma coisa sem o Xavier?

Eu não entendia porque ela soava como um juiz num tribunal, mas respondi:

— Faço muita coisa sem ele.

— Sério? E onde ele está neste momento?

— Num treinamento de primeiros-socorros no ginásio — respondi, sem pestanejar. — Estão ensinando reanimação, mas ele já aprendeu isso no projeto de salva-vidas.

— Certo — disse Savannah. — E o que ele vai fazer na hora do almoço?

— Tem um encontro marcado com os amigos do polo aquático — respondi. — Xavier quer treinar um menino novo, que vai jogar na defesa.

— E na hora do jantar?

— Vamos para a minha casa, comer costela grelhada.

— E desde quando você gosta de costela grelhada? — perguntaram, erguendo as sobrancelhas.

— O Xavier gosta...

— Não tenho mais nada a dizer — comentou Hallie, escondendo o rosto com as mãos.

— Você tem razão: a gente passa mesmo muito tempo juntos — respondi. — Mas o que tem de errado nisso?

— Não é normal. Eis o que está errado — respondeu Savannah, pronunciando muito bem cada palavra. — Suas amigas também são importantes. E parece que você não se importa com a gente. Todas as meninas sentem a mesma coisa, até a Molly.

Fiquei calada, pois finalmente entendi o propósito daquela conversa. As meninas estavam se sentindo negligenciadas. É verdade que muitas vezes eu recusava seus convites para ficar com Xavier. Para mim, era uma decisão de estar com a minha família, mas talvez eu tenha sido um pouco insensível. Entendi e jurei ser mais atenciosa.

— Sinto muito. E obrigada por terem sido honestas comigo. Prometo que vou me comportar melhor.

— Ótimo! — comemorou Hallie. — E poderia começar participando de um evento só para meninas que planejamos para o Dia das Bruxas.

— Claro — assenti, louca de vontade de entrar em acordo com elas. — Eu adoraria. O que é?

Antes de terminar a pergunta, porém, tive um pressentimento de que acabara de cair numa armadilha.

— Nós queremos nos comunicar com os mortos, lembra? — começou Savannah. — Nenhum menino será admitido.

— Uma sessão espírita — esclareceu Hallie, animada. — Incrível, não acha?

— Incrível — respondi, perdida. Na verdade, "incrível" não estava na lista das diversas palavras que eu tinha em mente para descrever aquela ideia.

A sexta-feira chegou antes do que eu esperava. E eu não estava ansioso pela festa do Dia das Bruxas. Preferia poder passar a noite com Xavier, mas não me parecia justo impor aquela exclusividade.

Gabriel, surpreso, balançou a cabeça em negativa ao ver a minha fantasia: um vestido branco de cetim até os joelhos, sandálias de gladiador que peguei emprestadas com Molly e um par de pequenas asas sintéticas que aluguei na loja de fantasias. Eu era uma paródia de mim mesma, e Gabriel, como eu imaginava, não se impressionou. Aos seus olhos, devia parecer uma espécie de sacrilégio.

— E um pouco óbvio, não acha? — perguntou ele, irônico.

— Não! — respondi. — Se algumas pessoas suspeitam que somos algo mais que humanos, isso os deixaria em dúvida.

— Bethany, você é uma mensageira do Senhor, não uma detetive de filme
B — disse Gabriel. — Lembre-se disso.

— Quer que eu troque de roupa? — perguntei, suspirando.

— Não, ele não quer... — disse Ivy, segurando a minha mão. — A fantasia é linda. E, no fim das contas, isso não passa de uma festa da escola.

Ela lançou um olhar cortante na direção de Gabriel, que deu de ombros. Embora passasse os seus dias fingindo ser professor de música na Bryce Hamilton, meu irmão não parecia entender muito bem o mundo adolescente.

Xavier, quando chegou, estava fantasiado de caubói, de jeans surrado, botas de couro e camisa xadrez. Na cabeça, usava um chapéu.

— Doces ou travessuras? — perguntou ele, com um sorriso.

— Não quero ofender, mas você não está nem um pouco parecido com o Batman.

— Não vejo razão para tanto sarcasmo, garota — disse Xavier, fingindo um forte sotaque do Texas. — E você, está pronta? Temos um bom caminho pela frente.

Dei uma risada.

— Você vai ficar falando com esse sotaque a noite inteira?

— É provável que sim — respondeu ele. — E vou deixar você louca de desejo.

Meu irmão tossiu para nos lembrar de sua presença. Sempre se sentia deslocado ao ouvir nossas declarações de amor.

— Não volte muito tarde — advertiu Ivy. — Partiremos para Black Ridge amanhã bem cedo.

— Não se preocupe — prometeu Xavier. — Eu a trarei para casa assim que o relógio marcar meia-noite.

Gabriel balançou a cabeça de novo.

— Será que vocês nunca vão conseguir se livrar desses clichês de histórias de amor?

Olhei para Xavier, e sorrimos.

— Sim — respondemos.

A viagem durou meia hora até a velha casa abandonada, e a escuridão da estrada só era cortada pelos faróis dos carros que seguiam para a festa. Ao nosso redor, tudo o que havia eram campos de cultivo. Estávamos exultantes naquela noite. Era uma sensação estranha, como se o mundo pertencesse aos alunos da Bryce Hamilton. A festa marcava o fim de uma era para todos nós, e os sentimentos eram conflitantes. Estávamos a um passo da formatura e de uma grande mudança em nossas vidas, mudança que moldaria os nossos futuros. Era um novo começo, e, embora eu esperasse que ela estivesse cheia de boas surpresas, era impossível não sentir uma pitada de nostalgia por tudo o que deixávamos para trás. A vida universitária, e toda a independência que ela prometia, estava muito perto. Em pouco tempo, as amizades seriam testadas pela distância e alguns relacionamentos não sobreviveriam.

O céu noturno parecia mais amplo que o normal, e uma lua crescente surgia entre as nuvens. Enquanto Xavier dirigia, o observei de soslaio. Parecia muito tranquilo ao volante, sem nenhum traço de ansiedade estampado no rosto. Estávamos numa reta, e ele Xavier dirigia apenas com uma das mãos. A luz da lua atravessava a janela do carro, iluminando o rosto dele. Girou a cabeça para me olhar, com sombras dançando em suas feições.

— No que você está pensando, querida? — perguntou.

— Que eu poderia encontrar algo melhor que um caubói...

— Você está brincando com a sorte. Sou um caubói top de linha! Sorri, embora sem ter entendido muito bem o que ele queria dizer. Poderia ter pedido uma explicação, mas a única coisa importante era estarmos juntos. E daí se não tivesse entendido uma piada? Talvez a noite ficasse ainda mais intrigante.

Entramos num caminho repleto de árvores, seguindo uma velha picape cheia de veteranos que se autoproclamavam "Os Lobos". Não compreendia muito bem o que eles queriam dizer com isso, mas todos usavam bandanas cáqui e tinham os rostos e peitos pintados com listras negras, como guerreiros.

— Esses aí não perdem uma chance de deixar os peitorais à mostra — comentou Xavier.

Os rapazes estavam na caçamba da picape, fumando um cigarro atrás do outro e esvaziando um barril de cerveja. Quando o carro parou, soltaram um uivo e desceram em direção à casa. Um deles parou para vomitar num arbusto próximo. Após ter expelido o líquido do interior de seu estômago, espreguiçou-se e começou a correr.

A casa era o retrato perfeito do espírito do Dia das Bruxas. Era velha, e

uma varanda arrasada percorria toda a sua fachada. Faltava uma boa pintura por ali. A cor original estava destruída, descascando e revelando as entranhas da casa, emprestando um ar de negligência ao cenário.

Austin deve ter tido a ajuda de algumas amigas na decoração, pois a entrada da casa estava repleta de abóboras iluminadas e adesivos brilhantes, mas as janelas do segundo andar permaneciam na escuridão. Não havia nenhum rastro de civilização. Caso existissem vizinhos, estariam bem distante dali. Naquele momento, entendi a escolha do lugar para a festa. Poderíamos fazer quanto barulho quiséssemos, pois ninguém escutaria. Pensar nisso me deixou um pouco desconfortável. A única coisa que separava a casa da estrada era uma cerca decrépita, que já vira dias melhores. Havia um espantalho no meio do jardim, a uns cem metros de onde estávamos, o corpo era flácido e a cabeça assustadoramente tombada para um lado.

— Pavoroso — murmurei, aproximando-me de Xavier. — Parece tão real.

Ele passou os braços fortes ao redor do meu corpo.

— Não se preocupe. Esse espantalho só corre atrás de meninas que desprezam os namorados.

Dei-lhe uma cotovelada.

— Não tem graça! Além do mais, as meninas acham que seria mais saudável para a nossa relação se não passássemos tanto tempo juntos.

— Não concordo — respondeu ele, mais uma vez me abraçando.

— Você diz isso porque é muito carente!

— Cuidado, o espantalho pode ouvir você...

A casa estava ficando cheia de convidados. Ela havia passado tanto tempo vazia que a luz fora cortada, e o local teve de ser iluminado com velas e lanternas. A esquerda, havia uma escadaria em caracol. Era óbvio que os pais de Austin tinham abandonado mesmo a casa, pois as escadas estavam destruídas em alguns pontos. Alguém havia posto uma vela em cada degrau e a cera estava derretendo, deixando a madeira muito escorregadia. Quartos vazios se abriam em todos os lados do amplo corredor. Sabia que casais bêbados poderiam estar dentro deles, mas a escuridão era muito grande. Seguimos descendo o corredor, esbarrando nos mais variados tipos de fantasias. Alguns tinham exagerado na caracterização. Notei dentes de vampiro, chifres de diabo e muito sangue falso. Uma pessoa muito alta e vestida de Dona Morte passou ao nosso lado, com o rosto coberto por um capuz. Vi a Alice do País das Maravilhas em versão zumbi, bonecas de pano, Edward Mãos de Tesoura e máscaras de Hannibal Lecter. Agarrei a mão de Xavier com força. Não queria estragar aquela noite, mas o cenário era muito assustador para o meu gosto. Era como se todos os personagens de histórias de terror ganhassem vida à nossa volta. A única coisa que amainava tal sensação era o falatório constante e as risadas. Alguém

conectou um iPod às caixas de som, e a casa foi tomada por uma música tão alta que sacudia os lustres acima das nossas cabeças.

Vencemos a multidão e encontramos Molly e as meninas na sala de estar, sentadas em sofás velhos. A mesa de centro, à frente delas, estava repleta de lixo, cheia de copos e garrafas de vodka. Molly mantivera a sua ideia de se fantasiar de Sininho, com um vestido verde até os joelhos, sapatilhas de balé e um par de asas de fada. Mas escolhera os acessórios com cuidado, para ficar em sintonia com o espírito do Dia das Bruxas. Nos pulsos e tornozelos, usava correntes prateadas, e o rosto e o corpo estavam tomados de sangue falso e sujeira. Uma adaga de plástico dependurava-se no peito, como se tivesse sido cravada ali. Até Xavier ficou impressionado, erguendo as sobrancelhas, como se aprovasse a produção.

— Uma Sininho gótica. Parabéns, Molly — comentou ele.

Nós nos sentamos no sofá, ao lado de Madison, que também manteve a sua palavra e estava vestida de Coelhinha da Playboy, com corpete preto, rabinho branco e um par de orelhas de coelho. A maquiagem dos olhos já estava manchada, fazendo-os parecer estar roxos. Madison tomou mais um gole de sua bebida e bateu o copo com força contra a mesa.

— Vocês dois são um saco — disse ela. — E as fantasias são as piores!

— Qual o problema com as nossas fantasias? — perguntou Xavier, soando como se não ligasse para a opinião dela, mas quase perdendo a paciência.

— Você parece o Woody de Toy Story — começou Madison, sem conseguir controlar um ataque de riso. — E, Beth, o que é isso? Você poderia ao menos ter vindo como um Anjo da Morte! Não estão nada assustadores.

— Mas a sua fantasia também não é muito assustadora — retrucou Molly, nos defendendo.

— Será?... — perguntou Xavier, que nunca gostou muito de Madison. Ela bebia e fumava muito, além de estar sempre disposta a dar a sua opinião, mesmo quando não consultada.

— Cale a boca, Woody! — gritou Madison.

— Algumas pessoas deveriam evitar beber tanto, pelo menos de vez em quando — respondeu Xavier.

— Será que você não tem um rodeio ou algo parecido para organizar? Xavier se levantou, sem responder, distraído pela entrada do time de polo aquático, que chegou dando gritos de guerra, em uníssono. Eles foram cumprimentar Xavier no hall.

— E aí, cara!

— Que fantasia é essa, cara?

— Foi coisa da Beth?

— Você está deixando-a controlar muito você — disse um dos meninos, que montou nas costas de Xavier como um macaco e o derrubou no chão de

brincadeira.

— Parem com isso!

— Uh uh!

Seguiram-se mais algumas risadas e sons de luta entre amigos. Quando Xavier conseguiu se livrar dos golpes, tudo o que restara era a calça jeans. Os cabelos, antes perfeitamente penteados, estavam desgrenhados. Ao olhar para mim, ele deu de ombros como quem diz que não pode ser culpado pelo comportamento dos amigos e acabou vestindo uma camiseta preta atirada por um dos meninos.

— Tudo bem, meu ursinho? — perguntei, arrumando os cabelos dele.

Eu não gostava que os amigos dele brincassem daquela maneira. Mas minha aproximação fez com que algumas sobrancelhas fossem erguidas à nossa volta.

— Beth — começou Xavier, apoiando uma das mãos no meu ombro —, você tem que parar de me chamar assim em público.

— Desculpe — respondi, arrependida. Xavier sorriu.

— Vamos beber alguma coisa.

Depois de pegar uma cerveja para ele e um refrigerante para mim, fomos para os fundos da casa e nos sentamos num sofá que alguém levava para o lado de fora. Lanternas de papel em rosa e verde estavam penduradas na varanda, lançando uma luz suave no jardim. Mais à frente os campos se transformavam num denso e escuro bosque.

Mesmo com a barulheira que vinha do lado de dentro, a noite era calma e tranqüila. Um velho trator abandonado estava parado na grama. Eu pensava em como aquele cenário era pitoresco, como uma pintura representando tempos antigos, quando uma roupa íntima de renda saiu voando por uma das janelas, pousando aos nossos pés. Fiquei corada ao perceber que o casal lá dentro não estava apenas tendo uma conversa. Afastei os olhos da peça e tentei imaginar como aquela casa teria sido antes de a família Knox abandoná-la. Sem dúvida, fora uma casa grandiosa e bonita na época em que as meninas tinham damas de companhia e as danças não passavam de valsas tocadas num piano, bem diferente do que podia ser ouvido naquele momento. Os encontros sociais seriam cheios de estilo e monótonos comparados à confusão que estava sendo armada no interior da velha casa. Imaginei um homem de fraque se curvando diante de uma mulher de vestido rodado, naquela mesma varanda, embora na minha cabeça a varanda estivesse mais bem-cuidada, nova em folha. Vi também uma noite estrelada, e as portas se abrindo, deixando que a música tomasse conta da noite.

— O Dia das Bruxas é uma droga — disse Ben Carter, que estudava literatura comigo, interrompendo os meus pensamentos ao se aproximar de mim e de Xavier.

Eu teria respondido, mas Xavier me abraçou e não deixou que me concentrasse em nada mais além de seus fortes bíceps. Com o canto do olho, notei que a mão dele estava pousada no meu ombro e que ele se concentrava apenas em mim, o que parecia estranho ao tratar-se de um rapaz de 18 anos, bonito e popular. Qualquer pessoa que o visse pela primeira vez ficaria fascinada pelo corpo perfeito, pelos olhos azul-turquesa, pelo sorriso charmoso e pelos cabelos que caíam sobre a testa. Enfim, Xavier era a perfeita imagem de um garoto que poderia estar com a menina que quisesse.

Como qualquer garoto de sua idade, ele poderia estar aproveitando as vantagens de ser jovem e bonito. Porém, as pessoas mais próximas sabiam que ele estava comprometido unicamente comigo. Não era apenas lindo, como também um verdadeiro líder, respeitado por todos. Eu o amava e o admirava, mas ainda não conseguia acreditar que fosse meu. Seria possível eu ter tanta sorte? Às vezes, eu me preocupava, imaginando se aquilo tudo não passaria de um sonho e que, se olhasse direito, ele desapareceria da minha frente. Mas não, Xavier permanecia ao meu lado. E, quando percebeu que me esquecera do comentário de Ben, ele respondeu, sorrindo:

— Calma, Carter. E só uma festa.

— Cadê a sua fantasia? — perguntei, tentando voltar à realidade.

— Não gosto de fantasias — respondeu Ben, cínico. Ele era do tipo que considerava tudo uma bobagem, como se estivesse acima de tudo. E tentava manter a personalidade sem se envolver em nada. Ao mesmo tempo, sempre dava um jeito de estar presente, pois não queria perder um acontecimento importante. — Meu Deus, esse pessoal é doente... — continuou ele, fazendo uma careta ao ver a peça íntima aos nossos pés. — Espero nunca me apaixonar tanto por uma pessoa a ponto de querer transar no meio de uma festa.

— Quanto a isso, não sei... — comentei. — Mas aposto que um dia você se apaixonará e não poderá fazer nada para evitar.

— Sem chance — respondeu ele, com os braços cruzados sobre o peito e os olhos bem fechados. — Sou muito amargo para isso.

— Eu poderia tentar juntar você com uma das minhas amigas — ofereci. Na verdade, sempre gostei de fazer isso e confiava na minha habilidade. — Que tal Abby? Ela é solteira, bonita e não seria muito chata.

— Meu Deus, por favor, não — pediu. — Seríamos o pior casal da história.

— Por quê? — perguntei; a falta de confiança dele na minha habilidade me desapontava.

— Deixa pra lá — respondeu ele. — A minha decisão é essa. Não quero me envolver com uma menina que gosta de tomar drinques e usar salto alto. Não temos nada a dizer um ao outro, exceto adeus.

— Bom saber que você tem uma opinião tão positiva sobre as minhas amigas — comentei. — Será que você pensa o mesmo de mim?

— Não, mas você é diferente.

— Diferente?

— Você é estranha.

— Não sou estranha! — gritei. — O que tenho de estranha? Xavier, você acha que sou estranha?

— Calma, querida — disse Xavier, piscando os olhos, assustado. — Imagino que ele quis dizer "estranha" de uma forma positiva.

— Você também é estranho — devolvi a Ben, notando a petulância no meu tom de voz.

Ele tomou o resto da cerveja e disse:

— Apenas um estranho seria capaz de reconhecer outro.

O som das vozes que vinha do lado de dentro chamou a nossa atenção. A porta foi aberta, e um grupo de meninos do time de polo aquático apareceu na varanda. Era incrível, pensei, como eles se pareciam com filhotes de leão, sempre brigando e se atirando uns em cima dos outros. Xavier balançou a cabeça, lentamente, enquanto eles caíam em cima da gente. Reconheci os rostos de Wesley e Lawson. Era fácil identificá-los: Wesley com seus cabelos escuros e sobrancelhas grossas, e Lawson com seus cabelos loiros muito claros e olhos azuis — mas de um azul pálido, e não brilhantes como os de Xavier. Os dois estavam sem camisa e com pinturas de guerra espalhadas pelo corpo. Eles notaram a minha presença e me deram um rápido aceno, o que me fez pensar na época em que os homens se curvavam diante das mulheres.

Respondi com um sorriso, pois não seria capaz de erguer as sobrancelhas como quem diz "O que foi?", já que esse tipo de reação faria com que eu me sentisse num daqueles vídeos da MTV a que Molly adorava assistir, em que homens com capuz cantavam raps cheios de gírias.

— Anda, Woody — chamou um deles. — Vamos para o lago.

— Vamos! — gritou Xavier.

— Você conhece as regras — lembrou Wesley. — O último vai ter que pular nu na água.

— Meu Deus, esses garotos são mesmo estimulados pela mais profunda inspiração intelectual — murmurou Ben.

Relutante, Xavier se levantou, e eu o encarei, surpresa.

— Você não vai, né?

— A corrida é uma tradição do colégio — respondeu ele, sorrindo. — Fazemos isso todos os anos. Mas não se preocupe, nunca chego por último.

— Tem certeza? — perguntou Lawson, descendo da varanda e andando em direção ao bosque. — Já estou em vantagem! — gritou, e os outros meninos o seguiram, empurrando-se enquanto corriam. Driblavam os arbustos selvagens e iam em direção aos campos abertos, em debandada.

Quando desapareceram, deixei Ben com suas elucubrações filosóficas e

entrei na casa, à procura de Molly. Ela e as meninas estavam reunidas num pequeno grupo no sopé da escadaria. Abigail estava com um grande saco de papel sob o braço, e todas pareciam muito sérias.

— Beth! — gritou Molly, segurando o meu braço. — Que bom que você chegou, estamos quase começando.

— Começando o quê? — quis saber, curiosa.

— A sessão espírita, claro.

Elas não tinham esquecido. E eu imaginava que o plano seria deixado de lado quando comesçassem a se divertir.

— Vocês estão falando sério? — Mas elas me olhavam com total sinceridade, então tentei uma técnica diferente: — Abby, você viu que o Hank Hunt voltou? Ele parece estar procurando companhia.

Abigail era louca por Hank Hunt desde o primário e não parava de falar sobre ele. Naquela noite, porém, nada a distrairia do plano.

— E daí, quem liga para ele? Isso é muito mais importante... Vamos procurar um quarto vazio.

— Não! — respondi, firme, negando com a cabeça. — Meninas, vamos procurar outra coisa para fazer!

— É Dia das Bruxas — disse Hallie, pirracenta como uma criança. — E queremos conversar com fantasmas.

— Os mortos devem permanecer onde estão — retruquei. — Poderíamos fazer a dança da maçã, ou algo parecido.

— Não seja estraga-prazeres — disse Savannah, subindo um degrau e me arrastando para cima. As demais seguiam logo atrás. — O que poderia dar errado?

— A pergunta certa é: o que não poderia dar errado?

— Mas você nem acredita em fantasmas, certo, Beth? — perguntou Madison. — E a gente só quer se divertir um pouco.

— Não deveríamos brincar com essas coisas — suspirei.

— Tudo bem. Melhor que não venha, então — disse Hallie. — Fique aí sozinha, esperando por Xavier, como sempre. A gente sabia que você acabaria não vindo, mas podemos nos divertir sem a sua presença.

Ela me lançou um olhar de amiga traída e as demais assentiram, oferecendo-lhe apoio. A verdade é que eu não conseguia fazer com que elas enxergassem o perigo daquilo. Como dizer a crianças que elas estão brincando com fogo se nunca foram queimadas? Queria que Gabriel estivesse ali. Ele irradiava autoridade e saberia exatamente o que dizer para elas mudarem de ideia. Gabriel fazia isso com as pessoas. Mas era eu quem estava ali, sem saber o que dizer. Que anjo inútil... Sabia que não tinha poderes para impedi-las, mas não podia deixar que fizessem aquilo sozinhas. Caso algo acontecesse, preferia estar presente para lidar com o que encontrássemos do outro lado. Elas estavam

subindo as escadas, agarradas uma no braço da outra, murmurando coisas, ansiosas.

— Meninas — gritei. — Esperem por mim... vou com vocês.

O andar de cima da casa cheirava a mofo. No corredor, o papel de parede listrado descascava por causa da umidade. Embora pudéssemos ouvir a festa a todo vapor no térreo, o ambiente por ali era tranquilo, como se já estivessemos em uma experiência paranormal. As meninas estavam adorando.

— Eis o cenário perfeito — anunciou Hallie.

— Aposto que este lugar é mal-assombrado — comentou Savannah, com o rosto vermelho, cheia de entusiasmo.

De repente, minha preocupação parecia exagerada diante da situação. Por que sempre pensava que o pior estava prestes a acontecer e acabava estragando a diversão de todos ao meu redor? Na minha cabeça, eu me preparava para tirar conclusões calamitosas: qual seria a probabilidade de aquelas meninas loucas por diversão de fato conseguirem contato com o outro lado? Sim, essas coisas aconteciam, mas precisavam da ajuda de um médium treinado. Os espíritos perdidos não costumam gostar de ser chamados para garantir a diversão de um grupo de adolescentes. No fim das contas, elas talvez perdessem o entusiasmo ao não terem os resultados alcançados.

Segui Molly e as outras em direção ao que antes fora o quarto de hóspedes. As altas janelas estavam opacas por causa de uma fina camada de poeira e fuligem. O quarto estava vazio, exceto por uma instável armação de cama que um dia fora branca, mas que perdera a cor com o passar dos anos. Havia também uma colcha, igualmente sem cor, estampada de rosas. Acho que a família Knox já nem costumava visitar a casa, e por isso nunca havia hóspedes no verão. As molduras das janelas estavam queimadas pelo sol, e não havia cortinas para bloquear a luz da lua. Notei que o quarto estava voltado para oeste, de frente para o bosque, na parte traseira da propriedade. Podia ver o espantoso vigiando os campos, a palha se abanando com o vento.

Sem combinação prévia, as meninas começaram a se organizar, sentadas em círculo e com as pernas cruzadas sobre o puído tapete no chão. Com muito cuidado, Abby abriu a bolsa de papel que carregava e pegou um artefato com extremo cuidado, como se se tratasse de objeto de valor inestimável. Era um tabuleiro Ouija, revelado sob uma capa de feltro verde, e que poderia facilmente ser uma antiguidade.

— Onde você conseguiu isso?

— Minha avó me deu, quando fui visitá-la em Montgomery no mês passado — respondeu Abby.

Com exagerada cerimônia, ela pôs o tabuleiro no centro do círculo. Eu nunca vira ao vivo um tabuleiro daqueles, apenas em livros, e parecia mais

decorativo do que eu esperava. Em toda a sua extensão, um alfabeto estava disposto em duas linhas retas, junto a números e outros símbolos que não reconheci. Em cantos opostos e envolvidas por desenhos, estavam escritas as palavras SIM e NÃO. Mesmo quem nunca tivesse visto um tabuleiro Ouija faria associação direta com a magia negra. Em seguida, Abby pegou um frágil e alto copo de vidro envolto em lenço de papel. Desembrulhou com impaciência e pôs o copo sobre o tabuleiro, com a boca para baixo.

— Como isso funciona? — perguntou Madison.

Além de mim, ela era a única pouco entusiasmada no grupo. Mas acho que isso tinha mais a ver com o excesso de álcool do que com preocupações pela nossa segurança.

— Precisamos de um condutor, que pode ser uma peça de madeira ou um copo com a boca para baixo, para nos comunicarmos com o mundo espiritual — explicou Abby, feliz em seu papel de especialista. — Os fortes poderes psíquicos são comuns na minha família, e por isso sei do que estou falando. Precisamos reunir a energia de todas para que funcione. Devemos nos concentrar e pôr os indicadores na base do copo. Não pressionem com força, pois a energia ficaria paralisada e nada funcionaria. Assim que fizermos contato com o espírito, ele falará o que quiser para nós. Certo, vamos começar. Coloquem os dedos sobre o copo, com calma.

Fui obrigada a tirar o chapéu para Abby. Ela estava sendo muito convincente, fazendo tudo corretamente. E as meninas seguiram as instruções dela.

— E agora? — quis saber Madison.

— Vamos esperar até que o copo se mova.

— Sério? — Madison revirou os olhos. — Só isso? Mas o que evitaria que nós mesmas disséssemos qualquer coisa?

Abby a encarou.

— Não é difícil reconhecer a diferença entre uma brincadeira e uma mensagem verdadeira. Além do mais, o espírito sabe coisas que ninguém mais poderia saber — explicou ela, atirando os cabelos para longe do rosto.

— Não espero que entendam. Sei tudo isso porque tenho muita prática. Então, prontas para começar? — perguntou ela, em tom solene.

Enterrei os meus dedos no velho carpete do quarto, tentando encontrar uma maneira de escapar dali sem ser notada. Quando Molly riscou o fósforo para acender as velas espalhadas pelo chão, dei um salto. Ela aproximou a chama dos pavios, e as velas ganharam vida.

— Tentem não fazer movimentos súbitos durante a sessão — pediu Abby, olhando para mim. — Não queremos assustar o espírito. Ele precisa estar confortável ao nosso lado.

— Você sabe isso por experiência própria ou viu num programa de

televisão? — provocou Madison, sarcástica, incapaz de se controlar.

— As mulheres da minha família sempre estiveram conectadas com o outro lado — respondeu Abby.

Não gostei da forma que ela enfatizou "outro lado", como se estivesse contando uma história de terror num acampamento escolar.

— Você já viu fantasmas? — perguntou Hallie, assustada.

— Vi — respondeu Abby, em tom sério. — E exatamente por isso devo ser a médium hoje.

Eu não sabia se Abby estava mesmo dizendo a verdade. Algumas pessoas veem imagens de mortos ao viajar entre os mundos. Porém, na maior parte das vezes, isso não passa de imaginação. Um flash, uma sombra ou um pico de luz poderiam facilmente ser confundidos com algo sobrenatural. Para mim era diferente: eu sentia a presença dos espíritos o tempo inteiro — eles estavam em todo canto. Se me concentrasse, poderia dizer quais estavam perdidos, quais tinham acabado de fazer a transição e quais estavam à procura dos entes queridos. Gabriel sempre dizia que eu deveria me desligar, pois eles não eram responsabilidade nossa. Eu lembro quando uma senhora amiga minha, Alice, veio se despedir logo após falecer. Ela estava do lado de fora da janela do meu quarto antes de desaparecer. Mas nem todos os espíritos são tão gentis quanto ela. Os que não conseguem se separar do aspecto terreno ficam cada vez mais loucos, perdidos, por causa da vida que os circula, mas com a qual não podem interagir. Perdem contato com os humanos, ficam ressentidos e costumam agir de forma violenta. Não sei como Abby se comportaria caso conhecesse tudo o que se esconde do outro lado. Eu não poderia contar nada, pois seria muito revelador de minha parte.

As meninas balançaram a cabeça concordando, ansiosas por deixar nas mãos de Abby o papel de médium.

— Juntem as mãos — pediu Abby. — E, aconteça o que acontecer, não as soltem. Precisamos desse círculo protetor. Se for rompido, o espírito fica livre.

— Quem ensinou isso a você? — murmurou Savannah. — Se desfizemos o círculo, não estaríamos interrompendo a sessão?

— Sim, e, se o espírito evocado for inofensivo, ele voltará para junto dos seus. Mas, se for um espírito vingativo, é melhor termos cuidado. Nunca se sabe o que podemos evocar.

— Que tal evocarmos apenas fantasmas camaradas? — perguntou Madison para provocar Abby, que a encarou furiosa.

— Quem? Gasparzinho?

Madison não gostava que brincassem com ela, mas sabíamos que Abby tinha razão.

— Melhor não... — disse Madison, enfim.

— A sorte está lançada, então.

Mordi a língua para evitar comentar sobre o plano tolo de Abby. Dirigir uma sessão espírita na noite em que havia maiores chances de êxito era algo extremamente estúpido. Sacudi a cabeça para afastar estes pensamentos, disse a mim mesma que aquilo não passava de uma brincadeira infantil, o tipo de coisa que os adolescentes faziam para se divertir. Quanto antes começasse, mais cedo terminaria. Assim, eu poderia descer as escadas e voltar à festa.

Molly e Savannah, sentadas ao meu lado, tomaram as minhas mãos, agarrando-as com força. As suas palmas estavam suadas, e percebi uma mistura de medo e excitação. Abby curvou a cabeça e fechou os olhos. Os cabelos loiros caíam sobre o rosto, e ela interrompeu a evocação para amarrá-los num rabo de cavalo, usando um elástico preso no seu pulso. Depois pigarreou de forma teatral, lançou um olhar pesado para nós e começou a falar em voz baixa, como um cântico.

— Espíritos que caminham sobre a Terra, apresentem-se entre nós! Não vamos oferecer nenhum perigo. Tudo o que queremos é uma conexão. Não tenham medo. Caso queiram contar alguma história, vamos ouvi-la. E, repito, não faremos mal a vocês. E pedimos que não nos façam mal.

O quarto foi tomado por um silêncio mortal. As meninas se entreolhavam. Eu sabia que algumas delas começavam a se arrepender por terem demonstrado tanto entusiasmo com a ideia de Abby e trocariam tudo para estar lá embaixo, bebendo com os amigos e flertando com os garotos.

Trinquei os dentes e tentei não pensar na cerimônia que acontecia na minha frente. Sabia que tirar os mortos da tranquilidade deles não era apenas pouco inteligente, mas também nada sensível, contrário a tudo o que eu tinha aprendido sobre a vida e a morte. Será que elas nunca escutaram a expressão "Descanse em paz"? Eu queria soltar as minhas mãos e sair daquele quarto, mas Abby ficaria furiosa, e eu ganharia a fama de estraga prazeres pelo resto do ano. Suspirei, esperando que elas se cansassem da falta de resposta e abandonassem a brincadeira. Eu e Molly trocamos olhares hesitantes.

Cinco longos minutos se passaram enquanto ouvíamos o som de nossas respirações e as repetições de Abby. Quando as meninas começavam a perder a paciência e alguém finalmente reclamou da demora, o copo começou a tremer. Todas se sobressaltaram, e a atenção do grupo foi restaurada. O copo sacudiu por mais algum tempo e depois começou a se arrastar pelo tabuleiro, desenhando uma mensagem. Abby, a nossa médium, cantava cada letra que o copo tocava até conseguir formar uma mensagem bem clara:

Parem. Parem. Saíam daqui. Vocês correm perigo.

— Nossa, isso é incrível — comentou Madison, em tom de brincadeira. As meninas se entreolharam, sem saber o que pensar, tentando descobrir quem de

nós estava por trás do truque. Porém, como todas estávamos com os dedos sobre o copo, era impossível descobrir quem o movia. Notei que Molly apertava a minha mão com mais força quando outra mensagem começou a ser escrita.

Parem. Ouçam. O demônio está aqui.

— Por que deveria acreditar em você? — perguntou Abby. — A gente se conhece?

O copo começou a se mover rapidamente, percorrendo toda a tábua até chegar ao local onde estava escrita a palavra SIM.

— Tudo bem, sei que é uma brincadeira — disse Madison. — Mas quem está fazendo isso?

Abby ignorou o protesto.

— Cale a boca, Madison. Ninguém está fazendo nada — repreendeu Hallie. — Você está quebrando a corrente.

— Honestamente, você acha que eu acreditaria...

— Se nós conhecemos você, qual é o seu nome? — perguntou Abby ao espírito.

Durante longos segundos, o copo ficou paralisado.

— Disse que era uma bobagem — reclamou Madison.

No entanto, assim que ela se calou, o copo voltou a passear pelo tabuleiro. Primeiro parecia confuso, passeando por algumas letras, querendo nos enganar. E eu estava um pouco perdida, pois não conhecia muito bem o processo. Mas, afinal, o copo marcou as letras T, A e Y.

Depois parou, como se não soubesse o que fazer.

— Pode confiar na gente — incentivou Abby.

O copo voltou ao centro do tabuleiro e, lentamente, procurou as letras finais: L, A e H.

Foi Molly quem quebrou o desconfortável silêncio.

— Taylah?

A voz dela não passava de um murmúrio. Seus olhos ficaram cheios de lágrimas e ela nos encarou.

— Isso não tem graça. Quem está fazendo isso? O que há de errado com vocês?

A acusação dela gerou uma onda de protestos.

— Não fui eu — diziam todas.

Senti um arrepio na espinha, pois sabia que nenhuma das meninas se atreveria a brincar com o nome de uma colega falecida. A morte de Taylah era muito recente. E isso só poderia significar uma coisa: Abby estabelecera uma conexão, conseguira atravessar o limite. Estávamos pisando em terreno muito perigoso.

— E se não for uma brincadeira? — indagou Savannah. — Ninguém aqui faria uma coisa dessas. E se realmente for ela?

— Só há uma maneira de descobrir — começou Abby. — Temos que evocá-la e pedir uma prova.

— Mas ela pediu que parássemos — protestou Molly. — E se não quiser ser evocada?

— E se estivesse querendo nos alertar? — supôs Hallie, trêmula.

— Vocês são muito bobas... — Madison revirou os olhos. — Vá em frente, Abby, e vocês vão ver que nada vai acontecer.

Abby curvou o corpo para a frente, em direção ao tabuleiro, dizendo, com voz profunda:

— Nós estamos no comando. Venha. Mostre-se para nós.

Através da janela, eu vi uma nuvem escura cruzando o céu, obscurecendo a lua e apagando por completo a luz prateada que tomava conta do quarto. Por um momento, senti a presença de Taylah, irradiando um calor tão forte quanto o da mão que eu agarrava. Mas ela desapareceu rápido, sem deixar nenhum rastro além do frio vazio no ar.

— Nós estamos no comando — repetiu Abby, com emoção. — Revele-se para nós!

Os painéis da janela começaram a se mover com o vento que soprava do lado de fora. A sala ficou muito fria, e Molly segurava a minha mão com tanta força que quase impedia a circulação do sangue.

— Venha! — gritou Abby. — Venha!

Nesse momento, a janela se abriu, e um vento forte tomou conta do quarto, apagando as velas. Algumas meninas ficaram nervosas, apertando as mãos das colegas. Eu sentia o vento na minha nuca, como se fossem dedos frios, mortos. Tremi e inclinei o corpo para a frente, tentando me proteger. Savannah choramingou, e notei que ela sentia a mesma coisa. As meninas não entendiam o que acontecia, mas acho que todas percebiam uma presença naquele quarto, uma presença nada amigável.

Eu sabia que precisava dizer alguma coisa, antes que fosse tarde demais.

— Vamos parar agora! — gritei. — Isso não é mais uma brincadeira.

— Você não pode desistir agora, Beth. Vai destruir tudo — avisou Abby, com os olhos varrendo o quarto. — Tem alguém aqui? — perguntou ela. — Dê um sinal de que pode me escutar.

Ouvi Hallie engolindo em seco e olhei para baixo, me dando conta de que o copo se movia em silêncio pelo tabuleiro. Ele chegou até a palavra SIM. A mão de Savannah estava completamente suada.

— Quem está fazendo isso? — murmurou Molly.

— Por que você apareceu aqui? — perguntou Abby. — Tem uma mensagem para dar?

O copo circulou pelo tabuleiro até parar na mesma mensagem anterior: SIM.

— Para quem? — perguntou Abby. — Quem você veio ver?

O copo deslizou até encontrar a letra A. Depois parou em várias outras letras, desenhando um nome. Abby parecia confusa ao juntar as letras mentalmente.

— Annabel Lee? — perguntou ela, confusa. — Nenhuma de nós se chama Annabel.

Senti um calafrio no coração. Aquele nome talvez não significasse nada para elas, mas significava muito para mim. Ainda me lembrava de ele estar de pé na sala de aula, lendo o poema sobre ela com voz de veludo: "Foi há muitos e muitos anos já,/ Num reino ao pé do mar,/ Como sabeis todos, vivia lá/ Aquela que eu soube amar." Eu me lembro da maneira como ele cravou seus olhos negros nos meus, e senti um calor terrível no interior do corpo. Aquela mesma sensação voltava. Minha boca estava seca e sentia um aperto no peito. Seria ele? Teria uma menina inocente invocado algo tão monstruoso? Não queria acreditar, mas vendo as expressões assustadas ao meu redor era impossível duvidar. Aquela mensagem estava endereçada a mim, e a ninguém mais. Jake Thorn estava de volta, naquele quarto, ao nosso redor.

Eu tinha vontade de fugir, mas relutei. Precisava proteger as outras. Rezei para que ainda tivéssemos tempo de interromper a sessão sem problemas e enviar aquele monstro de volta.

— Diga o que você quer — pediu Abby, engolindo em seco, num tom de voz bem mais agudo do que antes.

O que ela estava fazendo? Não notava o perigo que corríamos? Eu estava prestes a assumir o comando e pedir que Abby interrompesse tudo aquilo quando a maçaneta da porta começou a se mover com violência, como se uma força invisível estivesse tentando sair do quarto. Pensando logicamente, aquela cena seria impossível, pois a porta não estava trancada. Porém, a demonstração de força sobrenatural provou-se forte demais para algumas meninas.

— Tentem ficar calmas — pedi, no tom de voz mais tranquilo possível. Mas era tarde demais. Molly soltou suas mãos e caiu de quatro, chutando o tabuleiro. O copo de vidro saiu voando e pousou bem ao meu lado, partindo-se em casquinhas. Nesse momento, senti um ar gélido contra o meu peito, algo que quase me deixou sem fôlego. A porta do quarto se abriu, as dobradiças rangendo.

— Molly! — gritou Hallie, ao se recuperar do choque. — O que você fez?

— Não quero mais brincar — gritou Molly, muito assustada e abraçando o próprio tronco, como se quisesse manter o calor do seu corpo. — Beth tinha razão, foi uma ideia estúpida. Não deveríamos ter feito isso.

Eu me levantei e procurei o interruptor com um nó no estômago, mas logo me lembrei de que a luz fora cortada naquela casa.

— Está tudo bem, Molly. — E acariciei seus ombros, abraçando-a, tentando não demonstrar o pânico que se instalara no meu corpo.

Alguém precisava manter a calma. Eu notava o corpo de Molly tremendo descontroladamente. Queria dizer a ela que tudo não passara de uma brincadeira estúpida e que, mais tarde, morreríamos de rir disso. Mas, na verdade, sabia que não se tratava de uma simples travessura de adolescentes. Acariciei o braço de Molly e disse as palavras mais tranquilizadoras que consegui encontrar.

— Vamos descer e fingir que nada disso aconteceu.

— Não acho que seja assim tão fácil — disse Abby, com voz suave e agourenta. Ela continuava ajoelhada no chão, recolhendo os cacos de vidro, com os olhos fixos na confusão armada à sua frente.

— Chega, Abby — adverti, nervosa. — Não vê que ela está com medo?

— Não, Beth, você não entendeu. — Abby ergueu o olhar e me encarou. Seus olhos azuis estavam tão arregalados quanto os de Molly. — Ela quebrou o círculo.

— E daí?

— O espírito que invocamos estava preso no interior do círculo — murmurou Abby. — Ele poderia ter sido enviado de volta. Mas agora... — Sua voz era trêmula ao dar uma olhada ao redor do quarto, sem saber o que fazer. — Molly o libertou.

Fiquei parada no corredor vendo as minhas amigas histéricas descerem as escadas de dois em dois degraus. Não demoraria muito para que se espalhasse a notícia de que havia um fantasma naquela festa. E, mesmo que ninguém tivesse visto nada, com certeza a história seria repercutida até o fim da noite, sempre com uma nova versão.

Senti uma tontura repentina e me segurei no corrimão. A noite planejada para ser divertida acabou se transformando em outra coisa. Estava cansada: era hora de ir embora. Tudo o que deveria fazer era procurar Xavier e pedir que me levasse para casa. Quando a tontura passou, fui até a cozinha, onde dei de cara com uma atividade muito mais inocente. Um grupo estava tentando morder uma maçã mergulhada num balde de água, recipiente que tinham encontrado do lado de fora e posto no chão. Uma menina estava de joelhos, com o rosto enfiado na água, e o pessoal que a observava não parava de gritar. Quando ela finalmente se levantou, os seus cabelos negros estavam molhados e colados à nuca e aos ombros, e havia uma maçã vermelha presa aos seus dentes. Fui empurrada e notei que havia entrado na brincadeira sem saber.

— Agora é a sua vez! — gritou alguém. Resisti, não queria me ajoelhar.

— Não quero. Só estava olhando.

— Vamos! — gritavam.

Percebi que seria mais fácil morder uma maçã do que vencer o entusiasmo daquela gente. Ainda que uma voz na minha cabeça dissesse que eu deveria ir embora dali, acabei de joelhos, vendo o reflexo do meu rosto na água. Fechei os olhos com força, querendo evitar os avisos que me bombardeavam. Quando voltei a abri-los, vi uma coisa na água que fez o meu coração parar de bater. Logo abaixo do reflexo do meu rosto, estava a imagem de outro rosto. Eram feições esqueléticas ocultadas sob um capuz, com algo escondido na mão em forma de garra. Seria uma foice? A outra mão veio na minha direção, e os dedos estranhamente longos se enrolaram como tentáculos ao redor do meu pescoço. Parecia impossível, mas a imagem era muito familiar. Já tinha visto a túnica preta em quadros e sabia que se tratava da representação da morte... Um Ceifador de Almas. Mas o que ele queria de mim? Não posso ser tocada pela morte, ele deveria estar ali por outra razão. Seria um presságio. Mas do quê? Entrei em pânico e corri em direção à porta, afastando todos os que estavam no caminho.

Do lado de fora, ouvi os gritos reclamando da minha fuga. Eu os ignorei e coloquei uma das mãos sobre o peito, tentando controlar os batimentos cardíacos. O ar frio ajudou um pouco, mas eu não conseguia me livrar da

sensação que aquele fantasma me causara, pois tudo indicava que ele continuava por perto, esperando uma chance de me encontrar sozinha e me estrangular com as próprias mãos.

— Beth, o que você está fazendo aqui fora? Está tudo bem?

Ouí um som estranho e percebi que saía de mim. A respiração era pesada, entrecortada. A voz era familiar, mas não era de Xavier, como eu gostaria que fosse. Ben Carter desceu da varanda e ficou de pé ao meu lado, sacudindo o meu corpo de leve, como se eu devesse ser despertada de um transe. O contato humano fez com que me sentisse um pouco melhor.

— Beth, o que aconteceu? Você parecia em choque...

Os cabelos despenteados de Ben caíam sobre seus olhos castanhos, que me encaravam, assustados. Tentei controlar a respiração, mas não consegui, e o meu corpo começou a ficar mole. Se Ben não estivesse por perto, teria caído de cara no chão. Ele parecia acreditar que eu mesma estava causando tudo aquilo.

— O que você está fazendo? — perguntou ele, ao notar que eu não morreria. Depois, se aproximou de mim, e percebi que ele suspeitava de alguma coisa. — Você andou bebendo?

Eu estava prestes a negar aquela alegação, mas logo entendi que seria a maneira mais plausível de justificar o meu estranho comportamento.

— Talvez — respondi, soltando-me de suas mãos e tentando ficar de pé. E me afastei de Ben, querendo evitar as lágrimas. — Obrigada pela ajuda — agradei, rapidamente. — Estou bem. Sério.

Enquanto me afastava, uma pergunta martelava na minha cabeça em alto e bom som: onde estaria Xavier? Algo estava errado. Eu percebia isso. Todos os instintos celestiais me avisavam que precisávamos dar o fora dali. Logo.

Encontrei um salgueiro no jardim, na frente da casa, e me recostei em seu tronco robusto. Ben continuava de pé na varanda, me olhando com uma expressão preocupada e confusa. Não havia tempo para me preocupar, pensando se teria ou não maltratado aquele garoto. Seria verdade que tudo estava voltando? Teriam os demônios retornado a Venus Cove? Tinha certeza de que aquela cidade estava livre deles. Gabriel e Ivy se encarregaram disso. Jake fora banido. Eu mesma vi o corpo dele sendo consumido por línguas de fogo. Ele não voltaria. Mas por que eu estava toda arrepiada? Por que sentia calafrios nas minhas veias, como se fossem pequenas descargas elétricas?

Eu me sentia caçada. Naquele lugar, sozinha, podia ver os campos que se abriam na parte traseira da casa e o denso bosque logo atrás. Via também o espantalho com a cabeça tombada sobre o peito. E rezava para que Xavier estivesse voltando do lago. Sabia que, ao vê-lo, o medo desapareceria como uma maré. Juntos éramos fortes e nos protegíamos. Precisava encontrá-lo.

Naquele exato momento, uma lufada de vento fez a grama seca se mover para todos os lados. A roupa do espantalho voava, a cabeça dele se mexia, e ele

passou a olhar diretamente para mim, os olhos feitos botões pretos. Meu coração parecia saltar do peito. Deixei escapar um grito. Girei o corpo e voltei correndo para a casa.

Logo depois me choquei com alguém.

— Calma — disse um menino. — O que foi? Você parece morta de medo.

Ele não falava como um demônio, e, quando ergui os olhos, percebi que não se parecia com um deles. Não usava fantasia, e o reconheci vagamente de algum lugar. Meu pânico amainou um pouco quando percebi que era Ryan Robertson, ex-namorado de Molly. Ele estava com um grupo perto da varanda da casa, com um cigarro pela metade entre os dedos. As pessoas me olhavam com desinteresse. Havia um cheiro forte e amargo no ar, algo que eu não conseguia identificar, muito forte.

Toquei minha bochecha, que queimava, e fiquei grata quando o ar frio da noite acariciou meu rosto.

— Estou bem — respondi, tentando soar convincente. A última coisa que queria era levantar alarmes desnecessários com base nas minhas confusões.

— Ótimo — disse Ryan, fechando os olhos. — Não seria legal se você não estivesse, se é que você me entende...

Franzi o cenho. O que ele dizia parecia incoerente. Ou seria coisa minha? Eu estaria completamente louca? Poderia culpar aquela festa bizarra?

Dei um salto quando alguém abriu a porta com força. Molly apareceu na varanda.

— Finalmente, Beth! — Ela parecia aliviada ao descer as escadas.

— Você quer me enlouquecer? Não encontrei você em lugar algum!

— Ela falava comigo e olhava para Ryan e seus amigos. — O que você estava fazendo com eles?

— Ryan estava tentando me ajudar — murmurei.

— Sou uma pessoa muito prestativa — disse Ryan, indignado. Molly viu o cigarro enrolado entre os dedos dele.

— Você está se drogando? — perguntou ela.

— Drogando, não — respondeu Ryan. — Acho que o termo certo é viajando...

— Seu idiota! — gritou Molly. — Você deveria me levar de volta para casa. Não pretendo passar a noite inteira nessa espelunca.

— Calminha que eu dirijo muito melhor assim — disse Ryan. — Fico com os sentidos mais apurados. Aliás, acho que preciso de um balde...

— Se vai vomitar, sai de perto de mim — avisou Molly.

— Acho que deveríamos dar a noite como encerrada — interrompi. — Você me ajuda a procurar o Xavier? — pedi, virando-me para Molly.

A sugestão levantou uma onda de protestos entre Ryan e seus amigos.

— Claro — respondeu ela, revirando os olhos para eles. — Acho que a

festa está em franca decadência.

Chegamos aos fundos da casa, procurando Xavier, quando ouvimos o som de uma motocicleta avançando pela grama e giramos o corpo. Havia alguma urgência na maneira que a moto gritava, lançando grama pelo ar. Molly tapou os olhos por causa do farol. O motoqueiro saltou, deixando o motor ligado. Ele usava uma jaqueta de couro estilo aviador e um boné de beisebol virado para trás. Reconheci o garoto alto e forte: era Wesley Cowan. Eu e Xavier passávamos pela casa dele todas as sextas-feiras à tarde quando voltávamos para casa, vindos da escola. Ele estava sempre agachado na entrada polindo o velho Mercedes do pai, preparando-se para um fim de semana de festas. Wesley jogava no time de polo de Xavier e estava entre os seus melhores amigos. Assim como Xavier, era um cara bem difícil de vencer. Pouca coisa seria capaz de abalar o seu ar de confiança, e por isso era estranho vê-lo com aquela expressão preocupada e vestindo uma camiseta manchada de lama.

Instintivamente, Molly agarrou o seu braço.

— O que foi, Wes?

Ele mal conseguia falar por causa da respiração pesada.

— Aconteceu um acidente no lago. Precisamos ligar para uma ambulância!

Ryan e seus amigos ouviram e tiraram os celulares dos bolsos.

— Não temos sinal — disse Ryan, após alguns minutos de tentativa, sacudindo o aparelho e xingando.

— O que aconteceu? — quis saber Molly.

Antes de responder, Wesley me olhou de maneira estranha. Era como se estivesse em busca do meu perdão.

— Nós apostamos se ele teria coragem de se atirar de uma árvore, mas havia pedras na água. Ele bateu com a cabeça e não acordou.

Wesley falava com os olhos fixos em mim. Por que me olhava daquele jeito? Permaneci em silêncio, mas um pânico gelado tomou conta do meu corpo, envolvendo-me como dedos de gelo. Não seria Xavier. Não poderia ser. Xavier era responsável e ficara por lá para manter os demais sob controle, atendendo ao ferido até a chegada de uma ambulância. No entanto, meu coração não ficaria tranqüilo até ter a certeza... E então alguém perguntou o que não tive coragem de perguntar.

— Quem se machucou?

Wesley arregalou os olhos e demorou alguns instantes para responder. Porém, mesmo antes de ouvir, eu sabia qual era a resposta.

— O Xavier.

A voz dele me atingiu como a mera constatação de um fato, sem emoção, e a minha cabeça começou a imaginar a cena. Mas, naquele momento, as minhas pernas pareciam não agüentar o peso do meu corpo. E o meu maior

medo — um medo muito maior do que qualquer coisa que poderia acontecer comigo — era que algo acontecesse a Xavier, o que naquele momento era a realidade. Por um segundo, a notícia pareceu forte demais e fiquei sem forças ao lado de Ryan, que tentava segurar o meu corpo, embora também estivesse sem muito equilíbrio. Sim, o ferido era Xavier, e eu fora premiada por passar um tempo longe dele. O destino não poderia ser tão cruel. Numa das poucas noites em que os nossos caminhos não se encontraram, ele perdeu a consciência.

Wesley colocou as mãos ao redor da cabeça e desabafou:

— Cara, estamos ferrados.

— Ele estava bêbado? — perguntou Ryan.

— Claro que sim — respondeu Wes. — Como todos nós.

Em todo o tempo em que estivemos juntos, nunca vi Xavier tomar mais do que duas cervejas. Ele nunca bebia destilados. Era algo que considerava irresponsável. Eu não conseguia imaginar Xavier bêbado e afoito. Era estranho...

— Não — discordei. — Xavier não bebe.

— Sério? Mas para tudo existe uma primeira vez.

— Cale a boca e ligue para uma ambulância! — gritou Molly. E notei o seu braço sobre o meu ombro, e os cachos dos seus cabelos roçando a minha bochecha. Molly estava curvada sobre mim. — Está tudo bem, Beth, ele vai ficar bem.

Wesley nos observava. O pânico parecia transformado em perverso prazer diante da minha reação. Os demais formavam um círculo à minha volta e todos davam pitacos sobre como lidar com a situação. As vozes se combinavam, formando uma sinfonia sem sentido.

— Como ele está? Deveríamos tentar chamar um médico?

— Entraremos todos numa fria chamando uma ambulância.

— Ah, boa ideia... — disse alguém, em tom de sarcasmo. — Então vamos esperar e ver se ele se recupera sozinho.

— Como ele está, Wes?

— Não sei muito bem — respondeu ele, perdido. — Ele cortou a cabeça. Havia muito sangue...

— Droga. Precisamos de ajuda.

A imagem de Xavier caído no chão sangrando fez com que eu entrasse em ação.

— Preciso encontrá-lo! — gritei, aproximando-me de Wesley. — Quero que alguém me mostre o caminho para o lago!

De repente, Molly estava ao meu lado, e as mãos dela agarravam os meus ombros, tentando me acalmar.

— Fique calma, Beth. Alguém poderia levá-la até lá?

— Não seja estúpida, Molly, o lago fica no meio do bosque — disse Ben.

— Não se chega lá de carro. Alguém precisa ir à cidade e conseguir uma

ambulância.

Eu não podia ficar nem mais um segundo esperando as deliberações dele sabendo que Xavier estava ferido. Eu poderia ajudar com os meus poderes curativos.

— Estou indo — avisei, começando a correr.

— Espere! Levo você — disse Wes, de repente. — Vai ser mais rápido do que ir correndo no escuro — completou, ainda sem forças, como se soubesse que me levar até Xavier não o libertaria da responsabilidade pelo acidente.

— Não! — disse Molly, tentando me proteger. — Você deveria ficar aqui enquanto tentamos conseguir um médico.

— E que tal chamar o pai dele? — sugeriu alguém. — Ele é cirurgião, certo?

— Boa ideia. Descubra o número.

— O sr. Woods é um cara legal, ele não nos entregaria.

— Mas como poderíamos entrar em contato com ele se não temos sinal?

— perguntou Ben, agitado. — Por telepatia?

Eu fazia força para não liberar as minhas asas e voar em direção a Xavier. Seria a reação natural do meu corpo, e não sabia quanto tempo poderia agüentar. Impaciente, olhei para Wesley.

— O que estamos esperando?

Ele montou na moto de imediato e estendeu o braço para que eu subisse. A moto brilhante uivava na noite como um inseto alienígena.

— Que tal usar um capacete? — perguntou Ben, enquanto Wes acelerava. Ele não gostava dos bad boys da escola. Mas, pelo rosto dele, notei que também estava preocupado comigo, com a minha segurança e com o nível questionável de responsabilidade de Wesley. Entendi que Ben apenas estava sendo precavido, mas o meu único objetivo era encontrar Xavier.

— Não temos tempo para isso — respondeu Wes, agarrando os meus dois braços e posicionando-os na sua cintura. — Segure firme — disse. — Aconteça o que acontecer, não solte.

A moto deu um pinote antes de descer em direção ao asfalto escuro.

— O lago não fica do outro lado? — gritei, tentando vencer o barulho do motor.

— Vamos por um atalho — respondeu Wes.

Eu tentava me conectar a Xavier para conhecer a gravidade dos seus ferimentos, mas não conseguia. Isso me deixou assustada. Normalmente, eu percebia o que ele estava sentindo antes mesmo que ele. Gabriel me disse que eu perceberia de imediato se algo ruim acontecesse. Mas daquela vez não. Seria por causa do estresse vivido na sessão espírita?

Wes chegou à estrada e começou a ganhar velocidade quando ouvi uma voz vinda de trás, que me chamava. Mesmo com a barulheira do motor,

identifiquei a voz que adorava e que passara a noite querendo escutar. Ela me fez reviver. Wes girou a moto, e vi Xavier de pé, banhado pela luz da lua, na beira da estrada. Meu coração ficou imediatamente mais leve. Ele parecia perfeitamente saudável.

— Beth? — Ele repetia o meu nome, num tom cauteloso.

Xavier estava de pé, a poucos metros da moto, e fiquei tão agitada ao vê-lo inteiro que nem cogitei que algo pudesse estar fora de lugar nem parei para pensar por que Xavier parecia tão surpreso ao nos ver.

— Para onde estão indo? — perguntou ele. — Wes, onde você conseguiu essa moto?

— Xavier! — gritei, aliviada. — Graças a Deus, você despertou! E a sua cabeça, como está? Estávamos muito preocupados. Precisamos voltar e avisar que você está bem.

— A minha cabeça? — perguntou ele, ainda mais intrigado. — Do que você está falando?

— Do acidente! Você pode ter sofrido uma concussão. Wes, quero descer da moto.

— Beth, eu estou bem — disse Xavier, tocando a cabeça. — Não aconteceu nada comigo.

— Mas achei que... — E parei de falar.

Xavier estava bem e não havia nenhuma marca no seu corpo. Ele estava do mesmo jeito de quando me deixou na festa, de calça jeans e camiseta preta justa. Notei que a postura de Xavier era cada vez mais defensiva. Os olhos azuis ficavam mais penetrantes.

— Beth — disse ele, com cuidado —, quero que desça dessa moto.

— Wes? — pedi, batendo de leve no seu ombro, notando que ele não dissera uma única palavra durante a minha conversa com Xavier. A moto continuava vibrando sob mim, e Wesley seguia imóvel, com o olhar fixo na frente.

Xavier tentou dar um passo na nossa direção, mas algo o deteve, e ele ficou parado. Tentou também manter o tom de voz, mas percebi certo desespero.

— Beth, você me escutou? Desça da moto, agora!

Coloquei os dois pés no chão para acalmar Xavier, mas, quando tentei soltar os braços da cintura de Wesley, ele deu marcha a ré e a moto se moveu para trás. Tive que me agarrar com mais força ao seu corpo para não cair.

Até aquele momento, imaginava que a situação fosse uma brincadeira de Wesley, o que, aos olhos de Xavier, não era nada engraçado. Mas vi Xavier passando uma das mãos pelos cabelos, nervoso, e percebi que o rosto dele estampava angústia. Seu olhar era o mesmo daquela terrível tarde no cemitério, quando fui capturada na frente dele e não pôde fazer nada. Era o mesmo olhar:

um olhar que demonstrava a sua busca urgente por uma saída, embora soubéssemos que estávamos encurralados. Era como se Xavier estivesse encarando uma cobra venenosa que poderia dar o bote a qualquer momento, como se um movimento pudesse ser fatal. Wes movia a moto em círculos, se divertindo com a ansiedade que causava. Xavier gritava e tentava mover o corpo, mas alguma força o detinha. Ele trincou os dentes e lutou contra a barreira invisível imposta diante do seu corpo, mas não conseguiu ultrapassá-la. A moto se movia em todas as direções.

— O que está acontecendo? — gritei, quando a moto finalmente parou, levantando poeira. — Xavier, o que está acontecendo?

Estávamos mais perto dele, e eu podia ver nos seus olhos uma dor profunda, mas também raiva e muita frustração por não poder me ajudar. Sim, eu estava mesmo em perigo. Talvez nós dois estivéssemos.

— Beth... Esse aí não é o Wes.

Essas palavras me deixaram muito nervosa. Tentei me soltar. Estava pronta para me jogar da moto, mas não consegui mover os braços. Pareciam presos por uma força invisível.

— Pare! Quero descer! — gritava.

— Tarde demais — respondeu Wesley, embora não fosse ele. A voz era mais doce e pegajosa, com um sotaque inglês bem forte. Era a mesma voz que tantas vezes me assustara em sonhos, uma voz que eu reconheceria em qualquer lugar. O corpo sob os meus braços começou a ganhar novas formas. O peito musculoso e amplo e os braços bem-definidos ficavam mais finos, mais frios. As grandes mãos de Wesley pareciam mais ossudas, mais pálidas. O boné de beisebol virado para trás saiu voando, deixando à vista os longos fios de cabelos negros e lustrosos, que dançavam ao vento. Pela primeira vez, ele virou o rosto para me encarar. Vê-lo tão perto fez o meu estômago se revirar. O rosto de Jake não tinha mudado nada. Os cabelos à altura dos ombros contrastavam com a palidez da pele. Reconheci aquele nariz afilado que se curvava de leve na ponta e as bochechas entalhadas que certa vez levaram Molly a compará-lo com um modelo da Calvin Klein. Os lábios pálidos se entreabriram, revelando pequenos dentes brancos. Mas os olhos eram diferentes. Pareciam pulsar com uma energia maligna. Quando observei com atenção, vi que não eram verdes nem pretos, como me lembrava, mas sim cor de vinho, cor de sangue coagulado.

— NÃO! — gritou Xavier, com o rosto desfigurado de tanto desespero.

Sua voz era engolida pelo vento que assolava a estrada deserta. — AFASTE-SE DELA!

Não lembro muito bem o que aconteceu em seguida. Sei que Xavier se livrou da imobilidade, pois correu na minha direção. Meus braços ficaram livres, e tentei descer da moto, mas a cabeça doía, e percebi que Jake me segurava

pelos cabelos ao mesmo tempo que dirigia a moto com apenas uma das mãos. Ignorei a terrível dor e lutei com mais força, mas tudo foi inútil.

— Consegui! — gritou Jake. E a voz dele soava como um predador em luta.

Ele acelerou a moto com força, e o motor ganhava vida, como se fosse uma besta descontrolada. A moto se movia aos tropeções.

— Xavier! — gritei, no momento em que ele nos alcançou. Esticamos os braços, e os dedos quase se tocaram. Mas Jake tombou a moto de forma violenta, atirando-a contra o corpo de Xavier. Ouvi um barulho seco no momento em que o metal o atingiu. Gritei quando ele caiu no chão e começou a rolar em direção à beira da estrada. Eu o perdi de vista. A moto ganhou velocidade, deixando-o envolto numa nuvem de poeira. Com o canto do olho, vi que algumas pessoas se aproximavam da estrada, atraídas pela confusão, e rezei para que chegassem a tempo de socorrer Xavier.

Como um chicote negro, a moto subia a estrada deserta que serpeava à nossa frente. Jake dirigia a tanta velocidade que, ao virar numa curva, quase tocamos o chão. Meu corpo gritava para voltar para perto de Xavier. Meu único amor verdadeiro. A luz da minha vida. Meu peito ficou pesado, não conseguia respirar, só pensava nele, imóvel e envolto em poeira. A dor era tão grande que nem ligava para onde Jake me levaria ou para os horrores que me esperavam. Tudo o que desejava era saber se Xavier estava bem. Tentei não pensar no pior, embora a palavra "morto" não saísse dos meus ouvidos, sendo repetida em alto e bom som, como um sino de igreja. Demorei um pouco para perceber que estava chorando. Meu corpo se curvava em soluços pesados, meus olhos queimavam por causa das lágrimas escaldantes.

Não havia nada mais a fazer além de implorar ao Criador, rezando, pedindo, implorando, negociando — eu faria qualquer coisa para proteger o Xavier. Ele não poderia ser afastado de mim daquela maneira. Eu seria capaz de sobreviver a um furacão, a intensas torturas físicas, ao Armagedom e a uma chuva de fogo, mas não o conseguiria longe de Xavier. Um pensamento estranho tomou conta da minha cabeça: se Jake de fato tivesse matado o meu namorado, ele pagaria por isso. E daí se isso era contrário às leis divinas? Eu vingaria a minha perda. Seria capaz de perdoar qualquer crime, desde que não fosse contra Xavier. Que Deus me perdoasse, mas Jake teria o troco. Queria destruir aquele corpo à minha frente — queria puni-lo mais uma vez por infectar a minha vida com a sua terrível presença. Eu me sentia contaminada simplesmente por estar perto dele. Pensei em jogar o peso do meu corpo para um dos lados e desestabilizar a moto, embora soubesse que, na velocidade em que viajávamos, provavelmente os dois seriam esfolados contra o asfalto. Estava desesperada.

Antes que eu perdesse o controle dos meus pensamentos, algo aconteceu — algo que nunca imaginaria possível, nem mesmo nos meus piores pesadelos.

Em qualquer outro momento, teria ficado horrorizada só de pensar nisso. Mas estava tão perdida que não senti nada além de uma forte tensão no corpo, como se tivesse sido invadida por um jorro de veneno. A estrada desafiava a gravidade e se erguia à nossa frente. Uma grande cratera se abriu em seu centro. Sim, a estrada se abriu, e a cratera era cada vez maior, como uma boca faminta, cavernosa, esperando para nos engolir. O vento que batia contra o meu rosto era quente, e uma fumaça começou a erguer-se do asfalto. Instintivamente, sabia que tudo aquilo emanava de um sentimento de profundo vazio, estávamos seguindo em linha reta em direção aos portões do Inferno.

E o Inferno logo surgiu à nossa frente.

Gritei quando a moto ficou parada no ar por alguns instantes, e Jake desligou o motor pouco antes de entrarmos no vazio, em completo silêncio. Virei o rosto para ver a abertura logo atrás se fechando, afastando-nos da luz da lua, das árvores, da Terra que eu tanto amava.

Era impossível dizer quando eu voltaria a ver tudo aquilo. A última coisa que percebi foi que caía ouvindo o som dos meus próprios gritos, antes de sermos consumidos pela escuridão.

Dei uma olhada ao redor, desorientada, e o meu corpo tremeu dentro daquele fino vestido de seda. Não lembrava como chegara ali. Meus cabelos estavam banhados em suor, e as asas de mentira da minha fantasia tinham desaparecido. Devem ter ficado frouxas e sido arrancadas durante a turbulenta viagem.

Não havia nada por ali que fosse vagamente familiar. Eu estava de pé num beco escuro e pavimentado. Uma névoa envolvia meus pés, e o ar estava tomado de um cheiro forte e estranho. Parecia um ponto abandonado de uma cidade qualquer, pois podia ver a sombra esfumada de edifícios e topos a distância. Mas nada parecia real — era como um arranha-céu de uma foto antiga, sem detalhes, borrado. Tudo o que havia onde eu estava eram muros de tijolos cobertos de pichações. A argamassa estava destruída, caindo aos pedaços, abrindo buracos cobertos com jornais. Ouvi (ou imaginei ter ouvido) o barulho de ratos por trás deles. Caçambas que transbordavam de lixo e estavam dispostas em vários lugares, e as paredes não tinham janelas, exceto uma ou duas, mas estavam tapadas. Quando ergui os olhos, percebi que não havia céu, apenas uma estranha escuridão, um pouco aquosa em alguns pontos e muito espessa em outros. Essa escuridão parecia respirar e ia muito além da simples ausência de luz.

Um velho poste lançava uma luz leitosa que me permitia identificar a motocicleta preta parada alguns metros à frente. O motociclista não estava por ali. Ver a moto fez com que minha mente girasse e me forçasse a focar no perigo que eu corria. Tentei pensar no que havia acontecido, mas a memória não me ajudava. Imagens soltas tomaram conta da minha mente, mas sem uma sequência lógica. Lembrei-me de uma casa próxima a uma estrada, de uma abóbora com uma vela dentro e também das risadas de um bando de adolescentes. Depois me lembrei do som de um motor sendo acelerado e de alguém me chamando. Mas essas imagens eram um quebra-cabeça que eu apenas começava a montar. Era como se a minha mente tivesse acesso negado às minhas próprias memórias por medo de que eu não conseguir lidar com elas. De repente, uma imagem viva conseguiu vencer a barreira e fez com que eu soluçasse. Enfim, percebi que estava de volta ao mundo subterrâneo, imobilizada pelo medo, e que fora levada até ali por uma motocicleta dirigida por um garoto de cabelos esvoaçantes que atravessou um buraco aberto no asfalto. Como isso fora possível?

Eu estava de pé num beco deserto, mas não saberia dizer quanto tempo tinha passado. Meus pensamentos ficaram confusos, e tentar decifrá-los era

impossível. Esfreguei a testa e gritei. O que quer que tenha acontecido me enfraqueceu fisicamente, e minhas pernas começaram a tremer, como se eu tivesse acabado de correr uma maratona.

— É preciso um ou dois dias para se acostumar — disse uma voz doce, e Jake Thorn se materializou em meio às sombras, surgindo de pé ao meu lado. Falava como se nos conhecêssemos há tanto tempo que podíamos dispensar as formalidades. Sua aparição repentina me deixou em alerta. — Até lá, você sentirá a garganta seca, ou certa desorientação. —• O tom casual dele era incrível. Mesmo confusa, eu queria gritar, mas a garganta parecia recém-chegada de um passeio no deserto.

— O que você fez? — consegui perguntar. — Onde estou?

— Não se desespere — respondeu ele. Fiquei imaginando se ele não estaria tentando me acalmar, mas para Jake não seria fácil manter o papel de condescendente. Olhei para ele e não escondi o ceticismo. — Fique tranquila, Beth. Você não está em perigo.

— O que estou fazendo aqui, Jake?

Minha voz ganhou o tom mais de uma exigência que de uma pergunta.

— Não é óbvio? Você está aqui como minha convidada, Beth. Cuidei de tudo para que a sua estadia seja a mais prazerosa possível.

O rosto dele estampava uma imagem estranhamente alegre, tanto que fiquei um momento sem saber o que responder. Fitei-o com os olhos arregalados.

— Não se preocupe, Beth. Este lugar pode ser muito divertido quando estamos com a pessoa certa.

Como se quisesse ilustrar a fala, o chão começou a tremer. Uma música que conheci no verão anterior começou a tocar e num volume tão alto que reverberava nas paredes. Parecia vir de trás de umas portas sólidas de aço no fim do beco, cujo aspecto lembrava uma entrada de uma prisão de segurança máxima. Mas aquilo não era uma prisão e, sim, uma espécie de bar, cujo nome estava indicado num letreiro em neon que piscava acima das portas: ORGULHO. O primeiro O se desdobrava num fio de neon que fazia desenhos formando uma pluma de pavão.

— Esta é uma das nossas boates mais populares — disse Jake. — E a única entrada. Vamos? — Com um movimento floreado de braços, ele indicou que eu deveria entrar na sua frente, mas minhas pernas pareciam presas ao chão e se recusavam a cooperar. Jake foi obrigado a tomar meu braço e a me carregar. A névoa ficou menos densa, e um jovem e uma mulher se revelaram parados na porta. A mulher era muito magra, pálida, e não vestia nada além de um short preto, um sutiã de couro e os sapatos de plataforma mais altos que eu já tinha visto. Finas correntes de prata pendiam do sutiã até o umbigo, criando uma cortina metálica à frente do seu torso. Os cabelos loiros platinados estavam

cortados curtos, e um cigarro pendia dos seus lábios pintados de preto. Fiquei surpresa ao ver que o jovem estava ainda mais "produzido" que a companheira. Seus olhos estavam pintados de preto, e as unhas tinham um esmalte da mesma cor. Ele usava um colete de couro sobre o peito nu e calça xadrez até os tornozelos. Havia piercings em todos os pontos visíveis do seu corpo. A mulher traçou o contorno da boca com a língua, onde pude ver um piercing prateado. Seus olhos destilavam desejo ao passear por toda a extensão do meu corpo.

— Nossa... — disse ela, enquanto nos aproximávamos da entrada. — Olha só o que ele trouxe até aqui. Uma boneca que brilha no escuro.

— Boa noite, Larissa, Elliott — disse Jake, cumprimentando-os e sendo correspondido com silenciosas e simultâneas inclinações de cabeça.

Elliott abriu um sorriso afetado e lançou um olhar de aprovação a Jake.

— Parece que alguém pegou algo que não lhe pertence. O rosto de Jake estampava um sorriso aberto.

— Na verdade, acho que ela me pertence.

— Agora sim, certamente — disse Larissa, sorrindo e lançando no ar um som gutural, surdo. O lápis nos olhos dela terminava com uma curva para cima, deixando-a com um ar felino.

Eles falavam de mim como se eu não estivesse ali, e isso me deixou sem ação. Estava me sentindo uma espécie de troféu. Se não estivesse tão desorientada, teria levantado a voz. Mas perguntei apenas o que veio à minha cabeça, e a voz soou infantil, como se eu fosse uma criança abandonada.

— Quem são vocês?

Elliott fez um barulho com a língua, um som de desaprovação.

— Ela obviamente não sai muito. Isso me deixou nervosa.

— Você não tem nada a ver com isso! — retruquei, fazendo com que os dois comessem a rir.

— Mas ela é divertida — comentou Larissa. Os dois inclinaram a cabeça e continuaram a me observar, com uma intensidade perturbadora. — O que mais ela sabe fazer?

— Ah... o de sempre — respondi, nervosa. — Dou saltos mortais, posso engolir fogo, esse tipo de coisa.

Jake suspirou, demonstrando um repentino acesso de tédio.

— Podemos entrar, por favor?

Larissa deu de ombros e curvou o corpo para me olhar diretamente.

— Você quer saber quem somos, bonequinha? Somos as door bitches.

— O quê? — retruquei, assustada.

— Controlamos a entrada. Ninguém entra ou sai daqui sem a nossa aprovação.

— Mas, como você é uma VIP, pode entrar — disse Jake. — Embora talvez fosse melhor dizer "pode descer", certo?

E os dois começaram a rir.

— E se eu não quiser? — desafiei.

Elliott ergueu uma das sobrancelhas e fez um aceno na minha direção.

— Querida, você está vendo algum outro lugar para onde poderia ir?

Tive que admitir que ele tinha razão. Os arredores do beco não passavam de uma escuridão opressora, do tipo que parece pronta a nos devorar. Havia apenas um caminho, com uma porta no final. Apenas uma direção que todos poderíamos tomar. E, embora a mera ideia de ultrapassar aquelas portas fizesse com que me sentisse mal, sabia que não poderia ser algo tão perigoso quanto caminhar sozinha em meio à escuridão. Não sabia o que ou quem poderia encontrar por lá. E continuava sem saber onde estava quando senti o hálito quente de Jake na minha nuca.

— Está tudo bem — murmurou. — Vou cuidar de você.

Era estranho, mas todos esperavam para ver o que eu faria — como se eu tivesse alguma escolha.

Estiquei as costas e dei um passo à frente, com uma decisão que nem eu mesma entendia.

Larissa abriu um largo sorriso antes de agarrar o meu pulso e girá-lo. A mão dela era fria e forte como uma garra, mas tentei não tremer. Ela mantinha o meu pulso firme enquanto Elliott pressionava algo contra a minha pele. Imaginei que fosse sentir dor, mas ao olhar para baixo vi que ele apenas deixara uma marca de tinta. Era um selo de admissão à boate em forma de sorriso.

Ela tocou uma campainha, e as pesadas portas se abriram. Jake me levou a um espaçoso hall acarpetado, de onde saíam estreitos degraus que se bifurcavam em várias direções, sempre levando para baixo, como um labirinto. Não tive tempo para inspecionar nada enquanto ele me levava gentilmente à escadaria central. A música ficava mais alta a cada degrau que descíamos. O som era tão pesado que, hesitante, dei uma olhada na porta aberta às minhas costas. Larissa parecia tentar ler a minha mente.

— Tarde demais para mudar de ideia, querida. Bem-vinda ao nosso mundo.

E as pesadas portas se fecharam.

† † †

SEGUI JAKE PELAS estreitas escadarias até chegarmos a uma pista de dança onde vários corpos se pressionavam uns contra os outros, com os punhos no ar e as cabeças balançando, seguindo o ritmo da batida. O piso da pista era um tabuleiro de luzes coloridas que acendiam e apagavam. Fiquei surpresa ao ver que pessoas de diversas faixas etárias dançavam juntas por ali. As pernas tortas e envoltas em couro dos mais velhos contrastavam com as carnes firmes

e expostas dos jovens. No entanto, chocante mesmo foi ver algumas crianças. Elas limpavam as mesas e serviam as bebidas. A única coisa que os unificava — jovens e velhos — era a expressão vazia em seus rostos. Era como se estivessem presentes apenas fisicamente, como se algo de sua força vital não estivesse junto a eles. Era como se estivessem sonâmbulos, ou fossem seres consumidos por movimentos mecânicos, interrompidos apenas para tomar novas doses de bebidas.

De vez em quando, sob aqueles rostos mascarados, eu detectava um olhar nervoso ou uma piscadela, como se algo calamitoso estivesse prestes a acontecer. A música que tocava era um dance remixado, com apenas uma estrofe cantada e que se repetia infinitamente: "Estou em Miami, bitch!" As luzes piscavam sob o piso de concreto polido, lançando sombras entre os corpos que dançavam em sincronia com a batida rítmica. O cheiro de cigarro, bebida e perfume era insuportável.

Eu nunca havia entrado numa boate antes e não poderia compará-la com outra coisa, mas aquilo tudo parecia muito surreal. O teto estava iluminado por uma miríade de pequenas luzes, e as paredes revestidas de veludo vermelho, como se fossem sofás na vertical. Espalhados ao redor da sala, cubos brancos serviam como mesas, junto a poltronas baixas, também de veludo e com aparência de gastas. As mesas tinham lâmpadas brilhantes, em forma de cone, e o bar, situado num dos cantos da boate, imitava lava derretida. Por todo o lugar havia seguranças vestindo ternos pretos que nunca paravam de vigiar as bebidas. Atrás do balcão, uma mulher com olhar desafiador fazia malabarismos com copos e garrafas, como se estivesse num circo. Os cabelos cacheados, com fios dourados, emolduravam o rosto dela como uma juba, e ela usava um vestido vermelho tomara que caia com pulseiras de latão nos braços. Uma tatuagem de cobra subia pela pele morena do seu pescoço. Ela nos observava e não desviava o olhar nem quando alguém lhe pedia uma bebida.

Eu e Jake abríamos caminho entre a massa de corpos. Eles não paravam de dançar, mas seus olhos nos acompanhavam o tempo inteiro. Quando alguém tentava me tocar, Jake soltava um som baixo e assustador, além de um olhar mortífero, e a curiosidade, vinda de quem fosse, logo desaparecia. Jake cumprimentou a mulher do bar com um aceno de cabeça formal, e ela respondeu da mesma maneira.

— Qiaer beber alguma coisa? — perguntou, gritando para que eu o entendesse.

— Não. Só quero saber onde estou.

— Você não está mais no Kansas — respondeu, rindo da própria piada. E senti uma vontade louca de fazer com que ele me ouvisse, que enxergasse o meu medo.

— Jake — insisti, agarrando os seus braços. — Não gostei deste lugar.

Quero ir embora. Por favor, me leve para casa.

Ele pareceu ter ficado tão assustado com o toque que não respondeu de imediato.

— Você deve estar muito cansada — disse, finalmente. — Deveria ter notado. Sou um insensível. Claro que vou levá-la para casa.

E fez um sinal para dois seguranças parados perto do bar. Eles vestiam ternos negros e óculos escuros, o que era absurdo, já que estávamos numa boate escura no subsolo.

— Essa jovem é minha convidada. Levem-na ao hotel Ambrosia — disse Jake. — E certifiquem-se de que seja acomodada na ala executiva, na cobertura. Estarão esperando por ela.

— O que você está fazendo? — perguntei.

Jake me encarou e abriu um sorriso, parecia gostar da minha dependência.

— Tenho alguns negócios a resolver. Mas não se preocupe, eles cuidarão de você. — E deu uma olhada nos guardas. — A vida dos dois depende disso.

Os seguranças não alteraram a expressão vaga, mas assentiram, ainda que timidamente. E me vi envolta por dois corpos musculosos que me levavam para fora da boate, abrindo caminho de qualquer maneira entre os dançarinos à nossa volta.

No hall, dei uma olhada ao meu redor e observei que a Orgulho era apenas uma das várias boates que se abriam lá embaixo, como se fossem catacumbas. Das profundezas de uma das escadarias ouvi gemidos surdos, e dois homens de terno subiram arrastando uma menina descabelada cuja maquiagem estava borrada de tanto chorar. Ela vestia um corpete rendado e uma saia jeans que mal cobria a parte superior das suas coxas. A luta para livrar-se dos seguranças era inútil. Quando os olhos dela encontraram os meus, vi o horror estampado no seu rosto. Por instinto, dei um passo à frente, mas fui interceptada por um dos seguranças.

— O que aconteceu com ela? — perguntei, tentando soar casual.

Sabia que, quanto mais assustada parecesse, menos informações eles me dariam.

— Diria que ela está sem sorte — respondeu um dos guardas, enquanto o outro digitava alguns números no celular e murmurava a nossa localização ao interlocutor.

— Sem sorte? — repeti.

— No jogo — respondeu ele, como se a resposta à minha pergunta fosse óbvia.

— E para onde está sendo levada?

Dessa vez, ele só balançou a cabeça de um lado para o outro, parecendo não acreditar na minha ignorância, e me levou em direção a um carro espaçoso e com vidros escuros que parara na porta da boate. Era estranho ver um carro

naquele beco, mas notei que os túneis eram muito largos, podendo abrigar dois veículos ao mesmo tempo, e que provavelmente serviam de ruas. A porta traseira do carro foi aberta para mim, e os guardas também entraram, cada um de um lado, e sentei-me entre eles. Os dois estavam impregnados de cheiro de cigarro.

O carro rodou por algum tempo no interior de um túnel que parecia contorcer-se em direção ao nada. Pessoas bêbadas abriam caminho ao ver que nos aproximávamos. Enquanto nos afastávamos das redondezas da boate, percebi que as pessoas não eram tão festivas. Caminhavam aparentemente sem rumo, com olhares e expressões vazios, como zumbis. Ao observá-las de perto, constatei que a pele delas era cinzenta.

Chegando ao fim de um túnel íngreme, nos aproximamos de um edifício enorme que algum dia devia ter sido branco, mas que ganhara uma pátina amarelada com o tempo. O prédio, de estilo arquitetônico clássico, tinha pelo menos vinte andares.

Portas giratórias revelaram o interior opulento. O hotel estava projetado de forma que todos os quartos, de todos os andares, dessem para a recepção. O efeito era como olhar para um labirinto. O que mais chamava a atenção ali era uma cortina de pequenas luzes claras. Ela pendia do teto ao chão, iluminando um chafariz de mármore adornado com ninfas de pedra no centro do hall. Ao lado do balcão da recepção havia um elevador de vidro em forma de cápsula gigante. A equipe do hotel usava uniformes claros, e o clima era o oposto do que eu encontrara na boate. Quando entrei, todos ficaram paralisados por algum tempo, me encarando fixamente, antes de voltar aos seus afazeres. Mesmo de aparência normal, eu sentia algo estranho naqueles olhares, algo que me fazia tremer por dentro. Naquele instante, agradei a escolta dos dois seguranças, pois não queria estar sozinha ali.

— Seja bem-vinda ao Ambrosia — disse a mulher atrás do balcão, num tom de voz agradável e tranquilo. Com o terno ajustado ao corpo e os cabelos loiros presos num cuidadoso coque, ela era a imagem perfeita da eficiência. A única coisa que destoava era o olhar fixo, olhos que não piscavam. — Estávamos esperando por você. O quarto está pronto. — Mas aquela recepção calorosa não combinava com o olhar pesado. E as unhas longas e pintadas com perfeição faziam um barulho suave ao se moverem pelo teclado. — A cobertura foi reservada para a senhorita.

— Obrigada — agradei. — O hotel é lindo, mas a senhora poderia me dizer onde estou?

A mulher ficou paralisada, deixando o profissionalismo de lado por um momento.

— Jake não contou nada a ela? — perguntou a recepcionista aos seguranças, que trocaram olhares como quem diz "Não me pergunte nada". Não

estava conseguindo conter a ansiedade que crescia em meu peito. Ela crescia como um câncer. — Bem, minha querida — disse a recepcionista, com olhos profundos e brilhantes —, estamos em Hades. Sinta-se em casa.

E me entregou um cartão de plástico que seria a chave do quarto.

— O quê? — perguntei. — Hades... Você não está querendo dizer que... Eu tropeçava nas palavras, pois logo entendi o que ela queria dizer. Sabia que a tradução literal para o nome daquele lugar era "Reino dos Mortos". Mas a minha mente se recusava a processar a informação. Até que finalmente ouvi a palavra sendo dita em alto e bom som.

— Também conhecido como Inferno — disse a recepcionista, com tranqüilidade. — Mas não diga essa palavra na frente do sr. Thorn.

Ele prefere o nome clássico. E a senhorita sabe como os príncipes demoníacos podem ser pedantes.

Só entendi parte do que ela disse, pois havia parado de escutar. Meus joelhos tremiam, e a última coisa que vi foram os guardas se aproximando no exato momento em que o chão de mármore preto parecia cada vez mais próximo do meu rosto.

Despertei em meio a um silêncio ensurdecedor. Uma luz fraca banhava o quarto. Esfreguei os olhos para enxergar melhor o que me rodeava. A primeira coisa que vi foram uns sofás e uma lareira, onde as últimas brasas eram consumidas, lançando fagulhas suaves e deixando o quarto entre sombras, e os móveis com seus contornos menos marcados. O quarto era ricamente decorado com madeiras escuras, e um candelabro de cristal pendia de um teto também bastante decorado.

Eu estava deitada numa cama de carvalho com lençóis de seda dourados e manta cor de vinho, usando uma camisola à moda antiga, com punhos rendados. Fiquei imaginando onde estaria a minha roupa. Não me lembrava de ter me despido. Dei uma olhada em volta, do carpete macio às pesadas cortinas de veludo, e percebi a cesta de boas-vindas sobre a mesa de centro, que tinha tampo de vidro e pernas imitando garras de animais. Um enorme tapete de pele de leopardo ficava aos pés da cama, e a própria cama estava repleta de travesseiros macios e almofadas decoradas. Senti algo frio e cheiroso sob as minhas bochechas, e percebi que sobre os travesseiros havia pétalas de rosas vermelhas.

Uma enorme penteadeira de mármore estava encostada em uma das paredes. O espelho tinha pedras preciosas incrustadas. Sobre a penteadeira, havia uma escova de cabelo de madrepérola e um espelho de mão, junto a diversos perfumes caros e loções em vidros azulados. Um roupão de seda cor de marfim estava dobrado aos pés da cama. Havia duas poltronas reclináveis ao lado da lareira. A porta do banheiro estava aberta, e pude ver as torneiras douradas e uma banheira antiga. A decoração não parecia seguir um só tema. Era como se alguém tivesse aberto uma revista e escolhido coisas avulsas. Tudo o que pudesse sugerir opulência estava reunido naquele quarto.

Uma bandeja de café da manhã com chá fumegante e doces fora deixada na mesa de centro. Quando tentei abrir a porta, percebi que estava trancada. Minha garganta ficou seca, e resolvi tomar um pouco de chá, sentada no carpete macio, tentando organizar os pensamentos. Mesmo com todo o luxo à minha volta, sabia que era uma prisioneira.

Alguém escondeu o cartão que abria a porta, não havia como sair dali. Porém, mesmo que conseguisse escapar e descesse até a recepção, lá estaria repleto de aliados de Jake. Poderia tentar passar escondida entre eles e depois sair correndo, mas até onde conseguiria chegar sem ser capturada?

Só havia uma certeza: pelo frio na barriga, estava claro que eu perdera tudo o que amava. E, sim, estava ali por culpa de Jake Thorn, mas o que ele

queria? Seria uma revanche? Então por que não me matou quando teve chance? Queria prolongar o sofrimento? Ou havia algo mais por trás de tudo aquilo, como sempre acontecia em relação a Jake? Ele parecia sincero ao dizer que gostaria que eu ficasse à vontade.

Meu conhecimento sobre o Inferno era muito básico, pois meus irmãos nunca tinham se aventurado numa viagem até aqui. Vasculhei a minha mente, tentando encontrar informações que Gabriel pudesse ter dividido comigo, mas não encontrei nada. Tudo o que eu sabia era que, no mundo subterrâneo, bem lá no fundo, havia uma fogueira com criaturas tão obscuras que nunca seríamos capazes de decifrar. Jake devia ter me trazido até aqui para me punir por ter sido humilhado. A menos que... Fui atingida por uma nova possibilidade. Ele não parecia muito vingativo. Na verdade, havia uma agitação estranha em seus olhos. Será que acreditava mesmo que eu poderia ser feliz ali? Um anjo no Inferno? Isso só provaria o quanto ele era limitado. Meu único objetivo era voltar para casa, para a companhia dos meus entes queridos. Aquele não era o meu mundo, e nunca seria. Quanto mais tempo ficasse por lá, mais complicado seria tomar o caminho de volta. Estava certa de uma coisa: aquilo nunca havia acontecido antes. Um anjo nunca fora capturado, arrancado da Terra e atirado numa prisão de fogo. Talvez aquilo significasse mais do que uma simples e louca atração de Jake por mim. Algo terrível poderia vir a acontecer.

Uma das paredes estava tomada por altas janelas, mas o que se via do lado de fora era uma espessa névoa cinzenta. Não havia nascer do sol por ali, o dia começava com uma luz fraquinha que parecia filtrada por um pequeno buraco na terra. Só de pensar em não ver a luz do sol por um bom tempo lágrimas surgiram nos meus olhos. Engoli o choro e peguei o roupão de seda, enrolando-o no corpo. Fui ao banheiro lavar o rosto e escovar os dentes, depois penteei os cabelos para soltar os nós que tinham se formado. A suíte do hotel estava imersa num silêncio sufocante. Todos os barulhos que eu fazia pareciam extremamente altos. Com uma ponta de saudade, me lembrei de como era a sensação de acordar em Venus Cove. Associei tudo isso a uma cacofonia sonora: música, canto de pássaros e Phantom subindo as escadas. E me lembrei do meu quarto, as tábuas esburacadas e a escrivaninha bamba. Se fechasse os olhos, conseguiria me lembrar da sensação do lençol branco e macio sobre a minha pele e também de como me sentia na cama, como se ela fosse um ninho. Em Venus Cove, as manhãs eram banhadas por uma luz prateada logo vencida pelos primeiros raios de sol. E esses raios banhavam os telhados e dançavam sob as águas do oceano, despertando toda a cidade. Eu me lembrava de acordar ao som dos pássaros, de sentir a brisa batendo contra a janela da varanda, como se quisesse me tirar da cama. Mesmo quando a casa estava vazia, o mar não saía dali, continuava me chamando, avisando que eu não estava sozinha. Certas manhãs eu descia e ouvia o som dos dedos de Gabriel nas cordas do violão, tocando uma melodia suave, e

sentia o cheiro de waffle no ar. Eu não lembrava a última vez que vira a minha família nem como tínhamos sido separados. Quando pensava em Venus Cove, sentia um sopro de esperança no meu peito, como se pudesse me transportar ao passado. Mas essa sensação não durava mais que alguns segundos e se transformava em desespero, em algo muito pesado, algo que oprimia meu coração.

Abri os olhos, vi o reflexo no espelho e notei que algo estava diferente. Nada mudara nas minhas feições, lá estavam os mesmos olhos grandes e castanhos de sempre, as mesmas orelhas pequenas e a mesma pele rosada de porcelana. Mas a expressão nos olhos era estranha. Antes tomados por uma centelha de curiosidade, agora estavam sem vida. A menina que via refletida no espelho parecia perdida.

O cômodo era mantido numa temperatura agradável, mas eu tremia. Fui direto ao closet e peguei a primeira peça de roupa que vi. Era um vestido de noite preto com mangas bufantes. Suspirei e procurei algo mais apropriado, mas não encontrei nada prático e simples, nada além de vestidos longos e terninhos Chanel com blusas de seda. Peguei o modelo mais simples que encontrei — um vestido de veludo verde-musgo até os joelhos, com mangas compridas — e calcei sapatos rasteiros. Depois me sentei na cama.

Eu me lembrava com nitidez de Venus Cove e dos meus irmãos, mas sabia que algo ou alguém me fugia da mente. Isso me deixou inquieta, com uma eterna pulga atrás da orelha, e tentar lembrar era cansativo. Deitei-me na cama e fiquei olhando para os detalhes do teto. Sentia uma dor crescente dentro de mim, mas não conseguia identificar a fonte. Cheguei a desejar que Jake aparecesse por ali, esperançosa de que, conversando com ele, pudesse desvendar tal mistério. As lembranças perdidas pareciam rondar a minha memória, mas, sempre que tentava agarrá-las, elas escapavam.

O clique do cartão que abria a porta me chamou a atenção e uma menina de rosto redondo entrou no quarto. Ela vestia uniforme típico de arrumadeira: um vestido liso e cinzento com a logo do hotel Ambrosia no bolso. Nos pés, meias bege e confortáveis sapatos Oxford. Os cabelos cor de mel estavam presos num rabo de cavalo.

— Desculpe, senhorita, posso arrumar o quarto ou é melhor eu voltar mais tarde?

Tinha modos reservados e mantinha os olhos pregados no chão, evitando qualquer contato visual. Atrás dela havia um carrinho cheio de produtos de limpeza e pilhas de toalhas limpas.

— Ah, não será necessário — respondi, tentando ser gentil, mas minha sugestão a deixou desconfortável. Ela parecia perdida, esperando novas instruções. — O quarto está em perfeitas condições — disse, aproximando-me de uma das poltronas. A menina parecia aliviada. Movia-se por ali com extrema

eficiência, arrumando a roupa de cama e trocando a água do vaso de flores. No entanto, não deveria ter mais que 16 anos. A presença dela era estranhamente tranquilizadora, talvez por causa da candura do seu rosto, que não combinava com aquele ambiente bizarro.

— Posso perguntar qual é o seu nome?

— Meu nome é Hanna — respondeu logo. Notei que o inglês dela era meio limitado, como se não fosse a língua materna.

— E trabalha neste hotel?

— Sim, senhorita. Fui destacada para servi-la. — Meu rosto deve ter estampado uma grande confusão, pois ela completou: — Sou a sua criada.

— Minha criada? — repeti. — Mas não preciso de uma criada.

A menina não entendeu a minha irritação, pensando ser dirigida a ela.

— Vou trabalhar duro.

— Tenho certeza de que sim — respondi. — Mas não preciso de uma criada, pois não planejo ficar muito tempo por aqui.

Hanna me olhou de forma estranha e depois balançou a cabeça, veemente.

— A senhorita não pode ir embora. O sr. Thorn nunca deixa ninguém sair.

E então tapou a boca com a mão, pois se deu conta de que havia falado demais.

— Está tudo bem, Hanna. — Tentei tranquilizá-la. — Pode me dizer tudo o que quiser. Não vou contar para ninguém.

— Não devo conversar com a senhorita. Se o príncipe descobrir...

— Jake, você quer dizer? — perguntei. — Ele não é um príncipe.

— A senhorita não deveria dizer essas coisas em voz alta — murmurou Hanna. — Ele é o príncipe do Terceiro Círculo, e a traição é um pecado mortal.

Devo ter feito uma expressão de uma pessoa completamente perdida, pois ela começou a explicar:

— São nove os círculos do mundo subterrâneo, cada um governado por um príncipe diferente. O sr. Thorn preside este distrito.

— E quem foi o idiota que deu tanto poder a ele? — perguntei, nervosa. E, vendo que Hanna se alarmou, rapidamente mudei o tom de voz. — Quero dizer... Como isso aconteceu?

— Ele era um dos Originais — respondeu Hanna, dando de ombros, como se isso explicasse tudo.

— Já ouvi falar neles — disse, certa de que Gabriel tinha mencionado esta palavra, e sabia que a expressão vinha do início dos tempos, da Criação.

— Quando o Grande Pai caiu do Céu... — disse Hanna, olhando furtivamente para a porta.

— O quê? — interrompi. — O que foi que você disse?

— É assim que nós o chamamos por aqui.

— É assim que chamam quem?

— Imagino que você o conheça por Satã ou Lúcifer.

O quebra-cabeça começava a se formar na minha mente.

— Quando Lúcifer caiu do Céu, oito anjos juraram lealdade a ele... — continuei a história da menina.

— Exato — confirmou ela.

— Miguel reuniu todos junto ao líder rebelde, e eles se transformaram nos primeiros demônios. Desde então, lançam mão de tudo o que for necessário para atingir a Terra, em retaliação à expulsão que sofreram.

E parei de falar, tentando absorver tudo. Imediatamente, uma imagem paralo tomou conta da minha mente e franzi o cenho.

— O que foi, senhorita? — perguntou Hanna, notando a minha expressão.

— Nada, só é difícil acreditar que Jake já foi um anjo — respondi.

— Isso me parece impossível — comentou Hanna, tão decidida que fui obrigada a sorrir.

Ainda assim, não conseguia tirar aquela imagem da cabeça. Eu e Jake compartilhávamos uma genealogia. Tínhamos sido criados pela mesma pessoa. Porém, ele se transformara em algo muito distante do que originalmente fora. A verdade é que sempre soube disso, mas acho que a vontade de bani-lo da mente impedia que pensasse no assunto com clareza. Era impossível acreditar que o Jake que eu conhecia, o Jake que tentou destruir a cidade e o povo que eu amava, fora um dia como eu. Eu conhecia a história dos Originais. Eram os servos mais fiéis a Lúcifer, os que estiveram ao seu lado desde os primeiros tempos. Durante toda a história da humanidade, ocuparam as posições mais altas nos escalões da sociedade. Eles se reuniram em comunidades na Terra, o que permitiu influenciar os homens. Conseguiram se infiltrar na política e na justiça, as quais puderam destruir sem medir as conseqüências. A influência que exerciam era venenosa. Satisfaziam a vontade dos homens, aproveitando-se de suas fraquezas e usando-os em benefício próprio. Pensei em algo terrível. Se Jake trabalhava para um poder maior, quem deveria ser o culpado por tudo o que havia acontecido até então?

— O que será que Jake quer dessa vez? — murmurei.

— Isso é fácil — respondeu Hanna, com seu inglês engraçado e entrecortado. Ela parecia feliz ao me oferecer informações que eu não tinha.

— Ele só quer que a senhorita seja feliz. Afinal de contas, a senhorita será a noiva dele.

Num primeiro momento, soltei uma risada, achando que ela fizera uma brincadeira de mau gosto. Mas, quando olhei para Hanna, vendo seu rosto infantil e seus grandes olhos castanhos, notei que simplesmente repetiu algo que ouvira.

— Acho que preciso falar com Jake — comentei, tentando esconder a

minha crise de pânico. — Agora mesmo. Você sabe como me levar até ele?

— Sei, sim, senhorita — respondeu prontamente. — O príncipe também gostaria de vê-la.

Hanna me guiou pelos corredores mal-iluminados do hotel Ambrosia, movendo-se como um fantasma sobre os grossos carpetes. Tudo estava completamente tranqüilo por ali. Os demais hóspedes, se existiam, não deixavam transparecer nenhum sinal de presença. Tomamos o elevador de vidro, suspenso no ar como uma bolha. Lá de dentro, podíamos ver tudo, até o chafariz da recepção.

— Para onde estamos indo? — perguntei. — Jake tem uma masmorra especial onde administra os seus negócios?

— Não, mas temos uma sala de reunião no térreo.

Percebi que Hanna levava tudo o que eu dizia ao pé da letra. Portanto, o sarcasmo não surtiria nenhum efeito.

Paramos em frente a uma imponente porta dupla. A relutância de Hanna em seguir em frente era clara.

— Será mais seguro a senhorita entrar sozinha — disse. — Sei que ele não lhe fará mal.

Não discuti. Não queria expô-la ao temperamento explosivo de Jake. Mas não me sentia assustada, mesmo prestes a encará-lo de novo. Na verdade, eu queria a confrontação, ainda que fosse apenas para lhe dizer o que pensava dele e dos seus terríveis planos. Ele fora até o fundo, não poderia me ferir mais do que já ferira.

Jake parecia irascível quando entrei, como se estivesse me esperando há muito tempo. Havia uma lareira no recinto, e ele estava de pé, de costas para ela. Sua roupa era mais formal que a de costume, com calças bem cortadas, uma camisa aberta no colarinho e paletó roxo-escuro. A luz dançava sobre a pele tão branca. Ele estava idêntico ao que me lembrava, os cabelos negros e longos caindo sobre os olhos opacos, algo parecido aos olhos de um tubarão. Quando me viu, ele começou a caminhar pela sala, parando para examinar um detalhe ou outro. Havia um grande ramo de rosas no centro da mesa. Jake pegou uma delas e a cheirou, depois a amassou sem pena entre as mãos. Parecia não ligar para os espinhos e para o sangue que começara a escorrer entre os dedos, como se não sentisse dor. E não devia sentir mesmo. Provavelmente, suas feridas se curavam muito rápido.

Uma mesa grandiosa tomava conta da sala de reunião, tão polida que refletia o teto. Cadeiras de espaldar alto estavam posicionadas a toda volta. Um enorme monitor ocupava toda uma parede. Nele, podíamos ver imagens das boates. Fiquei observando, fascinada, as imagens de corpos sem vida dançando freneticamente, e tão colados uns aos outros que pareciam formar uma única entidade. Embora fosse apenas uma tela, a cena me deixou hipnotizada. Logo, a

imagem foi substituída por outra de estatísticas e números. Depois voltou aos dançarinos implacáveis. Parecia aproximar-se de alguns deles e tabular informações pessoais.

— O que você acha dos meus ratos de boate? — perguntou Jake. — Eles estão condenados a beber e dançar eternamente! A ideia foi minha.

Ele segurava um copo do qual tomava repetidos goles de um líquido âmbar. Um cigarro pela metade pendia no canto de um cinzeiro.

Alguém tossiu e girei o corpo, notando que não estava sozinha. Um jovem não muito mais velho que eu estava sentado num canto da sala de reunião, acariciando um gato que dormia. Ele usava camisa xadrez e uma calça tão larga que precisava de suspensórios para não cair. Seus cabelos castanhos eram pontiagudos na testa, como se tivessem sido cortados com tesoura de jardinagem. Seus pés apontavam para dentro, como os de uma criança quando se senta.

— Beth, este é Tucker. Ele é um dos meus assistentes e estará de olho em você. Tucker, levante-se e aperte a mão de Beth — gritou Jake, antes de virar as costas para mim. — Sinto muito pelos maus modos.

Jake parecia tratá-lo como um bicho de estimação sendo adestrado. Quando Tucker se levantou e caminhou na minha direção, percebi que mancava e arrastava a perna direita. Ele esticou uma das mãos, grandes e calorosas, para me cumprimentar. Observei uma cicatriz profunda que corria do seu lábio superior à base do nariz. A cicatriz erguia ligeiramente uma das narinas, e ele parecia estar sempre cheirando algo. Mesmo grande, parecia vulnerável aos meus olhos. Tentei sorrir, mas ele fez uma careta e desviou o olhar.

O movimento de Tucker despertou o gato siamês pouco amigável, que crispu as costas e silvou na minha direção, ferozmente.

— Acho que ele não gosta de concorrência — comentou Jake, com voz aveludada. — Mas pare com isso, Faustus. Como você está, Bethany? Sinto muito que a sua chegada tenha sido tão dramática, mas não havia outra maneira.

— Sério? — retruquei. — Imaginei que você preferisse dessa maneira, já que é um homem tão dramático.

Tentei ser o mais ofensiva possível, pois não queria lidar com seus joguinhos.

Jake abriu a boca, como se estivesse surpreso, e pousou os dedos sobre ela.

— Nossa... Vejo que andamos aprendendo coisas por aí... Que bom. Não podemos viver eternamente como uma Barbie.

Sempre achei que Jake tinha algo de camaleão, pois era enorme sua capacidade de modificar a aparência para confundir-se com o que o rodeava. No entanto, no seu ambiente, ele era muito diferente do Jake que conheci no colégio. Na Bryce Hamilton era também muito seguro, mas não socializava.

Tinha um clã de adoradores, mas seu maior poder de atração era a subcultura que representava. Sabia que não pertencia àquele local e não fazia esforço para pertencer a nada. Na verdade, parecia sempre muito atento, e, quando conseguia impor a sua influência sedutora a um aluno, ficava tomado de satisfação. No entanto, estava sempre em alerta, preparado para qualquer eventualidade. No seu território, porém, Jake estava completamente tranquilo, os ombros relaxados e um sorriso leve. Naquele local, ele tinha todo o tempo do mundo, e sua autoridade era inquestionável.

Impaciente, ele curvou a cabeça para o lado, dirigindo-se a Tucker.

— Vai oferecer vinho à minha convidada ou pretende ficar parado aí o dia inteiro, como se fosse um poste inútil?

Tucker correu em direção a uma mesa de centro, pegou um copo de vidro com suas mãos trêmulas e encheu-o com o líquido carmesim que havia num decantador. Depois deixou o copo na minha frente.

— Não quero beber — respondi, afastando o copo. — Quero saber o que você fez comigo. Quero me lembrar de algumas coisas, mas minhas memórias estão bloqueadas. Quero que você desbloqueie o acesso à minha mente!

— E de que servirá lembrar-se do passado? — questionou Jake, sorrindo.

— Tudo o que você precisa saber é que foi um anjo, e que agora é o meu anjo.

— Sério, você acha que vai conseguir me manter aqui sem sofrer as consequências? Sem uma contrapartida divina?

— Até agora, acho que não me saí tão mal — respondeu ele. — E já estava mais do que na hora de você ir embora daquela cidade provinciana. Ela estava atrasando a sua vida...

— Tenho nojo de você.

— Por favor, não vamos estragar o seu primeiro dia aqui — pediu Jake, num tom convidativo, como se aquela fosse uma conversa entre dois amigos que não se viam havia muito tempo. — Temos muito o que conversar.

— Não vou falar com você até conseguir a minha memória de volta — avisei entre dentes. — Elas não pertencem a você, e preciso me lembrar de algumas coisas.

— Não sequestrei suas memórias, Beth — revidou Jake. — Ainda assim, é ótimo saber que você acredita que eu seria capaz de fazer isso. Talvez as tenha enterrado bem fundo, mas você as encontrará. Mas, se eu fosse você, deixaria para lá, começaria do zero.

— Você poderia me mostrar como recuperá-las? Não consigo fazer isso sozinha.

— Por que não me dá uma razão para isso? — pediu Jake, recostando-se na cadeira. — Tenho certeza de que você distorcerá as coisas para que eu pareça uma pessoa má.

— Estou falando sério: chega de joguinhos!

— Bethany, você já pensou que talvez eu esteja fazendo isso para o seu bem? Talvez seja melhor viver assim.

— Jake, por favor — implorei, em tom suave. — Já não sou a mesma pessoa, não me reconheço. E de que vale me ter aqui se nem eu mesma sei quem sou?

Jake suspirou longamente, como se o meu pedido fosse uma grande imposição.

— Tudo bem — cedeu ele e, com um movimento sutil, atravessou a sala, aproximando-se do ponto onde eu estava. — Vamos ver o que posso fazer.

Jake pressionou firmemente dois dedos frios na minha têmpora direita. Pronto. As memórias reprimidas voltaram como uma avalanche. Tive que me segurar na ponta da mesa para não cair. Ainda me lembrava da vida tranqüila em Venus Cove, mas as peças perdidas do quebra-cabeça estavam de volta. E me lembrei da raiz e do centro de todas as coisas. Vi a noite da festa do Dia das Bruxas, mas eu não estava sozinha ali. Alguém de olhos azuis, cabelos cor de mel e um sorriso maravilhoso, que fazia os meus joelhos tremerem, estava ao meu lado. Ao me lembrar do rosto de Xavier senti um indescritível jorro de felicidade pelo corpo.

Mas isso não durou muito. Segundos mais tarde, outra lembrança tomou a dianteira: era a figura de Xavier caída à beira de uma estrada empoeirada enquanto uma moto corria pela escuridão. Essa lembrança me deixou tão mal que senti vontade de extirpá-la da minha mente. Meu corpo foi tomado pela dor da separação e pela visão do corpo sem vida. Não poderia viver sabendo que talvez ele estivesse morto. No entanto, caso soubesse que Xavier estava vivo, e

bem, talvez pudesse agüentar o meu exílio naquela terra miserável distante de Deus. Sem ele, não teria forças para sobreviver. Naquele instante, notei que, para o bem ou para o mal, a minha felicidade vinha de uma única fonte. E, caso essa fonte fosse cortada, eu não poderia funcionar, não queria funcionar.

— Xavier... — murmurei. Era como se todo o ar tivesse sido arrancado daquela sala. Por que tudo havia ficado tão sufocante? Aquela imagem não saía da minha mente. — Por favor, diga que está tudo bem.

Jake revirou os olhos.

— Claro... Eu deveria saber que os seus pensamentos correriam diretamente para ele.

Eu lutava contra as lágrimas.

— Não seria suficiente me abduzir, Jake? Como ousou machucá-lo? Você é um covarde sem coração.

De repente, a raiva superou minha angústia. Comecei a bater no peito de Jake. Ele não tentou me deter, apenas esperou que a raiva aplacasse.

— Está se sentindo melhor agora? — perguntou ele. Mas não me sentia melhor, e sim um pouco aliviada. — Vamos dispensar tanto melodrama. O bonitinho não está morto... só um pouco abatido.

— O quê? — retruquei, com o coração a mil.

— O impacto não o matou — respondeu Jake. — Ele só está fora de combate.

O alívio que senti foi arrebatador. Fiz uma oração silenciosa para a força maior que quisesse me ouvir. Xavier estava vivo! Respirava e caminhava pela Terra, embora talvez um pouco mais abatido do que da última vez que o vi.

— Acho que as coisas estão melhores assim — disse Jake, com um sorriso amarelo. — A morte de Xavier poderia estragar tudo entre nós.

— Você promete que nunca o machucará? — perguntei.

— Nunca é tempo demais. Mas vamos dizer que ele está seguro por enquanto.

Eu não gostei daquele "por enquanto", mas resolvi não testar a minha sorte.

— E Ivy e Gabriel também estão em segurança?

— Juntos, eles são uma força implacável — comentou Jake. — Mas nunca estiveram nos meus planos. Só estava interessado em trazer você para cá, e isso está feito. Ainda que, por um tempo, tenha duvidado que eu fosse capaz. Para um demônio, não é fácil arrastar um anjo para o Inferno, você sabe... Na verdade, acho que isso nunca foi feito antes — disse Jake, satisfeito com a sua façanha.

— Aos meus olhos, pareceu fácil.

— Bem... — Jake sorriu, exagerado. — Cheguei a pensar que não seria capaz de me erguer outra vez quando o seu querido irmão me enviou de volta

para cá. Mas as bobas das suas amiguinhas resolveram invocar alguns espíritos em Venus Cove... Que sorte a minha! — Os olhos de Jake queimavam como carvão em brasa, e ele continuou: — O que aquela menina disse não foram palavras muito poderosas, despertando apenas alguns espíritos perturbados, ansiosos por ultrapassar a barreira.

— Elas não estavam querendo invocar demônios — respondi, na defensiva.
— As sessões espíritas são feitas para conjurar espíritos.

Não conseguia me livrar da sensação de responsabilidade. Era duro constatar que me abstive quando deveria ter sido mais incisiva. Poderia ter destruído o tabuleiro e atirá-lo janela afora.

— Na verdade, trata-se de um lance de sorte — disse Jake. — É impossível saber o que surgirá, certo?

Eu o encarei, com olhos profundos.

— Não me olhe assim — pediu —, a culpa não é toda minha. Não teria conseguido arrastá-la até aqui se você não tivesse aceitado o meu convite.

— Que convite? — perguntei, em tom sarcástico. — Não me lembro de você ter perguntado se eu queria dar uma passadinha no Inferno.

— Ofereci carona e você aceitou — disse Jake.

— Mas isso não conta, fui enganada... Imaginei que você fosse outra pessoa.

— Problema seu. Regras são regras. Além do mais, você é muito ingênua, sabe? Não era estranho o sr. Responsabilidade ter se atirado de cabeça num rio? Você acha mesmo que ele se envolveria nessas brincadeiras idiotas? Nunca imaginei que você engoliria essa... Mas, passado apenas um segundo, você selou o seu destino aceitando a minha carona. Na verdade, acho que isso não tem nada a ver comigo.

As palavras de Jake me atingiam como bolas de fogo. Enquanto digeriria a minha estupidez, ele começou a rir. Nunca ouvi alguém rir daquela maneira. Ele se aproximou e tomou as minhas mãos.

— Não se preocupe, Beth. Não vou permitir que um pequeno erro altere minha opinião sobre você.

— Quero ir para casa — implorei.

Em algum ponto escuro da mente de Jake, imaginei que poderia haver um resquício de decência, algo que o fizesse sentir uma pontada de remorso, de culpa, qualquer coisa que fosse capaz de fazê-lo escutar o meu pedido, a minha súplica. Mas não, eu estava errada.

— Você está em casa — disse ele, em tom suave, pressionando as minhas mãos contra o peito. A carne dele era uma massa maleável, e, por alguns instantes, imaginei que os meus dedos fossem mergulhar em direção à cavidade reservada ao seu coração.

— Sinto muito, mas não posso me transformar em ser humano... — disse,

com voz embargada. — No entanto, você também tem algumas irregularidades, e acho que não está em condições de me julgar.

Jake soltou uma das mãos e tocou as minhas asas, que estavam fechadas.

— Pelo menos tenho um coração, o mesmo não pode ser dito de você — retruquei. — Aliás, deve ser por isso que você não sente nada.

— Aí é que você se engana. Sinto coisas por você, Beth. E é por isso que você ficará aqui. O Inferno é um lugar com muito mais brilho graças à sua presença.

Finalmente, consegui soltar a outra mão.

— Não sou obrigada a fazer nada. Talvez seja sua prisioneira, mas você não tem nenhum poder sobre o meu coração. Mais cedo ou mais tarde, Jake, você aceitará isso.

E girei o corpo para ir embora.

— Aonde você pensa que vai? — perguntou ele. — Não pode sair daqui desacompanhada. Não seria seguro.

— Veremos...

— Espero que reconsidere.

— Me deixe em paz! — gritei, sem olhar para trás. — Não estou nem aí para você.

— Mas não diga que não avisei.

No corredor, encontrei Hanna, que me esperava.

— Vou embora deste buraco infernal — anunciei, seguindo em direção às portas giratórias. A recepção parecia estar vazia, ninguém me deteria.

— Espere, senhorita! — gritou Hanna, correndo ao meu lado. — O príncipe tem razão, é melhor não sair daqui!

Eu a ignorei e saí pelas portas giratórias em direção ao nada. Para a minha surpresa, ninguém tentou me deter. Não sabia o que fazer, mas isso não importava. Queria ficar o mais longe possível de Jake. Havia portais naquele local, e algum deles deveria ser uma saída. Tudo o que precisava fazer era encontrar uma delas. No entanto, quanto mais corria naqueles túneis esfumados, as palavras de Hanna reverberavam com mais força no meu peito. Não há saída.

Fora do hotel Ambrosia, os túneis eram profundos e escuros, cheios de garrafas de cerveja e carcaças de carros velhos queimados. As pessoas com quem cruzava pareciam não notar minha presença. Pelos olhares delas, imaginei que seriam almas condenadas. Se eu conseguisse encontrar o caminho que tomamos para chegar ao hotel, talvez fosse capaz de persuadir as door bitches da boate a me deixarem sair.

Quanto mais me aprofundava nos túneis, melhor percebia as coisas, como a estranha névoa e o cheiro de cabelo em chamas, um cheiro tão forte que me obrigou a tapar a boca com uma das mãos. A névoa me rodeava, fazendo com

que sentisse vontade de seguir em frente. Quando amainou, percebi que não estava perto da boate Orgulho. Na verdade, não sabia onde estava e senti um frio que invadia as minhas veias. Estranhos me cercavam, e não sabia como defini-los, mas com certeza todos tinham sido seres humanos um dia. Porém, naquele momento, era impossível defini-los assim. Pareciam assombrações e caminhavam sem rumo, saindo e entrando de buracos escuros. A energia daquela gente estava presente, embora os olhos parecessem vazios e as mãos vagassem soltas no ar. Observei o que estava mais perto de mim, tentando entender o que acontecia. Era um homem bem-vestido, de terno. Os cabelos eram curtos, e ele usava óculos de aro de metal. Pouco depois, uma mulher se materializou à sua frente, num cenário doméstico, uma cozinha. A cena parecia uma miragem, mas eu notava que era algo muito mais real para os envolvidos nela. Uma discussão calorosa surgiu entre o casal. Eu me sentia mal em observá-los, como se fosse uma intrusa num momento muito privado.

— Chega de mentiras. Eu sei de tudo — disse a mulher.

— Você não sabe do que está falando — respondeu o homem, com voz trêmula.

— Sei, sim, e estou indo embora.

— Não diga isso...

— Vou ficar um tempo com minha irmã. Até as coisas se resolverem.

— Resolverem? — perguntou o homem, cada vez mais agitado.

— Quero o divórcio — respondeu ela, decidida.

— Cale-se — murmurou ele.

— Cansei de ser tratada como lixo. Vou ser feliz longe de você.

— Você não vai a lugar nenhum.

A linguagem corporal do homem era ameaçadora, mas a mulher parecia não entender aquilo.

— Saia da minha frente!

Quando ela tentou abrir caminho, ele pegou uma faca na bancada da cozinha. Mesmo não sendo real, a lâmina brilhava e parecia cortante. Ele pressionou a esposa contra a bancada. Não vi a faca sendo erguida, mas, no minuto seguinte, ela estava cravada entre as costelas da mulher. O marido não parava de golpeá-la, e o sangue jorrava com força. Quando a ferida já era bem grande, ele deixou a faca de lado, e o corpo sem vida da mulher escorregou do seu braço. Os olhos dela estavam esbugalhados, as bochechas tomadas pelo próprio sangue. Ao cair contra os azulejos do chão, ela sumiu, e a cozinha desapareceu junto com ela.

Curvei o corpo num canto, sem fôlego, tentando fazer as mãos pararem de tremer. Não me esqueceria daquela cena com facilidade.

O homem parecia perdido, girando em círculos, e, por um segundo, imaginei que tivesse se dado conta da minha presença. Mas então a mulher

reapareceu à sua frente, inteira, intocada.

— Chega de mentiras. Eu sei de tudo — disse ela.

Era como se alguém tivesse posto um filme em eterna repetição. Notei que a terrível cena se repetiria na frente dos meus olhos. Os envolvidos estavam condenados a repeti-la para sempre. As demais figuras ao meu redor também reviviam as próprias cenas de crimes do passado: assassinatos, estupros, roubos, adultérios, traições. A lista era infinita.

Sempre interagi com o conceito do Mal num nível filosófico. Mas, naquele momento, era como se tudo estivesse ao meu redor, palpável e real. Corri para o ponto de onde viera, sem parar. Algumas vezes notava certas coisas roçando o meu corpo ou puxando o meu vestido, mas me soltava e saía correndo. Só parei ao notar que, caso desse mais um passo, minhas pernas desmoronariam.

Eu sabia que estava perdida, pois os túneis tinham desaparecido. Estava de pé num grande espaço aberto. À minha frente, no chão, havia uma espécie de cratera fumegante. Não conseguia enxergar o interior, mas ouvia gritos e prantos torturados. Nunca vira nada parecido, mas ainda assim aquilo era estranhamente familiar. Por quê? O lago de fogo aguarda a minha senhora. Seria aquele o local descrito no bilhete que encontrei no meu armário do colégio, tantos meses atrás? Sabia que não devia me aproximar. Sabia que deveria voltar correndo ao hotel Ambrosia, mesmo que fosse a minha prisão. Seja lá o que houvesse ali diante de mim, com certeza seria algo que não estava preparada para testemunhar. Até então, Hades se demonstrara um local cheio de túneis subterrâneos, boates sombrias e um hotel vazio. No entanto, resolvi dar os meus primeiros e vacilantes passos em direção à cratera fumegante, mesmo sabendo que tudo se transformaria.

O indescritível lamento dos seus ocupantes me atingiu antes de eu me aproximar muito. A minha mente sempre esteve povoada das descrições medievais do Inferno, com corpos desconjuntados e instrumentos de tortura desenhados para assustar ou controlar uma multidão ignorante, e, naquele momento, percebi que essas histórias eram verdadeiras.

Não era fácil entender o que acontecia além daquele brilho avermelhado que emanava da cratera, mas claramente havia dois grupos por ali: os atormentados e os atormentadores. Os atormentadores vestiam uma armadura de couro e calçavam botas. Alguns estavam encapuzados, como executores. Os atormentados estavam nus ou vestiam farrapos. Nas paredes de terra estavam pendurados diversos artificios de metal criados para causar dor. Meus olhos se alternavam entre as serras, os ferros em brasa e os alicates enferrujados. No fundo da cratera, havia tonéis de óleo fervendo e carvão em brasa. Avistei corpos acorrentados a postes, pendurados em vigas e amarrados em aparelhos cruéis. As almas gritavam e uivavam, mas os torturadores seguiam com o trabalho incessante. Observei enquanto arrastavam um homem nu pelo chão,

metendo-o num caixão de lata, que foi tapado. Depois enfiaram o caixão num forno e, lentamente, a lata era aquecida, ficando laranja, depois vermelha. Do lado de dentro, vinham gritos de agonia, o que parecia divertir os demônios. Outro homem foi atado a um poste, e seus olhos estavam voltados para o alto, em súplica. Num primeiro momento, não notei que aquela coisa amarela que pendia da sua coxa era a própria pele. Ele estava sendo esfolado vivo.

As imagens que surgiam à minha frente envolviam sangue, carne arrancada e feridas profundas. Era só observar por alguns segundos para dar ânsia de vômito. Atirei o corpo contra o chão seco e cheio de fissuras e cobri os olhos. O cheiro e os sons eram terríveis. Comecei a engatinhar, os joelhos e as mãos presos ao chão, pois tinha medo de cair ao me levantar.

Eu me arrastei por alguns metros em meio à poeira quando uma bota surgiu à minha frente. Ergui os olhos e percebi que estava cercada de atormentadores com chicotes nas mãos, homens que notaram a minha presença. Não havia nada de humano naqueles rostos desprovidos de piedade. Ouvi um arrastar de correntes enquanto eles se moviam. Porém, ao observá-los melhor, constatei que não passavam de garotinhos. Era incongruente ver tanta crueldade em seus rostos perfeitos.

— Parece que temos visita — disse um deles, apontando para mim. A voz era musical e com sotaque hispânico. Ele moveu um dos pés e levantou a barra do meu vestido, deixando minhas pernas expostas.

A ponta da sua bota continuou levantando a minha roupa, de uma forma nada confortável.

— Ela é gostosa — comentou um dos companheiros.

— Gostosa ou não, a verdade é que não é educado ficar passeando por áreas restritas sem ser convidada — disse um terceiro menino, outro demônio. — Acho que deveríamos lhe dar uma lição. — Seus olhos brilhavam como bolas de gude. A boca dele era proeminente, e falava de forma lenta, estranha, sacudindo os cabelos que lhe caíam sobre os olhos e feições bem marcadas.

— Vou ser o primeiro — disse o outro. — Quando eu terminar, vocês poderão ensinar tudo o que quiserem a ela. — E abriu um sorriso rápido na minha direção. Ele era mais forte que os demais e cheio de sardas no nariz.

— Esqueça, Yeats — avisou o primeiro menino, de cachos escuros. — Não vamos fazer nada até descobirmos quem a enviou aqui.

Yeats aproximou a sua cabeça da minha. Seus dentes pequenos eram como os dentes de uma piranha.

— O que uma menina tão linda está fazendo sozinha por aqui?

— Estou perdida — respondi, trêmula. — Vim do hotel Ambrosia, sou hóspede de Jake.

Tentei fazer com que isso soasse importante, mas não ousei encará-lo.

— Droga — praguejou o loiro, chateado. — Ela está com Jake. Acho

melhor não fazermos nada muito ruim.

— Não entendo, Nash — soltou Yeats. — Caso ela realmente estivesse com Jake, não deveria estar aqui fora.

De repente, minha mente começou a girar. Imaginei que o meu corpo não agüentaria mais nada. Mas Yeats não parecia impressionado.

— Se quer vomitar... vire para lá. Acabei de polir as minhas botas. Meu peito estava pesado, não conseguia respirar.

— Ande, levante-se! — gritou Yeats, olhando triunfante para os demais ao passar um dos braços ao redor da minha cintura. — Poderíamos usá-la para uma causa justa. Que tal uma audiência?

As mãos dele eram ásperas ao roçar os botões do meu corpete.

— Se ela pertence mesmo a Jake, e se ele descobrir... quem sabe o que poderia fazer? — perguntou o menino chamado Nash, nervoso.

— Cale a boca — gritou Yeats, dirigindo-se ao primeiro: — Diego, me ajude a segurá-la.

— Tire essas mãos sujas de cima dela — disse uma voz tão ameaçadora que parecia afiada como aço.

Jake se materializou em meio às sombras. Os cabelos escuros estavam soltos, e, furioso, ele parecia um animal selvagem. Sua aparência era bem mais ameaçadora que a dos demais. Na verdade, ao seu lado, os três meninos pareciam amadores ou jovens arruaceiros surpreendidos fazendo bobagens. Na presença de Jake, eles perderam a valentia e ficaram paralisados de medo. Jake parecia esmagar todos eles, exalando um ar de autoridade que os obrigou a reverenciá-lo. Se houvesse escalões de poder no Inferno, aquele trio ocuparia uma das camadas mais baixas.

— Não sabíamos que... — começou Diego, tentando pedir desculpas. — Caso contrário, não teríamos tocado nela.

— Tentei avisar que... — continuou Nash, mas Diego o encarou, pedindo silêncio.

— Vocês têm sorte de eu estar de bom humor — disse Jake. — Mas desapareçam da minha frente antes que mude de ideia.

Com o rabo entre as pernas, eles voltaram à cratera de onde saíram. Jake me ofereceu o braço. Era a primeira vez que me alegrava com a sua presença.

— Então... o que você viu por aí? — Ele quis saber.

— Tudo.

— Tentei avisar — disse Jake, parecendo sentir pena de verdade de mim. — Gostaria que eu tentasse apagar essas memórias? Prometo não tocar nas demais.

— Não, obrigada — respondi, ainda trêmula. — Precisava ver todas essas coisas.

Minha tristeza aumentava a cada novo dia sem notícias de Venus Cove.

Não conseguia pensar em mais nada, apenas no que estava perdendo da vida das pessoas que amava. Sabia que estariam loucos de preocupação. No entanto, será que imaginavam para onde Jake tinha me levado ou estavam prestes a denunciar meu desaparecimento? Eu sabia que, se virasse refém em qualquer lugar da Terra, os poderes divinos dos meus irmãos me rastreariam. Mas o que não sabia era se os radares me encontrariam no centro da Terra. Quando pensava na minha família, me lembrava das coisas mais simples: meu irmão fazendo experiências na cozinha, tratando a comida como uma obra de arte; a forma como minha irmã trançava os meus cabelos, usando uma técnica só dela. Eu me lembrava também das mãos de Gabriel, capazes de fazer qualquer instrumento soar como ele quisesse, e dos lindos fios dourados de Ivy. Mas, acima de tudo, pensava em Xavier. Pensava em como os cantos dos seus olhos ganhavam leves rugas sempre que ele sorria e pensava no cheiro que tomava conta do seu carro quando comíamos hambúrguer e batata frita, olhando para o oceano. Embora estivesse longe por apenas alguns dias, sonhava com aqueles momentos do passado. O pior é que sabia que Xavier estaria culpando a si mesmo, sem poder fazer nada para reverter a situação.

Em Hades, o tempo era o maior inimigo. Na Terra, era algo precioso, pois era impossível saber quando se esgotaria. Mas, no Inferno, o tempo era interminável, cansativo. A coisa mais difícil de suportar era o tédio. Eu não era apenas uma prisioneira do mundo desalmado de Jake, mas também um anjo no Inferno, tratada com desdém ou mórbida curiosidade pela elite. Durante grande parte do tempo me sentia uma palhaça, uma estranha. Algo naquele lugar parecia me devorar por dentro, como um câncer. Entregar-se a tudo isso era fácil — pare de pensar, pare de lutar —, e eu sentia que já estava acontecendo comigo. Era horripilante a ideia de um dia acordar e deixar de pensar no sofrimento humano ou no fato de eu estar viva ou morta.

Após dias tropeçando em lagos de fogo e horrores similares, caí em profunda depressão. Quase não sentia fome, mas Hanna era paciente comigo. Tucker, o assistente de Jake, estava sempre por perto, mas raramente conversávamos. Os dois se transformaram nas minhas companhias mais constantes.

Aquela noite, como sempre, eles estavam no meu quarto, Hanna me obrigando a tomar uma ou duas colheradas da sopa que preparara e Tucker fazendo bolinhas de papel que atirava na lareira e depois ficava observando enquanto se queimavam. Não aceitei a sobremesa oferecida por Hanna e

percebi em seu rosto uma expressão de cansaço. Tucker ergueu os olhos para ela e balançou a cabeça em negativa. Os dois desenvolveram uma capacidade de comunicação muda. Hanna soltou um pesado suspiro e deixou a bandeja do jantar de lado, enquanto Tucker voltou a jogar suas bolinhas no fogo da lareira. Na ponta da cama, curvei meu corpo. A velha Bethany estava morta e enterrada, e eu sabia que teria que agüentar os horrores que me rodeavam por toda a eternidade.

Ficamos em alerta quando ouvimos o suave barulho de um cartão abrindo a porta. Logo depois, Jake entrou no quarto. Ele estava tão seguro de sua autoridade que nunca pensava em bater na porta antes de entrar, ferindo a minha privacidade. Era como se tivesse o direito de estar ao meu lado a qualquer hora do dia. Notei que Tucker se levantou e arrumou as roupas, como quem quer se mostrar à disposição, mas Jake o ignorou e começou a caminhar na minha direção, observando-me com cuidado. Ao contrário de Tucker, não me levantei nem olhei para Jake.

— Odeio ter que dizer isso, mas você está com uma aparência terrível.

— Não quero ver você — respondi, seca.

— Achei que você já soubesse que existem coisas bem piores por aqui do que me ver. Mas não me culpe pelo que viu. Não criei este lugar, embora tenha algum controle sobre ele.

— Você gosta de fazer as pessoas sofrerem? — perguntei, com voz rascante e encarando-o.

— Fique calma — disse ele, como se estivesse ofendido. — Não torturo ninguém com as minhas próprias mãos. Tenho coisas mais importantes a fazer.

— Mas você sabe o que está acontecendo — insisti. — E não faz nada para impedir.

Jake dividiu um olhar de espanto com Tucker, que franzia o cenho, como se me classificasse de idiota.

— E por que eu deveria impedir? — indagou.

— Porque são seres humanos — respondi, sem forças.

Era sempre muito cansativo conversar com Jake. Era como andar em círculos, sem chegar a lugar algum.

— Não. Na verdade, são almas de seres humanos que foram pessoas muito ruins em vida — explicou ele, paciente.

— Ninguém merece isso... E não importa que crime tenham cometido.

— Sério? — perguntou Jake, cruzando os braços. — Então você não tem ideia do que a humanidade é capaz. Aliás, essa gente teve todas as chances do mundo para se arrepender e não o fez. E assim que o sistema funciona.

— O seu sistema é nojento. Transforma pessoas boas em monstros.

— Ah, claro... — Jake estava com um dedo sobre a boca, pensativo.

— Eis a diferença entre nós: você insiste em enxergar os homens como

criaturas inerentemente nobres, mesmo que todas as evidências demonstrem o contrário. Os humanos... que nojo! — Jake deu de ombros.

— O que existe de nobre neles? Comem, procriam, dormem, brigam... não passam de organismos básicos. Veja o que bilhões deles fizeram ao planeta. A existência dessas pessoas está poluindo a Terra, e você nos culpa por isso. Se os humanos são a mais perfeita criação de Deus, Ele precisa repensar as estratégias. Veja o Tucker, por exemplo: por que você acha que o mantenho sempre por perto? Faço isso para não me esquecer da fraqueza de Deus.

O rosto de Tucker ficou vermelho, mas Jake não pareceu notar.

— As pessoas são muito mais do que isso — respondi, em parte para combater a humilhação de Tucker. — Elas são capazes de sonhar, de ter esperança e de amar. Será que isso não conta?

— Essas coisas costumam ser negativas, pois logo se demonstram ilusórias. Deixe de lado a compaixão, Bethany. Ela não servirá de nada por aqui.

— Prefiro morrer a me transformar em alguém como você — retruquei.

— Infelizmente, acho que isso não será possível. Você não poderá morrer por aqui. Essas noções ridículas de vida e morte só existem na Terra, são mais uma das bobagens do seu Pai.

Fui dispensada de desafiá-lo novamente quando ouvimos vozes no corredor e uma mulher entrou no quarto, como se fosse uma celebridade.

— Este é o meu quarto — murmurei. — Por que as pessoas acham que podem entrar aqui e...

Parei de falar ao observá-la com cuidado, ao perceber que era aquela mulher tatuada que trabalhava no bar da Orgulho. Nunca conseguiria esquecer a forma como ela me encarou naquele dia. E voltava a me olhar como se eu fosse insignificante diante de seu problema. Pela expressão da sua boca e pela forma como tentou se livrar de Tucker, notei que estava irritada.

— Então é aqui que você se esconde? — perguntou ela a Jake.

— Estava imaginando quanto tempo você demoraria para descobrir — respondeu ele, aparentemente sem dar importância ao que ela dizia. —

Aliás, sabe que você está começando a ser chamada de grudenta?

— As más reputações não significam nada por aqui — replicou ela.

O tom escolhido por Jake para falar com ela era um pouco jocoso, mas ela não parecia muito surpresa com isso.

— Beth, esta é Asia, a minha... minha muito pessoal... minha assistente pessoal. Ela fica chateada quando não sabe onde estou.

Eu me levantei para vê-la melhor. Asia era alta e parecia uma amazona. Usava uma roupa provocante: um top dourado e uma minissaia de couro. Os cabelos pretos emolduravam um rosto de feições felinas. Os lábios eram fartos, pintados com gloss e permanentemente entreabertos. A forma como ela ficava de pé, com os ombros caídos para trás, lembrava a de um boxeador. A pele cor

de café brilhava, como se estivesse banhada em óleo. Os sapatos eram extraordinários, verdadeiras obras de arte: botas castanho-claras de cano curto, abertas no calcanhar e presas com cadarços. Os saltos pareciam picadores de gelo, de tão finos.

— São Jimmy Choo — disse ela, como se lesse meu pensamento. — Lindos, não acha? O próprio Jake encomenda uma edição especial para mim a cada temporada.

Eu conhecia aquela expressão nos olhos dela. Era a mesma que as meninas do colégio estampavam no rosto quando queriam dizer "Tire as suas mãos de cima dele!". Asia nem precisou dizer nada. O olhar dizia tudo. Como amante de Jake, me enviou uma mensagem clara: eu deveria manter distância se prezasse pela minha vida. E para me deixar bem ciente sobre o tipo de relacionamento que havia entre os dois, ela pressionou o corpo contra o de Jake, que passou uma das mãos pelas coxas dela, embora seu olhar demonstrasse tédio. Asia me olhou dos pés à cabeça e não parecia muito impressionada.

— Então é sobre essa menina que todos estão falando? Ela é um tanto... pequena, não acha?

Jake fez um som com a língua.

— Asia... seja gentil.

— Não entendo o motivo de tanto falatório — comentou ela, dando voltas ao meu redor. — Se alguém me perguntasse, diria tratar-se de uma adolescente.

— Mas ninguém perguntou nada — respondeu Jake, lançando um olhar duro para cima dela. — Aliás, já conversamos sobre isso. Beth é especial.

— E eu, não sou especial? — questionou Asia, as mãos na cintura e as sobrancelhas arqueadas.

— Você é muito especial — respondeu Jake. — Mas de um jeito diferente. Você acha que seus talentos não foram apreciados?

— E essa roupinha de boa moça? — Asia apontou para as mangas bufantes do meu vestido. — Você tem fetiche por isso? É muito casto... Mas precisa mesmo vesti-la como se tivesse 12 anos?

— Ninguém me vestiu — respondi.

— Ah, que linda! — Asia me encarou. — Ela fala.

— Só estava explicando à nossa hóspede como as coisas funcionam por aqui — disse Jake, tentando mudar o rumo da conversa. — Eu lhe dizia que a vida e a morte não significam nada... Aliás, aceitam uma demonstração?

— Com todo prazer — respondeu Asia. Ela ficou bem na frente dele e jogou a cabeça para trás, baixando o seu top de forma sedutora, até ficar apenas com o sutiã preto, revelando o torso cor de chocolate. Os olhos de Jake viajaram pelo corpo dela por alguns instantes, até que ele se afastou para pegar um bastão de revirar brasas pousado ao lado da lareira. Demorei para entender o que ele

pretendia, e um grito ficou preso na minha garganta. Jake enterrou o bastão no peito de Asia. Esperei ouvir gritos de dor e ver sangue jorrar, mas não. Asia apenas engoliu em seco, deu de ombros e fechou os olhos, em êxtase. Quando voltou a abri-los, viu a minha expressão de horror e caiu na gargalhada. O bastão fora enterrado em seu peito, e nada parecia incomodá-la. Era como se aquele objeto tivesse sido feito à sua medida, como se fosse parte integrante de seu corpo. Quando ela o agarrou com as duas mãos e o arrancou de seu corpo, o bastão fez um som surdo. Segundos mais tarde, sua pele estava recuperada outra vez, perfeita.

— Viu? — perguntou Asia. — O Ceifador não pode fazer nada contra nós. Ele é nosso aliado.

— Mas não estou morta — respondi de imediato, sem pensar. Asia pegou o bastão atirado ao chão.

— Quer experimentar?

E correu na minha direção, mas Jake foi mais ágil e a deteve, agarrando o bastão. Depois atirou Asia no sofá e sentou-se ao lado dela, com a ponta do bastão contra sua garganta. Os olhos de Asia brilhavam. Ela trincava os dentes e passava os dedos na cintura de Jake.

— Bethany não é um brinquedo — disse Jake, como se estivesse falando com uma menina travessa. — Pense nela como se fosse a sua irmã mais nova.

Asia ergueu as mãos, se rendendo, mas não conseguiu esconder uma expressão de desapontamento.

— Você costumava ser mais divertido.

— Não ligue para ela — disse Jake, olhando para mim. — Com o tempo, Asia se acostumará.

Se eu sobreviver, pensei, mas acabei perguntando:

— Isso não faz sentido: como é possível torturar almas se elas não sentem dor?

— Eu nunca disse que elas não sentem dor — explicou Jake. — Só os demônios são imunes. As almas, por sua vez, sentem tudo, e com muita intensidade. Mas a beleza de Hades é que tudo se regenera, para poder seguir em frente.

— O ciclo da tortura é infinito — disse Asia, com um olhar de louca. — Podemos destruir uma alma, mas ao pôr do sol ela está novinha em folha. E os coitados ficam sempre tão aliviados ao imaginar que estão perto do fim... Você precisa ver a cara deles quando acordam sem um arranhão e tudo recomeça.

Sem dúvida, meu rosto deve ter refletido a dor de cabeça que, de repente, comecei a sentir. Eu me sentei numa cadeira e pousei a cabeça num dos seus braços. Jake tirou as mãos de Asia de cima do seu peitoral e caminhou até mim. Ele ergueu o meu queixo com seus dedos gelidos.

— O que há de errado? — perguntou ele, num tom livre de qualquer

sarcasmo.

— Não estou me sentindo bem — respondi.

— A pobrezinha está passando mal — desdenhou Asia.

— O que posso fazer para ajudar você? — perguntou ele.

Olhei diretamente para Asia. Sabia que não seria inteligente tomá-la como inimiga, mas a mera presença dela não me fazia bem. Jake a encarou.

— Vá embora.

— O quê? — perguntou ela, surpresa, sem saber exatamente a quem ele se referiu.

— AGORA!

Asia nunca esteve na posição de ser preterida por Jake. E não gostava nada disso. Ela me lançou um olhar venenoso antes de sair. Mas comecei a respirar melhor com ela longe dali. A malícia que Asia projetava era debilitante, como se sugasse a minha fonte vital.

— Tucker, traga um drinque para nós — pediu Jake.

E Tucker ganhou vida, correndo para servir um pouco do uísque que restava num decantador. Ele entregou a bebida a Jake com uma expressão que sugeria um misto de medo e relutância. Jake me ofereceu o copo.

— Beba isso — disse ele.

Tomei uns goles daquela bebida quente e logo me senti surpreendentemente melhor. O uísque queimou o interior do meu corpo, mas de alguma forma tinha um efeito entorpecedor.

— Você precisa se manter firme — disse ele, pousando um dos braços ao redor do meu ombro, mas me soltei no mesmo instante. — Não precisa estar sempre na defensiva.

Ele girou o corpo, apoiado num dos mastros da cama, e se sentou ao meu lado tão rápido que não tive tempo para reagir. Mesmo com aquele toque sombrio e estranho, o rosto de Jake era bonito sob a luz baixa. Seus lábios se abriram num pequeno sorriso, e percebi que os batimentos cardíacos dele se aceleravam. Seus olhos negros viajavam pelo meu rosto. Jake sempre soube como me fazer sentir exposta e vulnerável.

— Você precisa se esforçar para ser feliz — murmurou, passando um dos dedos na parte interna do meu braço.

— Como, se estou mais triste do que nunca? — perguntei. Dissimular os meus sentimentos seria bobagem.

— Entendo que esteja triste pela perda de um amor — disse ele, num tom que parecia quase sincero. — Mas aquele humano não poderia fazer você feliz, pois ele nunca soube de verdade quem você é.

Eu me afastei dele, mas Jake segurou meu braço com força e começou a traçar o contorno das minhas veias sob a pele translúcida. E eu, lembrando que, no passado, o toque dele era sempre acompanhado de uma desconfortável

sensação de queimação, tremi. Mas naquela vez foi diferente, o toque era quase tranquilizador, pois Jake estava no seu território, onde poderia manipular as coisas como bem entendesse.

Quando foi embora, não consegui me acalmar. E com Tucker parado ao lado da porta era mesmo impossível me tranquilizar. Em vez de voltar para junto da lareira, ele pegou um aparelho eletrônico do bolso e começou a jogar compulsivamente, como se quisesse passar o tempo.

— Pode se sentar — sugeri, pensando em sua perna machucada, que devia estar doendo, já que ele não parava de mover o peso do corpo de um pé para o outro.

Ele ergueu os olhos, assustado com a minha proposta amigável.

— Não vou contar para ninguém — disse eu, com um sorriso.

Tucker hesitou, mas logo relaxou, escorregou o corpo contra a parede e sentou-se de costas para a porta.

— Você devia tentar dormir um pouco — disse ele. Era a primeira vez que falava diretamente comigo. Sua voz não era como eu imaginava. Soava mais doce, mais melosa. O tom, no entanto, era surpreendentemente decidido para alguém da sua idade. — Você está preocupada com Asia, mas ela não poderá fazer nada enquanto eu estiver por aqui. — Ele parecia orgulhoso de sua capacidade como vigilante. — Asia pode ser durona, mas não sou fácil de enganar, embora muita gente pense o contrário.

— Não estou preocupada — respondi. — Confio em você, Tucker.

— Pode me chamar de Tuck.

— Tudo bem.

Tucker hesitou, depois me encarou, demonstrando interesse.

— Por que você está sempre tão triste?

— É tão óbvio? — perguntei, abrindo um sorriso tímido.

— Vejo nos seus olhos — respondeu, dando de ombros.

— Estou apenas pensando nas pessoas que amo... e em quando voltarei a vê-las.

Uma expressão de dor tomou conta do rosto dele por alguns instantes, dor que parecia instigada pelas minhas palavras.

— Você poderá vê-las de novo, se quiser — disse ele, num murmúrio.

Eu teria escutado direito? Todas as minhas esperanças se avivaram outra vez, mas tentei não deixar isso transparecer na minha voz.

— O quê? — perguntei.

— Você me ouviu bem... — murmurou.

— Está dizendo que conhece uma maneira de fugir daqui?

— Não disse isso — respondeu ele. — Disse que você poderia vê-las novamente.

Ele soou irritado ao ter que explicar o que antes deixara bem claro. Fiquei

assustada ao ver que aquele rapaz estranho, com seu estranho corte de cabelo, poderia saber mais do que parecia. Seria falsa a sua lealdade a Jake? Seria ele a única pessoa com um vestígio de consciência em Hades? Estaria avisando que poderia me ajudar? Só havia uma maneira de descobrir.

— O que você quer dizer, Tuck? — perguntei, louca de ansiedade.

— Há uma maneira — disse, simplesmente.

— E você poderia me dizer qual é?

— Não — respondeu. — Mas posso mostrar. — E levou um dos dedos à boca, como se quisesse me alertar. — No entanto, vamos ter que tomar cuidado. Se formos pegos...

— Farei tudo o que for preciso — afirmei, decidida.

— Há cinco rios em Hades. Um é para esquecer a vida passada, mas existe outro para voltar. Pelo menos por algum tempo — explicou Tucker.

— Beba desse rio e poderá visitar seus entes queridos sempre que quiser.

— Visitá-los? Como?

— Você poderá se projetar — respondeu.

Quanto mais ele falava, menos eu entendia. Olhei para ele, assustada, cada vez mais desapontada. Talvez Tucker fosse meio louco. E o fato de eu ter demonstrado tanta esperança no que ele tinha a dizer poderia ser um atestado de desespero.

— Existem coisas que não podemos ler nos livros, mas beber do Lago dos Sonhos gera um estado de transe que permite ao nosso espírito distanciar-se do físico. E um pouco demorado, mas alguém como você conseguiria isso rapidamente. Assim que aprender, poderá viajar para onde quiser.

— E como sei que você não está mentindo? Tucker não entendia a minha desconfiança.

— Por que eu mentiria? Jake me atiraria na fogueira caso descobrisse.

— E por que me ajudar? Por que arriscar sua segurança?

— Digamos que estou tentando marcar alguns pontos... Além do mais, acho que uma visita à sua família seria útil para você — respondeu, e o tom divertido me arrancou um sorriso.

— Você já conseguiu? Ir para casa, quero dizer... Os olhos dele ficaram mais tristes.

— Quando descobri como fazer isso, já não valia mais a pena. Todos que eu conhecia já tinham morrido... Mas o seu caso é diferente, as pessoas que você ama continuam vivas.

O potencial do tal lago me encheu de esperança.

— Vamos agora! — pedi.

— Não tenha tanta pressa — respondeu. — Pode ser perigoso.

— Perigoso?

— É complicado... Você poderia não acordar.

— E isso seria ruim? — perguntei, sem pensar no que estava dizendo.

— Não, a menos que você não se importe em passar o resto da vida em coma, observando a família dia e noite como se fossem personagens de um filme, mas sem poder conversar com eles nem tocá-los. E isso o que você quer?

Balancei a cabeça negativamente, embora tivesse que admitir ter soado um destino bem melhor do que a vida que teria ali.

— Tudo bem — disse. — Caberá a você dosar o tempo. Mas quero ver esse lago!

Tucker e eu estávamos quase chegando à porta quando ela se abriu com um clique seco, e, de repente, Jake entrou no quarto. Nós o encaramos e tentamos disfarçar a surpresa andando em direções opostas. Jake arqueou uma sobrancelha e olhou para nós. Vestia um terno sofisticado, com gravata vermelha de seda.

— Que bom que ainda está acordada, querida — disse ele, naquele tom formal irritante, como um personagem de um filme dos anos 1950. — Espero que esteja com fome. Vou levar você para jantar. Acho que é disso que precisamos para aliviar a tensão.

— Na verdade, estou bem cansada — repliquei. — Estava pensando em ir para a cama.

— Sério? Mas você parece tão desperta — disse, analisando o meu rosto bem de perto. — Mais do que isso... Diria que você está animada. Suas bochechas estão rosadas.

— E porque está muito quente aqui dentro. Sério, Jake, quero dormir cedo...

Tentei usar um tom agressivo, mas Jake me cortou, sacudindo a mão de forma irritante.

— Chega de desculpas. Não vou aceitar um não como resposta. Corra. Vá se arrumar. — A sua capacidade de alterar o humor tão rápido sempre me surpreendeu. Num momento poderia estar ameaçador, obscuro, e, no momento seguinte, tão animado quanto um garotinho. De repente, seu tom ficou mais alegre, e ele sorriu. — Além do mais, quero exibi-la.

Lancei um olhar de súplica a Tucker, mas ele voltara a estampar aquela expressão ilegível no rosto. Não poderia fazer ou dizer nada sem nos colocar numa fria.

— Só quero ficar sozinha — disse a Jake.

— Bethany, entenda, sua nova posição acarreta algumas obrigações. Pessoas importantes querem conhecê-la. Então... voltarei em vinte minutos, e você estará pronta. — Não era um pedido. Já na porta, ele parou, pois tinha acabado de ter uma ideia. — Aliás — continuou ele, sem girar o corpo, apenas olhando para trás —, quero que se vista de rosa esta noite. Eles vão adorar.

O jantar aconteceria num salão ricamente decorado e iluminado por uma lareira. Em vez de quadros, as paredes estavam cobertas de armamentos, incluindo escudos romanos, bastões e longas estacas sem ponta — do tipo que o conde Drácula deveria ter expostos no seu castelo do século XIV, na Romênia.

Como fomos os primeiros a chegar, ficamos de pé na entrada enquanto

garçons serviam canapés em bandejas de prata e champanhe francês em taças altas. Risadas frívolas anunciaram a chegada dos convidados. Dei uma olhada e notei que seriam basicamente os membros da corte de Jake. Todos os que se aproximavam para cumprimentá-lo me olhavam com desvelada fascinação. Grande parte vestia roupas de couro e pele. Eu, de vestido rosa com gola em forma de concha e saia até os joelhos, me sentia um pouco deslocada. No entanto, fiquei aliviada ao perceber que Asia não estava presente e imaginei que talvez não tivesse sido convidada, o que com certeza aumentaria seu ressentimento para comigo.

Logo depois, um gongo marcou o início do jantar, e tomamos os lugares na longa mesa de carvalho do salão. Como anfitrião, Jake sentou-se no centro. Com o rosto carrancudo, segui em direção ao meu assento, ao lado dele. A nossa frente estavam Diego, Nash e Yeats, personagens que eu havia conhecido ao lado da cratera. Estavam acompanhados de mulheres muito bem-vestidas. Na verdade, todos os convidados, homens e mulheres, eram bonitos, mas bonitos de uma forma estranha, assustadora. As feições eram perfeitas, mas não tinham nada a ver com Gabriel e Ivy. Senti um nó na garganta ao pensar no meu irmão e na minha irmã e tive que lutar contra as lágrimas. Mordi o lábio inferior para contê-las. Poderia ser muito inocente, mas sabia que chorar na frente de toda aquela gente seria uma demonstração de vulnerabilidade.

Estudei os rostos ao meu redor. Eram convencidos, astutos, donos de olhares afiados. Seus sentidos pareciam aguçados, como se pudessem ouvir sons e sentir cheiros da mesma forma que os animais selvagens programados para a caça. Aliás, sabia que eles poderiam se mostrar muito sedutores ao correrem atrás de uma presa humana. Embora a beleza de todos fosse inegável, em certos momentos eu notava uma sombra veloz e sutil, algo que revelava as verdadeiras feições por trás das máscaras de perfeição que usavam. E fiquei assustada. Seria impossível esconder o choque de saber que suas aparências humanas não passavam de disfarces.

Na sua forma real, os demônios estavam longe da perfeição. Os rostos deles eram mais do que aterrorizantes. Eu me peguei observando uma mulher com feições de estátua grega, cabelos cor de chocolate, pele leitosa e olhos de um azul elétrico. O nariz delicado e os ombros redondos eram de uma verdadeira deusa da Antiguidade. No entanto, por baixo do glamour externo, ela era a verdadeira imagem da putrefação. O crânio era malformado, com uma testa proeminente e um queixo tão pontudo quanto uma adaga. A pele estava repleta de manchas e feridas, como se tivesse sido espancada, e seu rosto estava coberto de marcas e feridas. O nariz parecia um focinho. Aliás, ela seria completamente careca caso não restassem alguns poucos e finos fios que dançavam ao redor do seu rosto. Os olhos dela eram opacos e avermelhados, e a boca não passava de um buraco por onde era possível entrever restos de dentes

e gengiva quando ela atirava a cabeça para trás para rir. Vi coisas similares em todos os lados da mesa e senti o estômago revirar.

— Tente não olhar — murmurou Jake no meu ouvido. — Relaxe e não foque tanto.

Aceitei sua dica e percebi que as imagens desapareciam, e os rostos presentes no jantar voltavam a estampar suas belas máscaras. No entanto, minha falta de entusiasmo chamou a atenção de alguns deles, que a confundiam com indelicadeza.

— Qual o problema, princesa? — perguntou Diego, do outro lado da mesa. — Nossa hospitalidade não é suficiente para você?

O grupo mantinha o suspense, mas a pergunta de Diego desatou uma torrente de vozes, que começaram a expressar seus pensamentos.

— Nossa... um anjo no Inferno — disse uma ruiva que Jake chamara de Eloise. — Quem imaginaria que algum dia veríamos isso?

— Ela vai ficar muito tempo aqui? — perguntou o dono de uma barba perfeitamente aparada. — Não tem virtude nenhuma, e está me deixando com dor de cabeça.

— O que você esperava, Randall? — perguntou outro convidado. — Não vejo um desses por aqui há muito tempo. Podemos nos divertir com ela, Jake?

— Ah, claro, vamos compartilhá-la!

— Ou sacrificá-la... Ouvi dizer que sangue de virgem é ótimo para a pele.

— Ela ainda tem asas?

— Claro que sim, seu idiota, vai demorar até perdê-las.

Eu me ajeitei na cadeira, assustada com a ideia de perder as asas, mas Jake tocou meu cotovelo para me acalmar. Depois me encarou, dizendo com o olhar que me explicaria tudo aquilo mais tarde.

— Você se superou dessa vez, Majestade — disse outro convidado. As vozes se ergueram em uníssono, num murmúrio orquestral.

Era como um grupo de crianças competindo para ver quem conseguia atrair mais atenção. Jake tolerou as ânsias deles por algum tempo, mas logo bateu forte com o punho na mesa, e a balburdia cessou.

— Chega! — gritou ele. — Bethany não está disponível para aluguel e não a trouxe aqui para enfrentar a Inquisição. Gostaria de lembrá-los que ela é minha convidada.

Alguns demônios pareceram aterrorizados com a ideia de ter desagradado o anfitrião, mesmo sem querer.

— Exato — disse Nash, erguendo a taça. — Permitam-me que seja o primeiro a brindar.

Pela primeira vez, minha atenção foi atraída à mesa, cheia de pratos aparentemente deliciosos. Toda a comida era cara e preparada de forma extravagante. Alguém chegou ao extremo de arrumar a mesa de forma a

alinhar guardanapos de linho, pratarias e cristais. Havia faisão assado, patês e terrinas, queijos suaves em pratos de madeira e bandejas de frutas exóticas. As empoeiradas garrafas de vinho pareciam entorpecer os presentes. Os demônios, é claro, não acreditavam nos pecados capitais, e a gula seria bem-vista por ali.

Não fiz nenhum esforço para tocar a taça, embora eles me esperassem, atentos. Sob a mesa, Jake pisou de leve no meu pé. O rosto dele parecia dizer: "Não me envergonhe mais." Mas eu não tinha interesse nenhum em melhorar sua imagem.

— Vamos fazer um brinde a Jake e à sua nova e charmosa aquisição — disse Nash, cansado de me esperar.

— E também à nossa eterna fonte de inspiração e guia — continuou Diego, lançando um olhar fumegante na minha direção. — Lúcifer, o deus do mundo subterrâneo.

Não sei por que escolhi aquele momento para falar. Não me sentia tão corajosa — o mais provável é que estivesse sendo guiada por pura indignação. Porém, em tom decidido, respondi:

— Não o chamaria de deus, exatamente...

Seguiu-se um silêncio assustador, e Jake me encarou, assustado com a minha estupidez. Sua habilidade de me proteger em Hades teria um limite, que eu talvez tenha ultrapassado. Mas Yeats quebrou a tensão batendo palmas e soltando uma gargalhada, e os demais o imitaram. Yeats me encarou, seus olhos pareciam não acreditar no que viam, mas a ameaça no tom de voz era certa.

— Espero que se encontre com o Grande Pai logo. Ele vai adorar conhecer você.

— Grande Pai? — perguntei, lembrando que Hanna pronunciara o mesmo nome absurdo, que soava tirado de um filme de gângsteres. — É assim que vocês o chamam?

— Você descobrirá que não somos muito ligados a formalidades por aqui — respondeu Yeats. — Somos uma única família, grande e feliz.

— Às vezes o chamamos de Papa Luce — disse Eloise, bebendo da taça de vinho. — Talvez ele permita que você o chame assim quando conhecê-la melhor.

— Não tenho intenção de chamá-lo de nada — respondi.

— Que pena! — disse Yeats. — E justo você, que está aqui por ordem direta dele.

O que aquilo significava? Olhei para Jake, como quem exige uma explicação. Ele sorriu para mim e tomou um gole de vinho. Depois me ofereceu uma taça, indicando que eu deveria fazer o mesmo.

— Por que não conversamos sobre isso mais tarde, querida? — disse ele, com um suspiro exagerado, passando um braço sobre os meus ombros e prendendo uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Vamos nos divertir

agora. Os negócios podem esperar.

Os demônios acabaram perdendo o interesse em mim e focaram na comida e na bebida, com estupor. Pareciam ter um apetite voraz, embora fossem esbeltos. Após um intervalo de horas, alguns convidados se levantaram, pedindo desculpas por ter que sair da mesa. Eu os observei enquanto cambaleavam, desaparecendo atrás de uma divisão de pedra, em direção a uma área reservada. Ouvi barulho de ânsias de vômito e depois de água corrente, mas ninguém parecia notar nada. Logo depois, os convidados voltaram à mesa, limpando os cantos da boca com o guardanapo, e recomeçaram a comer.

— Para onde eles foram? — perguntei a Jake. Diego me escutou e respondeu:

— Ao vomitório, claro. Hoje as melhores salas de jantar têm vomitórios.

— Isso é nojento — retruquei, afastando o olhar. Jake deu de ombros.

— Muitas práticas culturais parecem nojentas aos olhos de estrangeiros. Mas, Beth, você não tocou na comida. Espero que essa história de vomitório não tenha tirado o seu apetite.

— Não estou com fome.

Rejeitar a comida era um ato simbólico, mas eu sabia que não poderia continuar fazendo aquilo para sempre. Estava me sentindo fraca, e, mais cedo ou mais tarde, precisaria de sustância, caso planejasse sobreviver. Jake franziu o cenho, com desgosto.

— Você deveria experimentar. Tem certeza de que não quer nada? — Ele ergueu uma bandeja de frutas e colocou-a na minha frente. As frutas pareciam deliciosas, como se tivessem sido colhidas poucas horas antes. Algumas ainda tinham orvalho na superfície. — Que tal uma cereja? — Ele balançou uma na minha frente, e meu estômago uivou. — Ou um caqui. Você já provou? — Ele abriu um caqui com a faca, expondo a carne úmida e vermelha da polpa. Depois prendeu um pedaço na ponta da faca e me ofereceu.

Eu quis virar o rosto, mas o cheiro daquela fruta era inebriante. Com certeza, as comidas normais não são tão tentadoras. O cheiro parecia entrar na minha mente. E uma mordida não ia doer, certo? Senti algum alívio ao pensar nisso. Mas não era normal. A comida deve ser servida como um combustível para o corpo. Pelo menos era o que Gabriel sempre dizia. Na Terra, eu já havia experimentado muitas vezes a sensação de fome física, mas ali era uma espécie de desejo. Com fome ou não, a verdade é que não compartilharia comida com Jake Thorn, e afastei o prato.

— Com o tempo — disse ele. — Você é forte, Beth, mas não a ponto de me vencer.

Quando a comilança terminou, seguimos para um espaço aberto, iluminado à luz de velas, com almofadas e espreguiçadeiras dispostas pelo chão. O humor parecia menos lânguido com os convidados acariciando-se com cada

vez mais urgência. Eles não copulavam, apenas pressionavam os corpos uns contra os outros, com a única intenção de buscar gratificação nesse gesto. Um dos homens lançou um olhar lascivo na direção de Eloise, que respondeu rasgando a camisa dele com os dentes. Afastei o olhar quando ela começou a lambê-lo no peito, e ele soltava murmúrios de excitação. Eu e Jake éramos os únicos sentados.

— Você não quer se unir a eles? — perguntei.

— A libertinagem fica meio ultrapassada quando estamos aqui há mais de duzentos anos.

— E você escolheu o celibato, então? — perguntei, num tom que não poderia ser mais cáustico.

— Não. Estou só à procura de algo mais — respondeu ele, me encarando de forma desconcertante e até um pouco triste.

— Mas não vai encontrar ao meu lado — comentei, firme.

— Hoje não, talvez. Mas quem sabe um dia eu ganhe a sua confiança? Sou paciente... Afinal, tenho toda a eternidade à minha frente.

No fim das contas, minha cabeça dura foi demais para ele, que permitiu que eu voltasse à relativa segurança do hotel Ambrosia, de limusine. Ao chegar, Tucker me esperava na recepção, preparado para me levar ao quarto.

— Como você agüenta? — perguntei, bufando, ao entrar no elevador.

— Como alguém pode agüentar ficar aqui? Este lugar é horrível, e vazio.

Tucker me olhou de forma estranha e apertou um botão que não parecia nos levar à cobertura.

— Venha comigo — disse.

Saímos do elevador e caminhamos em silêncio por um corredor deserto, até chegarmos a uma parede ornamentada com um tapete dependurado. Os fios de seda coloridos tinham sido entremeados para formar a imagem de demônios alados com garras que se aproximavam de um homem acorrentado a uma pedra. Alguns lhe rasgavam a pele, outros o arrancavam de sua aparência física. Gravada naquele tecido, a expressão do homem era tão vivida que tremi. Tucker afastou o tapete para o lado, revelando alguns degraus cravados na pedra. Pareciam levar a um ponto bem inferior ao que estávamos, no centro do hotel. O cheiro no ar era diferente por ali, um cheiro de mofo e umidade, se comparado à perfumada recepção. Não havia luzes, e eu não via mais do que um palmo à minha frente.

— Fique perto de mim — disse Tucker.

Comecei a descer logo atrás dele, agarrada à sua camisa, para ter certeza de que não o perderia de vista naquela escuridão sufocante. A escadaria era estreita e tortuosa, mas conseguimos chegar ao fim. Quando Tucker parou, um braseiro junto à parede ganhou vida. Parecíamos estar num canal subterrâneo, tomado de águas verdes, turvas. Uma brisa envolveu os meus pés, e aguicei os

ouvidos para escutar. A sensação era de que vozes gritavam o meu nome. O musgo tomava conta das paredes de terra, e água pingava do teto do túnel. Notei um barco de madeira preso a uma plataforma próxima aos degraus. Tucker soltou as amarras e jogou a corda para o lado.

— Suba — disse. — E tente não fazer barulho. Melhor não assustarmos nada.

Não gostei da forma como ele pronunciou a palavra "nada", especialmente quando deveria ter dito "ninguém".

— E o que poderíamos assustar, por exemplo? — perguntei, mas Tucker tinha a atenção focada na condução do barco e não disse nada. Enquanto seguíamos em silêncio pelas águas turvas do canal, sentei-me com o corpo rígido. Os nós dos meus dedos estavam brancos de tanto que me agarrava às laterais do barco de madeira. Senti um movimento embaixo do barco. De repente, a superfície do canal ondulou, como se alguém atirasse pedras na embarcação.

— O que é isso? — murmurei, assustada.

— Fique em silêncio — disse. — Não diga nada.

Obedeci, mas voltei os olhos para as águas, onde borbulhas surgiram sob a superfície. Consegui ver algo inchado, e luzes pálidas como o luar nos cercavam em forma de discos, flutuando como boias na superfície da água. Curvei o corpo para fora do barco, querendo saber o que eram aquelas formas. Tapei a boca para conter um grito quando notei que não eram boias, mas cabeças sem corpos. A nossa volta havia frios rostos mortos boiando na água, seus cabelos dançavam como algas marinhas e os olhos sem vida nos encaravam. A cabeça mais próxima de mim era a de uma mulher, mas a pele dela estava enrugada e cinzenta, como se tivesse passado muito tempo na banheira. As cabeças batiam contra o barco. Engoli de volta as perguntas que me subiram pela garganta, pois Tucker me encarou, lançando um olhar de aviso.

Depois de o barco próximo ser amarrado a uma pedra, desci, aliviada. Estávamos de pé numa alcova do tamanho de uma pequena enseada. No centro dela, a água brilhava como se estivesse coberta de diamantes, depois se abria em vários afluentes com destinos desconhecidos. A água era tão límpida que eu conseguia ver o fundo. No local onde estávamos, as pedras eram lisas como seda. Olhei para Tucker, mas não disse nada, pois não sabia se seria seguro.

— Eis o lugar sobre o qual lhe falei — disse. — Este é o Lago dos Sonhos.

— Aquele que vai me levar de volta para casa? — perguntei, lembrando a última conversa, interrompida pela chegada de Jake.

— Sim — respondeu. — Não na sua forma física, claro. No entanto, você poderá viajar até lá na sua mente.

— E agora?

— Se beber um pouco dessa água, você poderá ver o que o seu coração

mais deseja. A água age como uma droga e ficará no sangue por muito tempo. Você poderá projetar-se em qualquer lugar, sempre que quiser.

Não precisei de outro encorajamento. Corri até a margem do lago e peguei um pouco da água cristalina na palma da mão. Sem hesitar, bebi.

Um zumbido hipnótico tomou conta do ar, como de uma cigarra. Eu me aproximei ainda mais da superfície da água, procurando por um sinal.

Olhar para o lago me fez sentir desconectada do meu corpo, como se fosse envolvida num encanto. De repente, notei uma sensação estranha, como se um saco de pancadas, desses de boxe, tivesse batido contra o meu peito. Expirei e percebi que o ar saía do corpo como um globo crescente; pairava à minha frente, a centímetros da água. Dentro dele, centenas de pequenas bolinhas brancas iluminadas dançavam num ritmo frenético. O globo desceu lentamente até desaparecer.

— Não se preocupe — murmurou Tucker. — O lago está lendo suas memórias para saber aonde deve levar você.

Por um momento, nada aconteceu. Tudo o que eu ouvia era o som das nossas respirações. Tucker conversava comigo, mas eu não entendia o que ele dizia. Depois não ouvi mais nada e entendi o motivo: eu estava pairando acima dele. O lago e seus arredores desapareceram, embora eu soubesse que ainda estavam lá.

Um pânico crescente se instalou enquanto um novo cenário se formava ao meu redor. Primeiro, a imagem era entrecortada, como uma fotografia ampliada, mas, aos poucos, entrou em foco. Nesse momento, já não sentia medo.

Na verdade, senti um poderoso jorro de emoção, como se tivesse sido lançada num redemoinho. Estava indo para casa.

A cozinha da minha casa era exatamente como me lembrava: grande e arejada, com vista para o mar por todos os lados. Eu me encontrava de pé no centro dela, com todos os meus sentidos em perfeito estado, mas ainda assim sabia que era apenas uma espectadora. Podia me mover para todos os lados livremente, mas não era parte integrante do cenário. Era mais ou menos como observar o lançamento de um filme de dentro da tela. Tinha acabado de amanhecer. Podia ouvir o som dos pássaros cantando e da água sendo fervida para o café. As janelas estavam abertas, e alguém cortava a grama na casa de Dolly Henderson, a vizinha. Por ali, havia um prato com um bolo que Ivy preparara poucos dias antes do meu desaparecimento. O bolo não tinha sido tocado e parecia estragado. Havia um jarro de flores silvestres murchas sobre uma banqueta, e o que eu via não passava de uma lembrança do que aquela cozinha fora até uns dias atrás.

Pouco depois, a cena ganhou vida. Xavier estava sentado à mesa, com a cabeça entre as mãos, poucos metros à minha frente. Sua postura me atraiu a atenção, pois nunca o vira assim. Ele vestia uma camisa cinza e justa que eu conhecia muito bem e uma calça de moletom, mas a expressão no rosto dele deixava transparecer que não havia dormido bem.

Senti vontade de me aproximar dele, e fiquei assustada ao notar que podia fazer isso com rapidez, sem muito esforço. A proximidade era inebriante. Queria tocá-lo, mas não podia: minha condição de fantasma não tinha substância, e as mãos vazavam o corpo dele. Xavier estava diferente. Não conseguia ver seu rosto, mas os ombros e os músculos da testa estavam tensos. O clima na cozinha era de tristeza.

O cheiro da frésia chegava às minhas narinas — um cheiro, aliás, que eu conhecia muito bem. Minha irmã apareceu na porta e olhou preocupada para Xavier. Ivy estava perfeita e angelical como sempre, mas a sobrancelha arqueada a traía. Estava mesmo muito preocupada.

— Quer alguma coisa? — perguntou ela a Xavier.

— Não, obrigado — respondeu ele, distraído, como se a mente estivesse muito longe dali, e mal levantou a cabeça.

— Gabriel foi à casa dos Knox — disse Ivy. — Vai tentar conseguir algumas pistas por lá.

Xavier estava perdido demais em seus pensamentos para responder. Ivy ficou atrás dele, de pé, e pousou uma das mãos no braço dele. Xavier se afastou, não queria ser consolado.

— Não podemos perder as esperanças. Vamos encontrá-la.

Xavier ergueu a cabeça e olhou para ela. Ele estava mais pálido do que nunca e tinha olheiras profundas. Os dentes estavam trincados. Parecia desamparado, consumido pela dor. Quis tocá-lo, tomar o seu rosto nas mãos, dizer a ele que estava tudo bem — sim, eu estava presa, sozinha e muito triste, mas não estava ferida. Talvez não estivesse nos braços dele, como nós dois queríamos, mas conseguia sobreviver.

— Como? — indagou ele, após um longo intervalo, lutando para manter o tom de voz. — A gente não tem nem ideia de para onde ele a levou... nem o que está fazendo com ela.

Ao pronunciar a última frase, tão dura, sua voz falhou.

Senti um nó na garganta. Se eles não tinham ideia de onde eu estava, como poderiam ter esperança de um dia me encontrar? Gabriel e Ivy não tinham visto nada, só sabiam que Jake me levava de motocicleta — cena presenciada por Xavier. O máximo que poderiam saber era que eu deveria estar em algum ponto remoto do planeta, mantida prisioneira.

— Gabriel está procurando uma saída — disse Ivy, tentando soar confiante. — E ele é bom nisso.

— Mas eu não deveria estar com ele? — perguntou Xavier.

— Ele sabe o que fazer, que pistas buscar.

A conversa foi tomada por um silêncio, e tudo o que se ouvia eram as batidas do relógio na parede do corredor.

— A culpa é minha — disse Xavier, afinal. E dizer isso em voz alta pareceu aliviá-lo. — Deveria ter protegido... — Seus olhos se encheram de lágrimas, mas ele as secou antes que Ivy notasse.

— Nenhum humano poderia se interpor a tal poder — disse minha irmã.

— Não se culpe, Xavier. Não havia nada que você pudesse ter feito.

Xavier balançava a cabeça em negativa, sentindo-se inútil.

— Havia, sim — disse ele, com os dentes trincados. — Poderia ter ficado ao lado dela. Se não tivesse sido tão tolo e descido ao lago, nada disso teria acontecido. — Ele fechou as mãos em punhos e engoliu em seco. — Você não percebe? Prometi que cuidaria dela e no fim a decepcionei.

— Você não sabia. Como poderia? No entanto, manter a calma agora poderá ajudá-la. Seja forte, pelo bem de Bethany.

Xavier fechou os olhos com força e assentiu.

— Gabriel voltou — avisou Ivy, ainda antes que ele tivesse girado a chave na porta de entrada.

Xavier se levantou da cadeira. Pouco depois, Gabriel surgiu na cozinha. Embora fosse meu irmão, e eu o conhecesse muito bem, sua exuberância ainda me deixava sem fôlego. Mas sua expressão era severa, e os olhos cinzentos estavam solenes.

— Alguma novidade? — perguntou Ivy.

— Acho que descobri alguma coisa — respondeu ele, hesitante. — Talvez seja um portal. Senti um cheiro de enxofre na estrada, perto da casa dos Knox.

— Ah, não... — murmurou Ivy, sentando-se na cadeira mais próxima.

— E daí? Um portal? O que é um portal? Um portal para onde? — perguntou Xavier, numa sucessão interminável de palavras.

Mas Gabriel respondeu com voz comedida:

— Há algumas aberturas neste mundo. Portais que levam a outros reinos. Eles podem ser aleatórios ou podem ser conjurados por algo poderoso.

— Que tipo de reinos? Onde está a Beth? Sua voz demonstrava um pânico crescente. Estou aqui, tentei gritar, mas a voz falhou.

— O asfalto da estrada está queimado — continuou Gabriel, sem responder às perguntas de Xavier. — E tudo ao seu redor, chamuscado. Só há uma coisa capaz de deixar estas marcas.

Xavier respirou fundo, como se quisesse manter o equilíbrio. Notei quando foi tocado pela verdade que havia por trás das palavras de Gabriel.

— Não, isso não pode ser verdade — disse ele, sem forças, ainda tentando organizar os pensamentos sobre tudo aquilo.

— É verdade, Xavier — confirmou Gabriel, que também girou a cabeça para o lado, pois não queria testemunhar o efeito das suas palavras. — Jake levou Bethany para o Inferno.

Para Xavier, era como se o pior dos seus pesadelos ganhasse vida. A novidade o atingiu como um tapa na cara. Ele ficou de boca aberta, e seus olhos estavam fixos no meu irmão, como se esperasse que ele finalmente caísse na gargalhada, revelando que tudo não havia passado de uma brincadeira de mau gosto. Ele ficou nesta posição durante muito tempo, como se fosse feito de pedra. Depois, de repente, o corpo dele começou a tremer de angústia. Eu, na minha versão fantasma, estava tão chocada quanto ele. Formávamos um casal de dar pena: o garoto humano e a aparição que ele não podia ver, mas que o amava mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Na minha ausência, todos pareciam alterados. Gabriel fez algo que nunca o vi fazer antes. Atravessou a cozinha e se ajoelhou na frente de Xavier, com uma das mãos pousadas no seu braço. Eis uma cena para lembrar: um arcanjo ajoelhado na frente de um humano, com humildade.

— Não vou mentir para você — disse Gabriel, encarando-o. •— Não tenho certeza de onde Bethany está neste momento.

Estas palavras foram as mais duras, mas Gabriel nunca se desviava da verdade. Ele não poderia fazer isso. Preferia preparar todos para o pior.

— Do que você está falando? — gritou Xavier. — Temos que fazer alguma coisa! Beth não queria isso. Ela foi seqüestrada, lembra? No meu mundo, isso é um crime. Você está querendo dizer que no seu mundo não significa nada?

Gabriel suspirou e respondeu o mais pacientemente.

— Existem leis que governam o Céu e o Inferno, leis que existem desde o princípio dos tempos.

— E o que isso significa?

— Acho que Gabriel está tentando dizer que não fabricamos regras. Temos que esperar instruções — disse Ivy.

— Esperar? — repetiu Xavier, cada vez mais frustrado. — Se vocês quiserem, podem ficar esperando, mas não vou ficar sentado.

— Não temos escolha — disse Gabriel.

Os dois não podiam ser mais diferentes, anjo e mortal, polarizados por suas visões de mundo. Gabriel, eu notava, estava perdendo a paciência. As incessantes perguntas de Xavier o consumiam, mas ele esperava instruções vindas de poderes superiores. E Xavier, por outro lado, não se sentiria melhor até o momento em que tivesse um plano de ação nas mãos. Para ele, cada problema tem uma solução. Ivy, que entendia melhor do que Gabriel o estado de Xavier, dirigiu um olhar para o meu irmão como quem diz que deveria ser mais cuidadoso.

— Sem dúvida, se houver um caminho, nós o encontraremos — disse Ivy, mais encorajadora.

— Não vai ser fácil — comentou Gabriel.

— Nem impossível, certo? — perguntou Xavier, que tentava agarrar-se às mínimas esperanças.

— Não. Impossível, não — respondeu minha irmã, com um sorriso tímido nos lábios.

— Quero ajudar — disse Xavier.

— E poderá, mas neste momento precisamos pensar muito bem no próximo passo a tomar.

— Agir sem planejamento poderia piorar a situação de Bethany — completou Gabriel.

— Piorar como? — perguntou Xavier.

Quanto mais eu escutava, mais frustrada ficava. Queria participar das discussões, queria ajudá-los. E estranho ouvir falarem sobre você na terceira pessoa. Se eu pudesse revelar tudo o que sabia, talvez conseguissem desenhar um bom plano. Estar presente e não poder atuar era terrível. A sensação era a de que eu poderia explodir a qualquer momento. Tinha que haver uma forma de demonstrar-lhes a minha presença. Por que eles não sentiam a minha proximidade? As pessoas que eu amava estavam ao alcance das minhas mãos, mas ainda assim totalmente inacessíveis.

— Não podemos agir sem instruções — disse Ivy.

— E quanto tempo isso vai demorar?

— A Aliança conhece o problema. Eles entrarão em contato conosco quando pensarem em alguma saída — informou Gabriel, sem querer revelar

nada mais.

— E o que faremos até lá?

— Sugiro rezar.

De repente, fiquei preocupada. Claro que eles não poderiam agir sem antes pedir conselho. Não se tratava apenas de uma prática comum, mas sim da coisa mais sensata a fazer. Eu sabia disso. Mas e quanto à resolução da Aliança? Gabriel soava muito confiante, mas nem ele teria poder suficiente para contrapor-se às decisões tomadas. E se a sabedoria infinita dos conselheiros decidisse que seria melhor não agir? Afinal de contas, não havia provas de que eu estava no mundo subterrâneo. Eu previa mais problemas do que instruções. A obediência não é um dos meus pontos fortes. No entanto, embora a rebeldia possa ser valorizada num ser humano, num anjo ela é indesculpável. Será que eu estaria a ponto de enfrentar o meu afastamento, de perder o meu valor no Céu por completo?

Ainda que a Aliança estivesse de bom humor e aceitasse o pedido de resgate, entrar no Inferno seria o maior desafio que meus irmãos enfrentariam na vida. Eles poderiam morrer na tentativa. Valeria a pena arriscar? Não queria brincar com as vidas deles, mas a tentação de estar de volta com eles era enorme. Quanto a Xavier, não agüentaria pensar que algo de mal lhe fosse feito por minha culpa. Preferia enfrentar os terrores da fogueira do Inferno. Olhei para os seus braços lindos e bronzeados sobre o tampo da mesa, notando a pulseira de couro que sempre levava presa ao pulso e o anel de prata que eu lhe dera no dedo indicador.

Eu me aproximei dele e queria tocar seus dedos.

— Xavier! — gritei. — Xavier, estou aqui!

Para a minha surpresa, ouvi um eco quase imperceptível na cozinha. Gabriel, Ivy e Xavier giraram as cabeças na minha direção, como satélites procurando sinais de rádio. Uma expressão de descrença tomou conta do rosto de Xavier, como se ele colocasse em cheque sua própria saúde mental.

— Estou ficando louco ou vocês também ouviram? Meus irmãos se entreolharam, sem saber o que dizer.

— Nós também ouvimos — respondeu Gabriel, e a mente dele já dava voltas tentando entender o que acontecera. Eu só esperava que não confundissem com mensagens enganosas do demônio.

Ivy fechou os olhos e senti a sua energia passeando pela cozinha, procurando por mim. Quando chegou ao ponto onde eu estava, passou direto, e notei que qualquer tentativa de conexão seria inútil.

— Não há nada por aqui — disse a minha irmã, mas percebi que Ivy estava um pouco perdida.

Xavier não se convencia.

— Não, ouvi a voz dela... Ela estava aqui.

— Talvez Bethany esteja mais perto do que pensamos — supôs Gabriel.

Os olhos de Xavier varreram a cozinha, observando o espaço vazio. Foquei e tentei desesperadamente transmitir meus pensamentos a ele. No entanto, aconteceu o oposto, e a minha presença se diluiu. Notei que minha consciência se afastava dali. Lutei, tentei me agarrar a uma cadeira, mas a cozinha desaparecia ao meu redor.

Tudo ficou preto, e, ao clarear, enxerguei o meu corpo deitado ao lado do Lago dos Sonhos, no mesmo local onde eu o deixara. Tucker estava ali, sacudindo os meus ombros.

— Volte, Beth. É hora de voltar.

E retornei ao meu corpo com um solavanco. O calor da minha casa desaparecera, sendo substituído pelo frio e pela umidade do canal.

— Por que você fez isso? — gritei. — Queria ficar mais tempo.

— Não podemos ficar tanto tempo por aqui. Seria arriscado. Mas não se preocupe, a magia ficará ao seu lado.

— Isso quer dizer que vou poder me projetar sempre que quiser?

— Sim — respondeu Tucker, orgulhoso. — Quando bebemos do Lago dos Sonhos, o poder fica dentro de nós. A única forma de revertê-lo é bebendo água do rio Lethes.

— Esse rio existe de verdade? — perguntei, curiosa.

— Claro que sim — respondeu. — E literalmente quer dizer "esquecimento". Por isso algumas pessoas o chamam de Rio do Esquecimento, pois ele faz com que a gente se esqueça de quem somos.

— Que horror... É uma espécie de maldição?

— Não necessariamente. Algumas pessoas fazem coisas na vida que preferem esquecer. Quando bebemos do rio Lethes, todas as nossas lembranças ficam depositadas no seu fundo.

Eu me aproximei.

— Você parece muito seguro do que diz. Conhece alguém que tenha bebido?

— Conheço — respondeu, olhando para baixo. — Eu.

— E do que queria escapar? — perguntei, sem pensar, e ele sorriu.

— Acho que não estamos no local adequado para essa pergunta, certo?

— Não... — concordei, tomando-lhe o braço. — Fico feliz que esse rio tenha ajudado você.

Tucker apertou a minha mão, mas não parecia muito convencido. Voltamos ao hotel numa velocidade duas vezes superior à da vinda, com medo de sermos descobertos. Só conseguia pensar nas mãos de Xavier... Mas não nas que acabara de ver, e sim nas que costumavam acariciar o meu rosto, certas de que nada no mundo poderia destruir a nossa felicidade.

Como éramos inocentes, pensei, ao descobrir que a escuridão pode ser

muito letal. No entanto, eu seria o mais corajosa possível, lutaria com todas as forças, mesmo não gostando nada de algumas alternativas que nos esperavam.

Após a experiência com o que Tucker chamava de projeção, era complicado pensar em qualquer outra coisa. Ao sentir o gostinho de casa, o hotel Ambrosia parecia mais vazio do que nunca. Com o passar dos dias, notei que eu tinha uma posição passiva e que apenas procurava uma nova oportunidade de voltar a Venus Cove para saber o que estava acontecendo por lá. Então, enquanto Hanna penteava os meus cabelos, eu só pensava numa coisa: voltar a ver Xavier. Contava os minutos até Tucker ir finalmente dormir e eu poder voltar mais uma vez ao local a que pertencia, ainda que apenas como uma entidade invisível.

Nunca imaginei que ele pudesse ser tão bom em ler pensamentos.

— Isso vicia, certo? — perguntou. — Num primeiro momento, nunca parece suficiente.

Não poderia negar. Ser transportada de volta fora a coisa mais incrível que experimentara.

— E tão real. Estava tão perto. Podia sentir o cheiro deles. Tucker me observou bem.

— Você precisa ver o seu rosto. Fica iluminado quando fala neles.

— Eles são tudo para mim.

— Eu sei, mas você precisa ter uma coisa sempre em mente: a cada vez que voltar, a vida deles terá avançado um pouco. Quando a dor que hoje sentem amainar, você será uma lembrança cada vez menor. No fim, será apenas um fantasma visitando estranhos.

— Para mim, nunca será assim — respondi. E só de pensar em Xavier seguindo com a vida longe de mim fiquei arrasada. — Além do mais, você está se esquecendo de uma coisa: não sou um fantasma, estou viva. Viu? — perguntei, pegando o meu braço e beliscando-o, para que surgisse uma marca avermelhada.

Tucker sorriu, dizendo:

— Você quer voltar agora, certo?

— Claro. Você não ia querer a mesma coisa?

— Você sempre foi tão impaciente?

— Não — respondi. — Só depois que me tornei humana.

Tucker franziu a testa, e notei que ele duvidava da minha capacidade de administrar de forma responsável o meu novo dom. Resolvi tranquilizá-lo.

— Mais uma vez, obrigada por me ajudar. Precisava de algo que me desse forças para sobreviver por aqui, e foi muito importante rever a minha família.

Tucker, nada acostumado a agradecimentos, parecia sem graça e olhou

para os próprios pés.

— De nada — murmurou. Depois o seu rosto ficou ilegível. — Por favor, tenha cuidado. Não sei o que Jake faria caso descobrisse.

— Vou tomar cuidado — respondi. — Mas encontrarei uma maneira de sairmos daqui.

— Nós dois?

— Claro. Agora, somos uma equipe.

† † †

TUCKER ENTENDERA muito bem. Eu planejava mesmo voltar naquela noite. O gostinho de casa só aumentou meu apetite, sem satisfazê-lo. Não mentia quando lhe dissera que queria tentar livrar-nos dali, mas aquela não era a minha maior preocupação no momento. Meu impulso era mais egoísta. Só queria rever Xavier e fingir que nada havia acontecido. Seja lá o que ele estivesse fazendo, queria estar ao lado dele. Queria absorver a sua presença o máximo possível e levá-la de volta comigo. Dessa forma eu teria um talismã que me ajudaria a atravessar os longos dias e noites que teria pela frente.

Então, quando Hanna apareceu na porta do quarto com meu jantar numa bandeja, meu primeiro impulso foi enviá-la de volta. Estava ansiosa para deitar na cama enorme e começar o processo que me levaria de volta para casa. Hanna me encarou como sempre fazia, demonstrando vontade de poder me ajudar mais e mais. Embora fosse mais jovem do que eu, adotara uma atitude maternal, como se eu precisasse ser protegida e alimentada para ganhar forças. Comi só um pouco do que ela havia preparado para satisfazê-la. Era um pão crocante, uma espécie de cozido encorpado e torta de fruta. Quando terminei, ela não foi embora de imediato, e notei que tinha algo em mente.

— Senhorita — disse ela, afinal —, como era a sua vida antes de vir para cá?

— Eu estava no último ano do colégio e morava numa pequena cidade onde todo mundo se conhece.

— Mas a senhorita não é desse lugar.

Fiquei surpresa ao ver que Hanna fazia referência à minha antiga casa. Estava tão acostumada a proteger o meu segredo na Terra que esqueci que a minha verdadeira identidade é bem conhecida.

— Talvez eu não seja de Venus Cove — admiti —, mas esse lugar se transformou no meu lar. Eu freqüentava uma escola chamada Bryce Hamilton, e a minha melhor amiga se chamava Molly.

— Meus pais trabalhavam numa fábrica — disse Hanna, de repente. — Éramos muito pobres, e não pude freqüentar a escola.

— E vocês tinham livros em casa?

— Nunca aprendi a ler.

— Nunca é tarde demais — respondi, encorajando-a. — Posso ensinar a você, se quiser.

Porém, em vez de animá-la, como eu planejava, as palavras pareceram ter o efeito oposto sobre Hanna. Ela olhou para o chão, e o sorriso desapareceu.

— Agora isso não importa muito, senhorita.

— Hanna — respondi, escolhendo as palavras com cuidado —, posso lhe perguntar uma coisa?

Ela me encarou, assustada, depois assentiu.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Mais de setenta anos — respondeu, resignada.

— E como uma pessoa tão gentil e amigável como você veio parar aqui?

— É uma longa história.

— Gostaria de escutá-la. Hanna deu de ombros.

— Não há muito o que contar. Eu era jovem. Queria salvar a vida de uma pessoa mais do que a minha própria vida. Então fiz um pacto e me vendi... Quando percebi o meu erro, era tarde demais.

— E faria algo diferente se pudesse voltar no tempo?

— Acho que tentaria chegar ao mesmo resultado, mas de forma diferente — respondeu, com os olhos embaçados, desviando o olhar, perdida em suas próprias lembranças.

— Isso significa que você se arrepende... Mas a verdade é que, na época, você era jovem demais para saber o que fazia. Quando minha família vier me buscar, vou levar você comigo. Não vou deixar você aqui.

— Não perca o seu tempo se preocupando comigo, senhorita. Tomei essa decisão livremente, e não há volta para esse tipo de coisa.

— Não sei... Todos os acordos estão abertos a renegociações. Hanna sorriu, esquecendo-se da prudência por um momento.

— Gostaria de receber o perdão, mas ninguém por aqui poderá me oferecê-lo.

— Talvez, caso me conte a história, você se sinta melhor.

Estava ansiosa para voltar para perto de Xavier, mas não podia ignorar o pedido de ajuda de Hanna. Ela cuidava de mim e me fazia companhia nas horas mais difíceis, e eu lhe devia essa. Além do mais, eu só estaria mais algumas semanas em Hades. Seja lá o que Hanna estivesse guardando para si, era algo que ela arrastava havia décadas. O mínimo que poderia fazer era deixá-la mais tranquila, caso fosse possível. Mudei de posição, abrindo espaço para ela, e pousei uma das mãos na cama, como se dissesse que poderia se sentar ao meu lado. Caso um desconhecido nos visse, juraria que éramos duas adolescentes trocando confidências.

Hanna hesitou e olhou para a porta antes de se sentar ali. Percebi que não

se sentia confortável, pois ela baixou os olhos, e os dedos, vermelhos de tanto lavar roupa, tremiam entre os botões do seu uniforme. Ela estava pensando se deveria ou não confiar em mim. O que era compreensível, pois vivia sozinha no mundo subterrâneo de Jake. Não tinha ninguém em quem confiar, nenhum ombro amigo. Aprendeu a agradecer por cada comida e cada noite de sono. Notei que, caso alguém quisesse feri-la, Hanna agüentaria como uma mártir, pois não acreditava merecer nada melhor.

Ela curvou o corpo para trás e suspirou.

— Não sei nem por onde começar. Há muito tempo não falo sobre a minha vida anterior.

— Pode começar como quiser — respondi.

— Vou começar com Buchenwald — disse, em tom suave.

Hanna falava com distanciamento. O rosto dela não demonstrava nenhum sentimento. Era uma espécie de contadora de histórias oferecendo um relato em primeira mão.

— O campo de concentração? — perguntei, incrédula. — Você esteve lá? Eu não sabia! — Logo me arrependi de ter dito tudo aquilo, pois aquela reação interrompera o fluxo de pensamentos de Hanna. — Por favor, continue.

— Em vida, o meu nome era Hanna Schwartz. Em 1933, fiz 16 anos. A Grande Depressão atingiu os trabalhadores com muita força. Tínhamos pouco dinheiro, e eu não tinha grandes habilidades, por isso entrei na Juventude Hitlerista, e, quando Buchenwald foi aberto, me enviaram para trabalhar lá. — Ela fez uma pausa, respirando fundo. — Sabia que as coisas que aconteciam por lá eram erradas. Não apenas erradas. Sabia que eles estavam sendo guiados pelo Mal, mas não me sentia com poderes para fazer nada e não queria decepcionar a minha família. Todos à minha volta me perguntavam: "Onde está Deus?" e "Como Ele deixou que isso acontecesse?" Eu tentava não pensar em nada, mas no fundo fiquei muito chateada com Deus, e O culpei. Pensei em pedir transferência, deixar o campo e voltar para a casa dos meus pais, mas nesse momento uma menina que eu conhecia acabou indo para lá. A gente tinha brincado juntas quando crianças. Ela morava na minha rua. O pai era médico. Ele curou meu irmão quando sofria de sarampo, sem pedir nada em troca. O nome dela era Esther. Ela dividia os livros da escola comigo, pois sabia que eu queria aprender. Mas eu era muito jovem para entender a distância que havia entre nós. Sabia que a vida dela era igual à minha, mas que ela era mais rica, freqüentava a escola e era judia. Certo dia, soube que a SS mudara a família de onde moravam, e não voltei a vê-la até o dia em que Esther apareceu em Buchenwald. Ela estava com a mãe, e fiz de tudo para que não me vissem. Não queria que me encontrassem ali. Esther não estava bem ao chegar, e sua situação só piorava. Havia algo de errado em seus pulmões, ela não conseguia respirar direito. Estava muito fraca para trabalhar, e eu sabia qual seria o

destino dela. Era questão de tempo. Porém, de alguma maneira, percebi que não poderia deixar isso acontecer.

"Foi então que conheci Jake. Ele era um dos jovens oficiais que tomavam conta do campo, mas não se parecia nada com a pessoa de hoje. Tinha os cabelos menos fartos e, de uniforme, não chamava tanto a atenção. Sabia que ele gostava de mim. Estava sempre sorrindo e tentava puxar conversa enquanto eu servia comida aos oficiais. Certo dia, eu estava triste, pensando em Esther, e ele parou para perguntar o que havia de errado. Cometi o erro de confiar nele e aproveitar para contar que temia pela vida da minha amiga de infância. Quando ele me disse que poderia me ajudar, nem acreditei. Imaginei que, se a ajudasse de alguma maneira, poderia recuperar o respeito por mim mesma. Karl, como Jake era conhecido por lá, era muito bonito e hipnotizados. O fato de alguém como ele reconhecer a minha existência e demonstrar interesse pelos meus problemas era uma honra. Ele me perguntou se eu acreditava em Deus, e respondi que, da forma como a minha vida seguia, se houvesse um Deus, Ele deveria ter deixado a gente para trás. Karl me contou que gostaria de dividir um segredo comigo, pois sentia que podia confiar em mim. Ele disse que servia a um grande senhor, alguém a quem respeitava. E disse que eu poderia ajudar Esther caso jurasse fidelidade ao mesmo senhor. Karl me avisou que não havia motivo para sentir medo e que eu seria recompensada pelo sacrifício com a vida eterna. Pensando nisso agora, não sei porque ele se preocupou comigo. Devia estar entediado, procurando alguém para brincar."

Hanna fez outra pausa, viajando ao passado na própria mente.

— Na época, parecia muito simples — disse depois.

— E o que aconteceu? — perguntei, mesmo sabendo que a resposta era óbvia.

— Esther foi curada, e Jake a levou à enfermaria, para que os guardas não a machucassem, e entrei na escuridão. Mas não tive certeza se Jake mantivera a sua palavra no acordo...

— E ele manteve? — perguntei, sem fôlego.

— Ele a curou — respondeu Hanna, buscando os meus olhos. — Mas isso não a livrou de, duas semanas mais tarde, ir para a câmara de gás.

— Ele traiu você! — gritei, sem acreditar no que estava ouvindo. — Trapaceou para ganhar a sua vida. Isso é nojento, até mesmo para alguém como Jake.

— Poderia ter sido pior — disse Hanna. — Quando fui atirada em Hades, de alguma forma consegui evitar a fogueira. Fui posta aqui no hotel, onde estou até hoje. Mas eu mesma busquei este destino, senhorita, e não posso reclamar.

— Mas suas intenções eram boas, Hanna. Acho que todo mundo tem direito à esperança.

— Lá na Terra, sim... Mas aqui chegamos ao destino final. Não espero nada

e não acredito em milagres.

— Você testemunhou as forças do Mal trabalhando. Por que não acreditar também no poder do Céu?

— O Céu não perdoa pessoas como eu. Fiz um pacto e pertenço ao Inferno. Nem os anjos poderiam reverter isso.

Franzi o cenho e me sentei na beira da cama. Estaria Hanna certa? As leis do Céu e do Inferno a deixariam presa naquele lugar para sempre? Na minha cabeça, o sacrifício dela deveria valer para alguma coisa. Mas talvez as coisas não funcionassem assim. Rezei para que a promessa que acabara de lhe fazer não fosse em vão. Hanna resolveu arrumar as coisas que eu tinha na penteadeira. Eram perfumes, a maioria franceses, loções e maquiagem — o tipo de coisa que, segundo Jake, me faria feliz. De fato, ele não me conhecia.

Olhei para Hanna, que dava voltas pelo quarto, evitando me encarar.

— Você acha que eles não vão me encontrar, certo? — perguntei, falando baixinho.

Ela não respondeu, mas me encarou, com ainda maior tensão nos olhos, e senti uma necessidade enorme de agarrá-la pelos ombros e sacudir o seu corpo. Pois, convencendo Hanna, poderia me convencer de que não seria prisioneira durante toda a eternidade.

— Será que você não entende? — gritei, surpresa comigo mesma. — Você não sabe quem eu sou. Neste momento, um grupo de arcanjos e um serafim estão procurando por mim e encontrarão uma maneira de me tirar daqui.

— Se você está dizendo, senhorita... — respondeu Hanna.

— Não fale assim comigo — reclamei, encarando-a. — Quero que você me diga o que está pensando de verdade.

— Certo. Vou dizer o que estou pensando: se entrar nesta prisão fosse fácil para os anjos, eles já não estariam por aqui? Se têm o poder de libertar as almas atormentadas, por que ainda não fizeram isso? Deus não teria feito algo? Como podemos ver, senhorita, o Céu e o Inferno estão presos a regras que vêm dos tempos mais remotos. Nenhum anjo poderia entrar aqui sem ser convidado, pense nisso... Aliás, um demônio poderia entrar no Céu?

— Não — respondi, tentando seguir a linha de pensamento dela. — Nunca. Mas isso é diferente, certo?

— A única coisa positiva na sua história é que Jake trapaceou para que a senhorita viesse com ele. Os anjos vão ter que encontrar uma brecha, assim como Jake fez. Isso não é impossível, mas é muito complicado. As entradas para o Inferno são muito bem-guardadas.

— Não acredito em você — respondi o mais alto que pude, como se estivesse me dirigindo a uma platéia. — Quando existe vontade tudo é possível. E Xavier tem a mais poderosa força de vontade que conheço.

— Ah, claro... O humano da sua cidade — comentou ela. — Já ouvi falar

sobre ele.

— O que você ouviu? — perguntei, nervosa ao notar que ela mencionara Xavier.

— O príncipe tem muita inveja dele — disse Hanna. — Ele é tudo o que os humanos gostariam de ser: bonito, forte e corajoso. Não tem medo da morte e é amigo de anjos. Além do mais, tem uma das coisas que Jake mais deseja.

— O quê?

— A chave do seu coração. E isso faz de Xavier uma ameaça.

— Está vendo, Hanna? Se Jake se sente ameaçado por nós, existe uma esperança. Xavier virá nos salvar.

— Virá salvar a senhorita — corrigiu Hanna. — Ainda assim, ele não passa de um garoto de coração valente. E como a força de um homem poderia vencer um exército de demônios?

— Ele conseguirá — respondi. — Estará com o poder do Céu ao seu lado. Afinal de contas, Cristo era um homem.

— E Filho de Deus, o que faz toda a diferença.

— Você acha que O teriam crucificado, caso não fosse humano? — perguntei. — Ele era de carne e osso, como Xavier. Você está aqui há tanto tempo que já subestima o poder dos humanos. Eles são a força da natureza.

— Peço que me desculpe, senhorita, mas não tenho tanta esperança. Não quero sonhar para depois ter uma decepção. A senhorita me entende?

— Claro que entendo, Hanna — respondi, finalmente. — Mas, se você não se importa, prefiro ter esperança por nós duas.

Quando Hanna foi embora, fiquei um bom tempo pensando na história dela. Queria voltar a Venus Cove, mas não conseguia ficar calma. Fiquei presa às palavras e às dificuldades que ela passara na vida. Pensei em quão pouco entendia o sofrimento humano. O que sabia dos episódios mais obscuros da história da humanidade não passava de fatos frios, gerais. A experiência humana é muito mais complexa. Com Hanna, poderia aprender mais do que imaginava.

No entanto, de uma coisa já sabia: ela havia cometido um erro, mas se arrependeu das suas ações; e, se estava destinada a viver o resto da eternidade ali, havia algo de errado no sistema. O Céu não poderia permitir que esse tipo de coisa continuasse acontecendo sem punição. "A mim pertence a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor." Hanna estava equivocada. O Céu buscava justiça. Só precisávamos ser pacientes.

Eu não sabia que horas seriam em Venus Cove, mas continuava imaginando um Xavier entediado, com as parafernália de esporte e livros do colégio espalhados pelo chão. Por alguma razão, era para lá que eu queria ir. Só de pensar em estar no seu quarto, cercada pelas suas coisas, meu coração acelerava. Onde estaria Xavier naquele exato momento? Estaria feliz ou triste? Estaria pensando em mim? De uma coisa estava certa: Xavier tinha o poder de transformar-se em herói, o que é reservado apenas aos mortais mais fiéis. Ele nunca abandonou os amigos em tempos de crise e não me abandonaria.

Estava com frio e percebi que as chamas se apagavam na lareira. Por isso me enrolei na manta cor de vinho aos pés da minha cama. As velas estavam quase chegando ao fim e lançavam estranhas sombras alongadas nas paredes.

Fiquei um pouco mais calma ao me convencer de que não seria esquecida para sempre no reino de Jake. Quando comecei a sentir sono, foquei a minha energia na tentativa de voltar a entrar em contato mental com Xavier. Meu corpo ficou mais pesado, mas eu sentia uma leveza indescritível. Não saberia distinguir o momento da separação, quando matéria e espírito começaram a tomar rumos diferentes, mas percebi que isso estava acontecendo ao notar que o meu quarto desaparecia e o teto começava a se aproximar do meu nariz. Tudo o que deveria fazer era me deixar levar.

Enquanto viajava, como se estivesse a bordo de uma vibração, passeei pelo tempo e pelo espaço, atravessando a água, até atingir o objetivo. Estava de pé no quarto de Xavier. Mas não pousei exatamente, só entrei, como um vento passando por baixo da porta. Xavier estava deitado na cama, de costas, com o rosto enfiado no travesseiro. Não havia tirado os sapatos. No chão, estava jogado um exemplar do As 371 melhores faculdades, segundo Princeton. Sua mãe, Bernie, conseguira outra cópia para mim e insistiu que deveríamos fazer uma lista das nossas dez primeiras escolhas. Sorri ao me lembrar disso e da conversa que eu e Xavier tivemos poucos dias antes da festa do Dia das Bruxas. Estávamos deitados no pátio do colégio, lendo em voz alta as estatísticas sobre as faculdades escolhidas por nós.

— Vamos para a mesma faculdade, certo? — perguntou ele, embora soasse mais como uma certeza do que como uma pergunta.

— Espero que sim — respondi. — Mas vamos ver se não me mandam para outro lugar.

— Chega disso, Beth. Vamos dizer a eles o que queremos. A gente já se esforçou muito, merecemos isso.

— Tudo bem — concordei, convencida, pegando o livro de suas mãos e

abrindo numa página qualquer.

— Que tal a Penn State? — perguntei, passando os dedos pelo índice.

— Você está brincando? Meus pais odiariam.

— Por quê? O que há de errado com ela?

— E conhecida como a faculdade das festas.

— Imaginei que a escolha fosse sua...

— Sim, mas isso não quer dizer que eles não prefiram que eu vá para a Ivy League ou para a Vanderbilt.

— Universidade do Alabama? — perguntei. — Molly e as outras meninas vão tentar por lá. Querem estudar juntas.

— Mais três anos com Molly? — perguntou Xavier, fazendo uma careta.

— Gosto desse nome: Universidade do Mississippi — disse, pensativa. —

O que você acha? Seria como estar aqui, o nosso pequeno mundo.

Xavier sorriu.

— Acho que gosto da ideia. E fica mais perto de casa. Coloque na lista.

A conversa toda voltou à minha cabeça, como se tivesse acontecido no dia anterior. Mas lá estava Xavier, deitado na cama, com todos os planos de futuro abandonados. Ele girou o corpo, e seus olhos estavam vidrados no teto, sem expressão. Parecia perdido em seus pensamentos, e seu rosto dava sinais de cansaço. Eu o conhecia muito bem. Estaria pensando: E agora? O que fazer? O que mais eu poderia fazer? O lado racional de Xavier era muito forte. Por isso tanta gente lhe contava seus problemas. Até mesmo alunos que ele mal conhecia o procuravam em busca de conselhos. E quase nunca se desapontavam. Xavier tinha essa rara habilidade de analisar os problemas de todos os ângulos possíveis. Na verdade, quanto mais complicado o problema, mais determinado ele ficava para resolvê-lo. Mas daquela vez era diferente, não havia resposta possível independentemente de quantos ângulos diferentes o tomasse, e eu sabia que isso o estava matando. Xavier não estava nada acostumado a se sentir sem saída.

Pensei em todas as coisas que tanto queria murmurar no seu ouvido. Não se preocupe. Vamos resolver tudo isso. Como sempre resolvemos. Somos invencíveis, lembra? Era estranho que nossos papéis tivessem sido invertidos. Dessa vez, era eu quem deveria tentar animar Xavier. E me aproximei, ficando muito perto do rosto dele. Os olhos de Xavier estavam entreabertos, mas melancólicos, sem o brilho costumeiro. Seus cabelos castanhos se espalhavam pelo travesseiro, seus cílios brilhavam, tomados de lágrimas não contidas. A onda de emoção que me atingiu foi tão forte que quase afastei o olhar. Xavier nunca foi assim. Seus olhos sempre exalaram brilho, mesmo quando falava sério. Ele era capaz de iluminar uma sala com a sua presença. Era o melhor representante de turma do último ano da Bryce Hamilton, respeitado e amados por todos. Ninguém nunca falava mal dele. Era horrível vê-lo tão abatido.

Seguiu-se uma batida na porta de Xavier, o que me fez correr para o outro canto do quarto, gerando uma rajada de vento que quase derrubou uma cadeira, mas Xavier aparentemente nem notou. Pouco depois, a porta se abriu, e Bernie enfiou a cabeça para dentro. Ela parecia sem graça ao interromper a privacidade de Xavier, mas ao ver o filho atirado na cama seu rosto ficou vermelho de preocupação. Algo que tentou esconder com falsa alegria. A expressão de Bernie estampava amor por Xavier e o intenso desejo de protegê-lo. Ele era tão bonito que poderia ser um anjo, mas estava tão triste que me assustava.

— Quer alguma coisa? — perguntou ela. — Você mal comeu na hora do jantar.

— Não. Obrigado, mãe — respondeu, com voz sem brilho. — Só quero dormir um pouco.

— O que está acontecendo com você, querido? — perguntou Bernie, aproximando-se e sentando-se na beirada da cama. Ela não sabia se invadir o espaço do filho adolescente seria boa ideia. E a indiferença de Xavier deixou claro que ele queria ficar sozinho. — Nunca vi você assim antes. Está tendo problemas com alguma menina?

Percebi que ela não sabia de nada. Ele não havia lhe contado que eu estava desaparecida. Talvez porque ela resolveria dar queixa ao delegado, reclamando da demora na investigação do meu caso.

— Mais ou menos — respondeu Xavier.

— Essas coisas sempre se resolvem, de uma maneira ou de outra — disse ela, tocando gentilmente no seu ombro. — E você sabe que eu e o seu pai estaremos sempre aqui, para o que for preciso.

— Eu sei, mãe. Mas não se preocupe comigo. Vou ficar bem.

— Não fique tão preocupado. Quando somos jovens, tudo parece cem vezes pior do que de fato é. Não sei o que aconteceu entre vocês dois, mas não deve ter sido tão ruim.

Xavier deixou escapar uma risada de nervoso, curta, e eu podia imaginar o que ele estaria pensando. Ele diria: "Sabe, mãe, a minha namorada foi abduzida por um demônio, um ex-aluno da Bryce Hamilton, que a levou para o Inferno montada numa motocicleta. E a verdade é que não temos ideia de como trazê-la de volta. Então, sim, a situação é grave."

Mas o que ele fez foi olhar para a mãe e dizer:

— Não se preocupe, mãe. É um problema meu. Vou ficar bem.

Notei em seus olhos que ele não queria preocupá-la. Minha família já estava envolvida no caso, seria uma bobagem alertar Bernie. Quanto menos soubesse, melhor para todos. Meu desaparecimento não seria fácil de explicar, muito menos para uma família despreparada para a novidade, e pouco antes da difícil escolha de que universidade cursar.

— Tudo bem — cedeu Bernie, curvando-se para beijar a testa do filho.

— Mas, Xavier, meu querido...

— O quê? — perguntou, sem conseguir fixar os olhos na mãe.

— Ela vai voltar — respondeu, com um sorriso confiante. — Tudo terminará bem.

Bernie se levantou, saiu do quarto e fechou a porta com cuidado, sem fazer barulho.

Sem a mãe por perto, Xavier finalmente permitiu que o cansaço tomasse conta do seu corpo. Tirou os sapatos e rolou na cama. Fiquei feliz ao ver que estava prestes a dormir, pois, assim, pelo menos por algumas horas, aquela sensação de inutilidade desapareceria. Pouco antes de ser invadido pelo sono, percebi que ele mexia debaixo do travesseiro, de onde tirou um suéter que eu costumava usar nas noites frescas de verão. Era azul-claro, com margaridas desenhadas no colarinho. Ele dizia gostar da maneira como aquele casaco realçava os fios avermelhados dos meus cabelos. Xavier deixou o travesseiro de lado e mergulhou o rosto no suéter, respirando fundo. Ficou um bom tempo assim, até que sua respiração ganhou outro ritmo, mais pausado e profundo. Ele dormira. Eu me sentei na cama, de pernas cruzadas, observando-o, como uma mãe observa um filho doente. Fiquei parada até notar que os primeiros raios do amanhecer tingiam os lençóis de Xavier, e seus olhos começaram a se mover sob as pálpebras.

— Hora de acordar para a vida, beleza!

De quem seria aquela voz? Xavier não estava acordado, não se mexia nem falava dormindo. Dei uma olhada em volta, mas, fora nós dois, o quarto estava vazio. Um som metálico, como alguém abrindo uma porta, fez com que eu desse um salto, e uma porta se materializou no quarto, com uma figura obscura recostada na moldura. Logo entendi o que estava acontecendo. Meus dois mundos estavam se interpondo, um sinal de que eu deveria agir rapidamente. Tinha de voltar ou Jake estranharia o fato de eu não despertar. Mas por que era tão difícil ir embora dali?

— Durma bem, meu amor — murmurei para Xavier, curvando o corpo para beijar a sua testa. Não poderia dizer se ele sentiu alguma coisa ou não, mas Xavier esticou o corpo e murmurou o meu nome. Percebi que o rosto dele ficara mais calmo, com uma expressão mais tranqüila. — Voltarei assim que puder.

Fiz força para retornar ao meu corpo e notei que Jake me observava com atenção. Ele vestia um paletó ajustado ao corpo, com calça jeans também ajustada, e a sua aparência era um pouco amarrutada. Sempre me sentia desapontada ao voltar a Hades, mas, ao lado de Jake, a sensação era ainda pior. Era impossível reunir forças para levantar da cama e enfrentar mais um dia tão terrível quanto os anteriores.

Por isso, resolvi permanecer debaixo dos cobertores pelo menos até que

Hanna viesse me acordar, e Jake parecia chateado com a minha teimosia.

— Não sabia que você ainda estava dormindo. Só passei por aqui para deixar uma pequena prova do meu amor.

Deixei escapar um grunhido e rolei na cama. Jake atirou uma rosa comprida na cama.

— Você é sempre tão previsível.

— Você não deveria me insultar, não deveria falar assim com a sua cara-metade.

— Você não é minha cara-metade! Não somos nada além de inimigos. Jake pousou a mão no coração.

— Isso dói...

— Você quer alguma coisa? — perguntei, raivosa, pois ainda não acreditava que ele havia interrompido a minha curta visita a Xavier para isso.

— Parece que alguém está de mau humor por aqui — comentou Jake.

— E você quer saber por quê? — perguntei, pois era impossível evitar o sarcasmo naquele momento.

Jake soltou uma gargalhada rápida, e seus olhos brilhantes pousaram no meu corpo. Logo depois, sem que eu pudesse notar o movimento, ele surgiu curvado em cima de mim, os cabelos escuros caindo sobre os ombros. Seu rosto ficava belo sob aquela luz fraca, as feições, refinadas. Fiquei surpresa ao me dar conta de que apreciava a sua beleza ao mesmo tempo que o odiava com toda a força que ainda me restava. Os lábios esbranquiçados se entreabriram, e percebi que ele respirava avidamente. Os olhos negros passeavam pelo meu corpo, mas não lançavam um olhar lascivo, e sim preocupado. Ele franziu a testa, murmurando:

— Não gosto de ver você assim tão triste. Por que não deixa eu fazer você feliz?

Olhei para ele, surpresa. Além de continuar invadindo meu espaço sempre que queria, sua insistência em nos descrever como um casal estava ficando cada vez mais enervante.

— Sei que você ainda não desenvolveu nenhum laço emocional comigo, mas acho que poderíamos trabalhar... Talvez seja interessante levar a nossa relação ao nível seguinte... Afinal de contas, temos as nossas necessidades.

— Nem pense nisso — avisei, sentando-me na cama e encarando-o. — Não ouse...

— Por que não? É algo perfeitamente natural. Além do mais, talvez ajude a melhorar o seu humor. — Ele moveu os polegares em círculos pelos meus braços. — Minha habilidade é lendária. Você não vai precisar fazer nada, serei cuidadoso.

— Ficou louco? Não vou fazer sexo com você — respondi, com nojo. — Aliás, por que você quer isso de mim? Não tem as suas meninas sempre

dispostas?

— Bethany, minha querida, não estou pedindo para fazer sexo com você. Não é sobre isso que estou falando. Posso conseguir sexo quando quiser. Quero fazer amor com você.

— Pare de falar essas coisas e se afaste de mim.

— Sei que você me acha atraente. Eu me lembro disso.

— Isso foi há muito tempo, antes de descobrir quem você é de verdade — respondi, afastando os olhos de Jake, incapaz de esconder o meu desprezo.

Mas ele esticou o corpo e me encarou.

— Espero que a gente possa chegar a um acordo, mas acho que você vai precisar de um incentivo para mudar de ideia.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que vou encontrar maneiras mais criativas de aproximação.

Sua voz carregava um tom de ameaça que me assustava, mas eu não deixaria o meu medo transparecer.

— Não vale a pena. Não fará nenhuma diferença.

— Veremos...

Minhas conversas com Jake sempre pareciam seguir o mesmo caminho. Ele começava me propondo algo, eu negava, e ele se mostrava vingativo. Parecíamos andar em círculos. Havia chegado a hora de uma estratégia diferente.

— Muita coisa teria que mudar dentro de mim para que eu sequer pensasse no assunto — respondi, entrando com raiva nos seus jogos, mas sem alternativa.

O rosto de Jake se iluminou.

— O quê, por exemplo?

— Para começar, gostaria que você respeitasse a minha privacidade.

Odeio a maneira como você costuma entrar aqui sempre que sente vontade sem se anunciar. Quero a chave do meu quarto. Quando quiser me ver, vai ter que avisar antes.

— Tudo bem. Combinado. O que mais?

— Quero poder caminhar livremente por aqui.

— Beth, você não entende como é perigoso? Mas, sim, eu poderia dizer ao pessoal do hotel que não se aproxime de você. Viu? Sou um homem de palavra — disse, traçando o lábio inferior com o dedo, feliz com os avanços.

— E tem mais uma coisa: quero voltar... por uma hora, nada mais. Preciso contar à minha família e ao Xavier que estou bem.

Jake deu uma gargalhada.

— Você acha que sou idiota?

— Isso quer dizer que você não confia em mim, certo?

— Nada de joguinhos, Bethany. A gente se conhece muito bem, e você não sabe mentir.

Percebi uma alteração na fisionomia de Jake e percebi que não deveria ter tocado no nome de Xavier. Isso sempre mexia com ele.

— Você já se deu conta de que o tempo está passando e nada aconteceu? — perguntou. — Não vejo nenhuma equipe de resgate se aproximando. E você quer saber por quê? Porque é uma missão impossível. Eles poderiam passar séculos procurando um portal. Isso se começarem a procurar. E quando isso acontecer, Xavier terá virado pó. Está vendo, Beth? Você não tem escolha. Se eu fosse você, aproveitaria o que tenho pela frente. Tudo o que existe aqui poderia ser seu. Estou oferecendo uma chance para que você se transforme na rainha de Hades. Todos se curvariam à sua frente. Pense nisso. E tudo o que peço.

Senti um nó no estômago. Ele havia passado muito tempo me perseguindo, não desistiria. Tudo o que eu tinha que fazer era garantir que não se infiltrasse na minha mente. Era a minha única arma. Tinha que permanecer fiel a mim mesma e espiritualmente mais forte que ele. Fechei os olhos e foquei em pensamentos positivos.

Tentei visualizar como seria a minha libertação de Hades. Imaginei Gabriel e eu voando através dos portões do Inferno, em direção a nossa casa. As asas quentes do meu irmão, suaves como a seda, mas ainda assim poderosas o suficiente para atravessar muros grossos, me protegeriam. Imaginei Xavier junto aos meus irmãos, mas transformado em anjo, para que tivesse suas próprias asas. Eles receberiam a vibração do seu poder. Xavier, como imortal, seria glorioso. Qualquer um que o visse juraria lealdade. A visão deles três, daqueles brilhantes agentes do Céu chegando para me salvar, era a única coisa capaz de acalmar os meus medos.

Por outro lado, era duro olhar para as minhas próprias asas, presas sob as roupas. Mas eu estivera tão imersa nos meus pensamentos que nem pensara nelas. Queria liberá-las, mas Jake me observava, com olhar suspeito.

— Você sucumbirá a mim, Beth — disse ele, seguindo em direção à porta. — Será uma questão de tempo.

Quando consegui me projetar novamente, chovia forte na minha rua. O barulho da chuva no telhado abafava todos os ruídos. O beiral da casa encheu de água, que caía em enxurradas, arrasando a grama do jardim, como se alguém a tivesse cortado com uma barra de ferro. O barulho arrancou Phantom de seu sono e o levou às janelas, para ver o que estava acontecendo. Ao perceber que não era nada que precisasse de sua intervenção, voltou à sua caminha e se deitou com um longo suspiro.

Acontecia algum tipo de reunião. Gabriel, Ivy e Xavier estavam sentados ao redor da mesa de jantar, cheia de caixas de pizza e latas de refrigerante — algo que raramente víamos na nossa casa. Não devia haver guardanapos, pois usavam um rolo de papel-toalha. Algo me dizia que a rotina habitual da casa fora alterada, pois não cozinharam nem fizeram compras. Gabriel e Xavier estavam sentados um de frente para o outro, os dois imóveis como pedras. De repente, Ivy se levantou da mesa e começou a tirar os pratos, colocando água para ferver. Ao caminhar da cozinha para a sala de jantar, seus cachos dourados balançaram. Seja lá o que estivessem discutindo, tinham chegado a um impasse. Buscavam uma inspiração, alguma ideia nova. Mas suas mentes estavam tão exaustas quanto eles, o que complicava as coisas. Pouco depois, Gabriel abriu a boca, pois tivera uma ideia. Mas desistiu, não disse nada, e seu rosto voltou a ficar distante.

Todos ficaram paralisados quando a campainha soou, quebrando o silêncio. Phantom levantou as orelhas e teria ido à porta caso Gabriel não tivesse olhado para ele, fazendo um gesto de silêncio. Phantom ficou parado, mas não sem antes soltar um leve murmúrio de reclamação. Mas ninguém se moveu, e quem estava à porta tocou novamente a campainha, dessa vez por mais tempo, mais impaciente. Gabriel curvou a cabeça e suspirou ao ter uma visão de quem era a visita.

— Deveríamos atender — disse.

— Mas tínhamos combinado: nada de visitas — respondeu Ivy. Gabriel franziu o cenho.

— Acho que não temos escolha. Ela não irá embora sem uma explicação.

Ivy não parecia concordar com Gabriel, preferia refletir sobre o assunto mais tarde. No entanto, a tensão na sala era muito grande, e ela foi abrir a porta. Minha irmã continuava caminhando de forma graciosa, os pés mal tocando o chão. Molly, por sua vez, entrou na sala com o rosto vermelho e os cachos movendo-se agitados sobre os ombros. Quando falou, notei que mantinha seu costumeiro tom direto.

— Finalmente — disse, nervosa. — Onde vocês estavam?

Fiquei feliz ao ver que Molly não mudara em nada, mas, ao vê-la, fui tomada pela tristeza. Até aquele momento, não havia percebido o quanto sentia a sua falta. Molly era a minha melhor amiga, um dos meus laços mais fortes com o mundo dos humanos. E, naquele momento, ela estava muito perto e muito longe ao mesmo tempo. Observei as suaves pintas na ponta do seu nariz, a pele cor de pêssego, os cílios longos, que quase tocavam as bochechas. Fiquei horrorizada com a ideia de começar a perder minhas lembranças da vida na Terra e agradei o presente que Tucker me dera. Seria terrível lembrar-se apenas dos cachos e do sorriso de Molly. Graças àquele novo dom, poderia observá-la quando quisesse. Naquele momento, seus olhos azuis brilhavam, acusatórios, e ela pousou uma das mãos sobre os lábios ao observar meus irmãos e Xavier, como se os desafiasse.

— Que bom ver você, Molly — disse Gabriel, tentando fazer de conta que falava sério e querendo quebrar o gelo. — Por favor, junte-se a nós.

— Aceita um chá? — perguntou Ivy.

— Não vim aqui para bater papo. Cadê ela? — perguntou Molly. — Na escola disseram que está doente, mas há quanto tempo?

— Molly — começou Gabriel, falando lentamente. — O assunto é complicado... difícil de explicar.

— Só quero saber onde ela está e o que aconteceu — disse Molly, com voz trêmula, revelando toda a emoção que lutava para conter. — Não vou embora sem essas respostas.

Ivy ficou parada, de pé, com seus longos dedos traçando os desenhos da toalha de mesa.

— Bethany ficará fora por um tempo — disse minha irmã, que era tão ruim quanto eu contando mentiras. A honestidade a traía. A voz soava muito artificial, e o rosto não mentia. — Ela recebeu um convite para estudar fora e resolveu aceitar.

— Claro... E foi embora sem avisar aos amigos?

— Foi tudo muito em cima da hora — respondeu Ivy. — Tenho certeza de que ela teria avisado se tivesse tempo.

— Deixa de bobagem! — respondeu Molly, interrompendo-a. — Não acredito em nada disso. Já perdi uma das minhas melhores amigas, não quero perder outra. Chega de mentiras!

Xavier se levantou, respirando fundo e expirando bem alto, e Molly girou a cabeça na direção dele.

— Não pense que você está livre dessa. — Molly aproximou-se. Xavier nem levantou a cabeça, mas ela continuou: — Por meses foi impossível arrancar Beth do seu lado, e agora ela desapareceu da face da Terra, e você está aqui, tamborilando os dedos na mesa, sem fazer nada.

Não gostei do tom de Molly, que com certeza soou como um tapa na cara para Xavier, que já estava sofrendo muito para agüentar novas críticas.

— Talvez eu não seja campeã olímpica de matemática, mas não sou uma completa idiota — disse. — Sei que algo está acontecendo. Se Beth fosse apenas passar um tempo fora, vocês não estariam reunidos aqui. Teriam ido com ela.

— Bem que eu gostaria... — respondeu Xavier, com voz embargada, mas mantendo os olhos fixos no chão.

— O que isso quer dizer? — perguntou Molly, ficando pálida ao pensar no pior.

Com medo de ter revelado coisas demais, Xavier se afastou. Ele parecia tão consternado pela situação que Gabriel tomou a frente.

— Bethany não está mais em Venus Cove — explicou, calmo. — Nem na Geórgia... Mas ela não teve escolha.

— Isso não faz sentido. Pedi que não mentissem para mim!

— Molly... — disse Gabriel, atravessando a sala e tocando firme nos ombros dela. Ela o encarou da forma como encaramos alguém que acabou de fazer uma coisa estranha. Eu estava tão perto que quase senti o seu tremor. Gabriel nunca a tocara antes, e ela notava em seus olhos que ele estava transtornado. — Acreditamos saber onde Bethany está, mas não temos certeza. É isso que estamos tentando descobrir.

— Você quer dizer que ela desapareceu? — perguntou Molly, sem fôlego.

— Desapareceu, não... — respondeu Gabriel, hesitante. — Eu diria que ela foi seqüestrada.

Molly tapou a boca com as mãos, e seus olhos se arregalaram, alarmada. Xavier ergueu a cabeça, observando sua reação.

— O que foi? — perguntou Ivy, posicionando-se entre Gabriel e Molly. Gabriel soltou-a.

— Não há motivo para mentir — disse ele, decidido. — Ela é tão próxima de Bethany quanto nós. E não chegaremos a lugar algum sozinhos. Molly poderá nos ajudar.

— Como? — perguntou Ivy, a voz afiada e os olhos cortantes como gelo.

— Ela não poderá fazer nada.

— Não? — interrompeu Molly, feroz. — Se um louco sequestrou Beth, o que poderíamos fazer?

— Viu o que você arrumou? — murmurou Ivy. — Os humanos não poderão nos ajudar neste momento. — E olhou resignada para Xavier. — Sobretudo os envolvidos emocionalmente.

— Nós não estávamos lá naquela noite — disse Gabriel. — Os humanos são as únicas testemunhas que temos.

— O quê? — perguntou Molly, encarando-os. — Vocês estão me chamando de humana? Eu não sou a única humana nesta sala.

Gabriel a ignorou e seguiu a sua linha de pensamento.

— Qual foi a última coisa de que você se lembra de Bethany ter dito ou feito na noite do Dia das Bruxas?

O ar ao nosso redor trepidava. Ivy tentava conter sua desaprovação. Obviamente, ela não concordava com a decisão de Gabriel de envolver Molly. Minha irmã fechou os olhos e suspirou entre os dentes trincados. Eu podia ler a expressão estampada em seu rosto. Era como se estivesse se preparando para algo que, ela sabia, terminaria em desastre.

— Bem, ela estava... chateada — disse Molly, ficando muda.

— Por quê?

— A gente resolveu fazer uma sessão espírita durante a festa. Queríamos nos divertir, só isso. Mas, desde o início, Beth não gostou da ideia e não parava de dizer que deveríamos deixar essa história para lá. Mas não desistimos. No entanto, as coisas começaram a ficar estranhas, e acabamos perdendo o controle.

Molly falava sem parar para respirar, tentando soar casual. Escutando-a, Ivy ficou com os olhos arregalados. Suas mãos pálidas, instintivamente, se fecharam em punhos.

— O que você está dizendo? — perguntou ela, baixinho.

— Nós perdemos a cabeça e...

— Não, antes disso... Você disse que fizeram uma sessão espírita?

— É, mas estávamos brincando. Era Dia das Bruxas.

— Que menina mais tola — retrucou Ivy. — Seus pais nunca disseram que não devemos brincar com o que não conhecemos?

Molly ficou assustada, mas respondeu:

— Era apenas uma brincadeira, Ivy. Qual o problema? O que uma sessão espírita idiota tem a ver com o que aconteceu?

— Tem tudo a ver — respondeu Ivy, como se falasse consigo mesma. — Na verdade, poderia jurar que o problema começou nessa sessão. — Ivy e Gabriel se entreolharam. Ela passou a falar diretamente com o irmão: — Isso deve ter aberto um portal. Caso contrário, ele não teria como voltar a Venus Cove. Nós o banimos daqui.

— O quê? — perguntou Molly, confusa.

Eu podia ver os parafusos girando em sua cabeça enquanto ela lutava para colocar as informações em ordem. Queria que eles parassem de falar, estavam revelando coisas demais. O Céu poderia não gostar, o que acabaria gerando novos problemas.

De repente, Xavier pareceu ganhar vida. Ele girou o rosto, encarando Ivy, ao mesmo tempo que lançava um olhar mortífero a Molly.

— Você acha que ele voltou por causa da sessão? — perguntou Xavier.

— Ele quem? — gritou Molly, interrompendo-o.

— Eles podem ser muito mais poderosos do que a maioria das pessoas imaginam — respondeu minha irmã. — Gabriel, você acha que pode ser uma pista?

— Acho que deveríamos considerar todas as informações. Temos que encontrar um jeito de entrar lá.

— Entrar onde? — perguntou Molly, nervosa.

Ela não gostava nada de ter sido excluída da conversa. Meus irmãos se esqueciam da educação. Em condições normais, nunca agiriam assim. No entanto, eu sabia que, na cabeça deles, tudo o que importava era me encontrar. Por isso se esqueceram de Molly e mantiveram as discussões.

— Mas como poderíamos encontrar um portal? — murmurou Ivy.

— Você acha que deveríamos fazer outra sessão espírita? Não, isso seria muito perigoso. Não sabemos quem poderia se levantar da cratera.

— Cratera? Que cratera? Onde? — perguntou Molly, cada vez mais alto.

— Cale a boca! — gritou Xavier, nervoso como eu nunca o vira antes.

— Fique calada por dois segundos, por favor!

Molly parecia ofendida, mas baixou os olhos, num gesto hostil, depois gritou:

— Cale a boca você!

— Você é sempre tão imatura? — perguntou Xavier.

— Acho que, neste exato momento, sou a única pessoa lúcida por aqui — respondeu Molly. — Vocês estão loucos.

— Você não sabe do que está falando — revidou Xavier, soturno.

— E não deveria estar correndo atrás do capitão de um time qualquer neste momento?

— Como você ousa... — gritou ela. — Tara contou alguma coisa? Não liguem para o que ela fala. Tara está chateada porque...

— Chega! — gritou Xavier, batendo forte com as mãos na mesa, frustrado. — Não estamos nem aí para as brigas adolescentes entre você e Tara. Both desapareceu, e você não está ajudando em nada... Por que não vai embora?

Molly cruzou os braços.

— Não vou a lugar algum.

— Vai sim...

— Você vai me obrigar?

— Não duvide...

— Chega! — gritou Gabriel, num tom cortante, decidido. — Isso não vai nos ajudar. — E olhou para Ivy. — Está vendo? Molly sabe coisas que não sabemos.

— É verdade — confirmou Molly. — E não vou contar mais nada até descobrir o que está acontecendo de verdade.

Xavier a encarou. Ivy murmurou alguma coisa e pousou a cabeça entre as

mãos. Molly era complicada.

— Sendo ou não amiga de Bethany, essa menina é cansativa.

— Acho que deveríamos tentar explicar a Molly o que aconteceu — sugeriu Gabriel, num tom mais gentil.

Xavier ergueu os olhos.

— Vá em frente, isso pode ser muito interessante.

— Sente-se, Molly — pediu Gabriel. — Tente escutar sem me interromper. Caso tenha perguntas, responderei mais tarde.

Obediente, Molly se sentou no sofá, enquanto Gabriel caminhava para a frente e para trás, sem saber por onde começar.

— Nós não somos quem parecemos ser — disse ele, finalmente, escolhendo as palavras com cuidado. — Explicar tudo isso é complicado, mas preciso que você confie em mim. Você confia em mim, Molly?

Molly o observou com atenção, dos pés à cabeça. Ele era tão bonito que notei o rosto de Molly se iluminando, e fiquei em dúvida se ela conseguiria se concentrar. O rosto bem-talhado do meu irmão era emoldurado por cabelos loiros, e seus olhos cinzentos a encaravam. Um aro de luz dourado parecia irradiar do seu corpo, deixando um rastro misterioso por onde ele passava.

— Claro que confio — murmurou ela. E entendi que Molly gostava de ser o centro das atenções, e queria perpetuar o momento. — Mas, se vocês não são quem parecem ser, quem são vocês?

— Isso não posso dizer — respondeu Gabriel.

— Caso contrário, você teria que me matar? — perguntou ela, rolando os olhos.

— Não — respondeu Gabriel, baixinho. — Mas a verdade poderia comprometer a nossa segurança.

— E ele sabe a verdade? — perguntou Molly, apontando para Xavier.

Percebi que o relacionamento dos dois descia ladeira abaixo, e gostaria de estar por perto para curar as feridas.

— Ele é uma exceção — respondeu Ivy, de imediato.

— Sério? Mas por que não posso ser uma exceção também?

— Você não acreditaria na verdade, se eu contasse — respondeu Gabriel, tentando acalmá-la.

Mas Molly gostava de desafios.

— Por que não tenta?

— O que você me diz do sobrenatural?

— Encaro numa boa — respondeu Molly, fria. — Sempre gostei de assistir a Charmed, Buffy, esse tipo de coisa.

— Não é exatamente a mesma coisa — comentou Gabriel, suspirando de leve.

— Certo. Mas escute uma coisa: semana passada, meu horóscopo na

Cosmopolitan disse que eu encontraria um desconhecido encantador num ônibus e que esse cara pediria o meu telefone. Desde então, resolvi acreditar em tudo.

— Parece que você realmente enxergou a luz, Molly — comentou Xavier, agitado.

— Você sabia que os sagitarianos têm problemas com o sarcasmo? — perguntou Molly.

— Isso explicaria tudo, mas sou leonino.

— Claro, e todo mundo sabe que os leoninos são um bando de idiotas!

— Meu Deus, conversar com você é como discutir com uma pedra.

— Uma pedra é você!

Cansado das respostas de Molly, Xavier se afastou dela, sentando-se no sofá mais distante. Lentamente, Ivy balançava a cabeça, como se não acreditasse que estivessem perdendo tanto tempo com aqueles assuntos triviais. Eu não sabia o que pensar... Gabriel de fato contaria a verdade a Molly? Era improvável que meu irmão, tão resistente na hora de incluir Xavier na nossa família, aceitasse mais um membro. Devia estar desesperado.

Gabriel olhou para Xavier, como se avisasse que provocar Molly não resolveria a situação.

— Molly, vamos conversar na cozinha.

Ao passar por Xavier, ela lhe lançou um olhar de triunfo na sua direção. Mas foi muito educada com meu irmão.

— Como quiser.

Mas algo aconteceu, abalando a decisão de Gabriel. A sala começou a tremer. O chão se movia, a luz tremulava. Mesmo em espírito, senti uma enorme pressão atingindo a sala.

Ivy e Gabriel se aproximaram. Não estavam assustados, mas não entendiam o que acontecia. Xavier se levantou do sofá, passando os olhos pela sala, buscando a fonte do perigo. Ele queria lutar, todos os músculos do seu corpo estavam preparados, e seus pés prontos para saltar. Deu uma olhada nos vidros das janelas, depois examinou o ponto onde Molly estava parada, de pé, no centro de uma rachadura. Xavier correu na direção dela, calculando os riscos. Seu instinto protetor fez com que agarrasse Molly, atirando-a ao chão, o corpo dele servindo de escudo. Pouco depois, as janelas explodiram, lançando cacos de vidro nas suas costas. Molly gritou, mas os meus irmãos não se aproximaram deles. Ficaram parados feito pedras, enquanto atraíam os estilhaços de vidro, que caíam como chuva sobre eles, mas sem feri-los. Pareciam tão indestrutíveis que imaginei que nem um incêndio ou uma chuva de enxofre fariam com que se movessem. Seja lá o que estivesse por vir, não demonstravam medo.

— Protejam os olhos! — gritou Gabriel para Molly e Xavier, que continuavam estirados no chão.

Primeiro surgiram raios e trovões. Depois uma luz branca tomou conta do

ambiente, envolvendo os ocupantes. Era como se a sala tivesse se transformado numa fornalha quente e branca, mas, na verdade, a temperatura caíra pelo menos uns dez graus. Senti frio, mesmo não estando ali em carne e osso. Procurei um lugar para me esconder e me postei atrás do sofá. Um zumbido alto tomou conta do cômodo, como se fosse um canal de televisão fora do ar, porém tão intenso que invadia todos os cantos da nossa mente. Quando o anjo enfim apareceu, ele ficou de pé no centro da sala, com a cabeça baixa e as asas completamente abertas, ocupando todo o espaço disponível, de parede a parede. Suas asas lançavam uma sombra que atingia toda a sala. Uma luz irradiava de sua pele, emanando do seu corpo, escorrendo pelo chão, como um rio, onde se dissolvia. Quando ele ergueu a cabeça, vi que seu rosto era lindo, um rosto de querubim, infantil. No entanto, era possível notar algo mais perigoso, impositivo. Em sua forma verdadeira, os anjos são bem mais altos que os mais altos dos humanos, e o corpo grande e poderoso daquele anjo ficava evidente sob o manto metálico que vestia. Não parecia humano, era impossível não ficar boquiaberto. Era como se, num piscar de olhos, ele pudesse transformar tudo o que havia naquela sala em pó.

A beleza infantil contrastava com a força do seu corpo, que parecia esculpido em mármore. Os olhos brilhavam, e o rosto não demonstrava nenhuma expressão, embora parecesse estar sonhando acordado, e não frente a uma platéia embasbacada. Ele moveu a cabeça, mas parecia rígido, pois não estava acostumado à atmosfera. Seus olhos apavorantes observaram a sala, fixando-se em algo que os demais não podiam ver.

Ele me encarava, diretamente. Não precisei olhar duas vezes para saber de quem se tratava. Eu o reconheci de imediato: era o arcanjo Miguel.

Demorou, mas a terrível luz amainou.

— Estamos em segurança agora — disse Gabriel.

Logo Xavier se levantou, mas, ao ver o arcanjo, deu alguns passos para trás, pressionando o corpo contra a parede. Era como se precisasse de apoio. Mas logo endireitou o corpo, confrontando a figura à sua frente, sem desviar o olhar.

A beleza angelical costuma ser forte demais para os humanos, mas Xavier tinha certa experiência no assunto. Percebi que ele parecia estar tentando controlar a respiração, como se os pulmões não pudessem, ou não quisessem, funcionar perfeitamente. Diante de tal majestade, respirar parecia uma atividade supérflua. Molly, porém, teve uma reação um pouco mais dramática. Seus olhos ficaram arregalados, parecendo estar prestes a pular das órbitas, e suas mãos estavam coladas ao corpo. Ela deixou escapar um murmúrio estranho e caiu de joelhos, com o torso inclinado na direção de Miguel, como se estivesse sendo puxada por uma corrente invisível. Ficou algum tempo olhando para o anjo, mas, pouco depois, os olhos dela rolaram no interior das órbitas, e ela caiu no chão, desmaiada. Miguel curvou a cabeça e a observou, calmamente.

— Humanos — disse ele, por fim, numa voz que parecia reunir centenas de coros de igreja cantando em uníssono. — Sempre com a tendência a reações exageradas.

— Meu irmão — disse Gabriel, dando um passo à frente. No entanto, mesmo em sua forma humana perfeita, ele parecia insignificante ao lado de Miguel. — Que bom que você chegou!

— Surgiu uma situação estranha por aqui — respondeu Miguel. — Um dos nossos foi capturado. E tal transgressão deve ser registrada.

— Estávamos analisando todas as possibilidades. Mas, como você sabe, os portões do Inferno são muito bem-guardados — disse Gabriel. — A Aliança já chegou a alguma conclusão sobre como entrar lá?

— Não podemos dar essa informação. Os únicos que conhecem a resposta são os demônios que rastejam sob nós.

Ao ouvir isso, a raiva de Xavier parecia ainda maior. Ele deu um passo à frente.

— Organizem um exército. Vocês são fortes o suficiente para fazer isso. Vamos entrar e resgatá-la. Não pode ser tão difícil.

— O que você propõe com certeza está dentro das nossas possibilidades — respondeu o anjo.

— Então o que estão esperando?

Os olhos de Miguel repousaram sobre o rosto de Xavier. Encará-lo era assustador. Aquele anjo parecia construído de várias partes diferentes, não conectadas, mas que ainda assim funcionavam como um todo. Os olhos, por exemplo, pareciam vazios, completamente livres de emoção. Não gostei da forma como ele olhou para Xavier, como se fosse um animal, e não um ser humano.

— Os humanos parecem não temer o Apocalipse — comentou.

— Não o culpe — interveio Gabriel, rapidamente. — Ele não conhece as consequências de uma emboscada e tem laços emocionais com Bethany.

Miguel voltou a encarar Xavier.

— Ouvi falar nisso... As emoções humanas são uma força irracional. Xavier fez cara feia, e eu sabia que ele estava ressentido ao ouvir falarem dele como se fosse uma criança, alguém incapaz de enxergar as coisas de forma lógica.

— Não sabia que isso resultaria no Apocalipse — disse ele, secamente.

— Seria um terrível efeito colateral.

Miguel ergueu uma de suas delicadas e brilhantes sobancelhas ao ouvir o tom de voz dele. Ivy, que não dissera nada até então, aproximou-se de Xavier, como se quisesse apoiá-lo.

— Quais foram as instruções da Aliança? — perguntou ela.

— Localizamos uma fonte que poderia ser útil — respondeu, num tom distante. — O nome dela é irmã Mary Clare. Vocês a encontrarão na abadia de Maria Imaculada, no condado de Farihope, no Tennessee.

— E como ela poderá nos ajudar? — perguntou Xavier.

— É tudo o que podemos dizer neste momento... e desejamos sorte — respondeu Miguel, olhando para Xavier. — Aliás, se vocês querem um conselho, seria interessante ser um pouco moderado, caso queiram ser líderes entre os homens.

— Tenho outra pergunta — disse Xavier, ignorando os olhares de censura de Ivy e Gabriel.

— Diga — respondeu Miguel.

— Você acha que Beth está bem?

Miguel encarava Gabriel com uma expressão estranha. Poucos homens seriam capazes de dirigir-se diretamente a um arcanjo, muito menos fazer perguntas.

— Para o demônio, não foi nada fácil levá-la até lá. E ele nunca faria isso caso não zelasse pela vida de Bethany.

Miguel cruzou os braços sobre o peito, inclinou a cabeça e, lançando uma luz fortíssima e um estrondo, como um trovão, desapareceu. Imaginei que deixaria algo destruído pelo caminho, mas, quando a luz foi se apagando, notei que a sala fora restaurada ao seu aspecto original, exceto por um chamuscado no chão, bem no local onde o arcanjo pisara. Com Miguel longe dali, todos

pareciam aliviados e respiravam mais calmos. Embora Miguel estivesse no nosso time, sua impressionante aparência impossibilitava a calma. Gabriel se aproximou da mesa de centro para erguer o corpo de Molly do chão, tomando-o nos braços, e o deixou sobre um sofá, com delicadeza. Ivy foi buscar um pedaço de pano úmido para pôr sobre a testa da menina. Molly estava com a boca aberta, por causa do choque, mas sua respiração voltava ao normal. Gabriel pousou dois dedos em seu pulso, para verificar a pressão arterial. Convencido de que sobreviveria, ele se afastou e passou os dedos entre os próprios cabelos, pensando no conselho de Miguel.

— Uma freira? — perguntou Xavier, em tom calmo. — Como ela poderia nos ajudar? O que ela poderia nos dizer que a Aliança não pode?

— Se Miguel pediu para a procurarmos, deve haver uma razão — respondeu Gabriel. — Os humanos são muito mais conectados com o mundo subterrâneo do que nós. Os demônios vivem tentando seduzir as pessoas que moram na Terra, especialmente aquelas cuja fé está abalada. Isso é um hobby para eles. É possível que essa tal freira tenha se encontrado com forças obscuras. Devemos procurá-la e descobrir o que ela sabe.

Ivy parecia decidida.

— Isso significa que temos que ir ao Tennessee.

Nesse momento, eu estava ficando com sono. Muita coisa ocorreria, e grande parte dos acontecimentos tinha sido bem estressante. Passar tanto tempo longe da minha dimensão física estava provocando efeitos estranhos. Queria sentir o meu corpo outra vez, voltar à carne, curvar-me sobre os lençóis, mas, ao mesmo tempo, queria esperar até Molly despertar. Queria saber como ela reagiria ao que acabara de testemunhar. Ivy e Gabriel seriam obrigados a contar-lhe toda a verdade? Ela se lembraria da visita daquele glorioso desconhecido ou os meus irmãos teriam que inventar uma história, dizendo que ela havia caído e batido com a cabeça?

Ivy e Gabriel desapareceram na casa, reunindo algumas poucas coisas que levariam na viagem. E Xavier, que ficara tomando conta de Molly, sentou-se diante dela, num daqueles sofás, perdido nos próprios pensamentos, e às vezes dando uma olhada para ver como ela estava. Notei que ele suspirou e se levantou para jogar uma manta ao redor dos ombros de Molly. Sua eterna atenção e cuidado, mesmo após a recente discussão, era tocante, e senti ainda mais falta dele ao ver tudo aquilo. Xavier não guardava ressentimentos. Proteger os mais vulneráveis era algo inerente ao meu namorado e uma das características da sua personalidade que eu mais admirava.

Molly murmurou e pousou uma das mãos na cabeça. Enquanto ela acordava, Xavier a observava, atento. Ele se levantou, mantendo distância, sem querer alarmá-la. Molly abriu os olhos e esfregou-os.

— O que foi... — murmurou ela, em tom baixo, forçando o corpo a

despertar e piscando os olhos. O rosto ficou sem cor quando viu a marca deixada por Miguel no chão. Quase senti o momento em que foi tomada pela lembrança. O choque estampou-se no seu rosto, e seu queixo caiu novamente.

— Como você está? — perguntou Xavier.

— Estou bem, eu acho. O que aconteceu?

— Você desmaiou — respondeu, dizendo a verdade. — Deve ter sido por causa do estresse. Sinto muito pelo que aconteceu antes, não quero discutir com você.

Molly ficou olhando para ele.

— Você precisa me contar o que aconteceu — pediu ela. — Mesmo de olhos fechados, pude ver a luz...

Os olhos de Xavier não traíram o menor sinal de emoção. Ele observava Molly friamente.

— Acho que você devia procurar um médico. Deve ter batido com a cabeça.

Molly endireitou o corpo e olhou para ele.

— Não me faça de boba. Sei o que vi.

— Sério? — perguntou Xavier, mantendo o tom calmo. — E o que foi?

— Um homem — respondeu ela, procurando as palavras, e finalmente dizendo: — Pelo menos acho que era um homem. Era grande, muito brilhante. Estava banhado em luz e a voz dele soava como centenas de vozes, e ele tinha asas... asas enormes, como uma águia.

Com o olhar que Xavier lançara a Molly, até a mais convencida das testemunhas duvidaria. Ele trincou os dentes, ergueu ligeiramente as sobancelhas e afastou um pouco o corpo, como se Molly estivesse mesmo louca. Era um ótimo ator, sem dúvida, mas ela não engoliria fácil.

— Não me olhe assim! — gritou ela. — Você também viu. Sei que viu.

— Não sei do que você está falando — respondeu Xavier, de imediato.

— Tinha um anjo de pé bem ali — disse Molly, apontando para o local onde Miguel esteve parado. — Eu vi! E pare de dizer que estou ficando louca.

Xavier desistiu. Ele estava de pé, os braços cruzados sobre o peito e no rosto uma expressão de descrença. De repente, ficou exasperado.

— Gabriel — gritou. — Por que não vem aqui? Pouco depois, meu irmão surgiu na porta.

— Molly, bem-vinda de volta. Como você está?

— Por que você não conta o que viu a Gabriel? — perguntou Xavier. Molly duvidou por alguns instantes. Não ligava para o que Xavier pensaria dela, mas a opinião de Gabriel era importante, e não queria arriscar. No entanto, a hesitação foi momentânea e desapareceu tão rápido quanto surgiu.

— Eu vi um anjo — disse, convicta. — Não sei por que veio nem o que disse, mas sei que estava aqui.

Gabriel ficou em silêncio. Não desafiou Molly nem desmentiu a sua história. Tudo o que fez foi observá-la, erguendo a sobrancelha de leve. Embora não fosse fácil dizer o que o meu irmão pensava só olhando para o rosto sempre controlado dele, eu sabia que Gabriel tentava descobrir uma maneira de amenizar os riscos. A descoberta de Molly poderia gerar um desastre para a minha família, que já tinha conseguido carta branca para contar o segredo a um humano, pois, na época, não havia alternativa. Afinal de contas, eu revelaria o meu segredo a Xavier mesmo sem o consentimento deles. Porém, numa cidade pequena, o fato de duas pessoas conhecerem a verdade poderia gerar muitos problemas. Mas o que fazer? Molly havia visto Miguel com os próprios olhos.

Eu gostaria de estar lá naquele momento, para confortar o meu irmão, que lutava com todas as suas forças. Por isso, abracei Gabriel, mesmo em espírito, tentando transmitir apoio. Queria que ele soubesse que eu estaria ao seu lado, independente da decisão que tomasse. A culpa não era dele, mas Gabriel assumiria a responsabilidade. Miguel aparecera sem nenhum aviso, e não houve tempo para afastar Molly. Quando os arcanjos estão envolvidos numa missão, eles não se preocupam com a fragilidade dos humanos. Servem a Deus cegamente, levando a Sua palavra e a Sua vontade aos que estão na Terra. Muitos milênios antes, quando a esposa de Lot desobedeceu seu comando, foi logo reduzida a um pilar de sal. A verdade é que os arcanjos agem com total determinação, sem parar para pensar no que se interpõe em seu caminho. E Molly não foi uma ameaça para Miguel, que a encarou diretamente, e caberia a Gabriel lidar com o problema.

Fiquei pensando se, assim como eu, meu irmão estaria mudado. Viver entre humanos complica a manutenção da neutralidade divina. Sim, Gabriel continuava sendo leal ao Reino, mas tivera provas do comprometimento de Xavier e conhecia o nível da sua lealdade. Eu sabia que ele nunca trairia os Sete Sagrados, os arcanjos, mas já não era o mesmo Gabriel da época em que chegamos a Venus Cove. Antes, era um representante do Senhor e observava o mundo na perspectiva de quem vem de fora. No entanto, com o passar do tempo, começou a entender as engrenagens da Terra.

Gabriel caminhava pela sala e, antes que eu pudesse notar, seguia na minha direção. Ele parou abruptamente e percebi, pelo brilho nos seus olhos, que sentia uma vibração no ar. Queria que ele contasse aos demais que sentia a minha presença, mas conhecia o meu irmão, sabia como a sua mente funcionava. De que serviria contar a Xavier e a Molly que eu estava ali? Eles não poderiam me ver, tocar ou falar comigo. Isso só complicaria a situação. O rosto de Gabriel voltou ao normal e ele seguiu para onde Molly estava sentada, pousando um dos braços no sofá, bem ao lado dela. Molly, instintivamente, aproximou-se dele, mas Gabriel não a tocou.

— Tem certeza de que poderá agüentar a verdade? — perguntou. — Por

favor, quero que saiba que isso pode afetar a sua vida para sempre.

Molly fez que sim, encarando-o fixamente.

— Certo... O que você viu foi um anjo. Na verdade, era o arcanjo Miguel. Ele veio oferecer ajuda. Você não deve ter medo dele.

— Então foi real? — perguntou ela, num murmúrio, hipnotizada pela ideia.

— Os anjos são reais?

— Tão reais quanto você.

Molly franziu a testa, refletindo sobre a informação incrível que Gabriel acabara de lhe dar.

— Por que sou a única achando tudo o que acontece por aqui estranho? Gabriel respirou fundo. Notei a hesitação em seus olhos, mas era tarde para voltar atrás.

— Miguel é meu irmão — disse ele, em tom calmo. — Somos um mesmo ser.

— Mas vocês... — disse Molly. — Vocês não... Será?... Não estou entendendo nada.

A verdade é que Molly estava frustrada com a própria confusão.

— Molly, você se lembra de quando era pequena e seus pais contaram a você a história do Natal?

— Claro. Todo mundo se lembra disso, certo?

— Lembra-se da história da Anunciação? Poderia me contar?

— Eu... eu acho que sim — murmurou ela. — Um anjo apareceu para a Virgem Maria, em Nazaré, com uma novidade: ela teria um filho, o nome dele seria Jesus, e ele seria o Filho de Deus.

— Ótimo — disse Gabriel, assentindo e se aproximando dela. — E você se lembra do nome desse anjo, Molly?

— O nome dele? — perguntou ela, confusa. — Ele não tinha nome. Ah, espera, tinha sim... Era... era... o anjo... — Ela respirou fundo, parecia prestes a desmaiar outra vez. — O Anjo Gabriel.

— Que sou eu — disse ele.

— Não se preocupe, demorei muito para processar tudo isso — disse Xavier. Mas Molly não o escutava, apenas olhava para Gabriel, sem palavras. — Gabriel, Ivy e Beth são anjos — explicou Xavier. — Existe um mundo além do nosso, algo que grande parte dos humanos não percebe.

— Preciso ter certeza de que você entendeu — disse Gabriel. — Se for uma carga muito pesada, posso pedir a Ivy que apague as suas memórias. Mas, se quiser fazer parte disso, deverá manter a cabeça equilibrada. E nós não somos as únicas criaturas sobrenaturais. Existem outros seres muito mais obscuros do que você imagina, e eles seqüestraram Beth. Se quisermos trazê-la de volta, devemos permanecer unidos.

— Está tudo bem, Molly — disse Xavier, notando o medo estampado no

rosto daquela menina. — Gabriel e Ivy não vão permitir que nada de mal aconteça a você. Além do mais, os demônios não estão interessados na gente.

Isso atraiu a atenção de Molly.

— Demônios? O que você está querendo dizer? — perguntou ela, levantando-se do sofá. — Ninguém falou em demônios por aqui!

Gabriel olhou para Xavier e balançou a cabeça.

— Isso não está dando certo. Acho melhor chamar a Ivy.

— Não, esperem — disse Molly. — Desculpem, mas preciso de um minuto. Quero ajudá-los. Mas quem você disse que sequestrou a Beth?

— Ela foi abduzida no Dia das Bruxas por um demônio que já esteve aqui antes — respondeu Gabriel. — Achamos que ele reapareceu na sessão espírita que vocês fizeram. Talvez você se lembre... era Jake Thorn, que frequentou a Bryce Hamilton por um tempo no ano passado.

— O australiano? — perguntou Molly, coçando a cabeça, tentando se lembrar de coisas que Ivy arrancara de sua memória, como se fossem arquivos de computador.

— Britânico — corrigiu Xavier.

— Acredite em mim, você não gostaria nada de tê-lo na sua frente... — comentou Gabriel.

— Meu Deus — murmurou Molly. — Beth tinha razão sobre a sessão espírita. Por que não a escutamos? A culpa foi toda minha.

— Não há motivo para que você se culpe neste momento — disse Gabriel. — Não vai ajudar em nada. Precisamos estar concentrados, focados.

— Certo, mas o que devemos fazer? — perguntou Molly.

— Viajaremos para o Tennessee em poucas horas. Você deve ficar por aqui, sem contar nada a ninguém.

— Espere — disse Molly, outra vez se levantando do sofá. — Vocês vão viajar sem mim?

— Vamos — respondeu Xavier, e notei que ele voltava a estampar animosidade nos olhos.

— Será mais seguro que você fique por aqui — enfatizou Gabriel.

— Não — insistiu Molly. — Vocês não podem soltar uma bomba dessas e depois me deixar para trás.

— Não podemos esperar — retrucou Gabriel. — Você teria que conversar com seus pais, avisar na escola...

— E quem liga para a escola? Sempre mato aula, sabiam? — perguntou Molly, tirando o celular do bolso da calça. — Vou dizer à minha mãe que passarei uns dias na casa de Tara.

Antes que pudessem detê-la, Molly discava os números e entrava na cozinha. Escutei enquanto ela contava à mãe uma história familiar sobre Tara ter brigado com o namorado, estar triste e precisando do apoio das amigas.

— É uma péssima ideia — disse Xavier. — Estamos falando de Molly.... Ela é a maior fofoqueira da cidade. Como conseguirá guardar segredo?

Mas eu confiava cegamente no meu irmão. Mesmo preocupada ao ver Molly envolvida na história, sabia que ela poderia ser útil na hora certa.

Ivy não parecia compartilhar a minha opinião, e, pela primeira vez, testemunhei um verdadeiro racha entre ela e Gabriel. Uma porta bateu em algum ponto do corredor, e ela apareceu na sala, de repente, com uma expressão terrível no rosto. Deixou cair no chão as duas bolsas de lona que preparara. Seus olhos azuis passearam pela cozinha, depois pousaram em Gabriel. O estresse da situação parecia ter revelado um novo lado de Ivy. Minha gentil e paciente irmã fora substituída por um soldado do Reino, um serafim preparado para a batalha. Sabia que os serafins raramente ficam zangados e que é preciso muito para despertar a ira deles. E o comportamento de Ivy talvez revelasse que o meu seqüestro era mais sério do que eu imaginava.

— Essa é uma quebra de regras importante — disse Ivy, soturna, olhando para Gabriel. — Não podemos abrir espaço para novos problemas.

— Que regras? — perguntou Xavier. — Não vejo nenhuma regra por aqui...

— Os demônios nunca nos tiveram como alvo — respondeu ela. — Eles corriam atrás dos humanos, não espiavam o Céu. Mas dessa vez levaram um dos nossos, sabendo que poderíamos retaliar. Talvez estejam buscando exatamente isso: uma guerra. — E olhou para Molly. — Não será seguro para ela.

— Como já disse — respondeu Gabriel —, acho que não temos escolha.

— O fato de Molly e Bethany serem amigas de colégio não significa que podemos abandonar os procedimentos normais.

— Nada é normal nesta situação — disse Gabriel. — A Aliança não está preocupada se mais um ser humano poderia ou não descobrir a nossa identidade. Se estivessem, Miguel teria tido mais cuidado ao aparecer. Aliás, talvez você tenha razão ao dizer que algo maior está acontecendo aqui.

Ivy permaneceu cética.

— Se tenho razão, pense no que estamos fazendo. Ela será mais um peso.

— Ela é muito insistente. Não sou capaz de argumentar.

— Ela é uma adolescente e você um arcanjo — respondeu Ivy, ácida. — Imagino que tenha lidado com coisas bem piores no seu tempo.

Gabriel simplesmente deu de ombros.

— Precisamos de todos os aliados possíveis.

— Tudo bem, mas não assumo nenhuma responsabilidade por ela. Molly é problema seu.

— Por que perder tempo discutindo com Molly? — perguntou Xavier, de repente. — Não temos coisas mais importantes a fazer? Como colocar o pé na estrada e procurar essa freira?

— Xavier tem razão — disse Gabriel. — É hora de deixar nossas

diferenças de lado e lidar com o presente. Só espero que não seja tarde demais.

Ao terminar de dizer isso, Gabriel pareceu arrependido. Uma expressão de dor tomou conta do seu rosto e também do rosto de Xavier.

— Você soa como quem já desistiu.

— Não disse isso — retrucou Gabriel. — Mas é uma situação singular. Não sabemos com o que estamos lidando. Os únicos anjos que já estiveram no Inferno foram até lá por livre e espontânea vontade, virando as costas ao Nosso Pai, escolhendo seguir o caminho de Lúcifer.

— O que você está dizendo? — quis saber Xavier. — Você acha que Beth fez isso de propósito? Ela não escolheu esse caminho, Gabriel! Você esqueceu que testemunhei tudo?

Naquele momento quis dar um chute no meu irmão. Ele acreditava mesmo que eu escolhera um caminho de escuridão?

Ivy atravessou a sala rapidamente e pousou uma das mãos nas costas de Gabriel.

— O que estamos tentando dizer é que Jake não deveria ter conseguido levar um anjo para o Inferno. E, se Bethany não foi por vontade própria, devemos estar prestes a alcançar o Armagedom.

Estava ficando difícil agüentar. Minha forma espiritual parecia se desintegrar, ansiosa para voltar ao meu corpo. Mas as palavras de Ivy me faziam titubear. Seria a minha captura um sinal real de que algo terrível estava para acontecer?

Ao contrário de Xavier, não culpei Gabriel por ter dito tudo aquilo. Ele estava apenas verbalizando o que via. Era verdade, eu aceitara o convite de Jake. Sem querer, claro, mas isso não parecia relevante. Sabia que Gabriel esperava que tudo terminasse bem, mas também era parte do seu trabalho considerar todas as possibilidades. Só achava que pudesse ser mais compreensível, pelo bem de Xavier. Mas meu irmão nunca se afastava da verdade. Estava muito comprometido com ela. Xavier não entendia isso, e notei que se frustrava, pois estava acostumado a sempre ouvir uma resposta das bocas de Ivy e Gabriel, não importando qual fosse a questão. Mas daquela vez tudo era diferente, e a indecisão dos meus irmãos o assustou.

Xavier estava ficando inquieto. Sentou-se e logo voltou a se levantar. Seu corpo estava tenso, e a energia que estava contida era palpável.

— Eu a vi — disse, após uma longa pausa, falando com calma intensidade. — Vocês não estavam lá, não viram a expressão no rosto de Bethany ao perceber com quem estava. Ficou horrorizada ao ver o que acontecia. Eu queria ajudar, mas era tarde demais. Tentei salvá-la...

E a voz de Xavier falhou, embora ele continuasse agitando as mãos.

— Claro que sim — respondeu Ivy, sempre mais atenta que Gabriel ao que dizia Xavier. — Nós conhecemos Bethany. Confiamos nela. Sabemos que Jake empregou suas mais perversas táticas. Mas isso não importa agora. Jake ganhou... Ela está ao seu lado. A situação é delicada e a verdade é que não há maneira fácil de trazê-la de volta.

Gabriel estava menos inclinado a adoçar os fatos.

— Se existe uma maneira de entrar na dimensão conhecida como Inferno, não conheço. Nenhum anjo voltou desse lugar desde que Lúcifer foi preso por lá.

— Mas você comentou que deveríamos procurar um portal — disse Xavier, falando com dificuldade, tentando controlar suas emoções.

Vê-lo daquela maneira fez os meus olhos arderem. Queria abraçá-lo, murmurar que estava viva e que nem debaixo da Terra me esqueceria dele.

— Sim, eu disse isso — respondeu Gabriel. — No entanto, é mais fácil falar do que fazer.

O olhar de Gabriel era distante, e percebi que ele já não estava presente. Estava preso em seu próprio mundo de contemplação. Mesmo ouvindo-o

expressar todas as suas dúvidas, eu confiava no meu irmão. Se havia uma maneira de me resgatar, ele a encontraria.

— Não entendo. Se Jake quebrou as regras, por que nós não podemos quebrar também? — insistiu Xavier.

— Se Jake enganou Bethany, levando-a consigo, nenhuma regra foi quebrada — respondeu Ivy. — Os demônios levam séculos manipulando almas e carregando-as ao Inferno.

— Por isso temos que jogar sujo — disse Xavier.

— Exatamente — respondeu Ivy, pousando uma das mãos no seu ombro. — Mas por que você não para de se preocupar um pouco? Talvez essa viagem ao Tennessee nos dê alguma luz. O que aconteceu com Bethany, uma criatura do Senhor sendo levada ao Inferno, é algo inédito. Não temos nenhuma regra escrita sobre o assunto. Está entendendo o que quero dizer?

— Acho que poderia ser um sinal — disse Gabriel, voltando à realidade.

— Que tipo de sinal? — perguntou Xavier.

— Os poderes de Lúcifer podem estar aumentando. Isso poderia ser o indício de uma força crescente, manifestada por meio de Jake. Temos que pensar com calma. Se nos apressarmos, as coisas podem piorar. Foi por isso que Miguel pediu que procurássemos essa fonte.

— Vejam bem. Ficar sentado tomando chá não vai resolver o problema de Beth. Vocês dois podem pensar no que quiserem, mas vou fazer o que for preciso para trazê-la de volta. Se não quiserem vir comigo, posso resolver sozinho.

Xavier se levantou, e fiquei em pânico, imaginando que ele poderia fazer algo sem sentido. Mas Gabriel se moveu rapidamente, bloqueando o caminho.

— Você não vai resolver nada sozinho — advertiu Gabriel, num tom assustador. — Está entendido? Controle a testosterona por um momento e escute. Sei que você quer trazer Beth de volta, todos nós queremos, mas agir como um super-herói de história em quadrinhos não vai ajudar em nada.

— E ficar sentado como se não pudéssemos fazer nada também não. Certa vez, Beth me disse que "Gabriel" significa "Guerreiro de Deus". Por que não honra o seu nome?

— Cuidado com o que diz — avisou Gabriel, com olhos fiimegantes.

— Caso contrário...? — provocou Xavier, nervoso.

A qualquer momento, ele poderia fazer algo de que se arrependeria. Queria poder me aproximar de Xavier para dizer-lhe que Gabriel tinha razão. Por mais que eu adorasse sua lealdade e determinação, a verdade era que aquela situação não poderia ser resolvida apenas com bravura. Bem no fundo, sabia que Gabriel estava arquitetando um plano. Ou pelo menos era o que eu esperava. Tudo o que Xavier tinha que fazer era dar-lhe um pouco de tempo para pensar. Gabriel continuava bloqueando a passagem de Xavier, e seus olhos se encontraram, tensos. Foi Xavier quem deu o braço a torcer primeiro.

— Preciso sair daqui e refrescar a minha cabeça — disse, passando por Gabriel.

— Tudo bem — concordou Ivy. — Vamos esperar por você.

Eu o segui, descendo os degraus que levavam à praia. Tentei enviar raios de energia tranquilizadora, esperando que ele os sentisse, e Xavier parecia um pouco mais relaxado ao chegar à praia. Ele respirou fundo algumas vezes, aliviando a tensão. Depois caminhou até o ponto em que as águas lambiam a areia, ficando de pé, com as mãos nos bolsos, olhando para o mar. Observei cada passo que ele deu, lutando para se acalmar. Caso Xavier conseguisse se concentrar um pouco, eu talvez tivesse uma chance de demonstrar-lhe a minha presença. Tudo o que ele tinha que fazer era parar de pensar no meu desaparecimento e deixar a mente tranqüila.

Como se pudesse ler os meus pensamentos, Xavier tirou o suéter, deixando que caísse no chão. Depois tirou os sapatos, que deixou na areia, ficando de pé, vestindo bermuda e camiseta branca. Ele olhou para a praia deserta antes de começar a correr. Corri ao seu lado, animada por seu coração palpitante e respiração acelerada. Era o mais perto que me sentia dele desde a separação. Os movimentos de Xavier eram perfeitos, como os de um verdadeiro atleta. Ele sempre gostou de esportes, e soube que conseguiria aliviar a tensão ao correr. De repente, a sua mente começou a focar em outra coisa, esquecendo-se de mim. O exercício ajudava. A expressão em seu rosto era mais leve e seu corpo se movia num ritmo próprio. Observei seus músculos bem-definidos e seus ombros largos. Quase podia sentir os movimentos ágeis e seu peso sobre a areia. Não poderia dizer toda a extensão que ele percorreu, mas a Byron era apenas um ponto distante no horizonte, Xavier parou. Ele curvou o corpo, abraçando as coxas com os braços. O sol se punha, tingindo o oceano de vermelho. O peito de Xavier arfava. Ele tentava respirar com mais calma. Eu sabia que ele não estava pensando em nada naquele momento — talvez fosse a primeira vez em semanas que sua mente estava livre. Não havia tempo a perder. Tinha que agarrar aquela oportunidade. Não estávamos longe do local onde eu lhe revelara minha real identidade, abrindo as asas e saltando do penhasco. Naquele momento, compliquei sua vida para sempre. Atei a sua existência à minha, enchendo-o de problemas contra os quais ele nunca teria que lutar.

Estudei o rosto de Xavier, muito perto do meu. Podia ver sua expressão ficando mais tensa enquanto seu corpo se tranqüilizava. O exercício físico abria a possibilidade de um descanso mental para ele. Mas logo voltaria a agonia. Não podia esperar. Afastei-me um pouco. Fechei os olhos com força e me concentrei, canalizando a minha energia, tentando conjurar a minha forma física. Imaginei que a minha energia seria uma bola de fogo. Uma bola que contivesse todo o meu amor, todos os meus pensamentos, todo o meu ser. E corri. Corri em direção a Xavier, que estava olhando para o mar, com os pés semienterrados na

areia. Quando o alcancei, foi como se uma onda de energia o atingisse com força cósmica, como se o seu corpo ganhasse forma líquida e eu o pudesse atravessar. Por um milésimo de segundo, senti que as nossas essências se fundiam. Éramos um único coração, um único corpo. Mas aquele momento passou. Xavier parecia assustado ao tentar entender o que havia acontecido e instintivamente levou uma das mãos ao coração. Quase conseguia ler os pensamentos dele estampados no rosto e esperava que ele tivesse entendido bem o recado, e não imaginado tratar-se de um infarto. Ele demorou alguns minutos para processar o ocorrido, mas sua expressão finalmente se transformou: de confusão, passou a estampar a mais pura felicidade. Quando entendi que ele procurava por mim, senti que agira corretamente. Estava orgulhosa de mim mesma por ter conseguido acertar na primeira tentativa! Eram passos pequenos, mas eu conseguira — tinha feito contato.

Xavier olhou para a frente, para onde eu estava, fisicamente invisível, mas espiritualmente mais presente do que nunca. Seus olhos azul-turquesa pareciam encontrar os meus, e um sorriso começou a se formar nos cantos de sua boca.

— Beth — murmurou —, por que você demorou tanto?

As coisas mudaram para mim depois do encontro com Xavier na praia. O que havia acontecido entre nós dois era melhor do que beijá-lo, melhor do que tê-lo ao meu lado na cama. Eu me envolvi em seu coração pulsante, entrei em sua corrente sanguínea, senti os impulsos elétricos do seu cérebro. Sabia o que era uma ligação de verdade. E tinha que lutar por ela.

Até aquele momento, eu estava bem, esperando com paciência pela chegada da minha equipe de resgate. Não acreditava ter muito a fazer. Mas, como Xavier, não podia apenas esperar. Precisava tomar as rédeas da situação. Meu desejo de reencontrá-lo era forte demais. Já estava cansada de bancar a vítima. Já estava cansada de me sentir impotente. Jake me assustava, sem dúvida, mas ficar longe de Xavier para sempre me assustava ainda mais.

Por um lado, acreditava tê-lo decepcionado. Afinal, eu passava boa parte do dia na suíte da minha cobertura, comunicando-me apenas com Hanna e Tucker e fingindo estar doente para minimizar o contato com Jake, enquanto Xavier fazia tudo sozinho.

Ele pensava e planejava sem parar, deixando todo o resto de lado enquanto eu esperava, como uma donzela indefesa. Eu era forte. Era capaz de resolver os meus problemas, e era exatamente isso o que faria. Mas não conseguiria sozinha.

— Tuck, mudança de planos — informei assim que ele entrou. — Preciso de sua ajuda.

Tucker remexeu os pés, desconfortável.

— Não estou gostando do seu tom de voz...

Eu não tinha certeza absoluta de que podia confiar nele tão cedo, mas não me restou escolha.

— Quero procurar um portal. Tucker suspirou.

— Acho que sabia que era isso o que você ia me pedir. Mas, Beth, é quase impossível encontrar um portal. Apenas alguns demônios de primeiro escalão sabem onde eles estão localizados.

— Sou um anjo, Tuck — insisti. — Pode ser que eu tenha um detector embutido ou algo que possa nos ajudar. Nunca se sabe.

— Admiro a sua autoconfiança — disse Tucker, fazendo uma pausa antes de concluir —, mas quero que saiba que já saí umas mil vezes à procura de portais e nunca encontrei nenhum.

— Talvez tenhamos sorte dessa vez. — Sorri.

— Gostaria de ajudá-la — Tucker contorceu-se. — Mas se formos pegos, não é o seu couro que eles vão arrancar.

— Então, não seremos pegos.

— Não é tão simples assim.

— E, sim — insisti. — E, se der errado, vou dizer que foi tudo ideia minha, que forcei você a me acompanhar.

Tucker suspirou.

— Acho que podemos tentar.

— Ótimo. Agora me diga onde esses demônios de primeiro escalão ficam.

— Sei que vou me ferrar caindo na sua conversa — disse Tucker. — Mas, tudo bem, vamos nessa. Só quero saber como vamos sair sem sermos vistos. O hotel inteiro está sendo vigiado, e eles estão em cima de nós como gaviões.

— Tenho uma ideia.

Deitei de bruços na cama e estiquei o braço para pegar o telefone de serviço do criado-mudo. Nunca o utilizara antes, por isso a pessoa do outro lado pareceu um pouco surpresa.

— Boa noite, senhora — disse a mulher da recepção. — Em que posso ajudá-la?

— Por favor, gostaria de ligar para o quarto do sr. Thorn — pedi com educação. — Preciso conversar com ele.

Ouvi um breve farfalhar de papéis.

— Sinto muito, mas o sr. Thorn está numa reunião — disse a mulher sem alterar o tom de voz. — E pediu para não ser incomodado.

— Diga a ele que é Bethany Church na linha, por favor — disse.

— Espere um minuto, por gentileza.

O tom da atendente mudou completamente quando ela voltou. Dessa vez, ela me tratou como se eu fosse uma celebridade.

— Peço desculpas, srta. Church — disse ela de modo adulator e ofegante.

— Vou transferir a ligação agora mesmo.

O telefone tocou duas vezes, e escutei a voz ronronante e sedosa de Jake.

— Olá, querida. Já está com saudade?

— Talvez — disse com bom humor. — Mas não foi por isso que liguei. Quero pedir permissão para fazer uma coisa. — Não era só Jake que sabia jogar charme.

— Está brincando, Beth? Desde quando você me pede permissão para alguma coisa? Até onde sei, você sempre faz o que quer.

Tentei fazer uma voz meiga e suplicante.

— Percebi que o clima está ruim entre nós. Não quero deixar as coisas piores.

— Sei. — Jake parecia desconfiado. — Do que você precisa?

— Estava pensando em visitar as boates — disse da maneira mais desprezível que consegui. — Sabe, queria conhecer os frequentadores e o local.

— Quer ir para a balada? — Jake estava surpreso. Eu sabia que o pedido o pegaria desprevenido.

— Não é bem isso. Só acho que estou dentro deste quarto de hotel há muito tempo. Preciso fazer alguma coisa para não enlouquecer.

Jake ficou em silêncio enquanto analisava o meu pedido.

— Tudo bem. Mas não vá sozinha — disse ele por fim. — E estou fazendo algo importante agora. Posso passar aí daqui a algumas horas?

— Na verdade, Tucker se ofereceu para ir comigo.

— Tucker? — Jake riu alto. — Ele não vai ter grande serventia a você na pista de dança.

— Eu sei — respondi. — Mas ele pode ser uma companhia. — Abaixei o tom de voz, tornando-a familiar e certa. — Só quero saber se você acha que eu... sabe como é... se estarei segura com ele. Não o conheço muito bem, não somos amigos. — Lancei um olhar penitente a Tucker. — Você acha que ele vai cuidar de mim? Que não vai me machucar?

Jake riu baixo, como uma ameaça.

— Você não corre risco algum com Tucker. Ele não vai permitir que nada lhe aconteça, porque sabe que, se alguma coisa acontecer, acabarei com ele.

— Tudo bem — disse, tentando esconder a raiva. — Se você confia nele, então também confio.

Jake pensou um pouco.

— Espero que você não esteja pensando em fazer nada idiota.

— E, se eu estivesse, pediria permissão antes? — suspirei longamente, esperando que parecesse uma expressão de decepção. — Olha, não se preocupe com isso, vou ficar aqui. Não estou mais a fim de sair, mesmo.

— Não, você deveria ir — insistiu Jake, tentando não me irritar. — Você precisa conhecer esse lugar se um dia pretende chamá-lo de lar. Vou avisar aos seguranças que você vai sair.

— Obrigada. Não vou voltar tarde.

— Acho melhor que não demore mesmo. Nunca se sabe quem se pode encontrar.

— Vou ficar bem — disse rapidamente. — Todo mundo já sabe que sou sua.

— Que bom escutar você dizer isso, finalmente.

— Não há motivos para negar.

— Fico feliz por ver que você está cedendo. Sabia que faria isso com o tempo.

A voz dele estava baixa, e ele parecia satisfeito de verdade. Assustava a maneira como ele havia construído o nosso relacionamento em sua mente — ele criava ilusões o tempo todo. Quase tinha vontade de ajudá-lo, mas sabia que já era tarde demais.

— Não vou prometer nada, Jake. — Deixei claro. — Só vou sair um pouco.

— Entendi. Divirta-se.

— Vou tentar. Ah, e a propósito, gostaria de ir a algum lugar mais apresentável do que o da última vez. Alguma sugestão?

— Bethany, você sempre me surpreende... vá à Maldição. Avisarei que está indo para lá.

Desliguei o telefone e lancei um sorriso de satisfação a Tucker. Não poderia estar mais satisfeita com meu desempenho nem se tivesse acabado de escalar o Everest.

— Ele caiu na história? — Tucker estava surpreso.

— Mordeu a isca direitinho.

— Tenho que admitir: você mente melhor do que pensei.

— Eu me saí bem, né? — Levantei da cama e fui direto para a porta, louca para sair daquela suíte sufocante.

— Hum... Beth... — Tucker me deteve e analisou as minhas roupas. — E melhor você não ir a uma boate vestida desse jeito.

Olhei para o meu vestido de flores e suspirei. Tucker tinha razão. Precisava vestir algo adequado. Procurei entre os outros itens do meu guarda-roupa. Não havia nada que chegasse perto do que precisava.

Estava começando a me sentir frustrada quando alguém bateu à porta. Tucker a abriu, e ali estava Asia segurando um cabide com uma roupa e um kit de maquiagem. Ela entrou no quarto, sorrindo de orelha a orelha e não procurou disfarçar o fato de estar sendo coagida. Trajava um minivestido de couro com um corpete de renda e botas vermelhas até a coxa. Sua pele tinha cor de café com leite, e ela usava uma camada de maquiagem que a tornava brilhante.

— Jake me mandou vir — informou ela com a voz rouca. — Ele achou que você precisaria de ajuda para se aprontar. Acho que estava certo. — Ela jogou a roupa em cima da cadeira mais próxima. — Isto deve ser do seu tamanho. Vista, e daremos um jeito no resto. — Ela olhou para mim como se eu fosse um caso perdido. Antes de eu conseguir dizer alguma coisa, Asia já estava me levando ao banheiro. De costas para ela, rapidamente vesti o vestido-bandagem preto e branco que ela me entregou e calcei os saltos com pedrinhas de cristal e laços na parte de trás. Franzi o cenho quando Asia enfileirou os pós compactos e as escovas gigantes em cima do balcão de mármore. Sabia que ela não perderia seu tempo comigo se Jake não tivesse dado ordens expressas.

— Oh, querida — gemeu ela. — Se quer ir às boates, precisa se vestir direito. Não pode aparecer lá como uma escoteira.

— Vamos acabar logo com isso — resmunguei.

— Por mim, tudo bem — Asia sorriu e apontou um curvex para mim como se fosse uma arma letal.

Quando saí do banheiro, estava irreconhecível. Todas as ondas e cachos

naturais dos meus cabelos tinham sido alisados, minha boca ostentava um batom cor de cereja e as pálpebras estavam cobertas por sombra azul-cintilante. O pó cor de bronze cobria a minha face, dando à pele naturalmente pálida uma aparência bronzeada. Nas orelhas, usava brincos em formato de leques gigantes, e os cílios postiços que Asia havia colado sobre os meus faziam cócegas quando eu fechava os olhos. Ela até mesmo maquiou as minhas pernas com um bronzeador instantâneo, e fiquei com o cheiro de um coco gigante.

Minha transformação deixou Tucker sem fala.

— Beth, é você aí embaixo? — perguntou ele. — Você está... hum... muito...

— Pare de babar, caipira — repreendeu Asia. — Vamos.

— Você vai? — perguntou ele.

— Claro. Por que não? Algum problema para você? — Os olhos de Asia se estreitaram com suspeita.

— Problema algum — disse Tucker. Ele olhou para mim como se quisesse dizer que aquela só podia ser ideia de Jake para se garantir.

Quando nós três saímos da suíte da cobertura e descemos ao lobby, todos pararam para nos observar.

Minha roupa nova podia não ser adequada para um anjo, mas fez com que me sentisse mais bem-preparada para lidar com os perigos que podiam estar me esperando nos túneis escuros de Hades. Estava ansiosa para chegar logo e começar a busca por portais obscuros. Conhecia os riscos, mas não estava com medo. Parecia que ficara no escuro, literal e metaforicamente, durante semanas.

Ignorei os sorrisos de aprovação dos funcionários do hotel quando saímos pela porta giratória. Estava aprendendo com rapidez que bons modos e simpatia não eram o caminho a seguir se quisesse ganhar respeito em Hades. Do lado de fora, um porteiro uniformizado tirou o chapéu e fez sinal para uma limusine preta e comprida que chegou silenciosamente para nos pegar.

— O sr. Thorn mandou que um carro viesse buscar vocês — anunciou o porteiro.

— Muito delicado da parte dele — comentei, com má vontade, ao me acomodar no banco de trás com Tucker. Mesmo quando não estava presente, Jake gostava de manter o controle da situação.

Asia sentou-se na frente. Aparentemente, ela e o motorista se conheciam e conversaram brevemente sobre conhecidos em comum.

Por trás da separação de vidro fumê, Tucker e eu escutamos partes abafadas da conversa.

— Fique por perto na Maldição — aconselhou Tucker. — Soube que os frequentadores do local são bem interessantes. — Não pedi a ele que definisse interessante. Descobriria sozinha.

O bairro das boates de Hades era bem diferente de onde o hotel Ambrosia estava localizado. O hotel parecia estar numa área mais distante, e o bairro das boates era um labirinto de túneis com portas de metal em paredes de concreto. Os leões de chácara pareciam clones uns dos outros, com o corte de cabelo estilo militar e rostos sem expressão. A maneira como a música se espalhava com seu ritmo marcado dava a sensação de que o lugar tinha batimentos cardíacos. O efeito era claustrofóbico.

A boate Maldição ficava a certa distância das outras, acessível por meio de um túnel separado. Quando Asia mostrou o ingresso, percebi que a entrada era apenas para convidados. Lá dentro, entendi o motivo. A primeira coisa que notei foi o cheiro de cigarro caro no ar. A Maldição estava mais para uma casa de jogos do que para uma boate, onde a elite de Hades podia gastar seu tempo. Os principais clientes eram demônios de primeiro escalão de ambos os sexos.

Todos se moviam com a agilidade de panteras e pareciam se preocupar com coisas fúteis, o que ficava evidenciado pelas roupas glamorosas. Nem todos eram demônios. Pude ver que alguns eram seres humanos — não almas, mas de carne e osso, como Hanna e Tucker. Compreendi, sem ter que perguntar, que eles estavam ali pelo simples propósito de agradar a seus mestres. A decoração da boate, com um toque barroco, era drástica e sugeria a opulência de uma era havia muito terminada: estátuas clássicas, pilares de mármore, cadeiras muito bem-revestidas com veludo preto, cortinas de seda e espelhos entalhados e decorados em todas as paredes. Reconheci a música que tocava nos alto-falantes do teto. Já a havia escutado no carro de Xavier, apesar de parecer bem mais adequada na boate: *I see the bad moon arising/ I see trouble on the way/ I see earthquakes and lightnin'/ I see bad times today.*

Alguns convidados se sentaram em pequenas mesas com abajures com franja, bebericando coquetéis e assistindo a dançarinas de pole dance vestindo o que pareciam peças de lingerie com contas. Na mesa do centro, os mais abastados entretinham-se com diversos jogos. Reconheci os jogos mais famosos, como pôquer e roleta, mas outro, chamado de Roda da Sorte, me deixou curiosa, a princípio. Cerca de meia dúzia de jogadores estava sentada ao redor de uma mesa olhando para pequenas telas de computadores. As telas mostravam muitas pessoas numa pista de dança. Cada dançarina parecia estar representada por um ícone diferente na roda. O funcionário girava a roleta, e o jogador ganhava se ela parasse no ícone escolhido. Aquilo teria passado despercebido se eu não tivesse visto a tortura que aguardava as dançarinas no salão.

Não havia nada de secreto nem clandestino a respeito dos clientes da Maldição. Comportamentos que poderiam ser considerados questionáveis na Terra eram abertamente ostentados ali. Casais exibiam-se no que poderia ser descrito como preliminares e despudoradamente aspiravam carreiras de pó

branco sobre balcões e tomavam pílulas como se fossem balas. Alguns demônios eram grosseiros ao lidar com os humanos, e o assustador era que as pessoas pareciam gostar de ser maltratadas. A ausência total de parâmetros morais era de dar nojo.

Comecei a me questionar se deveria ficar ali ou se deveria procurar informações a respeito dos portais. A autoconfiança do começo estava desaparecendo.

— Agora já não sei se foi uma boa ideia — comentei, tremendo. Tucker respondeu algo que não consegui escutar com o som da música. Todos se viraram para mim quando entrei, apesar da tentativa de passar despercebida e ser discreta. Alguns demônios chegaram até a farejar o ar, como se conseguissem sentir que eu não pertencia àquele local. Os que estavam mais próximos se aproximaram ainda mais, com os olhos de predadores brilhando. Tucker passou o braço pelos meus ombros e me guiou na direção do bar, onde me sentei num banquinho, agradecida pela presença protetora dele.

Asia pediu doses de vodca. Ela bebeu a dela num instante e bateu o copo no balcão enquanto eu tomava pequenos goles da minha bebida.

— Isso não é muito educado, amiga — disse ela. — Está tentando chamar atenção ou o quê?

Lancei a ela um olhar desafiador e joguei a cabeça para trás, engolindo de uma vez só o líquido do copo. A vodca não tinha gosto, mas passou pela garganta como fogo líquido. Segui o exemplo dela e bati o copo vazio de modo triunfante, percebendo então que aquilo era um sinal para que o barman voltasse a enchê-lo. Não toquei no segundo copo. Já estava alterada, e Tucker olhava fixamente para mim. E então Asia, do nada, disse algo que nos pegou de surpresa.

— Acho que posso ajudá-los a encontrar o que procuram.

— Estamos aqui apenas para nos divertirmos — disse Tucker quando se recuperou.

— Claro que sim. Dá para ver na cara de vocês — Asia riu. — Corta essa, Tucker, você está falando comigo. Sei o que querem e talvez tenha um contato que possa dar alguns conselhos a vocês.

— Você está nos ajudando? — perguntei com sinceridade. — Por quê? O tom de Asia na resposta foi condescendente.

— Bem, preferiria não ajudar vocês, mas Sua Majestade parece estar apaixonado como um menininho, o que alguns considerariam uma vergonha total. Acredito que é minha tarefa, como leal súdita, fazer o que puder para ajudá-lo a se recuperar. E acho que a melhor maneira de fazer isso...

— E tirar Beth daqui de uma vez — Tucker terminou a frase para ela, como se fizesse perfeito sentido.

— Exatamente. — Asia se voltou para mim: — Pode acreditar: nunca faço nada que não me beneficie e, neste momento, adoraria ver você bem longe.

De preferência, antes que um dano de verdade seja causado ao Terceiro Círculo.

Eu lembrei que Hanna havia mencionado o Terceiro Círculo quando cheguei, mas não entendi por que ele corria riscos.

— Do que você está falando? — perguntei.

— Asia está se referindo à facção rebelde que quer derrubar Jake — explicou Tucker. — Eles acreditam que ele está negligenciando suas tarefas, ultimamente.

— Não acredito — comentei. — Como uma facção de demônios pode armar contra seu líder?

Asia revirou os olhos.

— Jake não é apenas um demônio, ele é um anjo caído. É um dos Originais, aqueles que caíram com o Grande Pai desde o começo. Há oito deles, os Oito Príncipes dos Oito Círculos. E, claro, o próprio Lúcifer preside o nono... o círculo mais quente do Inferno.

— Então, só existiam oito demônios originais — concluí lentamente —, e todos os outros devem ter sido criados por eles.

— Uau! — disse Asia, com ironia. — Você não é só um rostinho bonito, afinal. Sim, os Originais são os donos do espetáculo. Os outros demônios não têm controle de fato, são dispensáveis, nada além de abelhas operárias. Os preferidos são escalados para as câmaras de tortura ou são convidados para dormirem com os detentores do poder. As vezes eles se unem para tentar destronar um dos Originais. É claro que sempre fracassam.

— E se eles fossem descobertos? — perguntei.

— Jake mataria todos eles.

— Não há nada que os Originais não fariam para protegerem a si mesmos — completou Tucker. — Jake, principalmente.

— Então, como essa facção rebelde planeja destituí-lo? — perguntei.

— Eles não fazem muita coisa — Asia deu de ombros. — São idiotas, em grande parte, esperando uma chance de prejudicar o poder dele.

— Pensei que você fosse a maior incentivadora de Jake — comentei, tentando manter o tom de voz normal. Talvez pudéssemos negociar com Asia, afinal. — Por que não contou a ele sobre isso?

— É sempre bom omitir certas coisas.

— Os rebeldes estão irritados com Jake por minha causa? — perguntei.

— Sim. — Asia levantou as mãos. — Eles expressaram preocupação, mas Jake não quer escutar. — Ela sorriu para mim. — Acho que gosto não se discute.

— Você não está correndo perigo tentando nos ajudar?

— Nunca ouviu falar que "nem o Diabo agüenta uma mulher rejeitada"? Digamos que meu ego esteja ferido.

— Pode nos contar o que sabe sobre os portais? — perguntou Tucker.

— Não disse que sabia alguma coisa. Mas há alguém que pode saber. O

nome dele é Asher.

Uma cortina pesada numa parede dos fundos levava a um caminho onde um demônio trajando um terno italiano esperava por nós. Asher tinha trinta e poucos anos. Era alto, tinha cabelos pretos bem curtos e o rosto de um imperador romano. Tinha um redemoinho que fazia uma mecha cair-lhe sobre a testa e havia marcas nas bochechas. Mastigava um palito de dente, sem saber que parecia um gângster de filmes do gênero. Seu nariz era levemente curvo e tinha os mesmos olhos de predador que o identificava como um demônio.

Estava recostado na parede, mas deu um passo para a frente quando nos viu. Olhou para mim de cima a baixo, com a curiosidade logo substituída pela reprovação.

— Essa roupa não engana ninguém, querida — disse ele. — Você não é daqui.

— Bem, pelo menos concordamos em algo — respondi. — Você está com os rebeldes?

— Pode apostar que sim — disse Asher. — E tenho exatos dois minutos para escutar vocês. O que você procura não vai encontrar neste bairro. Os portais assumem muitas formas, mas aquela sobre a qual mais escuto falarem fica nas Terras Miseráveis, do outro lado dos túneis.

— Não sabia que havia algo além dos túneis.

— É claro que há — continuou Asher. — Nada vivo, é claro. Apenas almas perdidas vagando até os perseguidores as arrastarem de volta.

— Como vamos reconhecê-lo?

— O portal? Procure pelo tufo de galhos e folhas secas que balança de um lado para o outro pelas Terras Miseráveis. Ao saírem daqui, sigam na direção sul e continuem. Saberão quando encontrarem... se chegarem até lá.

— Como poderemos saber se você é confiável? — perguntei.

— Quero ver Jake ferrado assim como vocês. Ele nos trata como lixo, e estamos cansados disso. Se ele perder sua conquista logo, seus poderes serão desafiados, e talvez tenhamos uma chance de destituí-lo.

Vi Asia revirar os olhos atrás de Asher e tentei imaginar se o plano funcionaria. Não parecia que a autoridade de Jake seria questionada logo. Tucker assentiu em agradecimento e segurou o meu braço, guiando-me de volta pela boate. Acreditei que ele sabia como encontrar as Terras Miseráveis e o segui obediente.

Antes de sairmos da Maldição, avistei Asher de novo. Ele estava no bar conversando com Asia e inclinando-se para a frente. Vi quando ele passou a língua na orelha dela e a mão na sua coxa e entendi como ela havia conseguido a informação.

Percebi a falta de confiança ou lealdade daquele lugar. Tudo era construído em cima de mentiras e decepção. Era impossível saber quem

trabalhava com quem, dormia com quem ou manipulava quem.

Naquele momento, concluí que, mesmo que vivesse uma vida de luxo como rainha de Jake, nunca sobreviveria ali.

Você deveria voltar — disse a Tucker enquanto caminhávamos pelos túneis escuros. — Foi ideia minha. Não deveria metê-lo nisso. Pode dizer ao Jake que desapareci. Asia vai confirmar a história.

Quando disse aquilo, eu já sabia que era tarde demais para Tucker voltar. Se chegasse ao hotel Ambrosia sem mim, Jake lançaria sua fúria sobre ele.

Ele também devia saber disso.

— Você não vai para lá sozinha — disse simplesmente.

— Não permitirei que Jake machuque você. Aconteça o que acontecer.

— Não vamos pensar nisso agora.

Tucker começou a caminhar na minha frente. Não pude fazer nada além de segui-lo.

Não nos afastáramos muito do bairro da boate quando o terreno começou a mudar drasticamente. O ar, de repente, tornou-se abafado, e a paisagem ficou erma como a de um deserto. Era como se a cor e a vida tivessem sido sugadas dali, deixando apenas uma casca vazia. A névoa pairava acima de nossas cabeças, bloqueando o que ali era considerado o céu. Já havíamos saído dos túneis apertados, mas ainda estávamos presos numa estranha dimensão sem começo nem fim. A pior parte era o som constante: ao nosso redor, a atmosfera era tomada pelos uivos abafados de almas perdidas e andarilhas. Consegui sentir a presença delas, que passavam por nós, como uma onda de calor no ambiente já aquecido. Não as via de fato, pois não passavam de um tremeluzir passageiro no ar, mas sabia que existiam e que nada podia pôr fim a seus gritos sobrenaturais. Uma sensação horrível e sufocante de desolação tomou conta de mim, como se minha alma estivesse sendo puxada para fora do corpo. O coração passou a bater mais depressa e senti um desejo enorme de parar. Tucker segurou a minha mão e apressou o passo.

— Estou cansada, Tuck.

— Não pare agora — sussurrou ele. — O local tem esse efeito nas pessoas. Precisamos continuar andando.

As Terras Miseráveis não pareciam afetar Tucker da mesma maneira que afetavam a mim. Talvez porque o tempo passado em Hades tivesse dado imunidade a ele. Ou talvez porque eu era um anjo e conseguia sentir o desespero de todas as almas ao meu redor.

— Se demormos, os perseguidores terão mais chance de sentir o seu cheiro — completou ele.

Eu me esquecera totalmente deles. Sabia que, como anjo, emanava o odor forte de chuva, que podia ser camuflado na atmosfera brumosa das boates, mas

que seria inconfundível ao ar livre.

— Você vai me contar quem são os perseguidores? — Ainda estava tendo dificuldades para regularizar a respiração. Tucker olhou para mim e balançou a cabeça.

— Não agora.

— Por favor — pedi. Parecia que Tucker assumira a liderança desde a saída do hotel, e não queria abandoná-la. — Ficarei melhor se souber.

Ele suspirou.

— Os perseguidores caçam almas que perambulam nas Terras Miseráveis. — Ele foi sucinto na explicação, como se já estivesse ocupado demais para conversar.

— As almas voltam para as boates? — perguntei com ingenuidade.

— Não é bem isso.

— Elas são lançadas à cratera, não é? Tudo bem, Tucker, eu já vi. — Estava prestes a continuar, pedindo a ele que parasse de tentar me poupar da realidade cruel, mas Tucker parou na minha frente e tapou a minha boca com a mão.

— Escutou isso? — perguntou ele.

— O quê?

— Escute.

Ficamos em silêncio por um momento até eu conseguir escutar o som que fizera Tucker parar. Era uma voz, ofegante e estridente, como se pertencesse a uma menina. Estava chamando o meu nome.

— Bethany! — chamava. — Bethany, sou eu. — A voz infantil ficou mais próxima.

Esperei com a respiração entrecortada quando uma rajada de vento quente passou por mim. Tucker abaixou o braço.

— Quem é você? — perguntei assustada. Senti uma presença no vento acariciando-me com dedos afilados.

— Você não se lembra de mim? — A voz soou lastimosa e ainda assim havia um tom estranhamente familiar nela.

— Não conseguimos ver você — disse Tucker, com coragem. — Saia das sombras.

— Está tudo bem — incentivei. — Não vamos feri-la. Estamos do seu lado.

Observei, boquiaberta, quando uma menina surgiu da névoa serpeante e começou a tomar forma diante de mim. A princípio, ela era apenas um contorno, como o rascunho apressado de um artista que ainda não tinha sido finalizado, mas, conforme foi ganhando foco, e eu observei mais de perto, percebi logo quem era. Os cabelos finos e loiros, o nariz arrebitado, os lábios formando um biquinho eram muito familiares. Os cabelos estavam oleosos e o

rosto magro, mas não havia como não reconhecê-la. Os olhos azuis continuavam luminosos, e o brilho deles contrastava com a sujeira em seu rosto. Ela olhou para mim com tanto desespero que senti a tristeza entrar no meu corpo e pensei que morreria de pesar.

— Taylah — sussurrei. — E você? O que está fazendo aqui?

— Posso fazer a mesma pergunta. — Ela sorriu sem perceber.

Taylah estava vestida de modo muito parecido com o estilo que adotava em vida, uma blusinha e shorts jeans justos. Estava descalça e, pela poeira, consegui ver as unhas dos pés com esmalte descascado.

— Você também foi seqüestrada? — perguntei. — Jake trouxe você para cá?

Taylah negou com um movimento de cabeça.

— Fui julgada, Beth — disse ela com delicadeza. — E minha alma foi mandada para cá.

— Mas como? — perguntei num sussurro rouco. Era difícil entender o que ela dizia.

— Quando morri no chão do banheiro das meninas, escutei vozes ao meu redor. Elas estavam analisando os meus pecados, calculando as minhas boas ações. E então eu estava caindo.

Quis perguntar o que havia acontecido no passado para ser atirada no Inferno, mas não consegui articular as palavras. Teria sido uma falta de tato extrema. Mas sabia que devia ser um erro. Taylah era apenas uma menina. Podia ser fútil, traiçoeira e competitiva às vezes, mas não eram crimes hediondos. Consequia ser cruel com quem não vivia em seu mundo purpurinado de bronzeamento e pilates, mas eu também já testemunhara sua bondade. Não conseguia imaginá-la fazendo algo muito imoral.

— Sei o que você está pensando — disse ela, com vergonha. — Está tentando entender o que fiz para vir para cá.

— Você não precisa me dizer nada, Tay.

— Não, tudo bem — disse ela. — Estou aqui porque nunca me ensinaram a acreditar em nada. Não sabia o que era importante na vida. — Ela hesitou, com os olhos azuis inquietos. — Só me importava em me divertir; nunca me importei com nada real. Pequei e nunca me arrependi.

Fitei-a esperando ouvir mais, porém ela precisou de alguns minutos para ter coragem de falar de novo.

— Fiz algo terrível. Bem, não fiz, de fato, mas fiquei observando acontecer.

— O que você deixou acontecer? — perguntei.

— Há alguns anos, houve um atropelamento em Venus Cove, e o pequeno Tommy Fincher morreu, e o culpado não prestou socorro. O menino estava brincando de pega-pega na rua. Todos os jornais noticiaram, mas não

encontraram o motorista culpado. Tommy tinha só dez anos. Os pais dele nunca superaram a perda.

— E o que tudo isso tem a ver com você?

— Eu estava lá quando aconteceu.

— Como? Por que você não contou o que viu? — Eu estava confusa.

— Porque o motorista era meu namorado, na época. Ele estava bêbado. Não devia ter permitido que ele assumisse o volante... — contou de modo triste.

— Você escondeu isso por ele. Por quê?

— Ele estava no último ano da escola, e eu tinha 15 anos. Ele dizia que me amava. Todas as meninas da escola sentiam inveja. Era tão obcecada por ele que não sabia distinguir o certo do errado.

Não soube o que lhe dizer. O pecado da omissão era um crime grave. Algumas pessoas acreditavam que uma testemunha que encobria uma injustiça era tão culpada quanto o infrator em si. A única desculpa de Taylah era a imaturidade e inexperiência. É claro que isso não fora suficiente para livrá-la da punição.

— O que aconteceu com o cara?

— Toby e eu terminamos alguns meses depois, quando a família dele se mudou para o Arkansas.

— Por que você não contou depois?

— Pensei em fazer isso, mas perdi a coragem. E o menino não ia voltar mesmo. Fiquei mais preocupada com a minha reputação.

— Oh, Taylah. Que pena que você não teve ninguém para ajudá-la com isso. Você deve ter se sentido muito sozinha.

Ela estava muito diferente da menina que eu havia conhecido. A Taylah de antes se preocupava demais com os cabelos para dar atenção ao que era certo ou errado. Quando ela encontrou a luz, já era tarde demais.

— Você quer saber como me dei conta de que estava no Inferno, ou em Hades, como o idiota real gosta de dizer? — continuou ela. — Não foi por causa das chamas nem da tortura. Percebi onde estava por causa da ausência total de amor. Você não pode ficar aqui, Beth. Este local é repleto de ódio. Você acaba odiando a todos, mas, acima de tudo, odeia a si mesma. O lugar consome qualquer um.

— Você não tem medo de ficar aqui sozinha? — perguntou Tucker.

— Acho que tenho — Taylah deu de ombros. — Mas precisei enfrentar e fugir. Não agüentava mais as boates... ser atacada pelos demônios como um pedaço de carne.

As palavras dela serviram de lembrete a Tucker, que demonstrava nervosismo, olhando para os lados.

— Precisamos continuar.

— Venha conosco — chamei, sem querer me despedir dela de novo tão

rápido.

Passamos pelas ermas Terras Miseráveis. Taylah caminhava ao nosso lado, desaparecendo às vezes e reaparecendo atrás de uma parede de névoa.

Enquanto caminhávamos, eu me lembrei de um trecho da Bíblia:

Também da fumaça saíram gafanhotos para a terra (...) e foi-lhes dito que não causassem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma, e tão somente aos homens que não têm o selo de Deus sobre a fronte.

A ira divina agia rapidamente. A juventude e a falta de compreensão não isentavam uma pessoa do juízo. De repente, meu propósito na Terra ficou muito claro.

— Então você é um anjo, não é? — perguntou Taylah. — Deveria ter imaginado, com toda essa pureza.

— Como soube? — perguntei.

— Não sabia quando estava viva. Mas consigo sentir a sua presença agora. E, além disso, dá para perceber pelo seu brilho.

— Você não parece surpresa.

— Nada mais me surpreende.

Não soube o que dizer, por isso, mudei de assunto.

— Molly sente a sua falta. — Taylah sorriu com tristeza.

— Como ela está? Também sinto falta dela.

— Está bem. Era mesmo você na noite do Dia das Bruxas?

— Era — assentiu Taylah. — Estava tentando alertar você. Mas não deu muito certo. Você está aqui agora.

— Sabia o que ia acontecer? — perguntei.

— Não sabia muito bem, mas sabia que estavam preparando algo de ruim na sessão espírita — disse ela. — A Abby é uma idiota, ela não sabia onde estava se metendo.

— Não seja tão dura com ela. Abby se arrependeu assim que percebeu. Como soube que tinha que vir?

— Escutei boatos de que um portal havia sido aberto em Venus Cove. Sabia que isso só podia ser problema, por isso tentei alertar você. Acho que estraguei as coisas.

— Não estragou, não — afirmei. — Você tentou.

— Qualquer pessoa pensaria que um anjo não mexeria com coisas assim — resmungou ela, mais parecida com a Taylah de antes.

— Você tem razão. Eu deveria ter insistido mais.

— Oh, não seja tão sentimental. Você sabe que é considerada uma espécie de lenda aqui. Todos ficaram sabendo do lance de você ter arrasado o Jake e de seu irmão tê-lo banido para o submundo. Desde então, ele está esperando por

uma chance de voltar.

— Alguém conhece o fim dessa história? — perguntei com a voz rouca.

— Não — respondeu Taylah. — Isso é o que todos estamos esperando descobrir. Espero que você volte para o Xavier.

— Eu também — respondi.

A área de terra rachada diante de nós parecia não ter fim. Apenas alguns pedregulhos ou cactos solitários mudavam a paisagem.

— Não há nada aqui — disse Tucker, desistindo. — Acho que deveríamos voltar.

— Não podemos — protestei. — Asher disse que existe um portal aqui. Precisamos continuar procurando.

— Não precisamos encontrá-lo hoje. Perdemos só uma batalha, não a guerra inteira.

— Não seja tolo — repreendeu Taylah, com a sinceridade de sempre. — Quero que vocês desapareçam daqui.

— Quando terei outra chance? — perguntei num lamento.

— Não sei. — Tucker parecia chateado. — Mas estamos aqui há muito tempo, estamos dando sorte para o azar.

O gosto da derrota era amargo. Chegamos tão perto, mas ao mesmo tempo não chegamos a lugar algum. Arriscamos tudo sem conseguir nada. Apenas por estar preocupada com Tucker, deixei que ele me convencesse a voltar. Jake podia estar bravo comigo, mas o pior que faria seria reforçar a segurança para que eu nunca mais colocasse o pé para fora da cobertura. Com Tucker, a história seria diferente. Jake o mantinha por perto para se divertir com crueldade, mas eu sabia que ele considerava Tucker descartável. Já tínhamos dado meia-volta quando percebi que algo no ar havia mudado.

— Esperem! — gritei, esticando o braço para segurar a manga da blusa de Tucker.

— O que foi agora? — perguntou ele. Estava ficando cada vez mais preocupado. Talvez ele tivesse concluído que estávamos num beco sem saída.

— Tem alguma coisa diferente. — Eu me virei devagar. — Na verdade, sinto um cheiro diferente. Consegui chamar a atenção dele.

— Descreva isso — pediu ele.

— Acho que é sal — disse, parando de pensar e permitindo que meus sentidos assumissem o controle. Conhecia aquele cheiro. Era tão familiar quanto a minha própria pele. Era o cheiro inconfundível do mar e passou por mim como um velho amigo recebendo-me em casa.

— O portal deve estar perto — disse, separando-me deles para seguir adiante. — Acho que estou... estou sentindo o cheiro do mar!

Escutei alguém respirar profundamente atrás de mim e não tive certeza de quem fizera aquilo: Tucker, Taylah ou os dois.

— Ali em cima! — Tucker estava animado. — Tem que ser ali. Não acredito que você encontrou!

Eu me virei e vi vários tufo de folhas secas passando de um lado para o outro na terra vermelha, a poucos metros de onde estávamos. Pareciam entortados pela jornada sem fim de serem arrastados pelo vento por todo o Inferno, mas não havia como não perceber do que se tratava.

Corri, meio que esperando que eles fugissem do meu alcance, mas consegui segurar um deles. Estava seco e rígido, mas emitia uma energia forte. Eu me senti atraída por ele como uma força magnética. Sua abertura o transformava no disfarce perfeito para um portal. Era grande o suficiente para que eu passasse por ele e, no outro lado, consegui ver o feixe amarelo de luz do sol recuando na areia branca.

Tucker e Taylah surgiram ao meu lado, observando com atenção. Tucker parecia ansioso, e a alma de Taylah quase vibrava de animação. Estiquei o braço fazendo-o passar no meio do tufo e senti os galhos secos o arranharem. No centro, a consistência era de massinha de modelar, maleável, porém difícil de atravessar. Permitia acesso apenas até um ponto, a partir dali mostrava resistência.

— Ele não me deixa avançar — reclamei.

Comecei a forçar o braço com mais determinação pela abertura. Havia me obrigado a passar pelo túnel até chegar ao ombro, onde senti uma leve sucção na mão. O pânico tomou conta de mim. E se tudo fosse uma ilusão? E se o tufo fosse uma piada à nossa custa? Parecia uma ideia distante da realidade, mas e se Asia e Asher estivessem rindo de nós? Afinal, eles eram demônios. Enganar almas era o que faziam. E se, do outro lado, eu não encontrasse a minha cidade, na Geórgia, mas, sim, um canto ainda mais sombrio do Inferno? Se isso acontecesse, estaria totalmente sozinha, nem mesmo Tucker conseguiria me encontrar. Eu me forcei a abandonar aquele pensamento.

Pensei na sensação de me misturar a Xavier em minha forma espírita. Lembrei como me sentia completa e segura. A lembrança me deixou forte. Xavier não gostaria que o abandonasse depois de chegar até ali. Ficaria orgulhoso se eu conseguisse sair? Assim, ele conseguiria me ver pessoalmente, não apenas como uma vibração no ar. Essa ideia era muito atraente. Estava contando os segundos para sentir meus pés tocarem a areia sedosa.

— Deixe-me tentar — escutei Taylah dizer com impaciência. Observei enquanto ela se esforçava para passar por cima de mim, uma massa fina fluando pelo tufo de folhas secas, até ela nos chamar do outro lado.

— Como ela fez isso? — perguntei, retirando o braço e espiando, vendo o rosto embaçado dela do outro lado.

Taylah fez sinal de positivo e analisou o ambiente novo.

— Claro! — Tucker deu um tapa na própria testa. — Uma alma consegue

se dividir com facilidade!

— Conheço este lugar! — exclamou Taylah, com a voz trêmula de animação. — Beth, você não vai acreditar quando descobrir onde estou! — Começou a chorar. Vi lágrimas de felicidade rolarem pelo seu rosto.

— Você está em Venus Cove, não é? — adivinhei naquele mesmo momento. — No Precipício?

— Sim, Beth — disse ela. — Estou em casa.

Estou vendo o seu jardim daqui! — gritou Taylah, triunfante. — Você precisa aparar a grama com urgência.

Tem alguém aí?

— Não, a praia está vazia. Mas o dia está ensolarado e não há nuvens no céu. Tem alguém velejando e... está tudo lindo aqui. O que está esperando? Venha, Beth.

Hesitei. Taylah havia atravessado o portal, mas o que aconteceria agora?

— Taylah — perguntei com desconfiança. — Você acha que consegue ficar aí? Você ainda está...

— Morta — completou a minha frase com animação. — Sei que estou. Mas não me importa. Prefiro ser um fantasma, livre para vagar pela Terra para sempre a passar mais um minuto que seja nesse esgoto. — De repente, ela demonstrou pânico. — Ai, meu Deus. Tem alguém aqui. Estou escutando.

— Acalme-se. — Tucker a acalmou. O rosto dele também estava tomado pela animação da nossa descoberta. — Talvez seja só alguém na praia. Estamos do outro lado, lembre-se!

— É verdade. — E então ela demonstrou preocupação. — Não posso ser vista assim. E se for um cara gatinho?

— Ainda que seja, ele não vai conseguir ver você — lembrei a ela.

— É mesmo — Taylah pareceu desapontada. Não consegui conter um sorriso. Nem mesmo o Inferno e todos os seus terrores haviam conseguido mudar por completo a personalidade da Taylah que eu conhecia.

Quando ela passou, relaxei um pouco. Havia menos urgência quando me ajoelhei diante do portal, pronta para tentar de novo. Queria me unir a ela para poder olhar o mar e sentir o vento em meus cabelos. A primeira coisa que faria depois daquilo seria correr para casa diretamente para os braços dos meus irmãos. Entusiasmada, tirei os sapatos de salto e me joguei de cabeça no portal. De repente, estava dentro dele, com meu corpo meio no Inferno e meio dentro de uma concha, olhando para a areia branca e delicada. Estiquei o braço. Quase senti o calor do sol nas mãos e quase escutei as ondas quebrando nas rochas.

Eu não era uma assombração como Taylah e, ali dentro, o Portal pareceu me apertar, como se eu não devesse estar ali. A força magnética que havia me atraído para a frente agora me puxava para trás, mas me mantive firme. Logo escutei o som que havia alertado Taylah para a presença de alguém. Dava para ouvir uma respiração forte, mais curiosa do que ameaçadora. De repente, senti um cheiro ainda mais familiar. Foi o incentivo de que precisava. Soube quem era antes mesmo de ver o pelo sedoso, dourado. Vi um olho brilhante e um focinho

úmido.

— Phantom! — gritei, animada. Só conseguia vê-lo em fragmentos... mas ainda assim era o meu amado cachorro. Escutei Taylah levar um susto com o entusiasmo de Phantom. Ela nunca gostara de cachorros, mas a emoção que senti ao vê-lo foi quase insuportável. Estiquei o braço, e minha mão atravessou o portal. Phantom a cheirou, feliz por me reconhecer. Fiz carinho atrás da orelha macia dele e senti um nó na garganta. Precisei me controlar para falar de novo.

— Oi, menino — murmurei. — Senti saudades. — Minha emoção era compartilhada por Phantom, que agora já começava a choramingar e a arranhar o portal sem parar, tentando entrar. E então, de repente, lembrei que Phantom não podia estar na praia sozinho. Alguém tinha que estar com ele.

Alguém a quem amava podia estar a poucos metros dali ou andando na nossa direção! Talvez fosse Gabriel, que sempre levava Phantom consigo quando saía para correr na praia. Imaginei escutar as pisadas dele na areia. Logo ele poderia me abraçar com aqueles braços fortes e reconfortantes. Quando isso acontecesse, todas as lembranças ruins desapareceriam. Gabriel saberia exatamente o que dizer para tudo ficar bem de novo. Controlei a vontade de gritar por ele, para evitar que alguma coisa desse errado. Era como se estivesse me equilibrando numa corda bamba, tomando cuidado para não cair.

— Tuck — chamei com urgência. — Como faço isso?

— Lentamente — disse ele, com um olhar de determinação. — Um pouquinho por vez, sem pressa.

Meu coração batia tão alto que pensei que todos estivessem ouvindo.

— Continue — incentivou Tucker. — Devagar.

Eu me esforcei para passar pelo portal, atravessando para o outro lado bem devagar. Quando minhas mãos passaram, Phantom começou a lambê-las sem parar e precisei me segurar para não rir. O barulho agradável do mar em Venus Cove e a respiração ofegante e familiar de Phantom encheram meus ouvidos.

Forcei minha passagem, sentindo o portal resistir e depois relaxar, permitindo que o atravessasse. Foi uma tarefa lenta, mas eu estava chegando lá.

E então escutei os rosnados.

O som foi tão aterradorizador que pensei que meu coração fosse parar de bater. Os rosnados baixos e guturais se uniram ao som de patas raspando a terra. Um pouco mais para a frente, estava o rosto de Taylah, agora pálido, e as mãos de Tucker pararam moles em minhas costas.

Antes mesmo de compreender o que estava acontecendo, percebi que tinha que tomar uma decisão. Tucker ainda estava preso no Inferno.

— Continue! — repetiu, desesperado. — Você está quase lá. Não volte.

— Ele não conseguiu esconder o terror em sua voz. Mas eu podia tanto continuar quanto parar de respirar.

Tucker fora um irmão para mim em Hades, e eu nunca o abandonaria. Logo depois, eu me librei da pressão do tufo de folhas secas e fiquei em pé ao lado dele. Ele se surpreendeu, arrasado com a minha decisão. Olhei para a área seca que só tinha alguns galhos para mudar a paisagem. O som que escutara estava vindo de algum lugar próximo e se tornava mais insistente a cada segundo.

O terror fez com que eu procurasse me proteger, mas também me fez perder o equilíbrio, e acabei escorregando e caindo de joelhos. Tucker me ajudou a ficar em pé, coberto por terra vermelha daquela paisagem surreal.

— Não se mexa — disse ele.

Nós nos seguramos um ao outro quando as criaturas se aproximaram. Por fim, consegui vê-las com clareza; seis enormes cães pretos na nossa frente, prontos para atacar. Eram grandes como lobos, a saliva pingando das presas e o olhar feroz. Eles tinham cicatrizes pela cara toda, mas seus corpos eram robustos e fortes e as garras afiadas como facas. Tinham o focinho manchado de sangue, e o fedor do pelo desganhado era forte demais.

Tucker e eu ficamos paralisados, e o portal foi abandonado.

— Beth... — disse ele com a voz trêmula. — Você se lembra dos perseguidores sobre os quais falei?

— Lembro. — Eu me esforcei para não demonstrar fraqueza na voz.

— Eles estão aqui.

— Cães do Inferno — suspirei. — Perfeito.

As criaturas sabiam que nos tinham prendido e nos rodearam com diversão, curtindo o poder que exerciam. Quando saltaram, eu sabia que agiriam com tanta rapidez que pareceriam apenas um borrão.

A matilha se aproximou rosnando, feroz. Vi o pelo duro e manchado, os olhos amarelados. Rajadas de vento espalhavam o fedor deles.

Não havia muito o que fazer. Se tentássemos correr, eles nos pegariam num instante. Não tínhamos armas nem defesa, nenhum lugar onde pudéssemos nos esconder. Senti vontade de abrir as asas e nos colocar em segurança, mas elas pareciam um peso morto nas costas: o Inferno tirava a força delas.

Fechei os olhos quando os cães se abaixaram e se lançaram em nossa direção. Ao mesmo tempo, escutamos um grito vindo de trás e, um momento depois, Taylah apareceu, colocando-se entre nós e os cães, que ficaram confusos e acabaram parando.

— O que está fazendo? — gritei, tentando segurar seu corpo sem matéria. — Volte!

Para o meu desespero, vi o portal se fechar atrás dela, imagens de Venus Cove sendo substituídas por nada além de uma confusão de ervas. Taylah olhou para trás e para mim, com os olhos azuis marejados. Ela era muito pequena em comparação aos cães, os membros eram frágeis e os cabelos, que já tinham sido

bem-cuidados, estavam cobrindo seu rosto. Deu um sorriso breve e triste e balançou a cabeça.

— Taylah, é sério! — gritei. — Não faça isso. Você tem uma chance de se libertar. Aproveite.

— Quero fazer as coisas direito — retrucou ela.

— Não. — Sacudi a cabeça veemente. — Não dessa maneira.

— Por favor — pediu ela —, permita que eu, pela primeira vez na vida, faça a coisa certa.

Os cães mostraram os dentes, a saliva formava poças no chão. Eles se esqueceram de mim e de Tucker enquanto se concentravam no novo alvo. Afinal, foram treinados para procurar almas que tinham fugido para as Terras Miseráveis, esperando alcançar a liberdade.

O instinto natural os levou a Taylah. Ela foi rápida. Não havia muito tempo.

— Se eu voltar, apenas vagarei na Terra pela eternidade. Mas vocês... — Ela olhou para mim com intensidade. — Vocês podem fazer a diferença, e o mundo precisa de toda a ajuda que conseguir. Preciso fazer a minha parte. Além disso — continuou, rindo —, o que eles podem fazer comigo?

Não consegui dizer mais nada, porque Taylah se virou para encarar as criaturas.

— Ei, vocês! — Os cães se viraram para ela, com as presas brilhantes sob a luz fraca. — Sim, vocês mesmos, seus vira-latas — continuou ela. — Peguem-me se forem capazes!

E então ela partiu. Era o sinal que os cães selvagens estavam esperando. Os seis correram atrás dela, esquecendo-se totalmente de nós. Observei horrorizada quando um deles segurou o bolso do short dela com a boca e a arrastou pela terra como uma boneca de pano. Taylah não tinha massa, mas isso não os impediu de morder seu corpo sem vida, como urubus. E então, o líder da matilha a prendeu com os dentes antes de jogá-la de novo, e os cabelos loiros de Taylah foram arrastados pela terra. A matilha continuou logo atrás.

Comecei a chorar, quase soluçando. Taylah partiu, e o portal já estava desaparecendo, sem qualquer utilidade.

E então Tucker segurou o meu braço com tanta força que doeu.

— Corra! — comandou ele, desviando o olhar dos restos ensangüentados no chão. — Precisamos correr.

E então corremos.

Quando voltamos à boate Maldição, estávamos tão desalinados e ofegantes que o leão de chácara olhou para nós e impediu a nossa entrada. Tivemos de chamar Asia para nos liberar. Quando chegou à porta, não conseguiu esconder o choque por nos ver de volta.

— Que diabos estão fazendo aqui? — resmungou ela com os dentes

cerrados. O leão de chácara olhou para Asia com desconfiança, e ela rapidamente nos levou para dentro. Quando a escuridão e as batidas da música nos envolveram, ela se virou de novo.

— Os cães selvagens deveriam ter esfaqueado vocês.

Olhei com atenção para ela, vi a ferocidade em seus olhos pretos, os ombros erguidos e hostis, e me dei conta do que ela quisera o tempo todo. Ela nos mandara para as Terras Miseráveis sabendo que os cães arrastariam Tucker para o buraco e me desmembrariam. Mas não esperava que Taylah aparecesse e salvasse a nossa pele.

— Você devia ter falado sobre eles — comentei da maneira mais suave possível. Só queria chorar, mas me recusei a dar esse gostinho a ela. — Encontrar os cães nos atrapalhou.

— Por que você não morreu? — Asia deu um passo à frente como se quisesse cortar o meu pescoço.

— Acho que tive sorte — respondi de modo desafiador.

— Parem com isso — interrompeu Tucker, abalado demais com o que havia acontecido para se lembrar de qual era o seu lugar. — Vou levar Beth para casa.

— Não — Asia segurou o meu braço, afundando as unhas parecidas com as de gavião em mim. — Quero que você morra.

— Não toque nela. — Tucker me livrou das garras do demônio e olhou para Asia com raiva. Ela estreitou os olhos.

— Com quem acha que está falando, rapaz? — disse ela. — Acho que deveria contar ao Jake sobre o passeio que você acabou de fazer.

— Pode contar — Tucker deu de ombros. — Ele vai ficar meio bravo quando descobrir que você nos ajudou. Sou apenas um caipira, mas ele achou que podia confiar em você.

Asia recuou um passo, com a fúria exposta em seus traços felinos.

— Venha, Beth — disse Tucker. — Vamos embora.

— Não pensem que não vou encontrar outra maneira de me livrar de vocês — disse Asia enquanto nos afastávamos. — Ainda não acabou!

Eu não me preocupei com a inveja nem com a antipatia dela comigo. Não conseguia esquecer a imagem da alma de Taylah entre as presas daqueles cães. Ela estava em algum lugar da cratera, enfrentando horrores inimagináveis por minha causa.

Independente do que acontecesse a partir daquele momento, teria que me esforçar para fazer com que o sacrifício de Taylah valesse a pena.

† † †

QUANDO VOLTAMOS AO hotel Ambrosia, eu tinha um único objetivo: ir

para o quarto e conversar com Tucker a respeito do próximo passo. Se Asia estivera preparada para nos ajudar uma vez, pode ser que conseguíssemos convencê-la a nos ajudar de novo. Sabia que ela queria muito que eu desaparecesse de cena e estaria disposta a fazer de tudo para que isso acontecesse. Asia tinha bons contatos e era guiada pelos próprios interesses.

Na recepção, olhei para um dos corredores acarpetados e vi a sala de reunião. A porta estava entreaberta e fiquei tentando imaginar o que podia estar acontecendo de tão importante para Jake não conseguir escapar para me ver. Em geral, ele aproveitava todas as oportunidades para ficar comigo. Espiei mais de perto, apesar da apreensão de Tucker.

Pela abertura, consegui ver as sombras de cerca de seis demônios, iluminados pelo fogo aceso na lareira.

Eles estavam sentados ao redor de uma mesa comprida com um decantador de uísque e copos vazios espalhados. Todos seguravam blocos de anotações, exceto um, que estava em pé, presidindo a reunião. Uma apresentação estava sendo realizada; as imagens passavam os acontecimentos mais catastróficos da história da humanidade. Só consegui ver alguns: Hiroshima, Adolf Hitler num palanque, tanques de guerra, pessoas chorando, casas reduzidas a montes de entulhos após desastres naturais.

Vi apenas uma parte do palestrante, mas foi o suficiente para perceber como ele era diferente dos outros. Para começar, era muito mais velho e usava um terno branco de linho, enquanto os outros vestiam peças pretas. Calçava botas de caubói, daquelas com costuras decorativas. Não enxerguei o rosto dele com clareza, mas escutei algumas coisas que ele dizia ao grupo. Sua voz era grave e parecia preencher todos os espaços da sala.

— O mundo está vulnerável — dizia ele. — As pessoas nunca estiveram tão perdidas em relação à fé, nunca demonstraram tanta incerteza a respeito da existência de Deus. — Ele gesticulava para enfatizar suas ideias.

— Agora é a nossa hora. Quero ver multidões caindo no Buraco. Lembrem-se de que a fraqueza humana é seu maior bem: a ambição, o amor ao dinheiro, os prazeres físicos... são suas melhores armas. Quero que pensem grande. Não se concentrem em presas fáceis. Ultrapassem as próprias expectativas... Quero ver um número de mortos como nunca antes foi visto. Quero que derrubem bispos, cardeais, generais, presidentes! Fiquem tranquilos, pois vocês serão ricamente recompensados.

E então Tucker me puxou pela manga, levando-me de novo ao salão.

— Já chega — disse ele, baixinho. — Já vimos o suficiente.

Esperava poder conversar com Tucker, mas, quando voltamos ao hotel, não parecia haver muito a ser dito. Estávamos abalados demais para entender o que acontecera. Desperdiçamos a chance de escapar, e Taylah pagara caro por isso.

Eu me revirei na cama quando Tucker foi embora. Em pouco tempo, meu travesseiro estava molhado de lágrimas, e me lembrei do barulho dos cães selvagens rasgando a minha amiga antes de arrastá-la ao abismo. Para piorar as coisas, estivemos muito perto de casa. Gabriel estava do outro lado do portal, e eu ainda conseguia me lembrar do toque do focinho macio de Phantom na minha mão.

Talvez devesse tê-lo chamado — talvez Gabe pudesse fazer alguma coisa. Mas não adiantava tentar imaginar o que poderia ter acontecido. As palavras que eu escutara o palestrante carismático dizer na sala de reunião continuavam em minha mente: "As pessoas nunca estiveram tão perdidas em relação à fé." Chorei ainda mais e não apenas por causa de Taylah. Chorei porque sabia que era verdade. A humanidade nunca esteve tão vulnerável, e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito dali debaixo, onde me encontrava. Por fim, as lágrimas secaram, e caí num sono profundo e sem sonhos.

Acordei com alguém sussurrando depressa. Demorei para abrir os olhos, recusando-me a acreditar que já era manhã. Parecia fazer minutos que eu havia deitado a cabeça no travesseiro. Aos poucos, consegui focalizar os olhos castanhos e grandes de Hanna. Ela estava olhando para mim do modo ansioso de sempre e me chacoalhava pelos ombros para me acordar. Seus cabelos cor de mel estavam presos num coque frouxo na altura da nuca, mas algumas mechas haviam se soltado. Sob a luz da lâmpada, pareciam fios de ouro. Hanna não podia ser considerada uma pessoa otimista, mas, de certa forma, sua presença sempre tinha um efeito positivo em mim. Sua afeição era verdadeira, entre toda a escuridão que me cercava, sabia que sua lealdade era algo com que podia contar. Eu me sentei e tentei parecer mais alerta do que de fato estava.

— Você precisa acordar, senhorita! — disse Hanna, tentando afastar os cobertores. Resisti à tentativa, cobrindo os ombros com a manta. — O sr. Thorn está esperando por você no andar de baixo. Ele quer que você se prepare para um evento importante.

— Não estou interessada nos eventos dele — resmunguei. — Pode dizer a ele que não vou a lugar algum. Diga que estou doente, qualquer coisa.

Hanna balançou a cabeça vigorosamente.

— Ele foi muito claro, senhorita. Chegou até a dizer o que a senhorita

deve vestir.

Hanna pegou uma caixa rasa e brilhante no chão e colocou-a sobre o meu colo. Rasguei o laço dourado e retirei com impaciência as camadas de papel até encontrar uma roupa diferente de todas as que havia no armário. Hanna ficou boquiaberta de admiração quando a viu. Era um vestido cor de cereja feito do veludo mais macio. Com grandes mangas boca de sino e faixas de brocado, era uma roupa que uma donzela da era vitoriana usaria. Com ele, vinha um cinto delicado feito de elos de latão batido.

— É lindo — suspirou ela, esquecendo-se por um momento de onde o vestido saía. Não me deixei seduzir tão rápido.

— O que Jake está aprontando agora?

— É para o desfile — respondeu Hanna. Ela desviou o olhar, e tive a impressão de que queria dizer mais alguma coisa. Cruzei os braços e olhei para ela tentando entender.

— O príncipe deseja apresentá-la ao povo hoje — revelou ela, por fim.

— Que povo? — revirei os olhos. — Não estamos num reino medieval.

— O povo dele — explicou Hanna baixinho.

— Por que você não me contou sobre isso antes?

— Porque sabia que você ficaria irritada. E um acontecimento importante, você não pode se recusar a comparecer.

Eu me aconcheguei com determinação sob as cobertas.

— Veremos — disse.

— Não seja tola, senhorita. — Hanna se inclinou na minha direção. — Se não for por bem, ele vai arrastá-la para lá. O dia de hoje é muito importante para ele.

Olhei para Hanna e vi como tinha medo de contrariar Jake. Ela ficaria horrorizada se ficasse sabendo da viagem às Terras Miseráveis. Como sempre, aquilo me fez pensar na conseqüência que minha desobediência teria. Sem dúvida, ela teria que pagar. Afastei os cobertores, saí da cama e me arrastei para o banho. Quando saí, vi que Hanna havia arrumado a cama e deixado o vestido ao lado dos sapatos de cetim pretos que combinavam com ele.

— Ele não espera que eu vista isso, certo? — perguntei. — É uma festa à fantasia?

Hanna me ignorou. Ela ainda olhava com nervosismo para a porta enquanto me ajudava a me vestir e fechava o zíper nas costas. Apesar de ser feito de veludo, ele era delicado e leve, parecia uma segunda pele. Hanna me fez ficar parada enquanto prendia os meus cabelos para fazer uma trança lateral bastante complexa, passando fitas de cetim entre as mechas com maestria, e depois aplicou um pouco de pó em meu rosto e uma sombra azul-escura em minhas pálpebras.

— Estou ridícula — disse com irritação, examinando meu reflexo no

espelho cheval.

— Que bobagem! — respondeu ela rapidamente. — Você parece uma rainha.

Não queria sair do quarto do hotel para participar do que parecia ser mais um dos eventos espalhafatosos de Jake. Meu quarto era o único local onde me sentia um pouco à vontade e segura, mas Hanna, nervosa, me levou pelo braço porta afora.

Na recepção, um pequeno grupo esperava por nós, reconheci a maior parte deles da noite do banquete. Quando saí do elevador de vidro, o grupo de pessoas que esperava de repente se calou enquanto me analisavam. Olhei ao redor, procurando por Tucker, mas não consegui encontrá-lo. Jake, que andava com agitação de um lado para o outro do corredor, partiu em minha direção, demonstrando alívio e aprovação ao mesmo tempo. Olhou para Hanna com raiva, sem dúvida culpando-a por nossa demora em chegar.

Jake segurou minhas mãos enquanto analisava minha aparência. Um sorriso de satisfação tomou conta de seu rosto sempre tão sério.

— Perfeito — murmurou ele. Não me esforcei para agradecer ao elogio. O próprio Jake vestia roupas muito formais, com luvas e fraque, como se tivesse saído de um porta-retratos do século XVIII. Os cabelos estavam imaculadamente penteados para trás, e os olhos escuros brilhavam.

— Não está usando jaqueta de motoqueiro hoje? — perguntei secamente.

— Devemos escolher roupas que combinem com a ocasião — respondeu ele, amigável. Estava relaxado de novo, por me ver ali. — Você se esquece de quantas coisas do mundo já vi. Posso escolher o que vestir dos últimos dois mil anos, mas acho que qualquer coisa mais antiga do que o século passado é meio antiquada.

Avistei Asia na recepção, olhando para mim com raiva. Ela usava um vestido longo cor de cobre com o decote profundo e fendas que chegavam ao alto de suas coxas bem-torneadas. Seus lábios perolados brilhavam como espelhos quando ela se aproximou de Jake, com cara de poucos amigos.

— Está na hora de ir — informou. — Está pronta, princesa? — Sabia que ela não nos entregaria a Jake com medo de expor a si mesma, mas ainda assim me senti desconfortável quando ela se dirigiu diretamente a mim.

Uma limusine rosa conversível esperava por nós do lado de fora. O motorista saiu e, como um robô, abriu a porta para nós. Quando nos sentamos, Jake lhe disse algo num idioma que não entendi, e ele ligou o carro.

Dirigimos até sairmos numa estrada. Era a primeira vez que Jake, por vontade própria, me permitia andar pelos túneis subterrâneos. A princípio, tudo o que vi foi um céu azul-escuro, iluminado por labaredas de fogo. Uma massa agitada se espalhava por ele, manchando o horizonte. Parecia quase viva, brilhando e piscando, e percebi que não se tratava de uma sombra como pensei,

mas, sim, de uma nuvem de gafanhotos. Nunca vira nada como aquilo antes.

Seguimos o caminho como se estivéssemos em câmara lenta, com vapor subindo do asfalto. Depois do que pareceu uma eternidade, o carro enfim entrou noutra estrada, flanqueada por diversos carros em ruínas. Era uma paisagem desoladora que fazia lembrar o cenário de um filme de ficção científica, no qual o herói se vê forçado a sobreviver depois de uma guerra nuclear.

Não sabia bem onde estávamos. Além de minha breve visita às Terras Miseráveis, nunca atravessara os túneis. Tentava descobrir onde estávamos quando, por meio da névoa, comecei a ver figuras enlameadas na beira da estrada. E então vi a multidão: centenas, milhares deles, esperando por nós, envolvidos em fumaça e cinzas. Um mar de rostos de repente se virou, procurando algo. Observaram com olhos vagos e esperaram.

Tentei imaginar pelo que podiam estar esperando. Por um tipo de sinal, mas de quê? Percebi que deviam vestir as mesmas roupas com as quais morreram. Alguns usavam aventais de hospital ou camisetas manchadas de sangue e sujeira. Outros estavam bem-vestidos, em ternos bem-feitos ou vestidos de festa, mas todos tinham aquele olhar murcho e vago dos zumbis.

Poucos segundos depois, a multidão ganhou vida, e todos começaram a se empurrar para ter uma visão melhor. Os olhos fundos deles me observavam com curiosidade. Como se reagissem a um sinal invisível, começaram a gritar e a bater palmas, esticando os membros esqueléticos na nossa direção. Eu me retraí de medo, mas grata, pela primeira vez, por Jake estar comigo. Apesar de me ressentir e de saber que aquele desfile horrendo era coisa dele, me flagrei mais perto dele. Ironicamente, Jake era o mais próximo de segurança naquele local, e sua presença era a única coisa que mantinha minha sanidade.

Conforme a limusine passava pela rua, as pessoas se reuniam ao redor dela. Não sabia aonde estávamos indo ou o que aquelas almas queriam testemunhar, mas percebi muito bem que Jake estava desfilando comigo, como se eu fosse um troféu. Sabia que representava um triunfo sobre as forças do Céu. Minha captura era uma vitória para ele, e dava para ver em seu rosto como estava curtindo cada minuto.

De repente, Jake ficou em pé dentro da limusine, puxando-me para ficar ao seu lado. Tentei me livrar, mas ele me segurava com tanta força que, quando me soltou, vi dois vergões. A multidão ficou enlouquecida, num empurra-empurra para poder subir nos capôs dos carros ou assistir pelas janelas chamuscadas.

— Você deveria acenar — disse Jake. — Treine um pouco.

— Pode, pelo menos, dizer para onde está me levando? — perguntei.

Jake lançou-me um de seus olhares característicos, sorrindo com desdém.

— E estragar a surpresa?

O motorista saiu à esquerda da estrada principal e estacionou diante do

que parecia ser um ferro-velho com montes de metal retorcido. Uma área fora esvaziada para erigir um palco improvisado com microfones e alto-falantes. Os guarda-costas de Jake, prontos para se comunicarem uns com os outros, patrulhavam a região. Jake me ofereceu o braço, e fiquei tão surpresa com a comoção ao redor que acabei aceitando o apoio. Ele pareceu contente, mas eu estava nervosa demais para me importar. Juntos, subimos as escadas de tapetes vermelhos como se fôssemos convidados VIP de alguma festa hollywoodiana. À nossa espera sobre um palco que ficava embaixo de um dossel de rosas pretas retorcidas, havia dois tronos prateados, cobertos com pele de marta preto. Talvez, num ambiente diferente, aquilo chamasse a atenção, mas, naquele momento, parecia um peso morto, algemas de ferro que me prendiam àquele mundo subterrâneo. Não estava me sentindo muito firme, por isso, quando Jake me levou ao assento, com uma grande demonstração de cavalheirismo, me afundi ali, aliviada. Uma onda de ansiedade tomava conta da amorfa multidão enquanto esperavam pelo discurso de Jake. Até mesmo os morcegos que eu vira nos sobrevoando pararam de voar.

— Sejam todos bem-vindos — começou Jake. Ele não precisava de microfone. Sua voz forte reverberava pela multidão. — Hoje é um dia importante, não apenas para mim, mas para todo o reino de Hades.

Os gritos aumentaram e só diminuíram de novo quando Jake ergueu as mãos, pedindo silêncio. Abaixo de nós, vi a elite de Hades sentada em ordem hierárquica. Todos tinham a mesma expressão condescendente e meio sádica, mas, ao mesmo tempo, pareciam atônitos. As almas pareciam aterrorizadas e ainda assim não conseguiam desviar o olhar. Senti um ar quente em meu rosto e desejei estar na cobertura de novo; presa, mas longe dos olhos observadores dos malditos.

Jake se impôs erguendo a mão, num gesto exagerado e abrangente, e, como peças de dominó, as almas se ajoelharam, uma a uma. Tentei manter o foco no céu vermelho, sem olhar diretamente para ninguém na multidão. Estava com muito medo do que podia ver naqueles olhos. A sensação terrível de que algo péssimo estava para acontecer me envolvia. Vi um velho barbudo e curvado subir as escadas com a ajuda de um funcionário e se aproximar do microfone. Ele vestia as roupas comuns de um padre, uma batina preta com gola branca. Seu rosto era enrugado e envelhecido. Os olhos estavam vermelhos, com bolsas sob eles; sacos moles de carne arroxeadas que me faziam lembrar saquinhos de chá usados.

— Por favor, recebam o padre Benedict — anunciou Jake, parecendo um apresentador de programa de entrevistas. — Ele realizará a cerimônia hoje.

Jake sorriu com simpatia quando o senhor abaixou a cabeça em reverência. Fiquei boquiaberta ao ver tamanho sacrilégio: um homem de Deus reverenciando um demônio como Jake.

— Não se assuste tanto — comentou Jake com casualidade, voltando ao seu assento. — Até mesmo os mais devotos podem cair.

— Você é desprezível — foi tudo o que eu disse. Jake olhou para mim surpreso.

— Por que eu? — Ele fez um meneio de cabeça na direção do padre Benedict. — Se quer apontar um dedo a alguém, que seja a ele.

— O que ele está fazendo aqui?

— Digamos que ele fracassou em proteger os inocentes. Agora trabalha para nós. Com certeza você consegue perceber a ironia. — Olhei para ele com fúria. — Ou não.

Percebi que Jake estava sendo cuidadoso de propósito. Apesar do calor, senti meu sangue gelar, como se alguém tivesse injetado gelo na minha corrente sanguínea. Tinha consciência de que era uma conquista de Jake, um souvenir de sua vitória sobre os agentes do Céu. Mas o que mais estava acontecendo ali?

— Não vou fazer nada que você quiser que eu faça — avisei.

— Acalme-se. Só preciso de sua presença — respondeu ele. De repente, todas as peças se encaixaram. O vestido, o desfile e agora a cerimônia... Tudo começava a fazer sentido.

— Não vou me casar com você — afirmei, segurando com força os braços do trono. — Nem agora nem daqui a milhões de anos.

— Não é um casamento, querida — disse Jake, rindo baixinho. — Essa parte vem depois. Como cavalheiro que sou, nunca a forçaria a fazer algo para o qual não estivesse preparada.

— Ah, é? Mas pode me seqüestrar? — perguntei com sarcasmo.

— Precisava chamar a sua atenção — respondeu Jake num tom blasé.

— Você quer mesmo ficar com alguém que não suporta olhar para a sua cara? — perguntei. — Não tem amor-próprio?

— O que acha de lavarmos a roupa suja em casa? Agora, você é a queridinha de todos. Aproveite o momento.

Jake fez um gesto na direção da platéia, que esperava com ansiedade para que algo acontecesse.

— Eles fizeram uma longa viagem para dar as boas-vindas à nova princesa.

E então, rápido como um raio, empurrou a cadeira para trás e ficou atrás de mim, para que eu ficasse no meio do palco. Isso aumentou a animação, e milhares de olhos me observaram com fanatismo.

— Isto — sussurrou Jake sedutoramente pelas minhas costas — é uma indução. Veja, Bethany. Este é o seu reino, e este é o seu povo.

— Não sou a princesa deles. E nunca serei!

— Mas eles querem você, Beth. Precisam de você. Estão esperando por isso há muito tempo. Pense na diferença que você poderia fazer aqui.

— Não posso ajudá-los — retruquei com fraqueza.

— Não pode ou não quer?

A conversa foi interrompida por alguém pigarreando alto. Era a ruiva chamada Eloise, a do banquete.

— Por favor, podemos continuar? — perguntou Jake, apressando o padre Benedict.

— Vamos começar.

Eu não fazia a menor ideia de como era a "indução", mas sabia que não conseguiria passar por ela. Precisava sair dali. Parti para a escada e até consegui derrubar um casal, mas fui contida pelos seguidores de Jake, mais adiante. Logo, eles me cercaram. As mãos quentes me tocaram, vindas de todas as direções. O rosto deles estava contorcido de prazer, alternando expressões de beleza e suas formas grotescas reais. Jake ficou sentado ao meu lado, com a aparência serena. O padre colocou uma coroa prateada de folhas de videira na cabeça de Jake, que brilhava em contraste com seus cabelos pretos macios.

Nas mãos ásperas, o padre Benedict segurava uma coroa idêntica para mim. Quando falou, sua voz rouca ressoou pelo espaço.

— Estamos aqui hoje para recepcionar um novo membro da nossa família. O príncipe tem procurado por ela há muitos séculos, e dividimos com ele nossa felicidade agora que a encontrou, finalmente. Ela não é uma simples mortal sucumbida à atração do poder e da imortalidade. Ela vem de um lugar muito superior... um lugar chamado Reino do Céu. — A multidão se surpreendeu. Tentei imaginar se eles, com suas mentes atormentadas, conseguiam se lembrar de um lugar como o Céu. Duvidei de que conseguissem. — Vocês devem adorá-la — entou o padre Benedict, erguendo a voz em fervor. — Devem servi-la e reverenciá-la. — Senti vontade de me levantar e negar tudo o que ele estava dizendo, mas sabia que seria silenciada. O padre Benedict concluiu: — Apresento a vocês a nova Princesa do Terceiro Círculo, Bethany!

Depois de dizer isso, ele se virou e colocou a coroa na minha cabeça. Quando fez isso, um raio iluminou o céu vermelho e uma tempestade de cinzas surgiu ao nosso redor, obrigando as almas a correrem para encontrar abrigo e proteger o rosto. Os demônios pareciam se divertir com a reação da plateia.

E então, com a mesma rapidez com que começou, a cerimônia terminou, aparentemente. O padre desceu do palco e todos começaram a se dispersar. Quando estávamos voltando para o carro, uma criança esfarrapada atravessou a multidão e partiu em nossa direção. Era um menino pequeno e frágil, o rosto de moleque. Ele se voltou para mim, com os braços esticados em súplica. Diego o viu antes. Saiu da procissão e agarrou o menino, com os dedos cruéis no pescoço dele. Assisti horrorizada enquanto a criança lutava para respirar, com os olhos arregalados de medo, debatendo as mãozinhas ao lado do corpo. E então Diego, de repente, pareceu entediado e o jogou para o lado, como quem amassa uma

folha de papel e a descarta. O menino emitiu um gargarejo esquisito. Meu instinto foi correr para ajudá-lo. Tentei me mexer, mas Jake me puxou de volta.

— Mostre um pouco de dignidade! — rosnou ele.

E então, sem pensar, dei um chute no tornozelo dele para me livrar. Isso o distraiu o bastante para que eu corresse para o lado do menino. Levantei o pequeno corpo caído, arrastando a cauda do meu vestido na poeira. O menino fechou os olhos e tirei a poeira de seu rosto abatido, pousei a mão em seu peito e apliquei toda a energia curativa que tinha para restaurar a vida que lhe havia sido roubada. Quando os lábios dele voltaram a ter cor e ele abriu os olhos, sorri de modo a acalmá-lo. Só então percebi como tudo havia ficado silencioso. Todos olhavam para mim. Vi Jake em pé a alguns metros, mas seu rosto estava fixo numa expressão de surpresa. Não consegui me mover, pois o grupo de Jake me envolveu, guiando-me de modo protetor de volta ao carro. Quando me sentei perto dele, senti a respiração quente de Jake na minha orelha.

— Nunca mais faça isso — advertiu. — O que está pensando? Somos filhos de Lúcifer. Nosso propósito é causar sofrimento, não aliviá-lo.

— Fale por si mesmo — respondi, com coragem.

— Escute aqui. — Jake segurou meu braço. — As Sete Virtudes no Céu são os Sete Pecados no Inferno. Um ato de gentileza aqui é um pecado capital. Nem mesmo eu serei capaz de proteger você.

Não estava mais ouvindo o que ele dizia. De repente, me senti muito calma. Agora sabia que tinha o potencial de fazer a diferença, até mesmo no Inferno. Meu corpo todo ficou em alerta. Eu só fizera o que me era natural, tentei dar conforto ao ver alguém sofrer. Concentrei meus poderes de cura, senti quando eles se acumularam sob a minha pele. Minhas asas estremeceram, mas contive o desejo de abri-las. A luz começou a emanar de mim. Ela saiu do carro, para dentro da clareira e passou por cima da multidão. Subiu e transformou o vermelho do céu num branco leitoso. Durante todo o tempo, consegui escutar a voz de Jake ao fundo...

— O que está fazendo? Pare com isso agora mesmo! Eu a proíbo! Ele não parecia irritado, apenas assustado. E então a luz vazou e desapareceu por fim, deixando em seu lugar uma bela borboleta solitária. Ela sobrevoou a multidão, um pequeno fragmento de esperança num mar de desespero. Alguns tentaram segurá-la, mas todos olhavam para cima, surpresos ou horrorizados. Jake ficou tenso como pedra. Com ele temporariamente incapacitado, Asia resolveu assumir o controle da situação.

— Mate o inseto — disse ela ríspidamente. — E tire-a daqui.

De volta ao hotel Ambrosia, os demônios de Jake se reuniram para uma reunião de emergência. Recusaram a oferta de usar a sala de reunião e ficaram na recepção discutindo como criancinhas no parquinho. Eles me ignoraram, mas escutei meu nome sendo dito em frases que incluíam "besteira sem tamanho" e "estamos ferrados". A briga aumentou até eu sentir Jake me levar pelo cotovelo na direção de Hanna, que assistia a tudo ali perto e retorcia as mãos com nervosismo.

— Leve Beth para o andar de cima — disse Jake, empurrando-me para ela. — Não pare e não fale com ninguém.

— Não queria causar tanto problema — gaguejei. Não consegui pedir desculpas... Não era verdade. Apenas não havia esperado aquele tipo de pandemônio. — Simplesmente aconteceu.

Jake me ignorou.

— Agora, Hanna! — gritou ele.

— Não consigo entender o porquê de tanto exagero — comentei, resistindo às tentativas de Hanna de me afastar. — Pelo menos diga o que está acontecendo.

Jake baixou a voz e fixou em mim seu olhar de raiva.

— As coisas estão prestes a ficar feias. Estou tentando livrar a sua pele, e as chances de fazer isso serão muito maiores se você sair do caminho.

Olhando ao redor, vi os olhos negros de todos os demônios presentes brilhando de interesse. Minha presença não estava mais sendo vista com o divertimento ou com a curiosidade de sempre. Pareciam pessoas malucas, que só queriam me esquartejar. Observei quando Jake se virou para meus jurados. Ele era alto e estava lindo de fraque preto e os cabelos soltos caindo pelos ombros. Consegui ver na agressividade de seu olhar que ele estava se preparando para uma briga.

— Vamos, senhorita. — Hanna estava ficando agitada. Dessa vez, não discuti e corri atrás dela. Mesmo dentro do elevador, conseguíamos escutar partes da discussão.

— Ela é uma farsa! — gritou alguém. — Você nunca deveria tê-la trazido para dentro do Terceiro Círculo.

— Ela é jovem — escutei Jake responder na defensiva. Eu me senti meio culpada por deixá-lo enfrentar a situação sozinho. O próprio povo estava se virando contra ele por minha causa. — Ela é nova nesta vida. Precisa de mais tempo para se adaptar.

— Quanto tempo? Ela está perturbando o equilíbrio aqui — argumentou

outro. — Você queria um gatinho para brincar... agora ensine as regras da casa.

— Ela não é um animal a quem posso ensinar truques. — Jake estava fervendo de raiva.

— O que você quer com ela, afinal? — perguntaram. — Vale a pena ter a sua reputação manchada por um pouco de divertimento? Os outros círculos estão rindo de nós.

— Não tenho que me explicar a você. — A voz de Jake estava baixa e rouca.

— Talvez não, mas você não é a autoridade máxima aqui.

— Você quer mesmo perturbá-Lo? Por causa disso?

— Não, mas é o que farei se você não conseguir manter a sua cadelinha sob controle.

O salão parecia morto. Vi Hanna apertar o botão do quarto andar freneticamente quando o elevador parou.

— O que você acabou de dizer?

— Você ouviu.

— Talvez você queira retirar o comentário — sugeri Jake. Não havia como não perceber a ameaça velada em sua voz.

— Vamos lá, mandão. Vamos ver o que você vai fazer.

† † †

TUCKER JÁ ESTAVA ESPERANDO por nós quando Hanna nos deixou entrar no salão. Ele fechou a trava cromada de segurança, apesar de sabermos que ela não ajudaria a manter os demônios lá fora.

Sentei-me de pernas cruzadas sobre a cama, abraçando um travesseiro para me acalmar.

— O que você acha que está acontecendo lá embaixo?

— Você não deve se preocupar, senhorita — Hanna respondeu com presteza. — O sr. Thorn vai convencê-los. Sempre consegue.

— Espero que esteja certa — disse. — Não pensei que eles fossem se irritar tanto.

— Eles são demônios, sempre exageram nas reações. — Tucker deu de ombros, tentando fazer com que me sentisse melhor.

† † †

JAKE FICOU DISCUTINDO na recepção por muito tempo. Por fim, logo depois da meia-noite, Tucker e Hanna foram dormir. Eu estava ficando com sono e quase tirando o vestido de veludo quando escutei Jake atrás da porta, me chamando. Era a primeira vez que ele batia à porta e não entrava de uma vez.

— Que bom que você ainda está acordada — disse ele, assim que permiti que entrasse. — Precisamos ir.

Aquilo mais pareceu um pedido de desculpas do que uma ordem, e ele segurava uma roupa embaixo do braço. Tinha um olhar estranho, e, se não o conhecesse, poderia dizer que era medo. Ele não havia feito aquela cara nem quando Gabriel o envolveu em labaredas e mandou a Terra engoli-lo vivo. Na derrota, ele adotava uma postura desafiadora. O que poderia ter acontecido para abalá-lo daquela forma?

— Aonde vamos?

Jake contraiu os lábios e tentou conter a ansiedade.

— Eles convocaram uma audiência.

— O quê? Por quê? — Eu estava totalmente desperta.

— Não pensei que chegaria a esse ponto. Vou explicar no caminho.

— Posso trocar de roupa antes?

— Não temos tempo.

Do lado de fora da recepção, a moto de Jake esperava por nós, ligada.

— Por que a moto? — perguntei.

— Quero evitar chamar muita atenção — disse ele. — Coloque isto. — Ele jogou para mim a capa marrom que estava carregando.

— Achei que você quisesse chamar atenção — disse, lembrando o desfile humilhante de horas antes.

— Dessa vez, não.

— Por que tenho que obedecer ao que você diz? — perguntei.

— Beth. — Jake suspirou como se sentisse dor. — Pode me odiar o quanto quiser, mas pode acreditar... hoje estou do seu lado.

Por algum motivo, acreditei no que ele disse. Vesti a capa e coloquei o capuz na cabeça. Jake me ajudou a subir na moto e atravessamos sem fazer barulho os túneis que surgiam e se entrelaçavam à nossa frente, intrincados como uma teia de aranha.

Pressionei o rosto contra as costas dele para me esconder dos horrores que se escondiam no escuro.

Depois de um tempo, Jake parou abruptamente diante do que parecia um galpão abandonado ao fim de uma rua estreita. Descemos e ficamos olhando as ruínas de um prédio que tinha diversos andares, apesar de subterrâneo.

Vândalos estouraram a maioria dos vidros das janelas, que tinham sido cobertas com papelão. Havia pichações no lado de fora das paredes. Jake hesitou uma fração de segundo antes de avançar. Pelo olhar dele, percebi que tentava arquitetar um plano.

— Pronto — disse ele, olhando para mim com uma seriedade incomum.

— Você conseguiu uma audiência com o Grande Pai em pessoa. Poucos mortos e poucos vivos têm essa honra.

— Epa, como é que é? — perguntei. — Você me trouxe para falar com Lúcifer? Ficou maluco? Não vou entrar!

— Não temos escolha — afirmou Jake. — Fomos convocados.

— Por quê? Isso tem a ver com a borboleta? — perguntei, desesperada.

— Não vou fazer isso de novo, juro. — A autoconfiança que havia recuperado no fim do desfile me abandonou bem naquela hora.

— Ninguém está bravo com você — avisou Jake. — Eles se reuniram para me julgar e para decidir que castigo será aplicado a mim por tê-la trazido aqui.

— Que bom. Você cometeu um erro ao me trazer aqui. Bem feito para você quando eles me mandarem de volta.

— Espero que seja simples assim — murmurou Jake com o olhar distante. — Seria um castigo leve.

— Como assim?

— Esqueça, vamos entrar. — Jake se endireitou. — Já O deixamos esperando por muito tempo. Lembre-se de que você não deve falar, a menos que se dirijam a você. Entendeu? Não é hora de criar problemas.

Jake tinha acabado de dizer isso quando um leão de chácara de terno preto, muito parecido com os que eu vira nas boates subterrâneas, abriu as portas pesadas. Escutei o som de metal raspando em metal quando ele fez um gesto para que entrássemos.

— Entrem — escutamos uma voz forte vinda do lado de dentro. — Eu não mordo.

O espaço interno do galpão fora montado para parecer um tribunal improvisado. Sete figuras escuras e sombrias estavam sentadas num semicírculo sobre o que pareciam caixas de cabeça para baixo. Alguns mantinham os braços cruzados como se estivessem esperando por tempo demais. Instintivamente, percebi que eles eram os Originais, os semelhantes de Jake. Ao observar os rostos, vi Diego, Nash, Yeats e Asia sob a luz fraca. Concluí que também tinham se reunido — talvez como testemunhas.

Quando meus olhos se adaptaram à penumbra, vi que alguém mais alto presidia o grupo. Ele estava sentado numa cadeira de encosto alto em estilo Tudor, desgastada. Trajava um terno branco de linho com uma gravata vermelha de seda e calçava botas brancas de caubói. Apesar do rosto dele ainda estar na sombra, tive certeza de que era quem eu havia escutado na sala de reunião. Segurava um cajado com ponta de marfim que batia de leve no chão de cimento, como se já estivesse entediado. Quando Jake e eu entramos, todos se calaram e, por alguns minutos, o local permaneceu em total silêncio. Tive uma breve oportunidade de avaliar o espaço abandonado e seus ocupantes.

Além dos vidros quebrados, havia muitas teias de aranha grudadas a maquinários cobertos de poeira. O bater de asas acima de nós sugeria que morcegos haviam feito casas nas vigas de madeira. Assim como Jake, os anjos

caídos ao meu redor eram imagens de beleza apagada. O sexo de alguns era indeterminado, mas todos tinham os mesmos traços: lábios finos da cor de pêssego, nariz levemente recurvo e mandíbulas fortes. Tinham o mesmo olhar vago daqueles que dedicavam a vida a buscas sem sentido. Eram incapazes de se surpreender, mas percebi que minha presença os surpreendia. Havia algo de diferente em como se portavam, e o ar de superioridade que irradiavam os distinguia como os Originais. Eram o equivalente à realeza naquele mundo. E agora se dirigiam a Jake com frieza, como se ele não fosse mais parte do grupo, mas, sim, um pária afastado do bando.

Quando o rosto do homem vestido de branco apareceu, vi que ele era mais velho do que os outros. A pele dele era bronzeada e grossa, e os olhos de um azul translúcido, mas sem qualquer expressão. Estava muito bem vestido e mantinha os cabelos grisalhos penteados para trás, e com uma mecha presa por uma presilha dourada. Tive que admitir que ele era extremamente belo. Os anjos não envelhecem, mas pensei que a constante propagação do mal causasse desgastes. Apesar de envelhecido, Lúcifer tinha um expressão radiante, os olhos vivos e todos os ângulos esculpidos com perfeição. Suas sobranceiras eram grossas e os olhos tão intensos que chegavam a me arrepiar. Sabia que no Céu ele fora um dos mais reverenciados de nossa espécie, com rara beleza e inteligência. Quando ele falava, sua voz reverberava, lenta e musical.

— Olá, anjinho — disse ele. — O que acha desta reunião em família? — Alguns Originais riram baixinho.

— Pai. — Jake deu um passo à frente de modo formal. — Tudo isso é um grande mal-entendido. Se puder me dar a oportunidade de explicar...

— Oh, Arakiel, meu menino querido — disse Lúcifer num tom paternal.

— Você tem muito pelo que responder.

Precisei de um momento para perceber que ele chamara Jake por seu nome angelical. Como sempre, me assustei ao lembrar a antiga vida de Jake. Era muito estranho pensar que, muito tempo atrás, antes mesmo de eu existir, todos eles tinham vivido no Céu. Gabriel se lembrava com clareza e para ele não parecia que havia passado tanto tempo assim. Eu sabia que ele testemunhara a insurreição dos anjos rebeldes e a grande expulsão do Reino. Sabia do mal que eles espalharam desde então, mas ainda assim uma palavra continuava soando em minha mente: irmãos. E veja o que aconteceu com eles. Por um momento, todos os meus medos e raivas se desfizeram e senti apenas uma tristeza profunda. A voz de Lúcifer me levou de volta à realidade.

— Você deve uma explicação a este tribunal, Arakiel — disse ele. — Esse pequeno desliz causou muito transtorno no grupo. Alguns temem que isso possa destruir tudo o que lutamos para construir. Devemos, a todo custo, preservar o que é nosso.

— Pai. — Jake fez uma reverência. — Não pretendo desrespeitá-lo, mas foi

o senhor que sancionou essa tarefa.

— É verdade — concordou Lúcifer. — Reconheci sua coragem em trazê-la aqui, mas parece que suas emoções tomaram conta da situação. Receio que isso não seja mais apenas negócios para você. — Ele semicerrou os olhos com malícia. — Na verdade, suspeito que nunca tenha sido.

— Com licença, tenho uma pergunta... — Dei um passo adiante, e os olhos dos demônios brilharam ao mesmo tempo, todos se viraram para mim. Cerrei os punhos para não tremer e continuei. Estava mais do que encrencada, mas também precisava de respostas e, ironicamente, tinha a sensação de que Lúcifer diria a verdade. — Estou um pouco confusa. Compreendo o fato de o Senhor querer que eu viesse para cá, mas não entendo o motivo.

Lúcifer abriu um sorriso.

— Sim — disse ele. — Foi com o meu consentimento que Arakiel trouxe você para nós.

— Mas não sou importante. Por que eu? Lúcifer tamborilou os dedos no cado.

— Você é um peão, minha cara — disse ele. — Como sabe, o Céu lançou mais um de seus esquemas de cura do mundo — Lúcifer revirou os olhos. — Tudo foi muito entediante: fazemos uma bagunça, eles limpam tudo, e assim por diante. Estamos cansados disso, e é aí que você entra. — Ele me observou com os olhos claros. — Usei você para enviar uma mensagem.

— Que mensagem?

Diego, o rapaz moreno, se levantou de repente, para esclarecer.

— Isso mesmo, o jogo começou.

— O que isso quer dizer? — perguntei baixinho, lutando contra o pânico que só aumentava dentro de mim.

— Bem, acho seguro contar o segredo agora que você está aqui — disse Lúcifer. — Digamos apenas que já era hora de essa disputa familiar acabar.

Jake, que até então se mantivera calado, resolveu falar.

— Arrastar um anjo para o Inferno contra a vontade dele é um sinal — disse. — Marca o começo da guerra.

— Haverá uma guerra?

— Sempre estivemos prestes a ter uma guerra — disse Lúcifer. — Desde o dia em que meu irmão virtuoso me expulsou.

— Estamos esperando por isso há muito tempo — acrescentou Diego com seu forte sotaque hispânico. — Para mostrar a eles quem manda, para mostrar a eles como o planetinha precioso é frágil.

Eu hesitei e balancei a cabeça.

— Não. Não é verdade.

— Oh, sim — disse Nash, entusiasmado pela mudança no tom da audiência. — Estamos falando sobre o confronto final, o encontro do seu Pai com

o nosso.

— É melhor acreditar nisso, anjinho — acrescentou Lúcifer. — Estamos nos direcionando ao Armagedom. E promete ser um belo espetáculo.

† † †

FIQUEI PARALISADA, não me atrevi a respirar. Por um lado, esperava que os demônios de repente comesçassem a rir e revelassem que eu era o motivo de uma piada cruel. Mas, no fundo, sabia que não era piada. Eles estavam falando sério, e o mundo estava encrocado. Não acreditei no que estava ouvindo. Eles achavam que minha captura funcionaria como um catalisador, a cartada final que colocaria os anjos em pânico. Será que era isso mesmo? O Inferno atacou, então o Céu agora teria outra escolha, além de rebater? Lúcifer planejava o meu seqüestro para entrar em conflito com o Meu Pai, abalar as estruturas e causar o confronto mais sangrento de todos. Sabia ser um passo grande demais, mas era o que pretendia. Apostara suas fichas e torcia para que o Céu aceitasse o desafio. Estava abrindo os portões para a guerra.

A audiência parecia ter sido esquecida. Jake retomou o assunto com o que mais importava a ele.

— Então, vocês nos deixarão livres? — perguntou. — Pai, o anjo cumpriu seu propósito e não representa ameaça. Peço que ela seja confiada a mim.

— Ah! — disse Lúcifer com um suspiro exagerado. — Acho que não vou poder fazer isso. — Ele ergueu o cajado e o apontou para mim. — Não depois do showzinho que a srta. Church deu ontem.

— Ela me pertence! — A voz de Jake soou muito estridente no galpão. Eu não tinha muita noção de estratégia, mas percebi que ele estava perdendo a linha. Precisava controlar as emoções se quisesse chegar a algum lugar.

Lúcifer ajeitou-se, e Jake abaixou a cabeça com submissão, demonstrando arrependimento pela falta de controle.

— Quando o tornei responsável pelo projeto, não sabia que você havia investido emocionalmente nele. — Lúcifer disse as últimas palavras com certa repulsa.

— Eu... eu não fiz isso — retrucou Jake. — Sabia que ela seria um prêmio, e achei que poderia apenas aumentar nossas conquistas...

— Não minta para mim, rapaz! — vociferou Lúcifer tão ríspido que os presentes se assustaram. — Você a cobiçou desde o início. Eu nunca lhe teria confiada a missão se soubesse dessa grande obsessão.

Jake fitou o Pai diretamente. Seu maxilar tremia.

— Foi o que o Senhor me ensinou a fazer: pegar o que eu quero. Lúcifer riu e suavizou o tom.

— Querer é diferente de precisar — disse ele. — Você queria o menino de

perna manca e a chata de Buchenwald. Mas quanto a Bethany... você precisa dela, e esse apego só o enfraquece, acaba com sua força. E perturbador ver um dos mais fortes que tenho caindo desse jeito.

— Vou me redimir, Pai.

— Vai mesmo — respondeu Lúcifer. — Vou cuidar pessoalmente para que isso aconteça.

— O que posso fazer? — Jake abaixou a cabeça, e Lúcifer estalou a língua.

— Você é meu filho, um dos meus filhos mais bem-sucedidos. Não se preocupe. — Ele sorriu com simpatia. — Papai consertará tudo.

— Ele não é um de seus filhos — interrompi, incapaz de me controlar. Minha boca parecia ter tomado uma decisão sem me consultar e continuou a falar, apesar de eu saber com todas as fibras do meu ser que deveria me calar. — Se consgue se lembrar, foi o Meu Pai quem o criou... e quem criou o senhor também, aliás.

Jake virou-se e me lançou um olhar mortal.

Lúcifer só inclinou a cabeça e olhou para mim com um leve sorriso.

— Olhe ao redor, anjinho — disse ele. — O mundo está ruindo, e você está no Inferno. Onde está o seu pai agora? Por que ele não vem salvá-la? Ou ele não se importa, ou não é tão poderoso quanto você pensa.

— Ele teve o poder de expulsar o senhor do Céu — retruquei com coragem.

— E por que acha que ele fez isso? — Lúcifer me abriu um largo sorriso.

— Por que acha que ele construiu esta jaula subterrânea para me prender? Porque ele estava assustado. Não é preciso trancar numa jaula uma criatura que não é perigosa.

— Se é tão perigoso, por que não sai daqui? — desafiei.

— Não posso. — Lúcifer deu de ombros e apresentou os demônios ao seu redor. — Mas posso reunir um exército e mandá-lo em meu lugar. É um mero detalhe técnico, querida. — Ele se voltou a Jake. — Entendi por que você se sentiu atraído. Ela é bem espirituosa, não é?

— Sinto muito, Pai — implorou Jake. — Ela não sabe o que está dizendo, não se ofenda.

— Não me ofendi — disse Lúcifer. — Mas acho mesmo que você não vai poder ficar com ela.

Os olhos de Jake se encheram de medo, apesar dos esforços para manter a compostura.

— E verdade o que seus irmãos me disseram... que ela invocou a vida?

— perguntou Lúcifer.

— Sim, mas foi um acidente. Não vai acontecer de novo, cuidarei para que não se repita — insistiu Jake.

— Você não está me entendendo, rapaz. A presença dela gerou esperança.

Com a esperança no Inferno, tudo o que construímos vira fumaça.

— Vou mantê-la sob controle. Farei o que for preciso. Tem a minha palavra.

— Consigo sentir a moralidade abundante nela. Dá náuseas. Sou só eu que sinto ou mais alguém? Ela já infectou nosso mundo com a compaixão e as atitudes amorosas. A simples presença dela aqui é uma aberração.

— Mas, Pai, pense nos ganhos.

Lúcifer olhou para Jake, mas não lhe deu muita atenção. Percebi que ele logo encerraria a audiência.

— Dei a você permissão para trazê-la aqui. Não disse que ela poderia ficar.

— Não pode tirá-la de mim! — Jake parecia uma criança mimada e chegou a bater o pé.

Lúcifer inclinou-se para a frente e repousou os cotovelos nos joelhos.

— Não há nada que eu não possa fazer se assim quiser — respondeu ele.

— Você está à minha mercê aqui e não deve se esquecer disso. Eu poderia retirar os seus poderes por isso. Para sua sorte, não gosto de humilhar meus filhos. — Ele suspirou com exagero. — Não consigo controlar meus instintos de pai.

— Então, o senhor vai mandá-la de volta? — Jake parecia arrasado.

— Mandá-la de volta? — Lúcifer ergueu uma sobrancelha. — Isto aqui não é um conto de fadas, rapaz. As coisas não funcionam assim, não. Você, mais do que ninguém, já deveria saber. — Ele balançou a cabeça, desanimado. — Veja o dano que ela já lhe causou.

Jake olhou para mim completamente em pânico.

— Faça alguma coisa — murmurou desesperado.

Fiquei paralisada, confusa e com medo. Primeiro, ele me instruiu a não falar nada e agora queria que eu reagisse. O que ele achava que eu podia fazer?

Lúcifer se levantou de repente.

— Sinto muito, Arakiel, mas seu plano foi muito mal-elaborado. Assim que ela chegou a Hades, você sabia que isso aconteceria. Nunca ame aquilo que você não pode ter. Seu anjo sempre esteve condenado a morrer.

De repente, uma ideia me ocorreu.

— Não vai dar certo — gaguejei. — Não posso morrer aqui. São as regras. Se me matarem, voltarei ao Céu.

— Não, minha cara — disse Lúcifer, balançando a cabeça. — Sua morte na Terra mandaria você de volta ao Céu. Mas aqui embaixo a situação é outra. O fogo do Inferno é forte o bastante para acabar com um anjo para sempre.

— Mas e se ela concordar em se converter? — perguntou Jake, desesperado. — E se ela se tornar um de nós?

— Muito improvável. — disse Lúcifer de modo lânguido, analisando as unhas bem-feitas. Ficou claro que ele estava entediado com toda a discussão. —

Ela está no outro time, pelo que vejo.

— Ao menos dê a ela a chance de escolher. Lúcifer suspirou com força.

— Minha cara Bethany, você aceitaria a chance de renunciar ao Céu e usar seus poderes para nos ajudar?

— Não — disse. — Mil vezes não.

— Satisfeito? — perguntou Lúcifer a Jake.

— Pai. — Um dos Originais desconhecidos deu um passo à frente. Era uma mulher com cachos de cabelos castanhos brilhantes que chegavam à cintura, lábios vermelhos e olhos castanhos reluzentes. Parecia uma boneca de porcelana e tinha a pele tão branca que parecia nunca ter visto o sol. Talvez não tivesse, mesmo, pensei. Não entendi por que não estava amedrontada, por que não estava chorando nem implorando por misericórdia. Parecia que o tempo havia parado, que os segundos se arrastavam e que minhas emoções tinham sido desconectadas, como se alguém tivesse puxado uma tomada. O demônio prosseguiu: — Acho que podemos usá-la como exemplo.

— Como assim, minha adorável Sorath? — perguntou Lúcifer.

— Se queremos acabar com a influência dela e restaurar o equilíbrio do poder, devemos mostrar às pessoas que estamos falando sério — Sorath virou o pescoço comprido para olhar em meus olhos. — Devemos castigá-la publicamente.

Lúcifer levou a mão ao queixo e fez cara de pensativo.

— Uma ideia interessante. O que sugere? — Ele sorriu para os sete demônios como um pai bonzinho. — Permitirei que vocês decidam o método.

Observei com silêncio e surpresa enquanto os Originais deixavam seus assentos e se reuniam como urubus num bando. Eles conversaram, falando baixinho. Diego e Nash olharam furtivamente para mim, e Asia parecia mais contente do que um gato diante de um balde de peixe. Lúcifer esperou com paciência enquanto Jake caminhava de um lado para o outro sem parar, dando a impressão de que queria dizer alguma coisa. Ficou abrindo e fechando a boca, sem encontrar o argumento perfeito. Por fim, Sorath saiu do círculo.

— Decidimos. — Ela sorria com satisfação.

— Vocês estão todos de acordo? — Lúcifer parecia meio desapontado.

— Não precisaremos discutir mais abertamente?

— Não, Pai — respondeu ela.

— Então, declarem o veredicto!

Sorath se virou para mim, e os outros se posicionaram atrás dela. Seus olhos brilhavam como espadas, e ela abriu um sorriso de prazer. — Vamos queimá-la — ronronou ela.

Lúcifer aplaudiu, aprovando. Atrás de mim, escutei Jake gemer com agonia.

Fiquei ali, impassível, enquanto os demônios saíam do galpão. Agora que meu destino fora decidido, eles não estavam tão interessados em mim. Apenas Asia fez uma pausa, longa o suficiente para me soprar um beijo antes de continuar.

— Arakiel, durante a madrugada, você entregará o seu anjo a nós — anunciou Lúcifer olhando para trás. — Vocês têm o que resta desta noite para as despedidas. Não digam que não tenho um bom coração.

Sabia que a dimensão do que acabara de acontecer não tinha sido assimilada porque eu estava muito calma. Jake estava me dizendo algo reconfortante, mas eu mal escutava.

— Você está em choque — disse ele, levando-me para a cadeira que Lúcifer havia ocupado. — Sente-se aqui. Vou procurar o Meu Pai para tentar convencê-lo a esquecer essa maluquice.

Sabia que Jake estava perdendo o seu tempo. A decisão era irrevogável, e nada que ele dissesse mudaria isso. Não queria perder o meu tempo pedindo ou discutindo. Só havia um pensamento em minha mente. Se Lúcifer estivesse certo — e não havia por que duvidar dele —, eu tinha apenas mais algumas horas de existência e não queria passá-las com Jake. O egoísmo dele me colocara nessa situação, para começo de conversa. Eu precisava voltar a Venus Cove mais uma vez para me despedir de Xavier e da minha família.

Se visse Xavier de novo, eu conseguiria enfrentar com mais facilidade o que quer que me acontecesse ao amanhecer. Mas não queria voltar apenas por mim. Precisava dizer a Xavier que ele podia continuar com sua vida, lhe dar a minha aprovação para seguir adiante. Eu não diria a ele o que me esperava de jeito algum. Nunca lhe causaria tanta dor. Queria que Xavier aceitasse o fato de que eu não voltaria para casa e parasse de procurar respostas. Sabia, pelo tempo passado no Reino, que as pessoas nunca superam de verdade a perda de um ente querido, mas a vida continua, e por fim elas acabam vivendo novas alegrias para compensar as perdas.

Não sabia quanto tempo Jake demoraria, mas concluí que negociar com Lúcifer devia ser algo demorado. Eu nunca havia tentado de nenhum lugar que não fosse o meu quarto antes, mas foi mais fácil do que pensei, porque dessa vez não me importava com o fato de ser vista.

Encontrei Xavier em seu quarto, sentado à beira da cama. Parecia distraído e um pouco abatido por não dormir. Uma mochila meio cheia estava aberta ao lado dele. Ele olhava fixamente para a pena em cima do criado-mudo. Era a pena que ele havia encontrado no assento do carro depois do nosso

primeiro encontro. Ele a pegou, passou os dedos sobre ela de leve e sentiu seu cheiro. Eu o observei colocando-a dentro de uma camiseta dobrada, na mochila. Mas ele voltou atrás e a colocou de novo em cima da Bíblia de couro no criado-mudo. Eu me ajoelhei diante dele e percebi que ele estremeceu. Seus braços ficaram arrepiados, mas ele continuou sentado ali, parado.

— Xavier? — Eu sabia que ele não conseguia me ouvir, mas agora parecia concentrado. Será que ele sentia a minha presença? Será que também conseguia sentir como as coisas estavam erradas?

Ele se inclinou para a frente como se para escutar melhor. Pensei em fazer contato como naquele dia na praia, mas de certa forma não me pareceu correto. E também não tinha certeza de que conseguiria em meu estado mental atual.

— Ei, querido — comecei um pouco hesitante. — Vim me despedir.

Aconteceu uma coisa, e tenho certeza de que não poderei vir vê-lo de novo. Por isso, decidi vir mais uma vez para pedir a você que não se preocupe mais comigo. Você parece muito cansado. Não vá ao Tennessee... não há motivo para isso agora. Procure esquecer que me conheceu. Quero que você tenha uma vida incrível. Precisa se concentrar no que o futuro reserva e deixar o passado para trás. Não me arrependo de nenhum segundo do tempo que passamos juntos, mas...

— Beth — disse Xavier de repente, interrompendo meu raciocínio. — Sei que você está aqui, consigo senti-la. O que está tentando me dizer? — Ele esperou um momento e acrescentou: — Pode me dar um sinal, como da última vez?

Ele estava tão esperançoso que tive uma ideia. Tinha uma maneira de dizer a Xavier exatamente o que queria que ele soubesse sem usar palavras. O quarto estava à meia-luz. Concentrei minha energia para abrir as cortinas e vi Xavier fechar os olhos quando o quarto foi iluminado.

— Bacana, Beth — disse ele. Eu me aproximei da janela e soprei com força, e uma parte do vidro ficou embaçada. Então, estiquei um dedo fantasmagórico e o usei para desenhar um coração no vidro. Ali, simplesmente escrevi X + B.

Xavier sorriu ao ver aquilo.

— Eu também amo você — disse ele. — E nunca deixarei de amá-la. Comecei a chorar muito, sem conseguir conter as lágrimas. Se ao menos soubesse que poderia vê-lo na vida seguinte, talvez conseguisse tolerar. Mas não voltaria ao Céu. Não sabia para onde iria. Só sabia que uma eternidade de vazio estava à minha espera.

— Você precisa deixar de me amar — disse soluçando. Meu corpo todo doía pela dor de ter que deixá-lo. — Você precisa seguir adiante. Se houver um jeito de voltar depois da morte prometo que descobrirei. Mas apenas para ver

como você está e conferir a vida maravilhosa que terá construído.

— Você está aqui! — Eu me sobressaltei ao ouvir a voz, mas era apenas Molly entrando no quarto. — Gabriel e Ivy estão esperando do lado de fora.

Eles querem ir. Por que está aqui ainda?

Xavier fechou as cortinas para proteger o meu rabisco.

— Estou indo — disse ele. — Só mais um minuto. — Molly não se mexeu para sair.

— Antes de irmos, podemos conversar? Preciso de um conselho.

Xavier se virou para a janela onde eu continuava esperando. Percebi que ele não queria que eu fosse embora.

— Estou um pouco ocupado agora, Molly. Dá para esperar?

— Um pouco ocupado olhando para o nada? Não, não dá para esperar. Minha vida toda está ruindo, e você é a única pessoa com quem posso conversar.

— Pensei que estivéssemos brigados.

— Esqueça um pouco isso — pediu Molly. — Preciso de conselhos, e ninguém mais vai entender.

— É sobre o Gabriel, não é? — Percebi, então, que o rosto de Molly estava molhado de lágrimas. Ela também tinha chorado. Os cantos de seus lábios tremiam e seus ombros chacoalharam quando Xavier tocou no nome do meu irmão.

Converse com ela, Xavier, pensei. Molly precisa de você e é sua amiga. Você vai precisar de seus amigos. Não sei se Xavier recebeu a minha mensagem ou se as lágrimas de Molly o amoleceram, mas ele se sentou na cama e deu um tapinha no colchão ao seu lado.

— Então, venha aqui — chamou ele. — Fale, mas seja rápida. Não temos muito tempo.

— Não sei o que fazer. Sei que esse lance com o Gabriel não é o ideal para mim, mas não consigo me afastar.

— O que impede você de se afastar?

— Sei que seria maravilhoso se ficássemos juntos. Só não entendo por que ele não percebe isso.

— Então você ainda sente a mesma coisa? — perguntou Xavier. — Apesar de saber que ele não é um ser humano?

— Sempre soube que ele era especial, de alguma forma — suspirou Molly. — E agora sei por quê. Ele não é como os outros caras que conheci, porque ele não é só mais um cara... E um arcanjo!

— Molly, há tantos caras correndo atrás de você que devem até brigar por uma chance.

— Sim, mas esses caras não são como ele. Não quero mais ninguém, e ele não me quer. Às vezes, acho que ele sente alguma coisa, mas aí ele se fecha.

— Você precisa aprender a fazer a mesma coisa. Sei que é difícil, mas

você precisa cuidar de si mesma. Pense no que quer a longo prazo. Se Gabe não quer fazer parte de sua vida, não quer dizer que ela tenha terminado.

— Como vou conseguir substituir um cara tão perfeito? Ninguém nunca vai chegar aos pés dele, e isso quer dizer que a minha vida está terminada aos 17 anos. Vou acabar como a sra. Kratz da escola: uma solteirona ressentida que lê romances e supervisiona a sala de estudo.

— Não acho que seu fim será como o dela... É preciso terminar a faculdade para fazer o que ela faz.

— Você é péssimo dando conselhos! — O rosto de Molly ficou mais animado quando ela riu. Mas, logo em seguida, ficou séria. — Acha que encontraremos a Beth?

— Sim — Xavier não pestanejou.

— Como pode ter certeza?

— Porque não vou parar de procurar até encontrá-la. Bem, vamos ao Tennessee ou não?

Antes de seguir Molly porta afora, Xavier se aproximou da janela e pousou a palma da mão sobre o desenho do coração que envolvia as iniciais de nossos nomes.

— Estou indo, Beth — murmurou ele. — Sei que você está se sentindo perdida agora, mas quero que seja forte por nós dois. Apenas se lembre de quem é e do que foi criada para fazer. Ninguém pode tirar isso de você, independente de onde estiver. Sinto sua presença comigo o tempo todo, por isso não desista agora. Não ficarei aqui sem você de jeito algum. Se o Céu não pôde nos separar, não é o Inferno que vai conseguir. Agüente firme. Vamos nos ver em breve.

Quando Jake voltou, percebi que a minha última esperança de não ser morta não existia mais. Olhei para o rosto dele quando se recostou no batente da porta e vi que estava muito pálido. Levou as mãos à cabeça, frustrado. Esperei sentir algo como raiva, medo ou até desespero, mas não senti nada disso. Talvez por que a ideia de não existir ainda não fizesse sentido em minha mente. Uma parte de mim nem sequer acreditava que fosse verdade. Eu sempre existira, senão como ser humano na Terra, então como uma essência no Céu. Continuava existindo, apesar de não saber como me definir. Não conseguia imaginar que não mais conseguiria pensar, sentir ou querer a minha família. Seria mesmo possível que, ao amanhecer, eu desapareceria para sempre, não apenas para as pessoas ao meu redor, mas também para mim? Para onde iria? Estava longe da Terra, sem permissão para retornar ao Céu e não era aceita no Inferno. Simplesmente deixaria de existir, e seria como se nunca tivesse existido.

Rápido como um tigre, Jake se colocou ao meu lado.

— Acho que pedir desculpas não ajuda muito — começou ele, olhando para mim com pesar em seus olhos negros. Se havia uma qualidade nele, era o fato de se preocupar comigo.

— Agi como era o meu papel — disse. — E usei meus poderes no lugar errado.

— Eu deveria saber que você reagiria dessa maneira, deveria tê-la alertado! — Jake bateu o punho num pilar de madeira com tanta força que poeira e fragmentos de madeira caíram em cima de nós. Ele afastou a sujeira dos meus cabelos, e não me retraiu porque não conseguia reagir a nada. Não conseguia me mexer; foi como se tivesse me esquecido de como fazer isso.

— Acho que nós dois fomos mal-interpretados — comentei forçando um sorriso. — Erro bobo, não é?

Um carro me levou de volta ao hotel Ambrosia, e Jake acelerou à nossa frente de moto. Ele dirigia sem cuidado, quase tombando o veículo diversas vezes. Imaginei que estava pensando em muitas coisas, preso em seu mundo de estratégias. Não discuti quando me acompanhou até o quarto. Tudo aquilo podia ser culpa dele, mas não queria passar as minhas últimas horas de vida sozinha.

Hanna esperava por mim com a bandeja da ceia. Pela primeira vez, não empurrei a bandeja nem pedi para ela deixá-la ali para mais tarde. Pela primeira vez em Hades, analisei os alimentos oferecidos a mim: fatias finas de pão de centeio, queijo de cabra, salmão defumado enrolado, azeitonas brilhantes e vinho tinto com gosto de cereja. Comi lentamente, degustando cada mordida. Para mim, os alimentos seriam as últimas lembranças de minha existência na Terra. Eram coisas que nunca experimentaria de novo, e queria que aquele momento durasse.

Hanna nunca me vira comer com tanta concentração ou tolerar a presença de Jake sem reclamar. Ela me observou com o rosto tomado de dor. Não havia como me ajudar, e sabia disso.

— Tudo ficará bem, senhorita — disse ela, por fim. — Talvez as coisas mudem de manhã.

— Sim — murmurei distraidamente. — Tudo ficará melhor de manhã. Hanna deu alguns passos vacilantes na minha direção, consciente de que Jake observava todos os seus movimentos.

— Posso fazer alguma coisa por você?

— Apenas descanse um pouco, Hanna. Não se preocupe comigo.

— Mas...

— Você ouviu o que ela disse — disse Jake com uma voz ameaçadora.

— Leve isto e nos deixe em paz.

Hanna assentiu submissa e logo tirou os pratos, virando-se para mim com uma expressão sofredora.

— Boa noite, Hanna — disse baixinho enquanto ela saía. — Obrigada... por tudo.

Quando ela partiu, lavei o rosto e escovei os dentes. Fiz tudo com muita atenção. Tudo parecia diferente para mim naquele momento. Prestei total

atenção à água quente que escorria pelo meu corpo, o toque das toalhas limpas de algodão contra a minha pele. Todos os movimentos pareciam novos, como se os estivesse sentindo pela primeira vez. Pensei que podia estar no Inferno, mas ainda estava viva. Ainda era uma pessoa que tinha vida, que respirava e falava. Por pouco tempo.

Saí do banheiro e encontrei Jake meio sentado, meio jogado no sofá, olhando para o nada, com o queixo apoiado na mão. O fraque preto estava jogado ao chão, assim como a gravata-borboleta branca. As mangas da camisa estavam enroladas até os cotovelos, como se ele estivesse se preparando para um trabalho muito cansativo. O quarto tinha um cheiro forte de cigarro. Jake se servira de um copo grande de uísque, e parecia mais calmo. Ergueu a garrafa para saber se eu queria beber com ele, mas recusei, balançando a cabeça. Não queria meus pensamentos afetados pelo álcool. Caminhei ao redor dele, ajeitei as almofadas no sofá, esvaziei o cinzeiro e reorganizei os itens em cima da cômoda. Por fim, não tinha mais nada com que me distrair e nada mais a fazer além de subir na cama grande, encolher-me num canto e esperar pela manhã.

Claro que nenhum de nós conseguiria dormir. Jake não tentou conversar comigo; ele parecia uma estátua, preso em seu mundo. Encolhi as pernas, abracei os joelhos e esperei pelo terror que tomaria conta de mim como um maremoto. Mas ele não veio. Não fazia ideia de que horas eram. Havia um relógio digital ao lado do telefone, e tentei não olhar para ele. Mas uma vez não consegui me controlar e vi que eram 3h45 da madrugada. Os minutos pareciam se arrastar, porque olhei de novo e pouco tempo tinha se passado. Jake e eu ficamos presos em nossos pensamentos.

Queria ter pensado em Xavier antes de perder a consciência. Tentei imaginar um final de conto de fadas para ele com uma esposa adorável e cinco filhos. Phantom moraria com eles, e a casa seria repleta de música e riso. Aos domingos, ele seria o treinador da equipe de beisebol. Xavier pensaria em mim de vez em quando, em momentos de solidão. Mas, para ele, eu seria apenas uma lembrança distante, como a namorada da adolescência que marcara a sua vida, mas que não se tornara parte de seu futuro.

— Você está pensando nele, não é? — A voz de Jake atravessou meus pensamentos como uma faca. — Não posso culpá-la por isso. Ele nunca teria feito algo tão idiota... Pelo menos ele protegia você. Você deve me odiar agora mais do que nunca.

— Não quero passar as minhas últimas horas de vida com ódio, Jake. O que passou, passou. Não faz sentido culpar você agora.

— Prometo que vou consertar isso, Bethany — disse ele, decidido. — Não permitirei que eles a machuquem. — A maneira como ele se recusava a aceitar a realidade era irritante.

— Olha, sei que você está acostumado a sempre mandar — comecei. —

Mas, dessa vez, nem você pode mudar as coisas.

— Podemos fugir — sussurrou Jake, falando depressa enquanto buscava soluções. — Mas todas as saídas aqui estão protegidas. Mesmo se conseguíssemos enganar os guardas, não iríamos muito longe. Talvez eu pudesse subornar um deles para que nos deixem entrar nas Terras Miseráveis.

Eu não estava mais prestando atenção. Não queria escutar aquelas ideias absurdas e desejei que ele ficasse calado por um tempo.

— Ainda temos até o amanhecer — continuou Jake, falando sozinho agora. — Vou pensar em alguma coisa.

Quando amanheceu em Hades, eu não estava preparada, e Jake também não. Vozes do corredor quebravam o silêncio e nos tiravam de nosso estado, parecido com um transe. Fiquei surpresa ao ver que não tinha pregado os olhos a noite toda. Ainda estava sentada sob os cobertores, tensa, os joelhos flexionados contra o peito. Jake levantou-se do sofá, olhando para a porta com uma expressão ameaçadora.

— Eles chegaram — disse com um tom de voz sombrio.

Quando a porta se abriu, vimos Diego, Asia e outros demônios que reconheci vagamente. Nada menos do que quatro guarda-costas enormes os acompanhavam.

— Vocês trouxeram reforços, não é? — disse Jake, com os olhos brilhando de fúria.

— O Grande Pai imaginou que vocês pudessem resistir. — Diego lhe deu um sorriso amarelo e se virou em minha direção.

— Levem-na!

Os guardas enormes entraram no quarto, e logo senti suas mãos grandes em meus braços, arrancando-me da cama com facilidade, como se eu fosse uma boneca de pano. Ainda estava descalça e de camisola. Lutei quando eles amarraram meus braços com uma corda e a usaram para me arrastar quarto afora.

— Não a machuquem! — Jake deu um passo em minha direção, e os outros demônios atacaram, segurando-o de imediato. Foi assustador ver os próprios irmãos e irmãs se voltando contra ele com tamanha rapidez. No caos, Jake desapareceu de vista, e só consegui escutar um coro de gritos. O medo estava começando a me dominar, e eu não conseguia parar de tremer.

— Beth! — Escutei Jake me chamando, a voz tomada de desespero. — Beth, não permitirei que eles façam isso! — Mas eu não acreditava naquilo e senti que ele também não. Não havia convicção em sua voz.

Os guardas me arrastaram de qualquer jeito pelo corredor e foram para a recepção. Os outros nos seguiram, conversando casualmente. Quando olhei para Asia, ela piscou para mim. Na recepção, Tucker apareceu de repente, com o rosto abatido. Percebi, pelo seu olhar assombrado, que ele já havia recebido a notícia. Tentei não olhar para ele quando passamos. Não queria fazer com que ficasse ainda pior.

— Beth! — gritou, quando a procissão passou por ele. Saltou, tentando passar pelo grupo de demônios para chegar até mim. Nash estalou os dedos, e, com um barulho forte, as pernas de Tucker se encolheram. Ele gritou, e escutei

seus ossos se quebrando quando ele caiu no chão. Tentei me virar para olhar para ele enquanto me levavam pelas portas giratórias de vidro.

— Tudo bem, Tuck — disse. — Ficarei bem! — Olhei com fúria para Nash, que caminhava ao meu lado. — Cure-o — pedi com a voz fraca. — Sua vingança contra mim nada tem a ver com ele.

— Você não está em condições de fazer exigências — respondeu Nash, animado.

Uma frota de Escalades pretos esperava por nós no túnel fora do hotel. Fui empurrada bruscamente para dentro de um deles, o da frente, e caí sentada entre Asia e Diego. De perto, eles cheiravam a fumaça de cigarro, bebida alcoólica e perfume forte. Tentei acalmar a respiração, dizendo a mim mesma que não ia morrer. Alguma coisa aconteceria, alguém viria me salvar. Isso tinha que acontecer.

— Leve-nos ao Nono Círculo — disse Diego ao motorista. — E pegue a estrada de trás.

— Pelo menos você vai conseguir ver a casa do Grande Pai — disse Asia. — Que tratamento VIP não é?

Mordi o lábio e não respondi. Tentei me concentrar no deslizar do carro enquanto ele passava pelos túneis subterrâneos cheios de buracos de Hades. O medo havia subido da barriga para meu peito e passava pela garganta, interrompendo o fluxo de ar. Engoli em seco, determinada a não lhes dar a satisfação de me verem descontrolada.

Para chegar ao Nono Círculo, tivemos que viajar mais a fundo e, quando os carros pararam, vi que estávamos num grande e antigo anfiteatro no centro da Terra, onde havia areia vermelha. O local estava preparado como se toda a população de Hades tivesse sido convidada para testemunhar aquele acontecimento importante. Lúcifer e os outros sete Originais ocupavam o camarote na fileira mais alta, onde assistiam aos movimentos com atenção, como se esperassem por um show. Empregados humanos enchiam as taças deles e lhes ofereciam pratos de comida. Numa plataforma elevada no meio da arena, havia uma estaca comprida de madeira. Sua base fora fincada no chão. Um monte de gravetos secos e palha foram organizados numa pirâmide ao redor da estaca. O material inflamável chegava à metade, onde calculei que ficaria a minha cintura.

O executor não era uma figura medieval encapuzada como eu esperava, mas um homem de terno, as roupas tão antiquadas que poderia se passar por caixa de banco. Apenas o rosto pálido e encovado e os lábios sem cor faziam com que ele parecesse a morte em pessoa. Quando suas mãos magricelas me pegaram, senti arrepios, pois estavam geladas. Apesar de parecer fraco, eu não era páreo para a força que ele tinha. Desamarrou os meus braços e prendeu as minhas mãos para trás, de modo que fiquei presa à estaca. Fiquei imóvel

enquanto ele amarrava cordas ainda mais grossas nos braços, na cintura e nos pés. Amarrava tudo com tanta força que as cordas marcavam e cortavam a minha pele.

Os gravetos e a palha tocavam meus pés descalços e meus tornozelos, e eu não conseguia me mexer nem um centímetro. A multidão observava os preparativos com uma ansiedade crescente. Tentei olhar para cima para evitar ver o que acontecia com o corpo. Mesmo assim meus pensamentos seguiram um rumo assustador. Quanto tempo levava para alguém morrer carbonizado? Minutos ou horas? O corpo queimava por partes, dos pés para cima? Será que eu desmaiaria de dor antes de minha pele começar a derreter? A causa mortis seria queimadura ou asfixia?

Quando se convenceu de que eu estava bem-amarrada, o executor recuou um passo para analisar o trabalho. Alguém na multidão entregou-lhe uma lata enferrujada de gasolina, e ele começou a despejar o líquido na palha. Senti o cheiro cáustico subir e fazer arder as narinas. Meu coração batia com tanta pressa que pensei que ele fosse explodir dentro do peito. O gosto metálico do medo encheu a minha boca, mas não gritei, chorei nem implorei por misericórdia. Minha mente e meu corpo estavam inquietos, mas não me permiti expressar o terror.

O executor sussurrou no meu ouvido:

— Isto é o que acontece a quem serve o mestre errado. O Céu faliu, você não soube? — Ele saltou da plataforma.

Lúcifer ficou em pé, e a multidão calou-se no mesmo instante. Ele olhou ao redor por um momento, absorvendo tudo com os olhos, até os mínimos detalhes. Não disse nada, apenas ergueu a mão devagar, um sinal para que a execução começasse. Foi o gesto mais simples e casual, mas com ele a multidão gritou em polvorosa. O poder dele sobre aquelas pessoas era absoluto. Era assustador ver como todos o temiam e o adoravam. Quando pedia silêncio com um gesto, o resultado era instantâneo: qualquer som desaparecia, como se alguém tivesse apertado um botão. O ápice da ansiedade da multidão se deu quando o executor acendeu um palito de fósforo comprido, segurou-o por um segundo e soltou-o com um gesto teatral em cima do monte cheio de gasolina. As chamas se espalharam com rapidez. Em seu assento, vi um sorriso de satisfação no rosto de Lúcifer, enquanto Jake se debatia para fugir dos demônios que o seguravam. Asia mordia o lábio, apenas para controlar a animação.

As chamas cresceram ao meu redor como centenas de bocas iradas, rapidamente devorando os gravetos e a palha na base da estaca. Fechei os olhos com força, esperando pelo calor, pelo começo da agonia inevitável. Orei a Meu Pai não na esperança de ser salva, mas pedindo perdão por todos os meus erros. E então esperei que as chamas fizessem seu trabalho.

Não senti nada. A tortura teria começado, mas eu estava chocada demais

para perceber? Muitos minutos se passaram sem nenhuma mudança. Olhei ao redor e vi as chamas lambendo tudo em todas as direções... mas elas não me tocavam. As labaredas subiam dos dois lados de meu corpo. Eu, no entanto, não estava sendo incendiada. Nem mesmo um fio de cabelo estava chamuscado. Só havia uma sensação quente enquanto o fogo tomava o espaço ao meu redor.

Minha carne deveria estar derretendo, mas o fogo se recusava a me prejudicar. Quando tentava me tocar, parecia quicar e arder em outra direção. Era como se eu usasse uma armadura invisível. Por um momento, pensei ter escutado um coral de anjos cantando. O som desapareceu num instante, mas foi tempo suficiente para eu saber que não fora abandonada.

Foi preciso um tempo até os espectadores perceberem o que estava acontecendo. Então, os gritos de animação se transformaram em vaías de decepção. Alguns chacoalhavam os punhos para mostrar como se sentiam enganados. Na área VIP Jake havia parado de se debater e olhava para mim com surpresa. Lúcifer pareceu confuso por um momento e se levantou lentamente, seus olhos brilhando.

Dentro do anfiteatro, todos começaram a cochichar.

Não consegui acreditar naquilo. O Céu estaria me protegendo? Alguém domara as chamas ou meus próprios poderes me protegiam? Não fazia ideia, mas agradei aos poderes superiores por salvarem a minha vida. Olhei para Lúcifer e percebi como ele se sentia humilhado diante de todos os reunidos. Ele queria demonstrar poder com a minha morte, mas, sem querer, eu acabei por colocá-lo numa situação difícil. As chamas pareciam diminuir ao meu redor.

— Solte-a — ordenou ele, com uma voz grave.

O executor obedeceu, subindo na plataforma, e usou um machado para cortar as cordas, quentes demais para serem tocadas.

Quando me libertei, saí de perto do fogo totalmente ilesa. Ao me afastar, as chamas devoraram a estrutura de madeira, que logo virou cinzas.

— Que diabos está acontecendo? — Asia deu um passo adiante, mais irritada do que nunca. Ela se virou para olhar para Jake. — Ela deveria ter virado churrasquinho! O que você fez?

— Nada... — Acreditei ter percebido um tremor na voz de Jake. — Eu... não sei o que houve.

— Mentiroso! — gritou ela.

— Silêncio! — Lúcifer ergueu um dedo cheio de anéis. — Arakiel não participou disso. Parece que o anjo está escondendo informações. Seus poderes são maiores do que pensamos.

— E agora? — perguntou alguém.

Os olhos azuis impassíveis de Lúcifer encontraram os meus, e dessa vez não desviei o olhar.

— Arakiel — disse ele, sem nenhuma expressão. — Faça a gentileza de

acompanhar a srta. Church às câmaras até decidirmos o que fazer com ela.

Aparentemente, as "câmaras" eram a versão do Inferno de uma cela de prisão, e, em comparação a elas, o hotel Ambrosia parecia o paraíso. Os guarda-costas me levaram para fora da arena e me colocaram dentro de um carro. Quando percebi, estava sendo empurrada para um espaço na parede, onde só eu cabia. Era feito de pedras rachadas, e barras de ferro enferrujadas guardavam a entrada.

Quando me sentei, ralei os cotovelos na parede, e minhas pernas começaram a tremer cinco minutos depois. As câmaras eram totalmente escuras, mas eu conseguia escutar sons estranhos, como passos e cadeados de metal, além de gritos abafados de desespero. O cheiro de mofo era muito forte.

Quando os guarda-costas saíram, escutei a voz de Jake pelas barras.

Apesar de mal conseguir vê-lo, percebi uma mistura de alívio e confusão na voz dele.

— Como você fez isso? — perguntou ele, sorrateiramente. Escutei o tilintar dos anéis quando ele envolveu as barras com as mãos. — Conte-me a verdade.

— Acho que não fui eu.

— Bem, não admita isso a ninguém, entendeu? — disse Jake. — E a única cartada que nos resta.

— O que você vai fazer?

— Não sei ainda, mas falarei com meu Pai... vou tentar convencê-lo a soltar você. Talvez as coisas sejam diferentes, agora que ele viu como você é especial.

Não respondi. Estava cansada demais pela confusão daquele dia.

— Deixe comigo — completou.

Alguns instantes depois, escutei quando ele se afastou e fiquei sozinha na escuridão.

Sem Jake para me fazer companhia, só havia um jeito de esquecer o desconforto físico. Arranquei da mente todas as preocupações e me concentrei na projeção. Fechei os olhos com força, para meus pensamentos saírem daquele pesadelo. A transição ocorreu com facilidade, como mudar de canal. Senti uma rajada de vento e então tive a sensação de que meu corpo estava caindo como uma pedra quando surgiu na forma de espectro. Antes de a escuridão dar lugar à luz, escutei uma voz, distante a princípio, mas cada vez mais próxima. Consegui ouvir o som familiar de um motor embaixo de mim e sentir o cheiro de couro misturado a sândalo. Teria reconhecido isso em qualquer lugar: era de um certo Chevy Bel Air conversível, de 1956. A tensão em meu peito se desfez de imediato, e respirei fundo, aliviada. Estava no carro de Xavier.

Quando assumi minha forma astral, percebi que estava sobrevoando o banco de trás do carro, no espaço entre Xavier e Molly. Eles estavam o mais distante possível um do outro, olhavam a paisagem em silêncio pela janela. A tentativa de reconciliação de algumas horas antes fora apenas temporária. Ivy e Gabriel sentavam na parte da frente, calados, aliviados por se afastarem de quaisquer conflitos.

Ao observar a estrada do lado de fora, percebi que estávamos em território desconhecido. Eles já deviam ter saído de Venus Cove. Com certeza não estavam perdendo tempo.

— Estamos quase chegando — avisou Gabriel. Parecia um pai tentando acalmar os filhos excitados. Sua voz, grave e ressonante, parecia ter o tom de um acorde baixo do violão.

Escutar a voz dele trouxe uma onda de nostalgia pela vida que eu tinha antes de Jake aparecer e estragar tudo.

— Estamos quase atravessando a fronteira do Tennessee.

— Não sei por que não pudemos vir de avião como qualquer pessoa normal — resmungou Molly.

— Não íamos atravessar um estado de avião — respondeu Ivy com calma, apesar de eu achar que sua paciência estava chegando ao fim. Molly se remexeu e cutucou a minha costela com o cotovelo. Foi meio desconfortável. Acreditei se tratar da força de seu corpo humano vivo colidindo em minha forma de espectro. Automaticamente, me afastei dela.

— Ai, sabia que não deveria comer todas aquelas balas no caminho — reclamou Molly, passando a mão na barriga. Ela vestia uma calça de moletom cor-de-rosa e uma blusa com capuz combinando. Os cachos ruivos estavam presos num rabo de cavalo no topo da cabeça, e uma mala rosa-shocking fora

enfiada embaixo do banco diante dela. Não consegui conter um sorriso, já que Molly diria ter se vestido adequadamente para a ocasião. Ninguém respondeu ao comentário dela. Acho que não havia muito a dizer a respeito de balas com a mente tomada de preocupação por sequestros demoníacos e sinais apocalípticos. O carro continuou pela estrada, e Xavier encostou a testa na janela. Parecia ansioso, como se precisasse de algo além de esperar no banco de trás de um carro.

Olhei pela janela e observei a zona rural da Geórgia. Fiquei surpresa com sua beleza. A Terra parecia ter vida própria, e uma vegetação rica se espalhava diante de nós como um manto. Havia bordos vermelho-vivo em crescimento, formando dosséis que ofereciam sombra nos pontos em que seus galhos se uniam.

Avistei asclépias e trevos-do-campo lilases pontilhando o veludo verde. Conforme viajávamos, vi a terra ser coberta por galhos de sicômoro.

O céu acima de nós estava limpo, apenas algumas nuvens espalhadas, como lírios sobre a superfície de um lago azul. As coisas pareciam mais simples na estrada, e me senti mais perto da natureza. Lembrei meu antigo lar no Reino. Algo naquele lugar me fazia ficar mais conectada a ele, como não me sentia havia muito tempo. Suspirei profundamente e Xavier, que se distraía com a paisagem, endireitou-se e olhou para Molly.

— O que foi? — perguntou Molly enquanto ele a fitava.

— Por favor, não faça isso — pediu Xavier.

— O quê?

— Não respire no meu ouvido desse jeito. Molly mostrou-se ofendida.

— Você acha que eu sou maluca? Por que sopraria no seu ouvido?

— Eu disse respirar.

— Ah, entendi. Quer dizer que não posso mais respirar?

— Não foi isso o que eu disse.

— Espero que saiba que morrerei sufocada se não puder respirar. Xavier inclinou-se para a frente.

— Pessoal, por favor, quero dirigir — implorou. — Um de vocês pode ficar sentado aqui atrás para ser torturado.

— Nem estou falando! — protestou Molly, com raiva.

— Está falando agora — resmungou Xavier.

— Se tivéssemos ido de avião, já estaríamos lá.

— O piloto teria derrubado o avião cinco minutos depois de você começar a falar.

— Ainda assim seria mais seguro do que ficar dentro desta bomba.

— Ei! — Xavier não ficaria tão bravo se alguém ofendesse sua masculinidade. Ele sempre se irritava quando as pessoas criticavam o carro.

— Ele é vintage.

— E um monte de ferro-velho vintage. Não sei por que não pegamos o jipe.

Eu estava me perguntando a mesma coisa. Acho que pegar o Chevy tinha sido ideia de Xavier. Talvez isso o conectasse mais a mim. Tínhamos muitas lembranças daquele carro, e talvez ele quisesse levá-las consigo ao sair da cidade para deixar sua vida para trás. Mas Xavier não contaria isso a Molly. Então...

— Você não saberia o que é um carro clássico nem se caísse em cima de um.

— Babaca — murmurou ela.

— Cabeça de vento.

Ivy se virou e olhou para os dois.

— Vocês acordaram de mau humor hoje? Parem com isso.

Molly ficou envergonhada, e Xavier suspirou alto e afundou-se outra vez no banco de trás. Alguns minutos de paz transcorreram até Gabriel parar num posto de gasolina. Xavier saiu correndo para dentro da loja, antes mesmo de meu irmão desligar o motor. Pensei em segui-lo, mas sabia que ele só passaria o tempo livre analisando chicletes e revistas antigas até ter que voltar para o carro. Molly lhe lançou um olhar zangado quando saiu para procurar o banheiro.

Acompanhei meus irmãos quando se aproximaram de um homem, cujo avental estava manchado de óleo, que olhava dentro do capô de um caminhão enferrujado. Percebi que, apesar das manchas de óleo no rosto, possuía também olhos brilhantes e atitude alegre. Mastigava tabaco, e uma canção antiga de Hank Williams tocava num rádio portátil ali perto.

— Olá — Ivy tentou se apresentar. — Que belo dia hoje.

— Olá — respondeu o homem, que largou as ferramentas para dar atenção total a Ivy. — Com certeza. — Ele pensou em apertar a mão dela, mas voltou atrás quando viu suas unhas bem-feitas. De perto, vi seus olhos azuis bondosos e seu sorriso meio torto. — Prazer em conhecê-la. — A voz grossa se tornava melódica com o sotaque sulista. Era delicioso de escutar, e de todas as vozes do mundo a dele era a mais musical.

— Qual é o seu nome? — perguntou Gabriel, e Ivy lançou-lhe um olhar. A mania que ele tinha de pular as amenidades às vezes tornava a conversa meio sem pé nem cabeça.

— Earl — respondeu o homem, passando a mão pela sobrancelha.

— Em que posso ajudar?

— Estamos procurando a abadia de Maria Imaculada no condado de Fairhope — disse Ivy. — Você sabe onde fica?

— Com certeza, moça. Fica a mais ou menos 120 quilômetros daqui. Xavier, que veio da loja participar da conversa, fez um rápido cálculo mental e suspirou.

— Que ótimo — murmurou ele. — Mais uma hora de estrada. Ivy olhou para ele sem dar muita atenção.

— Tem algum lugar onde podemos nos hospedar perto da abadia? — perguntou ela.

— Tem um hotel na estrada — respondeu Earl. Ele olhou para Ivy de cima a baixo, de seu trench coat e botas de montaria até os cabelos loiros bem-arrumados. — Mas não é muito chique, não.

— Sem problemas — disse minha irmã. — Pode nos falar sobre a abadia?

— Earl pigarreou de leve e desviou o olhar, o que logo chamou a atenção de Gabriel.

— Ficaríamos muito agradecidos se você puder nos contar o que sabe — disse meu irmão numa voz cheia de charme. Ele sempre conseguia um efeito hipnótico com ela.

— Sim, sei uma coisa ou outra sobre o local — disse Earl, hesitante. — Mas não tenho certeza se vocês querem mesmo saber.

Meus irmãos se inclinaram para a frente, curiosos.

— Pode confiar. — Ivy o incentivou, sorrindo para o homem de modo a deixá-lo com as pernas bambas. — Ficaríamos felizes com qualquer informação que puder nos dar. Não conseguimos descobrir muito sozinhos.

— Não conseguiram porque tudo foi trancado por um feitiço — disse Earl, secando a sobrelanceira de novo.

— Como assim? — perguntou Ivy, franzindo o cenho.

— Trabalhando num posto de gasolina, acabo escutando certas coisas.

— Earl continuou a falar num tom de conspiração: — Muitas pessoas vêm aqui e falam. Não que eu escute escondido, mas às vezes ouço coisas sem querer. Essa abadia sobre a qual vocês estão falando... tenho uma sensação ruim em relação a ela. Há alguma coisa errada ali.

— Por que diz isso? — Gabriel o pressionou com a voz baixa e intensa.

— Costumava ser um local muito bacana — continuou ele. — Víamos as irmãs pela cidade o tempo todo, visitando pessoas e dando aulas de catecismo. Mas, uns dois meses atrás, houve uma tempestade de raios, a pior que já vimos. Depois disso, as irmãs não saíram mais. Dizem que uma delas ficou doente por causa da tempestade e não podia ser perturbada, por isso elas se trancaram dentro da abadia. Desde então, nenhuma alma nem entra nem sai dali.

— Como uma tempestade de raios poderia fazer alguém adoecer? — perguntou Xavier. — Não é possível, a menos que a mulher tenha sido atingida.

— Sim, não faz o menor sentido — respondeu Earl, balançando a cabeça com tristeza. — Mas passei pela abadia uma noite quando fui fazer uma entrega perto dali. Posso dizer que não havia nada de normal no que vi.

— Pode nos dizer o que viu? — Gabriel ficou tenso, e vi na expressão dele que já sabia a resposta e não gostava nem um pouco dela.

— Bem — Earl franziu o cenho e pareceu envergonhado, como se os outros fossem questionar sua sanidade. — Estava voltando para a cidade quando passei pelo lugar e pensei ter ouvido alguém gritar, mas não parecia um ser humano. Parecia um uivo de animal selvagem. Então, saí do carro, tentando decidir se deveria chamar a polícia, e vi que todas as janelas do andar de cima da abadia tinham sido cobertas e havia arranhões na varanda da frente, como se algo tivesse tentado entrar... ou sair.

Ivy virou a cabeça para olhar para Gabriel.

— Ele poderia ter nos alertado — sussurrou ela, e percebi que se referia a Miguel. — Estamos despreparados para isso. — Vi quando ela olhou para Molly, que passava gloss nos lábios, usando a janela do carro como espelho.

— Sinto muito, moça, não quis assustá-la. — disse Earl depois de pensar um pouco. — Não sei onde estou com a cabeça.

— Não, fico feliz por ter contado — disse Ivy. — Pelo menos sabemos o que esperar.

— Talvez você possa nos ajudar com mais uma coisa — pediu Gabriel com tom sério. — A irmã que ficou doente na noite da tempestade... como se chamava?

— Acredito que seja a irmã Mary Clare — respondeu Earl com seriedade. — Uma pena. Ela era uma pessoa legal.

† † †

O resto da viagem foi mais tranqüilo, enquanto Gabriel partia em direção ao hotel. Até mesmo eu sabia que eles não poderiam entrar na abadia sem uma estratégia. Para Ivy e Gabriel, a fonte do problema na abadia era muito clara, mas a confusão de Molly e Xavier estampava em seus rostos.

O hotel se chamava Easy Stay Inn e ficava à beira da estrada principal, longe demais do centro da cidade para atrair turistas. Por isso, era decadente e precisava muito de uma reforma. Não havia carros no estacionamento e a placa de neon brilhava por alguns minutos e depois emitia apenas um ruído estático. Os tijolos marrons foram pintados de branco, mas a exposição ao tempo fez com que descansassem. O lado de dentro era um pouco melhor, com paredes escuras e carpete marrom. Num dos cantos do cômodo, havia uma TV ligada enquanto uma mulher pintava as unhas atrás da mesa da recepção, espiando uma reprise do Jerry Springer Show. Ficou tão surpresa com a chegada do grupo que derramou o esmalte, mas se recuperou depressa e levantou-se para receber os visitantes. Usava uma calça jeans e uma blusa justas. Tinha os cabelos ruivos ondulados e presos por uma tiara de flores. De perto, era mais velha do que aparentara a princípio. Num crachá torto, lia-se Denise.

— Posso ajudá-los? — perguntou, insegura, pensando que eles deviam

estar perdidos e querendo informações. Meus irmãos deram um passo para fazer as formalidades. Eles aparentavam, para a mulher, um casal lindo, perfeito demais para ser de verdade. Admito que os quatro pareciam fora de contexto ali. Encontravam-se próximos uns dos outros, como um grupo de proteção, uma muralha contra o resto do mundo. Xavier agia cada vez mais como um de nós. Costumava ser mais relaxado com outras pessoas, interagia naturalmente com elas, encantando-as. Naquele momento, parecia distante e reservado; de vez em quando, franzia a testa como se reprovasse algo que não conseguíamos ver. Meus irmãos tomaram o cuidado de se vestir como viajantes comuns: Gabriel e Xavier trajavam calça jeans escura e camiseta preta, e Ivy, seu trench coat mostarda. Todos eles usavam óculos escuros para não chamar a atenção. Infelizmente, o efeito foi contrário. A recepcionista olhou para eles como se de repente estivesse diante de celebridades.

— Precisamos de dois quartos duplos para pernoitar — disse Gabriel, tenso, entregando à mulher um cartão de crédito dourado e brilhante.

— Aqui? — perguntou Denise, sem acreditar, mas logo reparou não ser muito profissional questionar. Ela riu com nervosismo. — É que não recebemos muitos hóspedes nesta época do ano. Estão aqui a trabalho?

— Estamos viajando de carro — explicou Gabriel de pronto.

— Pretendemos visitar a abadia de Maria Imaculada — disse Ivy. — Fica perto daqui?

Denise entortou o nariz.

— Aquele lugar acabado? — perguntou com desdém. — Aquilo me dá arrepios. Ninguém vai lá há muito tempo. Mas não fica longe, é do outro lado da rodovia, descendo uma estrada de terra. Vocês não têm como vê-la daqui por causa das árvores.

Enquanto falava, olhava para Ivy com inveja, e tentei enxergar tudo do ponto de vista dela.

Os cabelos dourados de Ivy chegavam ao meio de suas costas, e seu rosto era brilhante e radiante, apesar da expressão séria. A pele era clara e os traços perfeitamente esculpidos, quase não se mexiam enquanto ela falava. Parecia uma miragem na qual se temia cair se chegasse muito perto. Denise se virou para Gabriel, com um leve toque de amargura na voz. — Então, você quer uma suíte de lua de mel para você e sua esposa?

Escutei Molly reclamar no sofá verde de vinil e sabia que ela estava tentando imaginar o que aquele hotel de beira de estrada — uma espelunca sem nenhum glamour — chamava de "suíte de lua de mel".

— Na verdade, não somos... — começou Gabriel, mas se interrompeu ao ver a esperança brilhando nos olhos de Denise. A última coisa de que ele precisava era perder tempo fugindo de outra mulher apaixonada. — Não somos exigentes demais — completou com cuidado. — Um quarto simples será o

suficiente.

— É para vocês dois? — perguntou Denise, inclinando a cabeça na direção de Xavier e Molly.

— Credo! — reclamou Molly. — De jeito nenhum vou dividir um quarto com ele.

Denise olhou com simpatia para Xavier.

— Briguinha de namorados? — perguntou ela. — Não se preocupe, querido, são os hormônios. Vai passar.

— Ele é o cara dos hormônios — replicou Molly. — Humor totalmente instável.

— Vocês precisam de itens extras? — perguntou Denise. — Toalhas, xampu, acesso à internet?

— Que tal uma mordaca? — perguntou Xavier, baixinho, olhando para Molly.

— Puxa, que maturidade da sua parte — disse ela, irritada.

— Não vou falar sobre maturidade com uma menina que acha que a África é um país — disse Xavier.

— E é, sim — insistiu Molly. — Assim como a Austrália.

— A palavra certa é continente.

— Se eu escutar mais um pio de vocês dois.. — avisou Ivy. Denise balançou a cabeça, divertindo-se.

— Não voltaria a ser adolescente nem por todo o dinheiro do mundo. — Sua tentativa de melhorar o clima foi ignorada pelos dois. Ela esperou que a tensão se desfizesse ou que alguém expressasse alguma frustração, cansaço ou irritação. No entanto, eles só ficaram olhando para ela, envolvidos demais nas próprias preocupações para dar atenção. — Bem, aproveitem a estadia — completou, hesitante.

Gabriel inclinou-se para a frente para pegar as chaves e o cartão de crédito que Denise lhe entregava. Os dedos dele tocaram a mão dela por acidente, e o corpo dela reagiu ao toque. Pareceu inclinar-se involuntariamente na direção dele e levou a mão à boca. Então se recostou na cadeira, como se um raio de energia intoxicante a tivesse deixado totalmente exausta. Ela fitou os olhos brilhantes dele e estremeceu. Gabriel afastou os cabelos loiros que lhe tinham caído no rosto e deu um passo para trás.

— Obrigado — disse, com educação, e saiu da recepção. Ivy caminhou ao lado dele com a leveza de uma fada. Xavier e Molly acompanharam sem dizer nada.

Havia um restaurante ao lado do hotel, e, como estava quase anoitecendo, eles foram para lá. O local estava vazio, exceto por um caminhoneiro solitário sentado no canto mais distante e uma garçonete séria, que mascava um chiclete enquanto limpava os balcões preguiçosamente. Os dois olharam

surpresos quando a porta se abriu e Gabriel e os outros entraram. O caminhoneiro não demonstrou curiosidade, cansado demais para observá-los em detalhes, e a garçonete a princípio pareceu chocada e, depois, irritada por ter que atender mais clientes. Assim como Denise, ela não estava acostumada a trabalhar muito.

Eu me demorei olhando ao redor: era simples, mas limpo e confortável. Havia um balcão que se estendia por uma parede, com banquinhos de estofado redondo e vermelho organizados em fila. O chão era de linóleo preto e branco, e as cabines revestidas de vinil vermelho. Havia um velho pôster de Elvis Presley na parede acima do balcão: ele sorria para nós, a jaqueta com a gola levantada e os olhos brilhantes. Recortes de jornal com notícias de Fairhope cobriam a parede mais distante do lugar. Os quatro escolheram a mesa mais afastada de ouvindo curiosos e se sentaram.

— Vocês vão me dizer o que está acontecendo? — perguntou Xavier, sem perder tempo.

— Miguel não nos contou muito — suspirou Ivy. — Estamos entrando nisso sem saber muita coisa, por isso precisamos nos concentrar agora.

— Tem alguma coisa naquele convento... — comentou Gabriel como se pensasse alto. — Algo que ele quer que encontremos. Ele não nos mandaria até aqui se não fosse uma pista quente.

— Está dizendo que pode existir um... — Xavier hesitou e abaixou a voz — ...um portal sobre o qual não sabemos?

— Mesmo que exista, não há como abri-lo sem um demô... — Gabriel se interrompeu ao olhar para o estabelecimento vazio. A garçonete estava ocupada conversando com um amigo ao telefone — ...sem um demônio. Eles são os únicos que sabem abrir.

— Mas vamos à abadia esta noite? — perguntou Molly, com voz de personagem de filme de espionagem. Ela se sentia rejeitada e queria contribuir de alguma forma. Xavier revirou os olhos para as palavras que ela escolhera, mas não fez nenhum comentário. Percebi que ele queria evitar conflitos.

— Vamos quando escurecer — respondeu Ivy. — Não queremos que nos vejam.

— Não vai ser meio assustador à noite?

— Pode ficar no hotel — respondeu minha irmã com calma. — Mas o convento talvez seja menos assustador.

— Por favor, não mudem de assunto. — Xavier estava ficando irritado.

— Vocês ainda não me contaram o que o cara do posto de gasolina disse. — Ele se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos em cima da mesa. — O que ele falou a respeito da tempestade de raios?

Ivy e Gabriel se entreolharam.

— Talvez não seja o melhor momento para tratar desse assunto —

respondeu Ivy, olhando de relance para Molly. — Na verdade, acho melhor vocês dois fiquem no hotel. Gabriel e eu saberemos lidar com a situação.

— Até parece que vou ficar no hotel — retrucou Xavier. — O que eles estão escondendo?

— Vocês não precisam se preocupar comigo — disse Molly num tom prático que eu nunca escutara antes. — Já vi muitas coisas sobrenaturais e esquisitas. Consigo enfrentar.

Gabriel colocou as mãos sobre a mesa e olhou para eles com atenção.

— Com certeza vocês nunca viram o que verão hoje.

— Gabe... — disse Xavier. — Sei que está preocupado, mas estamos juntos nisso agora. Estou mais envolvido do que vocês pensam. Precisam confiar em mim... — Ele olhou para Molly do outro lado da mesa e corrigiu-se: — Precisam confiar em nós.

— Tudo bem — cedeu Gabriel. — A tempestade de raios, o uivo, os arranhões na varanda... tudo isso aponta para uma coisa.

— Nenhum humano poderia causar esse tipo de prejuízo sozinho — acrescentou Ivy. — Estamos falando sobre freiras, irmãs que dedicaram a vida a servir a Deus. Pensem nisso o que poderia fazer com que essas mulheres se trancassem e ficassem distantes do mundo? O que poderia ser a pior coisa para elas?

Molly parecia distante, mas Xavier pensava sem parar. Seus olhos azuis se arregalaram quando finalmente juntou as peças.

— Não! — exclamou ele. — É sério?

— E o que parece — respondeu Gabriel.

— Então, nós lidamos com isso antes — disse Xavier. — Não foi exatamente o que Jake fez ano passado?

Gabriel balançou a cabeça.

— Aquilo foi leve se comparado a isto. Eles eram apenas espíritos mobilizados por um tempo para causar danos. O que acontece agora é o lance real e cem vezes mais forte... e mais perigoso.

— Por favor, alguém pode me explicar sobre o que vocês estão falando?

— Molly quis saber, irritada por tantas vezes ser ignorada.

Gabriel suspirou fundo.

— Estamos lidando aqui com um caso de possessão demoníaca. Espero que estejam prontos.

O silêncio que se deu a seguir foi interrompido apenas pelo bater de um lápis contra um bloquinho de papel, enquanto a garçonete esperava para anotar o pedido.

— Em que posso ajudá-los? — perguntou. Ela era de uma beleza incomum, loira e com corretivo facial em excesso. Sonhava com uma vida muito mais glamorosa do que trabalhar num restaurante de fim de mundo sem

nada para fazer além de observar os carros na estrada.

Minha família continuou séria, e a garçonete ergueu uma sobrancelha, com impaciência.

Molly foi a primeira a voltar à normalidade e abrir um sorriso amarelo.

— Vou querer um frango frito e uma Coca-Cola — pediu ela, com meiguice. — Pode trazer o ketchup?

Fiquei surpresa quando Gabriel e Ivy decidiram trocar de roupa e ir direto para a abadia depois do jantar, levando Xavier e Molly. Já eram quase dez horas, e pensei que eles dariam a noite por encerrada e esperariam até o dia seguinte. Mas algo deve tê-los apressado.

Do lado de fora, o vento era frio, e o céu parecia um pedaço de veludo azul cheio de estrelas e nuvens. Não fosse a ameaça embrenhada na floresta do outro lado da estrada, me sentiria totalmente em paz. O som das cigarras tomava conta do ambiente e uma brisa suave despenteou Ivy para, em seguida, revoltar as copas das árvores. Havia algo de diferente naquele local, uma dignidade silenciosa e a graça de uma época esquecida. Mantinha o ar misterioso, como se os salgueiros soubessem mais do que nós.

Molly estremeceu quando atravessaram a estrada e se misturaram às sombras dançantes das árvores. Escondeu-se ainda mais no casaco que vestia e, por instinto, se aproximou mais de Xavier. Ele a abraçou forte para confortá-la. Fiquei aliviada ao ver que ele continuava o mesmo. O estresse o deixava mais impaciente a cada dia, minando sua atitude simpática de sempre. Isso, em parte, era o motivo pelo qual ele e Molly viviam discutindo. Ele não estava bem consigo mesmo. Por um lado, via em Molly um elo comigo e, ao mesmo tempo, se lembrava da nossa vida de antes, na Bryce Hamilton. Por outro, não tinha como evitar que a preocupação com a minha segurança o irritasse. Nesses momentos, ele culpava Molly pela sessão espírita e a si mesmo por não ter como ajudar.

— Você vai ficar bem — disse a Molly. — Todos vamos ficar bem. — Sua expressão distante declarava que estava pensando em mim. Precisava acreditar que eu ficaria bem para poder continuar. Eu também precisava que ele acreditasse. A fé dele mantinha a minha viva.

Pensei se deveria fazer com que ele percebesse a minha presença, mas estava cansada demais por causa dos acontecimentos recentes e preferi apenas observar passivamente.

A floresta ia ficando cada vez mais densa, mas Gabriel, com seus sentidos apurados, conseguiu localizar a estrada de terra que Denise mencionara. Era larga o suficiente para permitir a passagem dos carros, mas, abandonada nos últimos meses, os arbustos já invadiam o espaço. Os galhos das árvores eram baixos, ficavam perto da estrada, e montes de folhas caídas abafavam os passos dos visitantes. O luar atravessava as árvores e iluminava o caminho com um tom cinza leitoso. A lua crescente desaparecia às vezes, escurecendo o caminho. Era bom que Gabriel e Ivy irradiassem luz da pele. Era um brilho

fraco, como o de um celular numa sala escura, mas melhor do que nada. Quando uma coruja piou, Molly se sobressaltou e disse um palavrão. Quase sem querer, Gabriel começou a caminhar mais devagar para ficar mais perto dela. Apesar de ele não ter dito nada, Molly pareceu mais calma com a aproximação do meu irmão.

Logo as árvores se tornaram mais escassas e pudemos ver a sombra do velho convento. A abadia de Maria Imaculada era uma construção de três andares, de paredes brancas, em estilo neogótico. Havia uma capela adjacente com pináculos tão altos que tocavam o céu da noite, um lembrete da presença constante de Deus.

Havia fileiras de janelas de arco gótico em todos os andares, portões de ferro forjado e um caminho de pedras que levava à porta de entrada. Um poste iluminava o jardim cuja gruta abrigava uma estátua de Nossa Senhora, além de santos posicionados de joelhos na grama alta. O mais assustador era o abandono do local: o mato crescera e tampara a entrada da capela, as folhas se acumulavam pelo caminho e as janelas foram cobertas por tábuas no sótão.

— Gostaria de saber quantas freiras vivem aqui — murmurou Xavier. Gabriel fechou os olhos, e eu sabia que estava tentando encontrar a história do local, de como era a vida antes daqueles acontecimentos. Sempre tomava cuidado para não invadir demais os pensamentos ou os sentimentos das pessoas; analisava superficialmente para conhecer a identidade delas.

— Há doze irmãs, no total — disse ele, por fim. — Incluindo a que está adoentada.

— Como soube? — perguntou Molly. — Parece que ninguém vive aqui.

— Não é hora de fazer perguntas — disse Ivy com paciência. — Vocês verão muitas coisas inexplicáveis esta noite.

— Acho mais fácil você não pensar muito — aconselhou Xavier.

— E como vou fazer isso? — reclamou Molly. — Parece que alguém vai chegar e dizer que estou numa pegadinha.

— Acho que as pegadinhas são feitas apenas com pessoas famosas — disse Xavier baixinho.

Molly irritou-se.

— Isso não ajuda em nada!

— Olha. — Xavier se virou para ela. — Deixe-me tentar ajudá-la aqui. Sabe quando você está assistindo a um filme de terror e o personagem sempre decide entrar na sala escura onde o assassino está à espreita?

— Sei — respondeu Molly sem saber a finalidade daquilo.

— Você já se perguntou por que o personagem é idiota o suficiente para entrar ali?

— Bem, não, porque é um filme. Você simplesmente entra no clima.

— Exato — disse Xavier. — Pense nisto como um filme e não faça

perguntas. Se fizer, só vai dificultar as coisas.

Molly quis discutir, mas logo mordeu o lábio e concordou, hesitante.

Os portões trancados se abriram com facilidade quando Gabriel deu a ordem, e o grupo se aproximou lentamente dos degraus da varanda da abadia. A preocupação de Ivy aumentou: havia marcas desiguais nas portas de madeira, com pelo menos 2,5cm de profundidade. Elas se espalhavam pela frente e viravam para a janela, como se alguém tivesse sido arrastado de volta para dentro depois de lutar muito. Logo pensei no pobre ser humano que fora possuído para agir desse modo. Os arranhões na varanda eram profundos o suficiente para lascas de madeira terem sido arrancadas com as unhas. Estremeci ao pensar nos males causados à irmã afligida.

A varanda que contornava a construção era comprida e protegida por belos toldos e pilares brancos. Havia duas cadeiras de balanço ao lado de uma mesa arrumada para o café da tarde. Os insetos tomaram conta dos biscoitos, e o chá se tornara lodoso. Um terço estava no chão, como se o tivessem largado ao fugir com pressa. A porta de tela parecia arranhada e estragada, como se tivessem tentado arrancá-la. Xavier e Gabriel trocaram olhares inquietos.

— Aqui vamos nós — anunciou Xavier antes de respirar profundamente. Ele esticou o braço e apertou de leve a campainha de latão. Logo os sinos ecoaram dali de dentro um som abafado. Por um bom tempo, não houve nada além do silêncio.

— Elas não podem nos ignorar para sempre. — Ivy cruzou os braços. — Toque de novo.

Xavier obedeceu e apertou a campainha por mais tempo. Os sinos reverberaram mais alto, como se anunciassem um desastre iminente. Se ao menos as irmãs soubessem que a ajuda estava ali do lado de fora. Ouviu-se um som na saleta, mas a porta continuou fechada.

Ivy ou Gabriel poderiam tê-la derrubado num piscar de olhos, mas acredito que não seria a maneira mais simpática de chegar se quisessem convencer uma freira nervosa de que eles estavam do mesmo lado.

— Por favor, abram a porta. — Gabriel recostou-se contra a portinhola. — Viemos ajudar. — Entreabriram a porta, com a corrente de segurança ainda presa. Um rosto apareceu e analisou meu irmão com cuidado.

— Meu nome é Gabriel, esta é minha irmã e estes são nossos amigos — continuou ele, com delicadeza. — Pode me dizer o seu nome?

— Sou a irmã Faith — respondeu a freira. — Por que estão aqui? Ela falava devagar, mas era possível perceber que sua voz estava distorcida de medo. Ivy decidiu dar um passo à frente e declarar suas intenções.

— Sabemos a respeito da irmã Mary Clare e da causa da doença dela — disse, com a voz tomada de compaixão. — Vocês não precisam mais se esconder. A criatura que tomou conta dela... Podemos mandá-la embora.

— Podem mesmo? — A esperança dominou a voz da freira, mas por apenas um segundo; logo ela ficou desconfiada de novo. — Desculpe por não acreditar em vocês. Já chamamos todos os padres e ministros do condado. Eles não têm poderes para lidar com a situação. Por que seria diferente com vocês?

— A senhora precisa confiar em nós — disse Ivy solenemente.

— Confiança é algo raro ultimamente. — A freira se retraiu.

— Sabemos de coisas — continuou Ivy. — Temos conhecimentos que outros não têm.

— Como terei certeza de que vocês não estão do lado deles?

— Creio que a senhora acredita em Deus, irmã — disse Gabriel.

— Já vi coisas... — A voz dela falhou, como se não soubesse mais em que acreditar. E então, corrigiu a si mesma. — Claro que sim.

— Então creia que Ele está aqui agora — disse Gabriel. — Sei que sua fé tem sido testada ao extremo, mas não foi em vão. Vocês foram tocadas pela escuridão, mas não destruídas. Agora devem ser tocadas pela luz. Bem aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus. Bem aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, pois deles é o Reino dos Céus. Permita-nos entrar, irmã; permita que Deus retorne à sua casa. Se não permitirem, sucumbirão às trevas.

Molly olhou para o meu irmão boquiaberta, e fez-se um silêncio mortal dentro da casa. E então, devagar, a corrente de segurança foi solta e a porta de entrada da abadia foi aberta. A irmã Faith estava ali, com os olhos marejados.

— Oh, minhas estrelas — sussurrou ela. — Ele não nos abandonou.

Ela era uma mulher robusta, com cerca de sessenta anos, pele clara e rosto simpático. Havia leves rugas em volta dos olhos e da boca, e tentei imaginar quantas delas acumularam-se ali nos últimos meses. Um abajur em cima da mesa de centro iluminava a saleta e a escada em espiral, mas havia um odor metálico no ar.

Enquanto Gabriel e os outros se apresentavam, afastei-me para ver as fotografias em preto e branco com molduras na parede. O vidro dos quadros estava rachado, e as imagens ficaram borradas, mas deu para ver, ali, a data de abertura oficial do convento, em 1863. Originalmente, a abadia fora construída para abrigar um grupo de freiras irlandesas que ficaram ali por meio século quando serviu de orfanato e refúgio para jovens expulsas de suas casas.

A irmã Faith nos levou em silêncio por uma sala onde colchonetes tinham sido colocados em fileiras no chão — as irmãs sentiam mesmo muito medo de dormir no andar de cima. Ao subirmos a escada, olhei para dentro das salas de arquivo, para a enfermaria e a cozinha de aparência rústica, todos localizados no térreo. O lugar já devia ter sido bonito; confortável no inverno, claro e arejado no verão. Mas agora era uma casa em ruínas. O chão da cozinha estava coberto por peças quebradas, como se as tivessem espalhado. Havia cadeiras destruídas

empilhadas num canto, e toalhas de linho rasgadas se amontoavam perto da porta. Imaginei, ao ver aquilo, que as irmãs tentaram expulsar o demônio elas mesmas, sem sucesso. Desviei o olhar das páginas rasgadas de uma Bíblia. Aquilo me incomodou muito. Era estranho visitar um local terreno tão prejudicado pela atividade demoníaca. Algo forte e terrível abalara a estrutura da casa, derrubara vasos de cerâmica e revirara móveis. Também estava muito quente, e até mesmo em espírito senti o calor me atravessar como se estivesse viva. Molly logo tirou o casaco, mas os outros não se mexeram, apesar do desconforto.

No segundo andar, passamos por alas de descanso com fileiras de quartos do tamanho de celas, agora sem os colchões, e pelos banheiros comunitários. Por fim, paramos diante de uma enorme escada de mogno que levava ao sótão onde a irmã Mary Clare fora isolada para a própria segurança e para a das outras freiras. A irmã Faith parou, inquieta.

— Vocês podem mesmo devolver a irmã Mary Clare às mãos de Deus?

— perguntou.

— Teremos que avaliar as condições dela antes de responder à pergunta — respondeu Gabriel. — Mas com certeza tentaremos.

Ivy tocou a irmã com cuidado, no braço.

— Vai nos levar a ela?

A freira olhou com preocupação para Xavier e Molly.

— Todos vocês? — perguntou baixinho. — Têm certeza? Gabriel sorriu.

— Eles são mais fortes do que aparentam.

No topo da escada, havia uma única porta trancada. Senti o mal pulsando por trás dela, mesmo em minha forma astral. Era como uma força física que tentava repelir a presença de Ivy e Gabriel. Além do cheiro de mofo, outro odor passava por debaixo da porta: o apodrecimento das frutas, de quando a polpa se torna mole e cinza e os insetos começam a se enfiar ali. Xavier fez uma careta; Molly tossiu e tampou o nariz com a mão; meus irmãos não reagiram. Ficaram juntos, lado a lado, num gesto de completa união.

— Peço desculpas pelo mau cheiro — disse a irmã Faith meio que para si mesma. — O purificador de ar não consegue vencê-lo.

Do lado de fora, apenas uma vela iluminava o pequeno espaço. Estava em cima de uma cômoda antiga e pingava cera em seu suporte de prata.

A irmã Faith procurou fundo nos bolsos e encontrou uma chave antiga de latão. Do outro lado da porta, ouviam-se batidas abafadas, respiração acelerada e móveis sendo arrastados pelas tábuas de madeira do chão. Em seguida, escutamos o barulho de dentes rangendo e um som agudo, como ossos sendo quebrados. A irmã Faith se benzeu e olhou com desespero para Gabriel.

— E se não conseguirem ajudá-la? — sussurrou ela. — E se o Senhor enviou Seus mensageiros e eles também fracassarem?

— Os mensageiros Dele não fracassam — disse Ivy com calma. Tirou um

laço de fita preta do bolso e metodicamente prendeu as mechas loiras num rabo de cavalo. Um gesto simples que significava que ela estava se preparando para uma luta violenta.

— Há muita escuridão por aqui. — O rosto da irmã Faith estava marcado pela dor. — Uma opressora e palpável escuridão. Não quero ser responsável pela perda de uma vida...

— Ninguém morrerá esta noite — disse Gabriel. — Não em nossa presença.

— Como posso ter certeza? — A irmã Faith balançou a cabeça. — Já vi coisas demais... Não posso confiar... Não sei como vou...

Para minha surpresa, Xavier deu um passo à frente.

— Com todo o respeito, senhora, não temos tempo a perder. — Sua voz era gentil, mas firme. — Há um demônio prejudicando uma de suas irmãs, e estamos à beira de uma guerra apocalíptica. Estas pessoas farão o que estiver ao alcance para ajudá-las, mas é preciso que as deixem trabalhar.

O olhar de Xavier ficou inexpressivo por um momento, como se estivesse tentando se lembrar de algo. Então, ele se concentrou de novo e colocou uma das mãos sobre o ombro da irmã Faith.

— Algumas coisas estão além da compreensão humana.

Se meu corpo espiritual tivesse permitido, teria gritado naquele momento. Reconheci aquelas palavras: eram minhas. Eu as dissera a Xavier naquela noite na praia, quando tomei uma atitude de fé e me lancei de um penhasco, sabendo que minhas asas não me deixariam cair e revelando minha verdadeira identidade. Depois de convencê-lo de que as coisas não eram uma piada sem graça, ele me fez muitas perguntas. Quis saber por que eu estava ali, qual era o meu propósito e se Deus existia, de fato. Eu lhe disse: "Algumas coisas estão além da compreensão humana." Xavier não se esquecera.

Eu me lembrava daquela noite como se fosse ontem. Quando fechei os olhos, tudo me ocorreu como uma onda. Vi o grupo de adolescentes ao redor da fogueira, com as brasas crepitando e as chamas pareciam jóias brilhantes que morreriam na areia. O cheiro forte do mar, do tecido da blusa azul-clara de Xavier sob meus dedos. Lembrava como os penhascos escuros pareciam enormes peças de quebra-cabeça contra o céu cor de malva. Eu me lembrava do exato momento em que inclinou o meu corpo para a frente e deixara a gravidade para trás. Aquela noite fora o começo de tudo. Xavier me aceitara em seu mundo, e eu não era mais a menina isolada em um aquário que observava um mundo do qual nunca poderia fazer parte. Lembrar tudo isso me fez sentir muita saudade. Pensávamos que encarar Gabriel e Ivy depois de revelar o nosso segredo fosse um desafio. Se ao menos soubéssemos o que nos aguardava...

A chave sendo virada na fechadura chamou a minha atenção de volta ao presente. As palavras de Xavier incentivaram a irmã Faith a revelar o conteúdo

do quarto. Todos pareceram prender a respiração quando o cheiro de fruta podre ficou mais forte e um rosnado alto cortou o silêncio. Foi como se o tempo tivesse parado enquanto a porta se abria lentamente.

O quarto era comum: pouca mobília e um pouco maior do que os cubículos do segundo andar. Mas o que vimos encolhido lá dentro não era nada comum.

A princípio, ela parecia uma mulher comum, tensa e assustada com os desconhecidos à porta, mas, mesmo assim, apenas uma mulher.

Vestia uma camisola de algodão que chegava aos joelhos e seria bela se não estivesse rasgada, encardida e manchada de sangue. Os cabelos longos e escuros estavam despenteados sobre os ombros, e ela se encontrava agachada ao lado da grade da lareira, pegando punhados de cinzas e espalhando-as sobre as tábuas lisas. Os joelhos estavam marcados e cortados, como se tivesse se arrastado pelo chão. Se eu estivesse na minha forma física, meu primeiro impulso teria sido ir em seu auxílio, ajudá-la a se levantar, reconfortá-la. Apenas olhei para Ivy e Gabriel. Os dois não se mexeram. Entendi o motivo quando me concentrei nos olhos que nos observavam e percebi que eles não mais pertenciam à irmã Mary Clare. Os outros também notaram, e Molly soltou um grito abafado e se escondeu atrás de Xavier, cujo rosto refletia diversas emoções. Sua expressão mudou, passando da pena para a descrença e para o nojo e voltando para o início numa questão de segundos. Aquilo era algo com que ele nunca tivera que lidar antes e não sabia que reação era a correta.

A jovem freira, que não passava dos vinte anos, estava agachada no chão, mais parecendo um animal do que um ser humano. Seu rosto estava retorcido, os olhos arregalados, escuros e não piscavam, seus lábios estavam rachados e inchados, e consegui enxergar os pontos onde os dentes perfuraram a carne. Símbolos complexos haviam sido marcados na pele dos braços e das pernas. O quarto em si não tinha melhor condição. O colchão e os lençóis foram rasgados, e arranhões cobriam o chão e o teto. Havia palavras rabiscadas nas paredes num idioma arcaico que não consegui identificar. Por um momento, tentei imaginar como as paredes tinham sido sujas com café, até perceber que aquelas manchas eram de sangue. O demônio inclinou a cabeça para o lado como um cão curioso e analisou os visitantes demoradamente.

Seguiu-se um longo e profundo silêncio, até o demônio rosnar de novo, mostrando os dentes. A cabeça dele se virava com agilidade de um lado para o outro, à procura de um meio de escapar.

Ivy e Gabriel se movimentaram juntos, afastando os outros para trás e atravessando o quarto. Os olhos do demônio se arregalaram quando ele cuspiu na direção deles. A saliva era avermelhada, pois ele mordera a língua. Não precisava piscar e conseguia se concentrar com uma precisão assustadora. Ivy e Gabriel se deram as mãos, e o demônio gritou como se o gesto lhe causasse forte dor.

— Seu tempo na Terra acabou. — Gabriel lançou-lhe um olhar fixo, cheio

de autoridade e desejo de justiça. O demônio o fitou por um minuto antes de perceber quem seu irmão era. E sorriu assustadoramente. Os dentes da irmã Mary Clare se tornaram pedaços irregulares.

— O que você vai fazer? — vociferou o demônio, a voz estranhamente aguda e rouca. — Vai me matar com água benta e crucifixos?

Ivy não vacilou.

— Acha mesmo que precisamos de objetos para destruir você? — perguntou ela com a voz rascante, como a água de um rio que flui sobre as pedras. — O Espírito Santo está vivo dentro de nós. Logo, logo vai tomar este quarto. Você será lançado de volta ao abismo do qual surgiu.

Se era para assustar o demônio, não funcionou. Com habilidade, mudou de assunto. — Sei quem são. Um de vocês pertence a nós agora. A pequena...

Xavier parecia pronto para tomar uma atitude e atacar a criatura, mas Molly o segurou pelo braço, e, com esforço, ele virou o rosto.

— O demônio sabe quais são as nossas fraquezas. — Escutei quando ele repetiu isso a si mesmo, como um mantra. — Ele joga com elas. — Xavier podia não ter tido nenhuma experiência direta com possessão, mas aprendera o suficiente no catecismo para entender como o demônio agia.

— Engraçado você dizer isso — disse Gabriel ao demônio. — E exatamente sobre esse assunto que queremos conversar.

— Está achando que vai dar as cartas aqui? — perguntou o demônio.

— Você dará — respondeu Ivy com satisfação.

O demônio olhou por cima do ombro dela, e seus olhos brilharam. De repente, uma rajada de vento ergueu Xavier e o jogou contra uma parede. Ele escorregou até o chão, e, para o seu horror, uma força invisível começou a arrastá-lo.

— Pare com isso! — gritou Molly, partindo para cima dele.

— Não, Molly! — gritou Xavier, e rangeu os dentes ao ser jogado contra a cabeceira de aço da cama. — Fique quieta.

— Você ameaça, eu ameaço — disse o demônio enquanto Xavier lutava para se livrar.

— Já chega. — Gabriel mostrou a palma da mão, e o demônio gritou e retraiu-se de dor. Ficou claro de quem era o poder dominante. — Não estamos interessados em joguinhos — avisou com seriedade. — Queremos encontrar um portal.

— Estão malucos? — perguntou o demônio. — Querem morrer?

— Viemos buscar a nossa irmã — disse Ivy. — E você vai nos dizer como encontrá-la.

— Quero ver vocês me obrigarem — respondeu o demônio.

— Se insiste... — Ouviu-se um barulho parecido com fogos de artifício abafados e então raios de luz branca saíram das pontas dos dedos de Ivy.

Enquanto ela flexionava e torcia os dedos, os feixes de luz penetravam no corpo do demônio como choques elétricos. Ele soltou um gemido gutural e se encolheu.

— Pare! — gritou. — Pare! Pare!

— Vai dizer o que queremos? — perguntou Ivy. Ela virou a palma da mão lentamente de um lado a outro, de modo que os feixes se retorceram dentro do demônio, que gritou ainda mais. Ivy escolheu os métodos com cuidado. A Luz Santa machucaria o demônio, mas manteria o corpo da irmã Mary Clare intacto.

— Sim! — berrou ele. — Vou ajudá-los! Parem!

Ivy cerrou o punho, e a luz desapareceu. O demônio caiu no chão, exausto.

— Bem fácil convencê-lo, não? — murmurou Gabriel.

— Não tem senso de lealdade — respondeu minha irmã com desdém, antes de voltar-se para a criatura. — Onde fica o portal mais próximo? — perguntou ela.

— Não importa — disse o demônio. — Vocês nunca conseguirão passar por ele.

— Responda à pergunta — ordenou Gabriel. — Como você chegou aqui?

— Por que não me mandam de volta logo de uma vez? — O demônio tentou negociar. — Foi para isso que vieram, não foi? Vocês estão mesmo dispostos a me deixar dentro desta pobre moça para cumprir seus compromissos? — Ele estalou a língua para demonstrar decepção. — Anjos maus.

Gabriel lentamente fez o Sinal da Cruz de propósito e, quando terminou, pareceu segurar algo. Lançou o braço para trás e jogou o que segurava no demônio. Apesar de invisível, a coisa colidiu com a criatura com uma força incrível, e ela gritou, espalhando a espuma que saía de sua boca pelo chão.

— Há um lugar chamado Broken Hill no Alabama — começou.

— Há uma estação de trem ali. Anos atrás, aconteceu um acidente de trem. Sessenta pessoas morreram. O portal mais próximo fica ali.

— Não deveria haver um portal em Venus Cove? — perguntou Xavier.

— Aquele pelo qual Jake levou Beth?

— Demônios poderosos conseguem criar portais onde desejam — respondeu Gabriel. — Aquele foi temporário para servir ao propósito de Jake.

Xavier olhou para o demônio no chão.

— Mas como sabemos se ele está dizendo a verdade?

— Se houve um acidente de trem em Broken Hill, pode ser verdade — disse Ivy. — Acontecimentos traumáticos com perda de vidas inocentes podem resultar na formação de um portal. — Ela hesitou.

— Ainda assim, ele pode estar mentindo. Gabe, você consegue entrar na mente dele... para saber se está dizendo a verdade?

Gabriel demonstrou repulsa ao considerar a ideia de entrar na mente de uma criatura daquelas. Ele me dissera uma vez que a mente de um demônio era densa e repleta de uma substância pegajosa como asfalto. Por isso os exorcismos eram tão cansativos para os humanos afligidos. Quando aquela coisa entra em você, gruda como cola, infectando e espalhando-se como fungo até todas as células do possuído se tornarem dela. Alguns humanos não conseguiam sobreviver à separação. Era como separar duas almas, sendo que uma delas não queria ser separada. O corpo humano fazia o papel da corda num cabo de guerra terrível. Assim que o demônio revelasse a informação requerida, eles teriam que arrancá-lo da irmã Mary Clare. Não queria ver, mas, ao mesmo tempo, não consegui deixar de olhar. Gabriel fechou os olhos, e o demônio levou as mãos às têmporas como se uma enxaqueca repentina o afetasse. Alguns momentos depois, meu irmão se afastou, tomado pelo nojo.

— Ele está falando a verdade — disse ele.

— Então, se encontrarmos o portal, conseguiremos trazer Beth de volta?

— quis saber Xavier.

— Se fosse fácil assim... — disse o demônio. — Vocês nunca passarão por ele.

— Sempre existe um jeito. — Ivy levantou a voz.

— Oh, sim — respondeu o demônio. — Mas eu não tentaria encontrá-lo. Pode ser que não consigam sair.

— Não precisamos de conselhos — disse Gabriel.

— Vocês podem negociar a volta dela — sugeriu a criatura, com os lábios tortos num sorriso malicioso ao encarar Xavier com os olhos vazios e pretos. — Troque ele por ela. E você faria isso, não é, menino? Dá para ver em seus olhos. Você sacrificaria a sua alma para salvá-la. E um preço alto a ser pago por algo que nem mesmo é humano. Como você sabe que ela tem alma? Ela é como eu... apenas trabalha numa empresa rival.

— Se eu fosse você, calaria a boca. — Xavier afastou os cabelos castanhos do rosto, e vi o brilho do meu anel de compromisso na mão dele. De camisa preta e calça jeans, ele não parecia celestial como meus irmãos, mas era alto, forte e estava bem irritado. Queria tirar aquele sorrisinho da cara do demônio, mas ele nunca seria capaz de bater numa mulher, mesmo que esta estivesse possuída.

— Toquei no ponto fraco, não foi? — perguntou o demônio.

Pensei que Xavier perderia a cabeça, mas ficou mais relaxado e recostou-se na parede, observando a criatura com olhos frios.

— Sinto pena de você — disse ele, devagar. — Acho que você não sabe como é ser amado por alguém. Mas tem razão. Beth não é humana, porque os humanos têm uma alma com a qual eles se esforçam para manter contato o tempo todo. Todos os dias travam uma batalha para escutar a própria

consciência e fazer a coisa certa.

Se você conhecesse Beth, saberia que ela não tem alma porque ela é só alma. É tomada de alma, mais do que outro ser humano poderia. Você não tem como saber disso porque só conhece o vazio e o ódio. Mas não vai vencer no final. Você vai ver.

— Você é muito metido para um mero humano — respondeu o demônio. — Como sabe que o destino não tentará a sua alma para que se torne tão obscuro e perdido quanto eu?

— Ah, não acho que isso vá acontecer — disse Ivy sorrindo. — A alma dele já está marcada como uma das nossas. Xavier tem um lugar reservado no Céu.

— Agora, se não se importa — interrompeu meu irmão. — Estamos cansados de trocar amenidades.

O demônio parecia saber o que estava prestes a acontecer e deu um salto, arqueando as costas como um gato e mostrando os dentes com fúria. Molly, que estava perto da porta, abaixou-se como se esperasse que objetos voassem pelo quarto.

— Essa é a parte na qual você começa a cantar em latim? — perguntou ela, tremendo.

Gabriel olhou para ela.

— Fique embaixo da cama, Molly. Você não precisa testemunhar isso.

— Tudo bem — Molly balançou a cabeça. — Já vi O exorcista.

Meu irmão riu, achando graça.

— Aqui é um pouco diferente — disse ele. — Os humanos precisam de orações e rituais para mandar um demônio de volta ao Inferno. Mas somos mais fortes do que isso.

Ele esticou o braço, e Ivy entrelaçou os dedos delicados aos dele. No mesmo momento, as asas deles se abriram, estendendo-se pelo quarto e lançando sombras compridas nas paredes. Os outros observaram surpresos quando a luz começou a ser irradiada das asas esticadas e formou uma nuvem ao redor deles. Eles pareciam vibrar e então passaram a levitar levemente. Gabriel começou a falar:

— Em nome de Cristo, Nosso Senhor e de tudo que é Sagrado, exijo que você desapareça. Devolva este corpo terreno às mãos de Deus e volte para o buraco de fogo de onde veio.

A cabeça do demônio se virava de um lado para o outro, como se um chicote o atingisse, num ataque de agonia. A nuvem de luz dourada sobrevoou o local, bonita para quem via, mas uma marca de morte para aquele agente da escuridão. O demônio tentou passar por meus irmãos, mas a luz agiu como um campo de força imobilizando-o. Relutou violentamente, mas não adiantou. A névoa estava quase chegando a ele, e o demônio se lançou ao chão. Quando a luz

o cercou, descendo como uma névoa, o corpo da irmã Mary Clare começou a soltar fumaça pelo nariz, e um som parecido ao de carne sendo frita tomou o ar ao redor. Molly abriu a boca, horrorizada, e se afastou da cena, cobrindo as orelhas para não escutar os gritos do demônio. Xavier também ficou pálido e engoliu em seco, observando tudo com cara de sofrimento. O corpo no chão ficara rígido, o torso tomado por convulsões. Vi uma saliência aparecer no abdome da irmã Mary Clare. Parecia estar saindo, pelo peito dela, em forma de tubo. Xavier se retraiu ao ouvir a quebra de uma das costelas em meio a gemidos e gritos. A saliência distorceu a garganta da mulher até ela abrir de repente a boca e começar a engasgar e a gargarejar. Meus irmãos se concentraram mais, a luz envolvendo o pescoço da freira, e, como era esperado, uma substância preta e densa saiu de sua boca aberta e caiu no chão como um peixe morto.

Ivy abaixou a cabeça, retraiu as asas e caiu de joelhos, exausta, enquanto Gabriel se ajoelhou ao seu lado no chão. Livre da criatura venenosa que vinha tomando conta de seu corpo, a irmã Mary Clare pareceu muito diferente. A expressão de maldade fora substituída por outra de libertação, apesar da dor que devia estar sentindo. O rosto dela ainda tinha marcas de feridas, mas ela abriu os olhos e vi que eram azul-claros. A jovem pareceu suspirar de alívio e rolou a cabeça para um lado.

Gabriel demonstrou preocupação e se inclinou sobre ela, pressionando de leve os dedos em seu pescoço, para verificar a pulsação. Ele olhou para Ivy.

— Ela não está bem.

Minha irmã se aproximou para se unir a ele, e juntos começaram a cuidar da irmã Mary Clare. Gabriel parecia curar as feridas físicas enquanto Ivy ia mais fundo, tentando chegar à alma da freira para restaurá-la com saúde e para Deus. Não conseguia imaginar o estado em que devia estar a alma dela depois de dividir um corpo com um demônio durante meses. Devia estar totalmente destruída, mas, se havia alguém para ajudá-la, esse alguém era um serafim. Observei Gabriel tocar o rosto dela, e os ferimentos e o inchaço começaram a desaparecer. Os dedos dele passaram pelos lábios dela, que ficaram curados. A irmã Faith apressou-se em buscar um pano úmido e rapidamente limpou o sangue seco grudado na boca e no queixo. Quando Gabriel mexeu as mãos, vi que os dentes da irmã Mary Clare também tinham sido restaurados. Meu irmão a deixara sem nenhum vestígio físico do sofrimento enfrentado. Apesar de o corpo estar são de novo, ela continuava sem respirar. Ivy permaneceu inclinada sobre ela, com os olhos bem fechados. O corpo de minha irmã tremia pelo esforço, e Gabriel colocou as mãos em seus ombros para dar-lhe firmeza. Trazer uma alma da beira da morte era cansativo até mesmo para um anjo tão forte quanto Ivy, e percebi que não havia muito como ajudar a irmã Mary Clare. Uma alma já tomada pela Morte quase nunca voltava; pertencia a ela até ser tomada pelo

Céu ou pelo Inferno. Se nenhum dos dois a quisesse, ela seria lançada ao Limbo, como lixo.

Ivy tinha que percorrer o túnel do subconsciente da irmã e ajudá-la a voltar antes que escapasse para sempre. A mente dela deveria estar muito confusa, contaminada pelo Mal que habitara seu corpo por tanto tempo. A morte estava próxima, qualquer um podia ver isso. Ela estava por um fio, sem vontade de voltar para a vida, com medo de que estivesse repleta do sofrimento do qual se lembrava. O túnel da morte suga a vida de você, quer que você desista, quer que você se entregue. E claro, a escuridão não podia tocar a minha irmã, mas podia retirar sua força, e estar dentro da mente infectada da irmã Mary Clare lhe causaria prejuízos.

Por fim, depois do que pareceu uma eternidade, Ivy soltou a mão da freira e observou-a piscar e então abrir os olhos. Ela respirou profundamente, como alguém que fica embaixo d'água por muito tempo.

— Oh, louvado seja Deus! — exclamou a irmã Faith. — Obrigada, que Deus os abençoe. — Ela abraçou a irmã Mary Clare, que olhava ao redor, confusa. Eu a observei com atenção e percebi que era muito jovem... Não tinha mais que vinte anos, o rosto claro e algumas sardas em cima do nariz.

— O que... o que aconteceu? — gaguejou a irmã Mary Clare, levando a mão aos cabelos embaraçados, grudados pelo sangue. A irmã Faith ficou boquiaberta.

— Ela não lembra?

— Ela está em choque — respondeu Gabriel. — Ao longo dos próximos dias, as lembranças voltarão por meio de flashes e pesadelos. Ela vai precisar de seu apoio.

— Claro que sim — assentiu a irmã Faith. — O que ela precisar.

— No momento, ela precisa de um banho — disse meu irmão. — Depois, ela deve dormir. — Ele olhou para o quarto destruído. — Há algum lugar onde ela possa ficar até tudo isto ser arrumado?

— Sim, sim — a irmã Faith murmurava para si. — Vou pedir a Adele que arrume uma cama. — Ela olhou para Gabriel e Ivy. — Não sei como agradecer a vocês — disse ela, com os olhos marejados de novo. — Pensei que a tivéssemos perdido para sempre, mas vocês a devolveram a nós e reafirmaram a nossa fé como não esperava que pudesse acontecer nesta vida. Terão nossa eterna gratidão.

Gabriel apenas sorriu.

— Foi um prazer — disse simplesmente. — Agora, cuidem dela. Vamos sair.

A irmã Faith lançou um olhar carinhoso aos meus irmãos e então apressou a frágil Mary Clare a sair do quarto. Escutei quando ela chamou as outras irmãs. Tentei imaginar se elas acreditariam na história dos visitantes misteriosos e na

retribuição celestial que eles ofereceram.

Quando saíram, Ivy, que ficara calada, suspirou longamente e, por um momento, ficou inquieta.

— Calma — disse Xavier, caminhando na direção dela. — Você está bem?

Com um zunido, as asas de Gabriel se retraíram, dobrando-se em suas costas musculosas. Ele abraçou Ivy pela cintura para lhe dar suporte, e ela se recostou em seu ombro, reunindo forças.

Um instante depois, as asas dela também se retraíram, mas ela teve que fazer um esforço maior. Suspirou profundamente e deu um breve sorriso para Xavier.

— Estou exausta — disse ela. — Estarei melhor num minuto. Gabriel começou a direcionar o pequeno grupo à porta.

— Venha — disse ele. — Nossa tarefa aqui está concluída. Precisamos partir.

No lado de fora, Gabriel viu Molly O impacto do que ela vira a abalara. Ela segurava uma coluna da varanda, com as mãos trêmulas.

Parecia não mais agüentar o próprio peso e deu um passo desajeitado para a frente, estendendo as mãos para retomar o equilíbrio. Gabriel a envolveu pela cintura para ajudá-la a descer a escada e, quando chegaram ao chão, ele ficou ao lado dela quando Molly se ajoelhou e vomitou num canteiro de flores. Com uma das mãos ainda em seu ombro, ele afastou os cabelos dela do rosto e os puxou para trás — sem falar nada, apenas esperando pacientemente até ela terminar.

Já era madrugada quando os quatro voltaram ao hotel Easy Stay. Apesar de Molly estar menos pálida, parecia tomada pelo cansaço. Xavier também estava exausto e carente de sono. Apenas meus irmãos pareciam tranqüilos e calmos como sempre. O único sinal do estresse pelo qual haviam acabado de passar eram as roupas amassadas. A força de Ivy havia se regenerado quando eles voltaram, mas eu sabia que a noite fora difícil para ela. Devia ser frustrante, pensei. A força e o poder dela no Reino eram enormes. Mas, pelo que percebi, quanto mais os anjos permaneciam na Terra e se misturavam aos seres humanos, mais finitos seus poderes pareciam se tornar.

Na primeira oportunidade, Xavier correu para o quarto sem dizer nada a ninguém. Quis segui-lo para ficarmos a sós por um momento. Eu me imaginei deitada ao lado dele na cama, com a cabeça recostada em seu peito, como costumávamos fazer. Concentraria toda a minha energia para que ele soubesse da minha presença; ofereceria a ele algum conforto assim como o deixaria me confortar. Mas Ivy e Gabriel iam planejar o próximo passo, e eu precisava me preparar se quisesse continuar com eles.

— O que houve com ele? — perguntou Molly assim que Xavier fechou a porta.

— Deve estar abalado pelos acontecimentos de hoje — disse Ivy ao colocar a chave na fechadura. — Precisa de um tempo para absorver tudo isso. — A ingenuidade de Molly a irritava de vez em quando. Por algum motivo, Molly ainda estava perto dos meus irmãos. Os dois escolheram não perguntar o que ela queria. Talvez quisesse sair daquela missão de salvamento. Talvez tivesse assumido mais do que o combinado e estivesse pronta para voltar para casa.

A porta do quarto era marrom. Com um suspiro pesado, Gabriel a abriu e acendeu os interruptores do corredor. Uma luz forte e o zunido do ventilador de teto tomaram o quarto. As duas camas de solteiro eram cobertas com edredons finos de flores, com criados-mudos e abajures de franjas combinando. O carpete tinha um tom salmão desbotado, e as cortinas no varão de metal cobriam uma única janela retangular.

— Tem seu charme — disse Ivy com um sorriso irônico.

Apesar de meus irmãos estarem acostumados ao luxo de Byron, o ambiente que os cercava não era relevante. Podiam estar numa suíte do hotel Waldorf Astoria que não faria diferença.

— Vou tomar um banho — disse Ivy, pegando uma nécessaire e indo em direção ao banheiro. Molly a observou se afastar, mordendo o lábio e

remexendo-se com ansiedade. Gabriel a observava com olhos penetrantes. Eles lembravam uma nevasca — claros, intensos e tão profundos que seria fácil se perder dentro deles. Ele tirou a jaqueta e a pendurou nas costas de uma cadeira. A camiseta branca e justa acentuava seu corpo perfeito. Molly não conseguia desviar o olhar do corpo dele, com o tecido grudado em seu peito definido. Parecia sobre-humano, capaz de segurar um carro nos ombros quase sem esforço — isso porque era o que ele faria, caso a situação exigisse.

O som da água correndo pelos canos velhos foi ouvido no banheiro, e Molly aproveitou a chance para conversar.

— Será que Ivy ficará bem? — perguntou ela de modo estranho. E claro que ela não estava ali para falar sobre Ivy, mas se iludiu puxando outro assunto.

— Ivy é um serafim — respondeu Gabriel como se fosse o bastante para encerrar a conversa.

— Sim — disse Molly. — Eu me lembro. E isso é bem bacana, não é?

— Sim — respondeu Gabriel com frieza. — Isso é bacana.

Usando aquilo como incentivo, Molly entrou no quarto e se sentou na beira da cama, fingindo examinar as unhas. Gabriel se recostou no batente da porta do outro lado de onde ela estava. Se ele fosse humano, se sentiria estranho ou desconfortável, mas sua compostura se alterou como sempre. Independente do ambiente, meu irmão transmitia autocontrole, como se tivesse sido assim a vida toda. Ficou em pé com as mãos nas costas e a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, como se escutasse uma música silenciosa interna. Não prestava atenção em Molly, apesar de estar esperando a iniciativa dela. Provavelmente conseguia escutar o coração dela batendo no peito, sentir o cheiro do suor em suas mãos... até ler a sua mente, se quisesse.

Molly olhou para ele com nervosismo.

— Você foi incrível hoje.

Gabriel devolveu o olhar, surpreso com o elogio.

— Estava cumprindo o meu dever — respondeu ele com a voz baixa.

Pela expressão de Molly, a voz dele a afetava de maneiras que eu não compreendia. Tudo o que ele falava a penetrava fisicamente.

Molly estremeceu de leve e cruzou os braços.

— Está com frio? — perguntou meu irmão. Sem esperar pela resposta, ele tirou a jaqueta do encosto da cadeira e a colocou sobre os ombros dela. A gentileza pareceu mexer com Molly, a ponto de ela ter que se esforçar para não ficar emocionada.

— Estou falando sério — insistiu ela. — Sempre soube que você era maravilhoso, mas hoje foi diferente. Parecia um ser de outro mundo.

— Mas eu sou de outro mundo, Molly — respondeu Gabriel sem se alterar.

— Mas ainda está conectado ao meu mundo, certo? — perguntou Molly.

— Quero dizer, às pessoas. Como a Xavier e a mim?

— Meu dever é proteger pessoas como você e Xavier. Desejo a vocês apenas saúde e felicidade...

— Não é isso o que estou dizendo — interrompeu Molly.

— O que está querendo dizer? — Ele a fitou com a intensidade pungente de alguém determinado a entender um raciocínio diferente.

— Acho que você poderia querer mais. Nesses últimos dias, tenho sentido que... talvez... você pode ter sentido...

Sai da cama e me ajoelhei ao lado de Molly. Tentei lhe enviar uma mensagem de alerta, mas ela estava absorta demais pela presença de Gabriel para perceber a minha presença.

Não, Molly, não faça isso. Você é esperta. Pense bem. Gabriel não é o que você gostaria que fosse. Está prestes a cometer um erro enorme. Você só acha que o conhece. Você imagina que existe mais do que existe de fato. Se está ferida agora, saiba que só vai piorar. Vá conversar com Xavier primeiro. Espere um pouco... Você está cansada. Molly, escute!

Gabriel virou a cabeça devagar na direção dela. O movimento foi quase robótico. O rosto dele estava encoberto pelas sombras da luz fraca do hotel, mas os cabelos ainda brilhavam ao cair em seu rosto como labaredas e os olhos tinham um brilho inconstante, prateado e azul.

— Talvez sinta o quê? — perguntou ele com curiosidade.

Molly suspirou, já estava cansada de jogar verde. Levantou-se de modo a se colocar bem na frente dele. Com os cachos de sereia, os olhos azuis e a pele brilhante, ela estava mais linda do que nunca. A maioria dos homens não resistiria a ela.

— Você age como se não tivesse sentimentos, mas sei que tem! — disse ela com confiança. — Você sente muito mais do que demonstra. Você pode amar alguém, até apaixonar-se se quiser.

— Não sei o que está tentando dizer, Molly. Valorizo a vida das pessoas — disse Gabriel. — Quero defender e proteger os filhos de Meu Pai. Mas o amor sobre o qual você fala... não sei nada sobre ele.

— Pare de mentir para si mesmo. Consigo ver além de você.

— E o que exatamente você consegue ver? — Gabriel ergueu uma sobrancelha, já sabendo o rumo que a conversa tomaria.

— Alguém como eu! — exclamou Molly. — Alguém que quer se apaixonar, mas que tem medo de deixar acontecer. Você gosta de mim, Gabriel... Admita!

— Nunca neguei isso — disse Gabriel com delicadeza. — Seu bem estar é importante para mim.

— E mais do que isso — insistiu Molly. — Tem que ser! Sinto algo incrível entre nós e sei que você também sente.

Gabriel se inclinou para a frente.

— Ouça com atenção. Você, de alguma forma, entendeu errado. Não estou aqui para...

Antes que Gabriel pudesse terminar, Molly saltou para a frente e quase colou seu corpo no dele. Os braços dela o envolveram pela cintura, e seus dedos seguraram a camiseta dele. Molly estava na ponta dos pés, tentando alcançá-lo. Os olhos dela se fecharam num instante de puro êxtase quando seus lábios se tocaram. Ela o beijou com fervor, longamente, intoxicada por ele. Desejava que ele a tocasse e pressionou seu corpo contra o dele. Estremeceu com a intensidade do gesto, o corpo todo se esforçando para se aproximar ainda mais.

O quarto ficou sobrecarregado de uma energia estranha, e, por um momento, pensei que algo entre eles explodiria as paredes do quarto do hotel. E então vi o rosto de Gabriel.

Apesar de não ter se afastado de Molly, ele não estava retribuindo o beijo. Mantinha os braços rígidos ao redor do corpo, os lábios sem reação, recusando-se a entregar-se. Era como se Molly beijassem um boneco de cera. Gabriel permitiu que ela prosseguisse por um momento, mas logo se livrou de suas garras. Ela relutou e então recuou e se jogou na cama.

— Não, Molly. Isso não pode acontecer.

Gabriel ficou triste com a demonstração de afeto. Franziu o cenho, pensativo, olhando para Molly do mesmo jeito que analisava dilemas mortais. Usara a mesma expressão quando conversou com Earl no posto de gasolina e, outra vez, ao analisar as marcas na varanda da abadia. Seus olhos claros estavam sérios enquanto ele pensava numa solução para um problema antes inexistente. Molly assumiu um olhar estranho quando entendeu a indiferença dele. Gabriel franziu o cenho enquanto tentava entender aquela forte atração que era unilateral. Molly não compreendeu a situação, e vi o exato momento em que a humilhação tomou o lugar da paixão. Ela corou e se retraiu diante do olhar inquisitivo de Gabriel.

— Não acredito que entendi tudo tão errado — murmurou ela. — Nunca faço isso.

— Sinto muito, Molly. Peço desculpas se disse ou fiz algo para confundi-la.

— Você não sente nada? — perguntou ela com mais raiva. — Você precisa sentir alguma coisa!

— Não tenho sentimentos humanos — respondeu Gabriel. Então pensou um pouco antes de dizer: — Nem Ivy. — Talvez ele esperasse que Molly se sentiria melhor se soubesse que aquele tipo de investida também não seria retribuído por sua irmã. Se sim, não teve o efeito desejado.

— Pare de agir como se fosse um robô ou coisa assim — rebateu ela.

— Se é o que prefere pensar sobre mim...

— Não é! Prefiro pensar que você é real, não um homem de lata sem coração!

— Meu coração não passa de um órgão vital que bombeia sangue por este corpo — explicou Gabriel. — Não sou capaz de dar o amor que você quer.

— Mas e a Beth? — perguntou Molly. — Ela ama o Xavier e é uma de vocês.

— Bethany é uma exceção. Uma exceção bem rara.

— Por que você não pode ser uma exceção também? — insistiu Molly.

— Porque não sou como a Bethany — explicou ele de modo sério. —

Não sou jovem e inexperiente. Existe algo na constituição de Bethany, uma falha ou um ponto forte, que permite que tenha sentimentos humanos. Eu não. — Estava envolvida demais naquela tensão, por isso não sabia se deveria me sentir ofendida ou não.

— Mas estou apaixonada por você — choramingou Molly.

— Se você acha que me ama, então não sabe o que é amor — disse Gabriel. — O amor precisa ser retribuído para ser real.

— Não entendi. Não sou atraente o suficiente, é isso?

— Bem, com isso, você apenas confirma a minha opinião — suspirou Gabriel. — Um corpo não passa de um veículo. As emoções mais profundas são sentidas pela alma.

— Então é a minha alma que não satisfaz as suas expectativas?

— Não seja ridícula.

— O que há com você? — Molly estava revoltada. — Por que não me quer?

— Por favor, tente aceitar o que estou dizendo.

— Está dizendo que não importa o que eu faça, o quanto tente, você nunca vai sentir o mesmo por mim?

— Estou dizendo que você está se comportando como uma criança, porque é isso o que você é.

— Então é porque você acha que sou nova demais — tentou ela desesperadamente. — Posso esperar. Posso esperar até você se sentir pronto. Farei o que for preciso.

— Pare com isso — disse Gabriel. — Esta discussão terminou. Não posso dar a você a resposta que quer escutar.

— Diga-me por quê. — A histeria de Molly só crescia. — Diga-me o que tenho de errado a ponto de você nem querer me dar uma chance!

— Você deveria sair agora. — A voz de Gabriel estava séria. Já não tentava mais consolá-la.

— Não! — gritou Molly. — Diga o que eu fiz!

— Não é o que você fez. — Gabriel começava a ficar irritado. — Mas, sim, o que você é.

— O que isso quer dizer? — Molly tinha a voz embargada.

— Você é um ser humano. — Os olhos do meu irmão brilhavam. — É

natural sentir desejo, vontade, orgulho. Durante toda a sua vida, você vai lutar contra esses instintos. Meu Pai lhes deu o livre arbítrio. Ele os escolheu para comandar a Terra, e veja o que vocês fizeram com ela. Este mundo está em ruínas, e estou aqui apenas para restaurar a glória Dele. Não tenho nenhum outro propósito ou interesse. Você acha que sou tão fraco para ser seduzido por um humano de olhos apaixonados que não passa de uma criança? Nós somos diferentes em todos os aspectos. Posso tentar entender sua maneira de ser, mas nunca, em tempo algum, você vai conseguir compreender a minha. Por isso é que seus esforços aqui são inúteis, Molly.

Gabriel observou impassível enquanto as lágrimas começaram a rolar, borrando a maquiagem e sujando o rosto de Molly. Ela as secou furiosamente com as costas das mãos.

— Eu... — Seus soluços a fizeram gaguejar. — Eu odeio você. Molly se mostrou tão vulnerável que desejei ter feito algo para mostrar que ela não estava sozinha. Se estivesse ali na forma física, também gostaria de dar um chute na canela do meu irmão por sua falta de sensibilidade.

— Pelo seu bem — disse Gabriel de modo distante —, talvez o ódio seja melhor do que o amor.

— Não importa para você, de qualquer modo — soluçou Molly. — Eu não importo.

— Isso não é verdade — disse Gabriel. — Se a sua vida estiver ameaçada, é uma preocupação minha. Se corre perigo, se alguém a prejudica, você pode contar comigo para protegê-la. Mas, nas questões amorosas, não posso ajudá-la.

— Você podia pelo menos tentar. Poderia desafiar a sua programação como Beth fez e ver o que acontece! Como pode saber se vai dar certo ou não?

Ela estava se demonstrando tão convicta que quase torci para o coração de Gabriel derreter. Mas ele apenas abaixou o olhar como se tivesse cometido um grave pecado.

• Para a sua informação, Deus quer que as pessoas sejam felizes. — Molly continuou a desafiar. Tive a sensação de que ela estava tentando criar um caso, como vira nos debates da escola. — Crescer e multiplicar, não é? Eu me lembro muito bem disso das aulas de catecismo.

— Essas instruções foram dadas ao homem — disse Gabriel com a voz baixa.

— Então você não pode ser feliz? Não pode querer uma vida?

— Não é uma questão de querer. É uma questão de desígnio — respondeu Gabriel, e Molly parecia derrotada. — Você precisa de alguém que a ame como você merece. Prometo cuidar de você todos os dias de sua vida. — A voz dele estava suave. — Vou cuidar para que você sempre esteja em segurança.

— Não! — Molly estava gritando como uma menina mimada. — Não é o que eu quero. — Ela balançou a cabeça com veemência, soltando algumas

mechas em seu rosto pálido. Molly envolveu-se demais em seu turbilhão de emoções para perceber que a expressão de Gabriel mudou quando ele olhava para ela. Em seu rosto, vi um desejo forte de alcançá-la: uma criatura estranha e problemática que ele não compreendia. Ele ergueu a mão lentamente, como se estivesse prestes a secar as lágrimas dela.

E então Ivy entrou no quarto usando um roupão de banho. Ficou surpresa com a comoção, e Gabriel logo abaixou a mão, com o rosto voltando a ser a máscara impassível de sempre. Um instante depois, Molly saiu do quarto, chorando em silêncio.

Ivy lançou a ele um olhar de compreensão.

— Fiquei tentando imaginar quanto tempo demoraria para essa conversa acontecer.

— Você sabia? Por que não me disse nada? Talvez eu tivesse lidado melhor com a situação.

— Duvido — disse Ivy pensativa. Se havia alguém que podia entender Gabriel, esse alguém era ela. Quando ele permanecia complexo e incompreensível para as pessoas e para os anjos, Ivy sempre era capaz de ler seus pensamentos.

— O que devo fazer agora? — Era raro Gabriel pedir conselhos sobre qualquer assunto, mas a natureza do amor adolescente era um mistério total para ele.

— Nada — respondeu Ivy. — Essas coisas acontecem. Ela vai superar.

— Espero que sim — respondeu meu irmão, cuja voz me deixou em dúvida se ele pensava só em Molly, mesmo.

Ivy se deitou e apagou a luz. Gabriel sentou-se na beira da cama, com o queixo apoiado na mão, olhando para a escuridão. Ficou ali, sem se mexer, muito tempo depois de Ivy ter adormecido.

Voltar às limitações do meu corpo físico foi um choque para mim. Estar com minha família e sentir-me parte da vida deles de novo fizeram com que me esquecesse da minha situação atual. Agora, estava de volta à cela apertada nas câmaras de Hades, onde o espaço era tão exíguo que mal conseguia ficar em pé. Como se para aumentar o meu sofrimento, o ar ao meu redor estava tomado pelo cheiro forte de enxofre, além de lamentações constantes e pedidos de ajuda. Não fazia ideia de quanto tempo vinha projetando, mas sabia que já devia estar há muito, porque todas as minhas articulações estavam rígidas e meus músculos doíam quando me movia. Alguém lançara cascas secas e colocara uma lata pequena de água na minha cela. Vestia a minha camisola, tão manchada de lodo que quase não dava para ver a cor original. Tentei acalmar a respiração para diminuir o pânico que só crescia dentro de mim. Fiquei recolhida no canto com a cabeça baixa. Um capataz sombrio às vezes caminhava por ali para aumentar ainda mais o tormento às almas presas. Era identificável apenas pelos olhos amarelos e pelas hastes de metal que ele passava pelas barras. Por algum motivo, ele não parou na minha cela. Quando tive certeza de que ele se afastara, me aproximei da lata e bebi um gole d'água, que tinha um gosto metálico desagradável. Meu corpo todo estava dolorido, mas a dor mais pungente vinha das costas, na altura dos ombros. Agora que já não podia mais me esticar, minhas asas doíam demais. Se não as soltasse em breve, ficaria maluca.

Para me distrair, pensei em Molly e Gabriel. Meu coração estava apertado pelos dois. A conexão esquisita que existia entre eles não tinha chance de se desenvolver. Molly não entendia nada do conceito de amor divino. Aquilo era amor em sua forma mais pura, não alterado pela interpretação humana, e envolvia todas as criaturas vivas. Era uma celebração da Criação.

Apesar de Gabriel estar confuso pela intensidade das emoções de Molly, eu sabia que ele ficaria bem. Não se desviaria de seu propósito. Não teria nem mesmo que pensar nisso. Molly, por outro lado, sofreria muito pela rejeição. Desejei que Xavier a ajudasse a passar por aquele momento. Ele havia crescido numa família cheia de irmãs... saberia o que dizer.

Jake logo apareceria, e, como previsto, sua silhueta surgiu em seguida, na escuridão. Seu rosto apareceu atrás das barras, iluminado pela tocha que ele carregava. Senti o cheiro de perfume forte e percebi que a presença dele já não me assustava tanto quanto antes. Na verdade, era a primeira vez em que me sentia aliviada por vê-lo.

Eu me arrastei para a frente, raspando a pele no chão de concreto da

pequena cela. Adoraria tê-lo mandado embora, mas não podia. Adoraria expressar a minha raiva, mas não estava forte o bastante. Sabíamos que eu precisava da ajuda dele se não quisesse morrer naquele buraco da parede, enterrada viva até meu corpo apodrecer e meu espírito ser arrasado.

— Isso é um absurdo — disse ele, baixinho, quando a luz da tocha revelou a minha situação. — Nunca vou perdoá-lo por ter feito isto.

— Pode me tirar daqui? — perguntei, detestando a mim mesma pela falta de coragem. Mas ao me lembrar de como havia sobrevivido à fogueira no pilar, pensei que talvez não estivesse fadada a ser um mártir.

— Por que você acha que eu vim? — perguntou ele, parecendo feliz consigo mesmo. Tocou o cadeado da cela, que queimou e caiu no chão.

— Será que o Grande Pai não vai descobrir isso? — perguntei, surpresa por me referir a Lúifer desse jeito.

— É só uma questão de tempo. — Jake não parecia preocupado — Há mais espões aqui do que almas.

— E depois? — Precisava saber o que o futuro me guardava. Será que Jake oferecia apenas um alívio temporário? Ele pareceu ler meus pensamentos.

— Vamos nos preocupar com isso mais tarde.

Ele segurou a porta da cela e a abriu um pouco, o suficiente para que eu passasse.

— Vamos — Jake me chamou, mas não me mexi. Mover-me em qualquer direção era difícil.

— Há quanto tempo estou aqui?

— Dois dias, mas fiquei sabendo que você dormiu a maior parte do tempo. Venha, dê-me a sua mão. Sinto muito por as coisas terem ficado desse jeito.

O pedido de desculpas me pegou desprevenida. Jake não costumava aceitar responsabilidade pelos problemas que causava. Ele olhou para mim com atenção, e percebi que estava pensando em alguma coisa. Sua sobrancelha estava levantada e um olhar de preocupação substituíra a ironia de sempre. Mas continuava com os olhos de águia em mim.

— Você não está bem — observou ele. Tentei imaginar como ele podia pensar que, naquelas circunstâncias, eu pudesse estar bem. Jake era como um camaleão: conseguia mudar suas atitudes de acordo com a situação. Naquele momento, seu comportamento solícito estava me deixando confusa, e não resisti em fazer um comentário sarcástico.

— Ficar dentro de uma j aula não deixa a pele muito bonita — murmurei.

— Estou tentando ajudar você aqui... Poderia pelo menos demonstrar um pouco de gratidão.

— Será que já não me ajudou o suficiente? — perguntei, mas, quando me ofereceu apoio, segurei sua mão.

Lentamente, e usando o braço dele para apoiar meu peso, saí do

compartimento. Descobri que, apesar de ter ficado de pé, não conseguia dar mais de um ou dois passos sem que as pernas ameaçassem ceder. Jake olhou para mim antes de me entregar a tocha e de me segurar em seus braços. Saiu das câmaras com confiança e, apesar de eu ter certeza de que vira olhos intensos nos observarem sob a luz, ninguém tentou nos parar.

A moto de Jake se encontrava do lado de fora. Ele me colocou na garupa com cuidado, subi e ligou o motor. Segundos depois, eu estava segurando nele enquanto as câmaras sufocantes de Hades desapareciam atrás de mim.

— Aonde estamos indo? — perguntei, vendo o ambiente desconhecido.

— Tenho uma ideia que acho que poderá fazer você se sentir melhor. Jake dirigiu sem parar até chegarmos à entrada de um desfiladeiro profundo com paredes íngremes e água preta corrente que parecia entrar num canal subterrâneo. Jake desceu, observando-me com maior agitação.

— Você está com dor?

Assenti sem nada dizer. Não havia motivos para esconder informações dele agora. Não havia nada que ele pudesse fazer com isso que piorasse a situação. Jake parecia ter previsto o que estava acontecendo comigo e parecia mais bem-informado do que eu.

— Conte-me — pediu. — Como estão as suas asas?

A pergunta me pegou desprevenida e me senti corar. Havia algo ali que eu considerava questionável. Minhas asas definiam a minha existência. Eu me esforçara muito para impedi-las de serem vistas por seres humanos. Elas faziam parte de mim e não sabia se queria discutir a condição delas com Jake Thorn, o Príncipe de Hades.

— Não dou muita atenção a elas — disse de modo evasivo.

— Bem, então dê atenção agora.

Quando Jake chamou a minha atenção para elas, percebi como estavam latejando em meus ombros, precisando ser soltas. De vez em quando, uma dor forte percorria as minhas costas. Eu me irritei com ele por chamar a minha atenção para o problema. Havia decidido ignorar a questão das minhas asas. Qual era o sentido em me preocupar com elas em Hades?

— Precisamos fazer alguma coisa com elas — disse Jake de modo decidido. — Isso se quiser mantê-las.

Eu não gostava do uso do plural nós em vez de você. Dava a impressão de que estávamos atuando em equipe, como se tivéssemos problemas que poderíamos resolver juntos. Olhei para ele de modo inexpressivo.

— Talvez o que estou tentando dizer possa ser demonstrado. Quando me dei conta da situação, Jake estava tirando a jaqueta preta de couro e jogando-a no chão. Ficou de costas para mim e tirou a camiseta. E então, ficou em pé, as costas eretas e a cabeça levemente abaixada, uma posição de submissão que ficava muito estranha nele.

— O que você está vendo? — perguntou ele, baixinho. Observei o contorno de suas costas. Os ombros de Jake eram magros, mas bem formados. Não tinha músculos protuberantes, mas eles ficavam visíveis no corpo em forma quando ele se movia. Ele parecia bem preparado e perigoso.

— Não estou vendo nada — respondi, desviando os olhos.

— Olhe com atenção — pediu Jake, dando um passo para trás para poder ficar mais perto, as costas curvadas diante de mim num arco claro.

Algo chamou a minha atenção naquele momento, e observei curiosa. A pele de suas costas era lisa e não tinha manchas, apenas duas fileiras de nódulos do tamanho de ervilhas que corriam como um conjunto extra de vértebras sob cada omoplata. As fileiras de bolinhas sob sua pele, separadas por um ou dois centímetros, pareciam marcas de ferimentos que não tinham sido cicatrizados adequadamente.

Não precisei perguntar o que era aquilo.

— O que aconteceu com elas? — perguntei com a voz rouca, entendendo o sentido do que ele estava me mostrando.

— Elas se desgastaram com o tempo e acabaram caindo — disse ele abruptamente.

— Por falta de uso? — perguntei, incrédula.

— Sim, mas mais por retaliação — disse ele. — A questão é que já as tive, e, pode acreditar, elas eram espetaculares.

Será que tinha mesmo escutado algum arrependimento em sua voz?

— Por que está me dizendo isso?

— Porque quero evitar que a mesma coisa aconteça com você.

— Mas como pode impedir isso? — perguntei com meus olhos marejados. — Estou sempre presa. A menos que... vai me deixar voar?

— Não exatamente — disse Jake antes de eu começar a imaginar um pensamento incompreensível. — Seria mais como uma atividade supervisionada.

— O que isso quer dizer?

— Eu vou deixar você voar, mas com duas condições. Preciso ter certeza de que você está segura... e que não seja vista. — De repente, percebi por que estávamos ali: o desfiladeiro era perfeito para o voo.

— Não confia em mim? — perguntei.

— Não se trata de confiar. Você não poderia ir longe nem se tentasse escapar. E mais uma questão do que pode encontrar sozinha por aí.

— Então, como você vai garantir a minha segurança? — perguntei. — Você não pode voar comigo.

— É onde entra a minha ideia — disse Jake. — Pode parecer estranho para você a princípio, mas procure abrir a mente. E a única maneira que você tem de sobreviver como um anjo.

— Qual é a sua ideia? — Eu estava curiosa. Minhas asas pareciam saber que falávamos sobre elas e se esforçaram para se abrir. Precisei de todo o meu autocontrole. Não sabia se conseguiria mantê-las daquela maneira por muito tempo.

— Não tem nada demais — respondeu Jake. — Você só terá que usar um equipamento de controle.

— Você quer que eu use uma coleira! — Fiquei ofendida quando entendi o que ele queria.

— Para a sua própria segurança — contra-argumentou ele.

— Você só pode estar de brincadeira! Não vou permitir que você voe montado em mim como se eu fosse um animal! Que coisa absurda. Obrigada, mas a resposta é não.

Recusei a ideia dele bem decidida, mas, ao mesmo tempo, tinha consciência de minhas asas, loucas para serem libertas. A dor em minhas costas começava a ficar mais forte.

— Então, você prefere deixá-las sem uso? Você sabe que não tem muito tempo antes que elas comecem a apodrecer e caiam como gesso velho. Tem certeza de que é o que quer? — perguntou Jake.

— Por que está tão disposto a me ajudar?

— Digamos apenas que estou protegendo meu investimento. Pense bem, Beth. Não precisa decidir agora, apesar de estarmos na posição ideal.

— Se eu concordar, não vou querer fazer nada diante de outras pessoas.

— De repente, eu já estava pensando em como seria.

— Só estamos nós dois aqui. Não há mais ninguém. Não quero vê-la perder as asas, e você não quer perdê-las. E uma situação favorável para nós dois, não acha?

— Se eu fizer isso — avisei —, será apenas para poder cumprir o propósito que Deus me deu.

— Sempre otimista — sorriu ele.

— Isso se chama fé — rebati.

— Independente do nome, acho que devemos fazer o possível para manter sua essência angelical intacta, não acha?

A oferta de Jake era ofensiva e tentadora também. Se ele estivesse certo e eu corresse o risco de perder uma parte essencial de quem eu era, será que eu tinha opção? Minhas asas eram uma das coisas que me distinguiam dele e das criaturas de sua raça. Minhas asas eram um presente abençoado dado pelo meu Pai. Se sísse de Hades, o que faria sem elas? E como Xavier se sentiria se eu voltasse sem uma parte essencial de mim? Afastei as lágrimas que já rolavam pelo meu rosto e respirei profundamente.

— Tudo bem — disse. — Aceito.

Jake ergueu o meu queixo com o polegar, com seus olhos estranhos, porém

bonitos, analisando o meu rosto.

— Boa decisão — disse ele antes de nos levar a uma rocha próxima dali.

— Coloque o pé direito aqui — instruiu antes de apurar o conteúdo de uma caixa pequena que ele tirou de debaixo da moto. Uma corrente brilhante composta por elos prateados, presa a uma manilha numa rocha. Parecia um objeto mágico de um mundo mitológico. Queria perguntar qual era a origem, mas me contive.

Jake enrolou uma das pontas da corrente no pulso e envolveu a manilha em meu tornozelo. Por ser feita de malha, ela era muito flexível, envolvendo a minha carne como se fizesse parte de mim.

Olhei ao redor na pedra onde podia levantar voo. A face da rocha ficava muito íngreme dos dois lados e terminava numa profunda escuridão. A queda-d'água preta fluía silenciosamente. Era como uma abertura na pedra, um abismo estranho e fantasmagórico iluminado apenas pelos faróis da moto de Jake, que lançava uma luz opaca ao nosso redor.

— Você deve se soltar — disse Jake.

Apesar de relutante em mostrar minhas asas a Jake, elas agora pareciam ter vontade própria. Estavam tão desesperadas para serem soltas, que não tiveram de esperar por um sinal meu. Não tentei impedi-las, e, um instante depois, minha camisola de linho estava rasgada nas costas. Pensar em voar havia me dado energia e minhas asas pareceram ranger pela falta de uso ao serem erguidas. Emitiram uma luz prateada, e senti que elas tremiam com a força. Meus outros músculos também retomavam vida agora que minha circulação estava normal.

Jake observou-me fascinado, mas em silêncio. Havia quanto tempo ele não via asas de anjo de perto? Ainda se lembraria da sensação contagiante? Não tinha tempo para pensar nisso. Minhas asas se ergueram como um dossel de penas acima de nós. Jake olhava para elas com nostalgia, e me senti orgulhosa. As asas eram o único traço físico que nos separava apesar de nossa origem comum. Elas me lembravam de quem eu era e de onde eu vinha. Sempre seria diferente de Jake. Meu voo pela escuridão seria uma lembrança de tudo o que ele e sua raça haviam perdido escolhendo o orgulho e a cobiça.

Girei o tornozelo de um lado para o outro, testando a amarra. E então, encostei o queixo no peito, corri alguns passos e deixei as asas me erguerem. Assim que meus pés deixaram de tocar o chão, senti um alívio imediato, como se algo seco e velho dentro de mim tivesse ganhado vida de novo. Eu me lancei contra a escuridão envolvente sem graça e sem ritmo. Mergulhei, batendo as asas, e a escuridão pareceu abrir passagem para mim. Quando um puxão no tornozelo indicara que eu fora alto demais, não despenquei sobre meu captor, apenas me abaixei, permanecendo assim. Deixei meus pensamentos se desligarem e permiti que meu corpo assumisse o comando. Não senti a mesma

emoção de quando voei com minha família em Venus Cove, mas a profunda libertação física valeu a pena. Jake estava em pé na pedra abaixo, olhando para cima e segurando a corrente ao redor do pulso.

De onde eu estava, ele parecia muito pequeno e irrelevante. Naquele momento, apenas eu existia... não havia preocupações ou medos nem meu amor por Xavier. Estava de volta à minha essência, nada além de energia, voando pelo espaço.

Voei até que minhas asas comessem a relaxar e depois não parei mais. Quando finalmente pousei, Jake olhava para mim encantado. Sem dizer nada, ele me entregou um capacete e virou-se na motocicleta.

— Vamos — disse ele. — Você pode passar a noite no Ambrosia... segredo nosso.

— Não há como esconder algo de Lúcifer — falei. — Saiba que haverá repercussão.

— É verdade. — Jake deu de ombros. — Mas, neste momento, não me importo.

No dia seguinte, acordei muito bem, como não acontecia havia algum tempo. Eu me espreguicei e arqueei as costas, feliz porque os músculos estavam leves e relaxados, e não pesados como concreto. Era um alívio voltar ao ambiente luxuoso do hotel Ambrosia, apesar de saber que seria apenas temporário.

Eu já havia afastado os cobertores e saído da cama quando escutei o som de um cartão-chave na porta da suíte. Fiquei tensa por um segundo esperando problemas, mas eram apenas Hanna e Tucker espiando pela porta. Eles deviam ser os únicos com permissão para saber sobre a minha volta. Jake solicitara um bom café da manhã, e Hanna quase derrubou a bandeja tão entusiasmada que estava ao correr para o meu lado.

— Estou muito feliz por ver você — disse ela, abraçando-me com força.

— Não acredito que está viva. — Senti o odor, agora familiar, de pão recém-saído do forno.

Tucker, mais reservado em suas emoções, atravessou o quarto para me dar um tapinha fraternal no ombro.

— Você nos deixou preocupados por um tempo — disse ele. — O que aconteceu lá na arena?

— Não sei ao certo — respondi, aceitando o copo de suco de laranja que Hanna me oferecia. — Não fiz nada de propósito, o fogo queimou e não me tocou.

— Você conseguiu sair das câmaras?

— Jake chegou ontem à noite e me soltou. Acho que teremos problemas.

— Ele desafiou as ordens de seu Pai? — Hanna arregalou os olhos. — Isso é novidade.

— Eu sei — disse. — Espero que ele saiba o que está fazendo.

— Todo mundo tem falado sobre você e seus poderes — disse Tucker.

— Apostam que o Grande Pai vai deixá-la livre, para ver se consegue um acordo.

— Talvez quando o Inferno congelar — disse baixinho, mas não consegui evitar uma pontinha de esperança. Se Lúcifer propusesse um acordo com o qual eu concordasse, talvez houvesse a chance de eu não voltar à minha prisão na Terra. Por outro lado, se a minha libertação por Jake irritasse Lúcifer, eu poderia acabar em apuros maiores.

— Preciso encontrar algo para vestir — disse, olhando para as roupas sujas no chão. Ainda usava o pijama de seda perolada que encontrara dobrado sobre a cama quando cheguei.

Comecei a procurar dentro do armário, disposta a vestir roupas limpas. Jake acrescentara uma calça jeans e uma blusa de lã entre os vestidos chamativos e as camisas de seda. Talvez ele finalmente tivesse entendido a importância de me manter discreta. Eu havia acabado de vestir a blusa e estava prendendo o cabelo num rabo de cavalo quando a porta emitiu mais um som e Jake entrou, esquecendo-se de bater.

— Sua mãe não lhe ensinou bons modos? — perguntei. Pensei que ele estaria ansioso depois da fuga da noite anterior, mas parecia despreocupado, e eu fiquei imaginando que tipo de acordo ele teria feito com Lúcifer.

— Não tive mãe — respondeu ele, distraído e acenou, dispensando Hanna e Tucker. — Saíam.

— Quero que eles fiquem — protestei. Jake suspirou irritado.

— Voltem em meia hora — Ele deu a instrução com um tom mais agradável antes de voltar sua atenção para mim. — E então, como está se sentindo?

— Muito melhor — respondi com sinceridade.

— Então eu estava certo. A solução estava bem na nossa cara.

— Acho que sim — concordei. — O que vai acontecer agora? Devo me preocupar?

— Relaxe, estou cuidando disso. Meu Pai se orgulha por tomar boas decisões de negócios e, neste momento, estou usando você como um bem e não como uma garantia. E ele está pensando.

Jake olhou para mim, à espera de uma reação, mas me mantive calada.

— Você pode agradecer assim que se sentir pronta.

— O fato de eu não ter que voltar para aquele buraco nojento não quer dizer que esteja feliz — expliquei.

— Que exagero! — rebateu ele.

— Não é, não — retruquei, irritada com a atitude dele. — Posso não sentir mais dor, mas este local continua sendo meu pior pesadelo.

Jake se virou de repente, com os olhos intensos.

— O que quer, Bethany? — perguntou ele, quase sussurrando. — Parece que nada do que faço é bom o suficiente para você. Estou ficando sem ideias.

— O que você esperava?

— Um pouco de gratidão não faria mal.

— Gratidão pelo quê? Você achou mesmo que me resgatar e me controlar como quem empina uma pipa mudaria alguma coisa? Ainda estou aqui e ainda quero ir para casa.

— Supere isso — pediu ele.

— Nunca.

— Bem, isso prova que você é uma idiota porque sei que o cara bonitinho já a esqueceu.

— Não é verdade! — respondi irritada. Jake podia falar o que quisesse, e na maior parte do tempo eu não me deixava afetar, mas não podia falar sobre Xavier. Jake não tinha o direito de pronunciar o nome dele, muito menos de tentar adivinhar o que estava acontecendo em sua vida.

— Isso mostra que você não sabe de nada. — Jake estava me testando.

— Os adolescentes cheios de hormônios não esperam para sempre. Na verdade, eles pensam muito pouco. Ninguém nunca lhe ensinou isso nas aulas de educação sexual? Para os meninos, o que os olhos não veem o coração não sente.

— Você não sabe nada sobre Xavier — disse, determinada a não deixar que ele me atingisse. — Não tem ideia do que está dizendo.

— E se eu disser que consigo atualizações constantes a respeito da vida na Terra? E se seus irmãos tiverem desistido de procurá-la, e se Xavier estiver em outra? Ele está com outra menina agora, enquanto conversamos... Uma bela ruiva, na verdade. Como ela se chama mesmo? Acho que você sabe quem ela é...

Minha raiva só aumentava. Jake acreditava de fato que podia me enganar para que eu duvidasse das pessoas a quem amava? Será que me considerava tão ingênua assim?

— Estou dizendo a verdade — continuou ele. — Eles se conformaram com o fato de não poderem ajudá-la. Tentaram e falharam e agora, infelizmente, precisam seguir em frente.

— Então por que eles estão indo para o Alabama para tentar encontrar um... — Engoli as palavras imediatamente, percebendo meu erro com segundos de atraso. Mordi o lábio, e Jake enrugou as sobrancelhas, os olhos brilhando de raiva.

— Como sabe disso? — perguntou ele.

Torci para que o meu rosto não revelasse a verdade enquanto tentei desesperadamente consertar o erro.

— Não sei, é só um palpite.

— Você mente muito mal — disse ele, aproximando-se de mim com o andar lento de uma pantera. — Acabou de falar com muita convicção. Aposto que você os viu... talvez até tenha se comunicado com eles.

— Não... não fiz isso...

— Diga-me a verdade! Quem ensinou você a fazer isso? — Jake bateu num vaso de cristal sobre a mesa e o lançou ao chão, espalhando as rosas de caules compridos. Queria que ele se acalmasse. Queria que ele não tivesse dispensado Tucker e Hanna. Não gostava de ficar sozinha com ele tão nervoso daquele jeito.

— Ninguém me mostrou nada. Descobri sozinha.

— Quantas vezes já fez isso?

— Não muitas. Poucas.

— E em todas as vezes você esteve com ele, não é? E como se você nunca tivesse ido embora! Eu deveria imaginar que você estava aprontando alguma. Fui muito tolo em confiar em você! — Ele ergueu as mãos e segurou a lateral da cabeça como alguém cheio de ódio.

— É impagável escutar você falando sobre confiança. — Mas Jake não estava mais escutando.

— Você tem brincado comigo, me fazendo pensar que estamos nos aproximando, tentando esconder de mim o que de fato está acontecendo. Pensei que, se desse espaço e se a tratasse como uma rainha, você pudesse esquecê-lo. Mas não esqueceu, não é?

— É como pedir que me esqueça de quem sou.

— Você continua pensando como uma menininha de escola. Pensei que Hades pudesse ajudá-la a amadurecer um pouco, mas vejo que a experiência foi uma perda de tempo.

— É uma experiência pela qual nunca pedi para passar.

— Você teve seu último encontro feliz... Pode ter certeza disso. — Ele retomou o tom cínico, mas a ameaça foi real. Eu sabia que deveria dizer algo para diminuir a tensão entre nós, em vez de piorá-la.

— Por que sempre brigamos? — perguntei. — Será que não podemos, pelo menos uma vez, tentar entender mais um ao outro?

Jake balançou a cabeça e riu.

— Muito bem, Bethany. Você é uma atriz incrível, mas pode parar agora. O jogo terminou. Você me levou no papo por um tempo. Quase acreditei que você estava fazendo um esforço. Deveria ter pensado melhor. Deveria ter deixado você apodrecer nas câmaras. Meu bom humor acabou.

— Não me importo — disse. — Faça o que quiser comigo, pode me mandar de volta para Lúcifer.

— Oh, você não me entendeu. Não vou tocar em nenhum fio de cabelo seu — disse ele. — Mas vou fazer você se arrepender por ter me tratado com tão pouco respeito.

A implicação por trás das palavras dele me arrepiou.

— O que quer dizer com isso?

— Quer dizer que estou planejando viajar. Acho que está na hora de eu ver de perto do que você está sentindo tanta falta.

† † †

APESAR DE JAKE ter sido vago a respeito das intenções que tinha, eu o conhecia bem o suficiente para saber que ele não fazia ameaças à toa. Ele estava indo ao Tennessee para ficar quite comigo. Não sabia o que ele planejava fazer quando chegasse lá, mas sabia que só pararia quando atingisse o objetivo.

Ser trocado por Xavier quando pensava ter uma chance deve ter sido difícil de engolir. Qualquer outra pessoa teria aceitado isso com mais dignidade. Mas a vingança era a melhor solução para Jake, e que melhor maneira de fazer isso além de atingir as pessoas a quem eu amava? A força demoníaca de Jake não era páreo para os meus irmãos poderosos, e não havia motivos para ele ir atrás de Molly. Então, só restava Xavier. Meu ponto fraco. Exposto e vulnerável. Principalmente se Jake o pegasse sozinho. E isso seria fácil de acontecer.

Se Xavier estava em perigo, não havia tempo a perder. Eu precisava voltar à Terra e avisá-lo antes de Jake chegar.

Não consegui me projetar naquele momento porque minha mente estava cheia de imagens de Xavier em apuros, e a agitação tirou o meu foco. Por fim, entrei no banheiro e abri o chuveiro de água fria no máximo. O choque da temperatura clareou a minha mente e colocou os meus pensamentos em ordem para que eu concentrasse as minhas energias. A projeção aconteceu sem esforço depois disso.

No momento seguinte, eu estava diante do quarto de Xavier e de Molly, na Easy Stay Inn. A janela estava entreaberta, por isso escorreguei ali como fumaça e fiquei sobrevoando as camas. Tudo estava tão silencioso, e só se ouviam a respiração deles e o vento que empurrava as folhas mortas pelo estacionamento, do lado de fora. Molly dormia profundamente, e o drama da noite anterior não aparecia mais em seu rosto. Sua resiliência sempre me surpreendia. Já Xavier estava tendo um sono muito menos tranquilo. Não parava de se mexer e até sentou-se uma vez para afogar o travesseiro. Antes de se deitar de novo, ele se apoiou nos cotovelos para ver a hora no relógio digital. Eram 5h10. Xavier olhou ao redor, com os olhos azul-turquesa brilhando na escuridão. Quando finalmente adormeceu, seu rosto permaneceu preocupado, como se enfrentasse batalhas em seus sonhos.

Desejei poder confortá-lo, apesar de saber a causa principal de seu desconforto. Eu virara sua vida de cabeça para baixo, e agora sua segurança estava sendo ameaçada. Até aquele momento, Jake não os havia perturbado e, por uma fração de segundo, mantive a esperança de que ele pudesse estar blefando para me abalar. Mas eu vi em seus olhos que a ameaça era real.

O quarto ficou frio de repente, e Molly puxou os cobertores para cobrir a cabeça. Consegui escutar a respiração de lobos. E então vi uma sombra entrar no quarto conosco. Passou por cima do corpo adormecido de Molly embaixo do cobertor e demorou-se sobre os traços de Xavier.

Sentindo a presença, Xavier abriu os olhos e saiu da cama. Seu corpo estava preparado para a briga. Uma veia latejava em seu pescoço e seu coração acelerou.

— Quem é você? — perguntou ele com raiva quando a figura começou a tomar forma diante dele. Reconheci os cabelos encaracolados e o rosto de bebê

antes mesmo de ele aparecer totalmente. Era Diego, vestido com um terno preto e uma gravata, como se estivesse indo a um velório.

— Apenas um conhecido — respondeu Diego com a voz lenta. — Jake tinha dito que você era bonito... Ele não mentiu.

— O que você quer?

— Você não é nada educado para alguém a quem eu poderia matar com o mindinho — comentou Diego com um tom um pouco afeminado.

— Acho que você sabe que, no quarto ao lado, há um serafim e um arcanjo, certo? — respondeu Xavier. — Já pensou que eles podem matar você?

Diego riu.

— Eles estavam certos a seu respeito. Você parece um filhote de leão. Matá-lo seria fácil demais.

— Então tente — desafiou Xavier, e senti o meu estômago revirar. Diego inclinou a cabeça.

— Oh, não estou aqui para isso. Só trouxe uma mensagem para você.

— É mesmo? — perguntou Xavier sem nenhum sinal de medo. — Pode dar.

— Nossas fontes nos informaram de que você e seu esquadrão de anjos estão tentando realizar uma missão de resgate — disse Diego, divertindo-se.

— Estou aqui para avisar que vocês não devem perder seu tempo. Podem pôr fim a isso. O anjo que vocês querem resgatar está morto.

Fez-se um longo silêncio. O coração de Xavier, que estava acelerado minutos antes, começou a perder o ritmo e passou a bater como um bloco de concreto em seu peito. Mas, quando abriu a boca para falar, não demonstrou nenhuma emoção.

— Não acredito em você — disse ele com a voz normal.

— Imaginei que você diria isso — respondeu Diego, seu rosto sorridente emoldurado pelos cachos escuros. Ele pegou um saco de estopa preso às costas. — Por isso trouxe provas.

De dentro do saco, ele tirou algo cheio de penas e dobrado. Quando abriu o objeto, vi que era um pedaço de asa manchada de sangue e quebrada. Minha asa.

— Pode ficar com isto de lembrança se quiser — disse. O que ele segurava era um pedaço retorcido e curvado, e o sangue havia secado em algumas partes, fazendo as penas grudarem. Diego chacoalhou o amontoado como um leque e gotas de sangue se espalharam pelo chão. Vi Xavier inspirar com força e inclinar-se para a frente como se alguém tivesse dado um soco em seu estômago, tirando-lhe o ar. Seus olhos azul-turquesa ficaram mais escuros, como nuvens rolando pelo céu e bloqueando o sol.

— Que coisa... — Diego balançou a cabeça com comoção. — Pelo menos, foi uma morte rápida.

— Não acredite nele! — gritei, mas minhas palavras se perderam no abismo que nos separava. O desejo de estar com ele me tomou com tanta força que pensei que explodiria dentro de minha forma espectral.

Naquele momento, a porta se abriu, e meus irmãos apareceram. Pela primeira vez, o medo estampou o rosto de Diego. Ele não esperava encontrá-los.

— Você achou que não sentiríamos o seu cheiro? — perguntou Gabriel, a voz tomada pela raiva. Ele olhou para o rosto de Xavier e então para as asas quebradas e ensanguentadas que Diego derrubara no chão. Ivy também as viu e fez cara de nojo.

— Vocês são mesmo os mais baixos de todos — disse ela.

— Faça o que posso — disse Diego, sorrindo.

— Diga-me que não é verdade — disse Xavier com a voz embargada.

— São apenas truques baratos — respondeu Gabriel, chutando as asas para longe, como se fossem uma peça de cenário.

Xavier gemeu aliviado e recostou-se na parede. Eu sabia como ele estava se sentindo. Quando pensei que Jake o tivesse atropelado com sua moto, o medo foi forte e o alívio me deixou rindo à toa.

— O que está fazendo aqui? — exigiu saber Gabriel. Diego fez um bico.

— Estou apenas tentando me divertir um tantinho. Os seres humanos são tão bobos... animais idiotas.

— Não tão idiotas quanto você — disse Ivy, enquanto Gabriel se mexia para se posicionar no lado direito de Diego, prendendo-o entre a parede e a porta. — Parece que você está preso.

— Assim como o seu anjo — respondeu Diego, apesar de eu saber, pela maneira que seus dedos se curvavam, que ele estava nervoso. — Ela está no buraco em chamas neste exato momento, e não há nada que você possa fazer em relação a isso.

— Isso é o que veremos — disse Gabriel.

— Sabemos que vocês estão tentando encontrar um portal. — Diego não conseguia dissimular as tentativas de assustá-los. — Nunca vão conseguir encontrar um e, se conseguirem, desejo sorte para abri-lo.

— Não subestime o poder do Céu — alertou Ivy.

— Oh, acho que o Céu já abandonou Bethany. Já pensaram que o nosso Pai pode ser mais forte do que o seu?

Ivy olhou para cima, e um fogo azul flamejante pareceu arder em seus olhos frios. Ergueu o queixo para olhar seu inimigo. Quando abriu a boca, as palavras saíram como centenas de crianças cantando ou sinos de vento na brisa de verão. O ar ao redor dela começou a se revoltar, como calor surgindo da calçada. E então, sem nada dizer, ela esticou a mão na direção dele. Para meu choque, sua mão desapareceu dentro do peito dele, como se fosse feito de argila. Diego pareceu tão surpreso quanto eu e gemeu alto. Algo começou a brilhar em

seu peito e percebi que Ivy estava, literalmente, segurando seu coração. A luz ficou mais forte, tornando a pele dele fina e transparente. Consegui ver o contorno de suas costelas e a mão de Ivy envolvendo seu coração numa prisão de luz. Diego parecia paralisado, mas conseguiu abrir a boca e gritar. Pela tela que seu peito havia se tornado, consegui ver seu coração começar a inchar e a pulsar na mão de Ivy, como se fosse se romper. E então, com um pop, como um balão estourando, ele se desintegrou, e Diego desapareceu num raio de luz.

Ivy suspirou profundamente e esfregou as mãos uma na outra, como se tivesse tocado em algo contaminado.

— Demônios — murmurou ela.

O som da explosão acordou Molly, que se sentou na cama, alisando os cabelos com as mãos.

— Hum... o que... o que está havendo? — perguntou com a voz rouca. Fiquei surpresa por ela ter conseguido dormir durante todo o tempo.

— Nada — disse Gabriel rapidamente. — Volte a dormir. Só viemos ver como você está.

— Oh! — Molly olhou para ele com esperança por um momento e então se lembrou dos acontecimentos da noite anterior. Seu rosto ficou sério, e ela se virou de costas, ajeitando-se sob os cobertores.

Gabriel suspirou e deu de ombros ao olhar para Ivy enquanto Xavier pegava as chaves do carro sobre o criado-mudo.

— Hum... obrigado por me livrar daquilo — disse. — Se não for um problema, gostaria de sair de carro. Preciso esfriar a cabeça.

Eu o segui, disposta a passar um tempo a sós com ele, mesmo que não sentisse a minha presença.

— E aí, cara? — Ele deu um tapinha no capô do Chevy parado no estacionamento e sorriu com tristeza. — As coisas estão ficando bem doidas, não é?

Eu me acomodei no banco do passageiro enquanto Xavier ligava o motor e seguia para a estrada. Seu corpo parecia relaxar no carro. Ele ficava tão lindo sem tanta preocupação no rosto. Poderia passar horas olhando para ele, para seus braços fortes, para o contorno de seu peito esculpido, para os cabelos caindo-lhe sobre os olhos, com mechas douradas brilhando sob a luz da quase madrugada. Semicerrou os olhos azuis enquanto o carro permitia que ele liberasse a tensão de seu corpo. Pisou no acelerador e o carro respondeu com um ronco obediente. Xavier nunca dirigia depressa quando eu estava dentro do carro; preocupava-se demais com minha segurança. Mas, naquele momento, ele estava totalmente livre e precisava de um tempo para se recuperar. O carro fez uma curva na estrada, sendo encoberto pelos cedros que pontuavam o caminho. Mais à frente, o lado esquerdo não tinha nada além de penhascos abaixo. Ganhando velocidade na estrada aberta, Xavier baixou o vidro e ligou o rádio.

Tocava os maiores sucessos dos anos 1980, e o refrão de "Livin' on a Prayer" tomou conta do carro. A canção a respeito de um casal cuja luta para sobreviver aos tempos difíceis era especialmente relevante para nós.

*We've got to hold on ready or not
You live for the fight when that's all that you've got*

O humor de Xavier pareceu melhorar um pouco enquanto ele cantava e batucava no volante no ritmo da música. Mas, do lado de fora, um vento estranho soprava, espalhando folhas pela estrada e penhasco abaixo, do lado oposto. Havia algo de errado... A presença do Mal havia nos seguido. Precisava alertar Xavier para que ele voltasse. Não era seguro ficar ali, sozinho. Precisava ficar perto de Ivy e de Gabriel para que eles o protegessem. Mas como eu poderia dizer isso a ele?

Quando a música terminou, tive uma ideia. Concentrei minha energia e a utilizei para interferir na frequência do rádio. O som se tornou apenas um zumbido irritante. Xavier franziu o cenho e mexeu nos botões, tentando sintonizar a estação. Eu me concentrei em reunir minha força e chamei seu nome. E então, do nada, ele escutou a minha voz.

— Volte, Xavier! Você não está seguro aqui. Encontre Ivy e Gabriel.

Fique com eles. Jake está vindo.

O choque ao escutar a minha voz quase fez Xavier jogar o carro para fora da estrada. Ele se recuperou a tempo e pisou nos freios. O carro cantou pneu até parar no meio de uma estrada deserta.

— Beth? É você? Onde você está? Consegue me escutar?

— Sim, sou eu. Quero que você volte. — insisti. — Você precisa confiar em mim.

— Tudo bem — respondeu Xavier. — Eu confio. Mas continue falando.

Xavier engatou a marcha do carro e fez o retorno. Respirei com um pouco mais de facilidade, sentada no banco do passageiro com os joelhos flexionados. Quando ele chegasse ao hotel, daria a minha mensagem a Ivy e a Gabriel, e eles saberiam como agir.

Enquanto Xavier dirigia, vi as embalagens de chiclete e a lata de refrigerante vazia no chão do carro. Aquilo não combinava com ele, tão obcecado em manter o carro limpo. Lembro que, certa vez, o novo GPS deixara uma marca redonda no para-brisa. Aquilo o incomodou tanto, que ele nos levou à oficina para encontrar um apoio de plástico para prender no painel. A lembrança me fez sorrir.

— Beth, você ainda está aí? — Interferir nas ondas do rádio me deixara exausta, mas reuni o resto de energia para criar fricção em meus dedos; passei pelo rosto dele, um carinho suave. Os pelos de seus braços se arrepiaram.

— Faça isso de novo. — Ele sorriu.

Não estávamos longe da Easy Stay Inn. A paisagem era mais familiar, e quase deixamos os penhascos para trás. Eu estava começando a respirar normalmente quando algo inesperado aconteceu: o carro se virou e então partiu em disparada, afastando-se do hotel.

— O que está acontecendo? — Xavier olhou ao redor. — Beth, o que está acontecendo?

O carro pareceu ganhar vida. Xavier pisava nos freios, que não respondiam. O volante estava travado. Passei para o lado do motorista para ajudá-lo, mas minhas tentativas de parar o carro foram inúteis. De repente, olhei para cima, e no espelho retrovisor dois olhos brilhavam e olhavam do banco de trás.

— Não faça isso, Jake! — pedi.

O carro agora ziguezagueava pela estrada. Os esforços de Xavier para colocá-lo de novo na estrada de nada adiantaram. O carro continuou seguindo em frente, os galhos se quebravam no para-brisa e os pneus passavam por cima das pedras.

Meu coração parou quando vi para onde estávamos indo.

Jake estava manobrando o carro para longe da mata e em direção às rochas. Por duas vezes, o carro se aproximou tanto da beirada que tive certeza de que ele cairia desfiladeiro abaixo. A poeira subiu em nuvens prejudicando a visão de Xavier, mas não havia muito a fazer além de se recostar no assento e lutar para controlar o volante.

Eu me virei e vi Jake sentado calmamente no banco de trás. Ele estava fumando um cigarro francês e soprando anéis de fumaça pela janela.

Estava jogando conosco.

Pare! — implorei a Jake. — Por favor, pare!

O acelerador estava no máximo, e o carro ia de um lado para o outro, como se fosse guiado por um homem cego. O penhasco estava à direita, e não havia nada além de fracas barras de metal separando a estrada da queda arrasadora. Precisava me manifestar... mesmo que fosse apenas para dizer a Xavier o que estava acontecendo, para ver se conseguia tirá-lo do carro com segurança. Mas o medo atrapalhou a minha concentração. Precisaria de toda a energia que restava para aparecer para ele e, mesmo assim, não tinha certeza de que conseguiria.

De repente, vi as mãos dele apertando o volante. Vi o anel de compromisso e a pulseira de couro que ele sempre usava. Conhecia os dois de cor. Aquelas mãos haviam segurado as minhas muitas vezes. Tinham me confortado, lutado por mim, me protegido e me mantido no mundo dos vivos. Lembrei quando o vi pela primeira vez, sentado no píer. Ele me olhara, com a luz do pôr do sol iluminando as mechas de seus cabelos castanho-claros. Pensara como seus olhos eram intensos. Naquele momento, tentei imaginar quem ele podia ser e como era, sem esperar vê-lo de novo. As lembranças me invadiam. Nós dois dividindo um bolo de chocolate no Sweethearts — ele olhava para mim como se eu fosse um quebra-cabeça que ele estivesse determinado a decifrar. Lembrei como sua voz ficava mais grave quando ele acordava, a sensação de seus lábios na nuca. Eu me lembrei de seu cheiro, parecido com o cheiro da mata num dia de verão. Lembrei como o crucifixo que ele usava no pescoço brilhava quando o luar recendia. Sabia tudo sobre ele, e todos aqueles detalhes eram sagrados para mim. Percebi, ali, que nossa conexão subliminar podia transcender qualquer barreira física. De repente, eu me manifestei ali no banco do passageiro. Xavier quase gritou de susto, e seus olhos azuis se arregalaram enquanto Jake nos observava entre os dois assentos da frente.

— Olá, querida — disse ele de modo assustador. — Pensei que poderia encontrá-la aqui. Estão com um probleminha no carro, pelo que posso ver.

— Beth — sussurrou Xavier. — O que está acontecendo?

Ele não conseguia ver Jake. Não fazia ideia do que estava acontecendo.

— Tudo bem — disse eu a ele. — Não permitirei que nada aconteça a você.

— Beth, não vou agüentar muito. — Sua voz quase falhou. — Onde você está? Não sei mais no que acreditar e preciso salvar você.

— Ah, coitadinho... — resmungou Jake do assento traseiro. — Ela é minha agora, se vira.

— Cale a boca! — gritei, e Xavier se assustou. — Não estou falando com você — expliquei depressa. — Jake está aqui conosco.

— O quê? — Xavier se virou, mas, para ele, o banco de trás estava vazio.

— Apenas confie em mim — pedi quando o carro se aproximou perigosamente da beira do penhasco. Xavier se assustou e ergueu um dos braços para proteger o rosto, esperando a colisão, mas o carro voltou para a estrada no último segundo.

— Xavier — disse. — Olhe para mim.

Não sabia quanto tempo ainda tínhamos juntos, mas precisava mostrar que ele não estava sozinho. Um verso conhecido da Bíblia surgiu em minha mente. Era um dos meus favoritos e era de Gênesis 31. Falava sobre Mispá, o Ponto de Encontro. Era um local que podia estar em todos os lugares e em nenhum lugar ao mesmo tempo. Um local que não existia nesta dimensão, mas que tinha mais força do que as pessoas imaginavam. Era um local onde uma reunião de espíritos poderia ocorrer sem presença física.

Lembrei o dia na Bryce Hamilton em que corri para os braços de Xavier, com medo de que nós dois nos separássemos. As palavras daquela tarde voltaram para mim com a mesma clareza daquela lembrança: "Vamos criar um lugar. Um lugar só nosso, um lugar onde a gente possa sempre se encontrar se as coisas derem errado um dia."

— Você se lembra do ponto branco? — sussurrei com urgência.

O corpo de Xavier ficou tenso quando ele olhou diretamente para mim.

— Claro que sim — murmurou.

— Então feche os olhos e vá para lá. Estarei à sua espera. E não se esqueça... é só o espaço que nos separa.

Xavier respirou fundo e em seu olhar vi uma compreensão antes inexistente. Ele fechou os olhos, soltou o volante e ficou muito parado.

Escutei a voz grossa de Jake do banco de trás.

— Já cansei dessa bobagem sentimental por hoje.

— Olha... — Eu me virei para tentar conversar com ele, mas era tarde demais. Senti um aperto no estômago quando o carro escorregou para a lateral da estrada, bateu nas barras de ferro como se fossem palitos de dente e ficou pendurado na borda.

— Não! — gritei.

Xavier não reagiu. Ele ainda estava no ponto branco, indiferente ao fato de morrer ou viver.

† † †

O CARRO ESCORREGOU pelo desfiladeiro, em câmara lenta. Escutei o som metálico quando a parte debaixo do carro raspou na borda. Pareceu vacilar

por um momento; o carro inclinou-se. E então a gravidade venceu e, com um baque e uma nuvem de poeira, o carro caiu. Ao vê-lo, os pássaros ali perto piam e fugiram das árvores, desaparecendo no céu. O corpo de Xavier foi lançado para a frente e bateu no volante. O momento pareceu durar muito tempo. Minha visão ficou restrita, e vi as coisas mais esquisitas. A luz do sol pelo para-brisa iluminou os cabelos de Xavier, fazendo as mechas brilharem num tom de cobre e dourado. Os cabelos dele sempre tiveram um tom castanho-claro, como mel ou castanhas, mas hoje, naquele momento, poderia jurar que ele tinha uma auréola de luz dourada.

Xavier não se esforçou para se proteger. Qualquer outra pessoa teria erguido as mãos, mas ele se mantivera estranhamente calmo e parado. Não demonstrou nenhum sinal de pânico, como se estivesse conformado com seu destino. Quando seus cabelos saíram da frente do rosto, olhei para ele e fiquei surpresa com sua aparência jovem. Consegui ver nele o menino que talvez fora poucos anos antes. Tinha uma pele lisa e sem marcas, sem uma ruga sequer que assinalasse seus anos na Terra. Ele viveu pouco, pensei. Havia muitas coisas que ele poderia ter sido, e agora nunca teria a chance de crescer de fato... ser marido... ser pai... fazer diferença no mundo.

Naquele momento, eu estava gritando, gritando alto o suficiente para que toda a cidade me ouvisse, mas ninguém me ouviu. O carro ainda mergulhava de bico, em direção às rochas abaixo, onde se arrebentaria e ficaria amassado como uma folha de papel-alumínio. Nunca me sentira tão fraca. Meu corpo físico ainda estava preso no subterrâneo em Hades, e a alma, entre as dimensões. Mas, quando vi o rosto sorridente de Jake pelo espelho retrovisor, percebi que não era tão fraca quanto pensava. Eu me virei e o segurei pelos dois punhos. Ele pareceu surpreso, mas não me afastou.

— Não o machuque — pedi. — Farei o que você quiser. Pode ditar as regras.

— E mesmo? — Jake sorriu. — Uma troca... Que interessante.

— Não é hora para brincadeiras! — implorei. O carro estava a poucos segundos de bater nas rochas e virar pó lá embaixo. — Se Xavier morrer, nunca o perderei! Por favor... Vamos fazer um acordo.

— Tudo bem — concordou Jake. — Pouparei a vida dele se você me conceder apenas um desejo.

— Fechado! — gritei. — Agora, pare o carro!

— Você me dá a sua palavra?

— Juro pela minha vida.

O carro parou no ar, completamente congelado. Foi uma imagem forte, e tive sorte de não haver seres humanos por perto para testemunhar.

— Vejo você em casa, Bethany.

— Espere... Você não pode simplesmente deixá-lo aqui!

— Cuidarão dele — avisou Jake e, estalando os dedos, desapareceu do banco de trás. Depois de alguns segundos, tomei consciência da presença de Ivy e de Gabriel. Eles foram até a beira do penhasco numa Ranger Rover emprestada e saíram. Ao verem o carro suspenso no ar, Gabriel não hesitou, correu até a beira do penhasco e saltou, as asas se abrindo para mantê-lo no ar enquanto ele descia em direção às rochas abaixo. Havia me esquecido de como as asas de Gabriel eram majestosas e vê-las me tirou o fôlego. Elas tinham uma envergadura de cerca de três metros, brancas e poderosas, incríveis. Eram pesadas e cheias de penas e ainda assim pareciam ter vida própria. Ivy o acompanhou, graciosa como um cisne, pisando na beira do abismo antes de soltar-se. As asas dela eram diferentes das de Gabriel: as dele tinham cor de gelo, com alguns pontos prateados e dourados; as de Ivy, por outro lado, eram mais cinza-peroladas, como as de uma pomba, e alguns tons de rosa. Xavier abriu os olhos e olhava incrédulo para os anjos que agora sobrevoavam o capô do carro. Ele piscou, sem saber se deveria acreditar no que via.

— Mas o que... — começou.

— Está tudo bem — disse a ele. — Você está bem.

Mas Xavier não estava mais me escutando. Ele apenas observou, surpreso, quando Gabriel enfiou os braços pela janela da frente, segurando o teto do carro. Do outro lado, Ivy fez a mesma coisa. E então, eles começaram, lentamente, a levar o automóvel de volta à estrada. Os músculos de seus braços sequer pareciam fazer esforço, apenas se flexionaram um pouco enquanto guiavam o veículo de volta à terra firme.

O carro pousou tão suave que Xavier nem chegou a mudar de posição no assento. As asas de Ivy e de Gabriel, que batiam ritmicamente para mantê-los no ar, se retraíram de repente assim que encostaram os pés no chão.

Xavier abriu a porta e saiu assim que pôde. Ele se recostou no capô e suspirou alto.

— Não acredito nisso — murmurou ele.

— Nem nós. — disse minha irmã — O que você fez?

— Espere. — Xavier fez cara de surpreso. — Vocês acham que fiz isso de propósito?

Gabriel lançou-lhe um olhar penetrante.

— Um carro não cai sozinho de um penhasco.

— Pessoal. — Xavier ergueu as mãos. — Jake estava controlando o carro. Vocês acham que sou idiota?

— Você também o viu? — Ivy arregalou os olhos. — Percebemos a presença dele, mas não achamos que teria a ousadia de aparecer.

— Ele não apareceu, exatamente — Xavier franziu o cenho. — Não consegui vê-lo. Mas Beth me disse que ele estava ali.

— Beth? — Gabriel achava que Xavier estava enlouquecendo.

— Ela falou comigo pelo rádio... e então apareceu quando achei que eu fosse morrer. — Xavier retorceu o rosto numa careta, sabendo que sua história era muito maluca. — E verdade, juro.

— Tudo bem — respondeu Ivy, severa. — Independente do que aconteceu, precisamos nos lembrar de que Jake está jogando sujo. Pelo menos chegamos aqui a tempo.

— E essa a questão — disse Xavier, cruzando os braços. — O carro ia cair, sei que ia. E então, de repente, ele parou, e Beth e Jake desapareceram.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Gabriel.

— Não sei bem... mas Jake estava tentando me matar. Algo ou alguém o impediu.

Ivy e Gabriel se entreolharam com preocupação.

— Devemos ficar felizes por você estar bem — disse minha irmã.

— Sim. — Xavier assentiu, mas ainda parecia preocupado. — Obrigado por me ajudarem. Caramba, espero que ninguém tenha visto vocês.

Gabriel esboçou um sorriso e colocou para trás a mecha de cabelos loiros que havia se soltado do rabo de cavalo.

— Olhe ao redor. Está vendo alguém? — perguntou meu irmão. Xavier olhou e franziu o cenho. Ele viu uma cobra no mato alto que parecia ter parado enquanto rastejava: estava paralisada. Olhou para cima e ficou boquiaberto ao ver os pássaros paralisados no céu, como se o mundo todo tivesse ficado preso dentro de um quadro. Naquele momento, o silêncio mortal se tornou aparente. Todos os sons do mundo tinham parado. Não havia o cri-cri dos grilos nem o som de veículos na rua. Nem mesmo o vento conseguia atravessar o silêncio.

— Espere... — Xavier passou uma das mãos sobre os olhos. — Vocês fizeram isso? Não é possível.

— Você, de todas as pessoas, deveria saber que nada é impossível — disse minha irmã.

Os olhos brilhantes de Xavier encontraram o olhar frio e sério de Ivy.

— Diga-me que vocês não pararam o tempo.

— Não o paramos, exatamente — disse Gabriel de modo casual, inspecionando o carro, procurando sinais de danos. — Talvez o tenhamos colocado em espera por alguns minutos.

— Estão falando sério? — perguntou Xavier. Ele estava tendo dificuldades para processar o que ouvia. — Vocês têm permissão de fazer isso?

— Isso não vem ao caso — disse Gabriel. — Fizemos o que tínhamos que fazer. Não podemos permitir que pessoas vejam dois anjos carregarem um carro no ar.

Meu irmão fechou os olhos por um momento e ergueu as palmas. Um instante depois, sinais de vida surgiram ao nosso redor. Eu me sobressaltei, percebendo pela primeira vez como a vida era barulhenta, uma vez que não

ouvia mais nenhum som. Era estranhamente reconfortante ver a brisa balançar as árvores e observar um besouro atravessar a terra seca.

Xavier estremeceu e sacudiu a cabeça como se quisesse clareá-la.

— Será que as pessoas não perceberão o que acabou de acontecer?

— Você ficaria surpreso se soubesse o que as pessoas não veem — disse Ivy. — Acontecem todos os dias as coisas mais estranhas, e ninguém presta atenção. As pessoas sempre veem o sobrenatural, mas fingem não ver, colocam a culpa no excesso de café ou no sono insuficiente. Há centenas de desculpas para disfarçar a verdade.

— Se você está dizendo... — foi o que Xavier conseguiu dizer.

— Mas e a Bethany? — perguntou Ivy. — Você disse que ela estava presente?

— Eu a vi. — Xavier esfregou a sola do sapato no chão. — Eu... me comuniquei com ela algumas vezes.

Ivy contraiu os lábios.

— Obrigada por passar essa informação — disse ela, franzindo o cenho.

— Não pensei que fosse possível.

Gabriel franziu o cenho também.

— Projeção astral? — perguntou em dúvida. — Do Inferno?

— Talvez Bethany seja mais poderosa do que os demônios percebem... mais até do que ela sabe.

— O que eles não sabem é como Bethany está ligada à Terra — disse Gabriel. — Ele olhou para Xavier. — Você a prende a este lugar com mais força do que qualquer outra coisa compreensível a eles. — Ele tamborilou os dedos no capô do carro e pareceu refletir.

— Até onde sabemos, é como uma força magnética atraindo os dois. O elo é tão forte que Bethany consegue alcançar você até de onde ela está.

Apesar de meu coração continuar acelerado pelo choque do que havia acontecido, fiquei orgulhosa da relação com Xavier. Se consegui alcançá-lo, mesmo da prisão subterrânea, se meu amor por ele pôde romper uma barreira do mal, isso realmente dizia algo a respeito da força de nossa ligação. Somos demais, pensei, e sorri, imaginando que seria um bom momento para cumprimentá-lo com um toque de mão.

As palavras de Gabriel pareciam ter atingido Xavier de um modo diferente.

— Isso é bobagem — disse ele, por fim. — Jake está brincando conosco, e estamos permitindo. — Ele passou a mão no rosto, e o anel de compromisso no dedo anular dele brilhou com a luz da manhã. — Ele acha que vamos apenas ficar esperando até morrer?

Ele estava tão tenso que pude ver raios em seus olhos azuis. Passou a mão pelos cabelos e olhou para o horizonte.

— Bem, chega. Quero Beth de volta e cansei desses joguinhos. Seja lá o que acontecer, vou encontrá-la. Escutou isso, Jake? — Xavier abriu os braços e gritou para o céu. — Sei que você está aqui em algum lugar, e é melhor que acredite em mim. Ainda não terminou.

Gabriel e Ivy permaneceram calados. Ficaram juntos como se fossem um, os olhos claros sérios, e o sol que nascia iluminava seus cabelos, tornando-os parecidos com labaredas. Vi algo diferente em seus olhos e, surpresa, percebi se tratar de raiva. Não apenas raiva; mas uma fúria profunda pelas forças demoníacas que haviam levado um deles.

Quando Gabriel falou, sua voz mais pareceu um trovão.

— Você está certo, Xavier. Já estamos cansados de obedecer às regras deles.

— Precisamos agir agora.

— O que precisamos fazer é voltar para o hotel e guardar nossas coisas — disse Gabriel. — Vamos partir para Broken Hill dentro de uma hora.

Eu não estava otimista. Apesar de saber que minha família encontraria a estação de trem no Alabama onde ocorrera a colisão fatal, não fazia ideia de como eles abririam o portal. Os portais eram feitos para repelir a energia angelical, só os agentes das trevas sabiam como usá-los. Gabriel era muito poderoso no Céu, mas nem mesmo ele detinha o conhecimento para isso. Até onde eu sabia, os anjos nunca tiveram motivo algum para invadir o Inferno. Não se preocupavam com o que acontecia no subterrâneo... Ali, o domínio era de Lúcifer. Só intervinham quando os habitantes de lá se metiam a causar transtornos na Terra. Por um lado, eu queria acreditar que o estoicismo de Xavier seria suficiente para me salvar, mas resolvi apagar a pequena chama da esperança que surgia dentro de mim. Se me deixasse levar, não conseguiria sobreviver ao baque caso eles fracassassem.

Estava tão distraída pensando no plano de Gabriel que quase me esqueci do que os fizera tomar uma atitude tão extrema. Xavier quase tinha morrido. Não fosse pelo acordo que estabeleci com Jake, ele já estaria morto, unindo-se a milhões de almas no Céu, onde talvez nunca mais o veria. Jake tentara matar Xavier: mandara Diego como isca para confundi-lo e levá-lo à beira da morte. A esperança transformou-se em algo mais intenso, irado e obscuro: o ódio que sentia por Jake era diferente de tudo o que já sentira na vida. Ele me prendera totalmente, como bem quis, e me separara das pessoas que eu amava sem ter como voltar para elas... e ainda assim não estava satisfeito.

Abri a porta do quarto do hotel e corri pela passagem em direção à sala VIP, onde Jake passava a maior parte do tempo quando não estava me atormentando. Precisava descobrir o que ele queria em troca da vida de Xavier. Encontrei-o reclinado num sofá de couro, conversando com Asia, que deu um sorriso irônico ao me ver.

— Sua malcriada está aqui — disse ela, bebendo o conteúdo do copo e levantando-se. — Estou de saída.

— Você — disse quando estava a poucos centímetros de Jake — é o ser mais nojento e repugnante que já saiu da Terra! — Eu tremia de ódio, literalmente. Jake se sentou e me observou, divertindo-se. Queria dar um soco na cara dele, mas sabia que não serviria para nada, pois só eu me machucaria.

— Olá, docinho — disse ele. — Você parece chateada.

— Não acredito que tentou feri-lo! — gritei. — As coisas tinham que ser resolvidas entre você e mim. Por que sempre tem que ultrapassar os limites?

— Não houve feridos, então esqueça o ressentimento, sim? — Jake acenou como se nada tivesse acontecido. — Agora, se me lembro bem, sou um ser

nojento e repugnante com quem você fez um acordo.

— Porque não tive escolha!

— As circunstâncias não importam — rebateu ele. Rangi os dentes e olhei para ele.

— Então, o que você quer, Jake? O que quer em troca de poupar a vida de Xavier?

Jake olhou para mim com demora, um olhar frio e intenso. Seus olhos negros vazios me faziam pensar num poço profundo, do tipo em que se joga uma pedra e não se escuta quando ela cai no fundo. Mas, ao olhar para mim, seus olhos brilharam com uma intensidade tão desconfortável que me arrepiou. Ele entrelaçou os dedos brancos e franziu o cenho, fazendo menção de dizer algo, sem encontrar as palavras certas.

— Fale logo.

Ele me olhou por muito tempo antes de se inclinar para a frente e colocar as mãos sobre a mesa diante dele.

— Ah, sei exatamente o que quero de você.

— Continue — incentivei com coragem. — Quero saber. Jake suspirou.

— Já passei um tempo analisando a melhor maneira de usar a minha vantagem para que fiquemos mais próximos.

Estreitei os olhos.

— Continue...

— Acho que encontrei o acordo perfeito. — Ele se levantou e se aproximou de mim. — O que você mais quer é proteger seu bonitinho de camisa polo e mantê-lo vivo. O que mais quero é simples. Quero você... ainda que, infelizmente, você não tenha retribuído meus sentimentos apesar da prova de minha devoção.

Eu contive o desejo de rir da palavra "devoção".

— Certo... — respondi. Não gostava nem um pouco do rumo daquela conversa. Não sabia exatamente o que ele tinha em mente, mas, conhecendo Jake, não podia ser nada justo ou razoável.

— Prometo que não vou feri-la. Prometo até que não vou interferir em suas aventuras de projeção. Mas quero que você entregue algo a mim em troca.

— Não sei o que tenho que você possa querer. — Eu estava confusa.

— Talvez você não esteja pensando direito — respondeu ele, rindo. — Há algo que quero muito. Pense nisso como um presente para recompensar a minha clemência.

— Pare de enrolar e diga logo o que quer — pedi, impaciente, tentando controlar as minhas emoções.

— Quero que você se entregue a mim — disse ele, os olhos escuros brilhando.

Entendi sobre o que ele estava falando, mas não queria aceitar. Precisava

que ele dissesse em alto e bom som para confirmar minhas suspeitas.

— Você vai precisar ser mais claro — retruquei de modo desafiador.

— Oh, você é adoravelmente ingênua. Eu já disse de modo claro. Nunca chegarei perto de seu príncipe encantado de novo se você concordar em se entregar a mim apenas por uma noite. Quero a sua virgindade.

— Espere... você quer que eu... — titubeei ao entender o que ele estava dizendo e olhei para ele com nojo. — Quer que eu faça sexo com você?

— Puxa, assim parece uma transação. Prefiro que use a expressão "fazer amor".

Fitei-o, tentando encontrar uma resposta adequada. Havia muitas coisas a dizer, muitas maneiras de expressar meu nojo por ele e minha recusa total em tocá-lo.

— Você tem sérios problemas — Foi a primeira coisa que saiu.

— Não precisa ser malcriada — replicou Jake de modo agradável. — Se meu ego não fosse do tamanho do hemisfério norte, eu poderia estar magoado agora. Muitas mulheres são loucas por uma chance de dormir comigo. Considere-se privilegiada.

— Você tem noção do que está me pedindo?

— É sexo, a satisfação de um desejo carnal. Nada de mais — respondeu Jake.

— É, sim, de mais! — gritei. — Eu deveria fazer amor com quem amo, com quem tenho confiança, a pessoa que espero que um dia seja o pai dos meus filhos.

— É verdade — concordou ele. — O sexo às vezes pode ter efeitos colaterais ruins na forma de crianças pequenas, mas cuidarei de tudo para que não haja complicações. Você estará nas mãos de um especialista.

— Você está escutando? Isso é tão ruim quanto vender a minha alma.

— Não seja ridícula. O propósito do sexo é o prazer, não a procriação. Você só precisa relaxar e me deixar fazer o que sei fazer de melhor. Lembre-se: todo compromisso tem seu preço.

— O propósito do sexo é criar vida — corrigi-o. — Ao dormir com você, estaria me comprometendo, afirmando que confio em você, que quero criar vida com você. Com você... — repeti para dar ênfase. — E um mentiroso, enganador e assassino. Nunca me entregaria a você!

Jake não pareceu ofendido.

— Fizemos um acordo — disse ele de modo inexpressivo. — Você concordou em fazer qualquer coisa que eu pedisse. Se você se recusar agora, cuidarei, pessoalmente, para que Xavier não viva mais nem um dia.

— Fique longe dele.

— Ei. — Jake estalou os dedos para mim. — Não lide com o Diabo se não consegue agüentar.

Balancei a cabeça. Não conseguia acreditar. Ele escolhera a única coisa que eu não podia entregar. Seria como permitir que a escuridão entrasse no meu corpo físico, deixando que duas almas totalmente opostas se misturassem.

— Acho que Xavier não é muito importante para você, no fim das contas — comentou Jake. — Afinal, você está disposta a permitir que algo tão insignificante ameace a vida dele.

Fitei-o enquanto tentava entender o que acabara de ouvir. O que aconteceria: a maior traição ou o maior sacrifício?

— É que sempre imaginei que seria com ele — disse baixinho.

— Eu sei. — Jake tinha a voz repleta de compreensão. — E eu até aceitaria a ideia de uma relação a três, mas, nas circunstâncias atuais, acho que pode ser meio estranho.

Não respondi. Estava enojada. Jake tinha o poder de matar Xavier — provar isso de manhã. Se eu voltasse atrás, ele o mataria. Sabia que Ivy e Gabriel estavam em alerta, mas Jake só teria que encontrar Xavier sozinho e num momento de fraqueza. Ele não se importaria se demorasse dias ou semanas, mas encontraria uma maneira. Sabia o que teria que fazer antes mesmo de entender tudo. Lembrei o que Xavier me dissera uma vez: "Beth, um relacionamento não se baseia só em sexo. Amo você pelo que você é, não pelo que pode me oferecer." Isso significava que eu poderia aceitar a oferta de Jake? Eu não sabia e gostaria de ter alguém para me guiar. A ideia de dormir com Jake, por mais horrível que fosse, era mais fácil de imaginar do que perder Xavier. A verdade é que faria o que fosse preciso para mantê-lo seguro.

— Tudo bem — concordei, com os olhos marejados. — Você venceu. Serei sua.

— Que bom! Você tomou a decisão certa. Mandarei Hanna para ajudá-la a se preparar. Quero fazer tudo direito esta noite... para o caso de você mudar de ideia.

† † †

QUANDO HANNA CHEGOU, seu rosto estava pálido e ela segurava uma bolsa com roupas embaixo do braço.

— Oh, Beth... — disse ela suavemente. Era a primeira vez que ela me chamava pelo nome, e fiquei surpresa. — Gostaria muito que as coisas não tivessem chegado a esse ponto.

— Como você descobriu? — perguntei sem ânimo.

— As notícias se espalham depressa aqui. Sinto muito.

— Tudo bem, Hanna — disse, engolindo em seco. — É mais do que eu esperava do Jake.

— Espero que depois de tudo isso... um dia... você possa ficar com Xavier

— disse ela. — Ele deve ser muito especial.

— Sim, ele é.

Pensar em Xavier era a única maneira de conseguir passar por aquele sofrimento sem enlouquecer. Se ele morresse por minha causa, seria pior do que passar a eternidade no Inferno.

— Venha — disse Hanna, me conduzindo com gentileza com a mão pousada nas minhas costas. — Jake está esperando você em uma hora. — Ela abriu o zíper do saco de roupas e tirou dali o que parecia um vestido de noiva longo.

— Preciso mesmo usar essa roupa? — perguntei com nojo. Não queria nenhum transtorno. Aquilo já seria ruim o suficiente sem a encenação toda.

— O príncipe escolheu este vestido especialmente para hoje — respondeu Hanna. — Sabe como ele é. Vai ficar ofendido se não o vestir.

— Você acha que estou fazendo a coisa certa, Hanna? — perguntei de repente, alisando os vincos do edredom. Já estava decidida, mas queria a confirmação de alguém para não me sentir muito sozinha.

— O que importa o que penso? — Hanna se ocupou, procurando fios no vestido para tentar fugir da pergunta. Ela detestava dar a sua opinião, com medo de entrar em apuros.

— Por favor? Quero muito saber.

Hanna suspirou e parou o que estava fazendo. Quando olhou para mim, seus olhos castanhos estavam tomados de tristeza.

— Também já fiz um acordo com Jake certa vez — disse ela. — E ele me traiu. Os demônios dizem qualquer coisa para conseguir o que querem.

— Então você acha que ele está mentindo? Que ele vai ferir Xavier de qualquer jeito?

— Não importa — respondeu. — O que está prestes a acontecer vai assombrá-la para sempre... mas você nunca vai se perdoar se não o fizer. Precisa saber que fez o possível para manter Xavier em segurança.

— Obrigada, Hanna.

Ela assentiu e me ajudou a pôr o vestido branco virginal e os sapatos de cetim. Então, colocou pequenas pérolas em meus cabelos. Jake fizera aquilo de propósito, era a sua maneira louca de ser irônico. Em sua mente, talvez já tivesse idealizado um encontro de amor, e não a reunião de negócios que realmente era. O vestido era justo como um corpete em meu quadril e continuava em ondas até o chão. Tinha um decote que revelava a brancura da minha pele. Bem, pensei com amargura, era o vestido certo para a ocasião... no lugar errado, com a pessoa errada.

Quando Hanna prendia um colar de pérolas em meu pescoço, Tucker entrou no quarto e ficou surpreso ao ver o que eu estava vestindo.

— Então é verdade — disse ele, baixinho. — Tem certeza de que sabe o

que está fazendo?

— Não tenho escolha, Tuck.

— Olha, Beth. — Ele se sentou com hesitação na beira da cama. — Sei que as coisas parecem bem ruins no momento, mas nunca a admirei tanto quanto a admiro agora.

— Por quê? Não há muito o que admirar, na minha opinião.

— Não. — Tucker balançou a cabeça. — Pode ser que não veja agora, mas você é forte. Quando Jake trouxe você aqui, ninguém pensou que você duraria um dia. Mas você é mais forte do que parece. Apesar de tudo o que tem visto, apesar de tudo o que eles lhe fizeram... você ainda tem fé.

— Mas estou deixando Jake vencer — disse. — Estou dando o que ele quer.

— Não... — rebateu Tucker com a voz rouca. — Dar o que ele quer seria recusar... colocar-se em primeiro lugar. Está abrindo mão de algo muito especial, e Jake sabe que você faz isso por amor. Você o detesta acima de tudo e ainda assim está se entregando a ele para proteger a pessoa que ama. Isso deve estar corroendo-o.

— Obrigada, Tuck. — Eu o abracei e enterrei meu rosto em seu pescoço, que tinha cheiro de grama. — Nunca havia pensado assim.

Ao ver o meu reflexo no espelho, pensei que talvez Tucker estivesse certo. Talvez devesse parar de pensar nisso como um ato de traição sórdida, mas, sim, como um ato de amor.

Eu ainda tinha alguns minutos antes de sair. Hanna e Tucker me deixaram sozinha, compreendendo que eu precisava de um tempo para organizar meus pensamentos. Não consegui me controlar e comecei a me projetar quase antes de eles fecharem a porta. Queria ver Xavier uma vez mais; queria que o rosto dele fosse a última coisa que eu visse antes de entregar uma parte preciosa de mim mesma. Sabia que se conseguisse manter a lembrança dele em minha mente, conseguiria passar por isso.

Minha família já havia chegado ao Alabama. Era um trajeto de apenas uma ou duas horas, mas me surpreendi ao saber que eles chegaram ali tão depressa. Até onde eu sabia, Broken Hill era uma cidade calma muito parecida com Venus Cove. A estação de trem fora desativada. Os bancos de madeira pontuando as paredes de tijolos aparentes estavam repletos de lixo, e a antiga bilheteria estava vazia. Havia ervas daninhas entre os trilhos e corvos espalhados pelo solo seco. Aquele local devia ter sido charmoso, repleto de vida. Estava claro que, desde o acidente de trem que tirara tantas vidas, os moradores já tinham partido, e agora o local não passava de uma sombra do que já tinha sido. O carro parou ao lado dos trilhos enferrujados, e minha família saiu. Ivy farejou o ar, e tentei imaginar se ela conseguia sentir o cheiro de enxofre emitido pelo portal que ficaria perto dali.

— Este lugar me dá arrepios — comentou Molly, ainda dentro do carro.

— Fique onde está — pediu Gabriel, e ela não reclamou.

— E agora? — perguntou Xavier. — Alguma ideia do que estamos procurando?

— Pode ser qualquer coisa — respondeu Gabriel, inclinando-se e mantendo a palma da mão direita acima da terra. — Mas acho que deve estar nos trilhos.

— Como você sabe disso?

— A terra é sempre mais quente em cima de um portal para o Inferno.

— Entendi — suspirou Xavier. — Então, agora precisamos encontrar um jeito de abri-lo.

— Esse é o problema — disse Ivy. — Nosso poder combinado não é suficiente. Precisamos de reforço.

— Droga. — Xavier chutou o chão com a ponta da bota, e pedregulhos se espalharam. — Para que viemos aqui?

— Miguel não nos teria mandado para cá por nada — murmurou Ivy. — Deve haver algo que ele quer que façamos.

— Ou talvez ele seja apenas um idiota — respondeu Xavier.

— Isso mesmo — disse alguém atrás deles. Todos se viraram a tempo de ver um arcanjo se materializar, com sua forma imponente cobrindo os trilhos.

Ele tinha a mesma aparência da primeira vez em que o vimos: cabelos loiros e brilhantes, os membros muito maiores do que os de um ser humano normal. Suas asas estavam retraídas.

— De novo, não — escutei Molly resmungar no carro e se encolher. Gabriel e Miguel se entreolharam como guerreiros, abaixando a cabeça em reverência.

— Seguimos as suas orientações, irmão — disse Gabriel. — O que quer que façamos agora?

— Vim oferecer minha ajuda — respondeu Miguel. — Trago comigo a arma mais poderosa do Céu e do Inferno. Ela pode abrir o portal com a mesma facilidade com que se abre uma garrafa.

— Obrigado por ter nos dado essa informação essencial tão cedo — disse Xavier, com bom humor.

— Eu deveria decidir quando seria a hora certa — respondeu Miguel, olhando para Xavier. — O grupo se reuniu para discutir essa questão imprevista. Lúcifer conhece o poder do anjo refém e pretende usá-lo para alcançar seus objetivos.

As palavras de Miguel me alertaram. O fato de ele saber disso significava que, durante todo o tempo, eu não estava sozinha. O Céu me observava o tempo todo. Poderia ainda ter esperança?

— Como ele planeja fazer isso? Bethany não é uma marionete — protestou Ivy.

— Não sabemos como — disse Miguel. — Mas é perigoso deixar a essência divina nas mãos de qualquer demônio. O objetivo de Lúcifer é causar um Armagedom, uma batalha final, e ele espera usar o anjo como vantagem. As forças do Céu devem agir.

— Como Beth se encaixa nisso? — quis saber Xavier.

— Ela é um catalisador, se quer saber — explicou Miguel. — Os demônios querem dar início a uma guerra em grande escala, mas nunca nos rebaixaremos a esse nível. Vamos mostrar a eles o poder do Céu sem derramamento de sangue.

— Você ia nos ajudar, não ia? — disse Xavier, de repente. — Por que não fez isso desde o começo?

Miguel inclinou a cabeça de leve.

— Quando uma criança quebra um brinquedo e os pais dela logo compram um novo, que lição ela aprende?

— Beth não é um brinquedo — Xavier começou a dizer, mas Gabriel pousou uma das mãos no ombro dele.

— Não interrompa um anjo do Senhor.

— O Céu sempre pode intervir — continuou Miguel. — Mas Ele escolhe o momento certo. Somos apenas Seus mensageiros. Se Nosso Pai corrigisse todas as coisas erradas do mundo, ninguém aprenderia com seus erros.

Recompensamos a fé e a lealdade, e vocês demonstraram os dois. Além disso, a missão ainda não terminou. O Céu tem planos para você.

— Planos para mim? — repetiu Xavier, mas Miguel o olhou intensamente.

— Não vamos estragar a surpresa.

Foi um choque escutar o que Miguel tinha a dizer. Ele conhecia os chefões do Reino, e eu duvidara que meu resgate fosse prioridade para ele. Mas, pelo visto, Lúcifer estava jogando um jogo mais perigoso do que eu percebera. Miguel parecia pensar que estávamos à beira da guerra e que o Céu precisava reafirmar seu domínio. Eu ainda não tinha ideia de como ele planejava entrar pelo portal, mas ele parecia confiante em suas habilidades.

— O portal? — lembrou Ivy, ansiosa para não perder mais tempo. — Estamos aqui por um motivo.

— Muito bem — disse Miguel, e de debaixo de sua túnica ele retirou um objeto tão claro e glorioso que Xavier virou o rosto.

A espada longa e flamejante pulsou na mão de Miguel, pronta para agir. Ela refletia azul nas extremidades e parecia elegante demais para seu propósito de destruição. Ao longo do cabo dourado, havia letras entalhadas num idioma que nenhum ser humano conseguia entender. As letras brilhavam com uma luz azul-clara. A espada estava viva... como abençoada por um espírito.

— A Espada de Miguel — disse Gabriel num tom estranhamente reverente que eu nunca o vira usar. — Há muito tempo não a via.

— Ela existe de verdade? — perguntou Xavier.

— É mais real do que você pensa — respondeu Gabriel. — Miguel já se revoltou contra eles antes.

Xavier pensou por um momento.

— É claro — disse ele, por fim. — Está no livro do Apocalipse. "Então houve guerra no Céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e o dragão e os seus anjos batalhavam." Foi Miguel quem o jogou no Inferno pela orientação de Nosso Pai.

— Bom trabalho — disse Xavier, e Miguel ergueu uma sobrancelha. Sorri ao ver como ele agia informalmente em relação a meus irmãos.

— E você acha que pode voltar?

— Vamos ver, não é? — Foi o que Miguel disse.

Ele se levantou no meio dos trilhos. A espada em sua mão vibrou tão alto que quase fez as aves próximas voarem.

— Ei, cara — disse Xavier, aparentando desconforto. — Desculpe por tê-lo chamado idiota. Foi mal.

Miguel assentiu com delicadeza para indicar que não havia mágoas.

Ergueu a espada acima da cabeça de modo que a luz do sol refletiu em sua superfície prateada.

— Em nome de Deus, exijo que você...

A voz dele saiu reverberante, mas logo começou a ficar mais fraca. Eu estava desaparecendo, voltando a Hades. Tentei permanecer por mais tempo. Precisava desesperadamente ficar e ver se a espada de Miguel abria o portal. Mas o toque do telefone puxou-me de volta ao meu corpo físico.

— Alô? — atendi, com dificuldade para segurar o telefone e quase o derrubei.

— O sr. Thorn a espera na recepção — informou a recepcionista. Percebi que o tom de voz dela havia mudado desde a última vez em que conversamos. Naquele momento, fora respeitoso. Agora, tinha sido presunçoso.

— Diga-lhe que já estou descendo.

Desliguei e voltei para a cama, suspirando alto. Não sabia o que pensar. Miguel estaria realmente prestes a invadir o portal e me salvar?

Não ousei acreditar naquilo. Hesitei por alguns minutos, pensando no que fazer. De uma coisa eu tinha certeza: não podia deixar Jake descobrir o que eu acabara de testemunhar. Precisava ir adiante com o acordo como se nada tivesse acontecido. Torci para que minhas habilidades como atriz fossem boas.

Encontrei-o na recepção do hotel Ambrosia. Ele retirara a jaqueta de motoqueiro usual e a trocara por um fraque com abotoaduras prateadas, numa tentativa de bancar o herói romântico. Mas sabíamos que, apesar das belas roupas, não havia nada de romântico no acordo. Tucker e Hanna ficaram do lado de dentro do hotel, atrás das portas giratórias, com a expressão séria enquanto eu me acomodava no banco traseiro da limusine de Jake, e atravessamos os túneis de Hades. Acenei para eles pela janela de trás, tentando passar a mesma mensagem de esperança que eles haviam me dado.

O carro finalmente parou na entrada do que parecia ser uma caverna. Saí e olhei ao redor.

— Essa é a sua ideia de encontro romântico? — perguntei. — Por que não escolheu me ver no armário de vassouras?

— Espere. — Jake sorriu brevemente. — Você ainda não viu nada. Vamos? — Ele estendeu o braço e me levou para a escuridão. Dei-lhe o braço enquanto me levava por um túnel curto que se abria como mágica para uma câmara ampla de pedra. O local fora organizado especialmente para a ocasião. Por um momento, só consegui pensar que era um espaço estranhamente belo. Parei e olhei.

— Você organizou tudo isso?

— Eu mesmo. Quero lhe proporcionar uma noite inesquecível.

Olhei ao redor, surpresa. O andar da caverna subterrânea estava repleto de água rasa da cor de opala. Pétalas de rosa e velas flutuavam na superfície,

lançando uma luz brilhante contra a parede de pedras cheia de fissuras que levava à terra seca.

No centro, havia uma grande cama coberta por cetim dourado e travesseiros de franjas. As peças de pedra estavam decoradas com tapeçaria e imagens de um mundo esquecido. Espelhos de molduras douradas cobriam todos os espaços vazios, refletindo a luz numa pirâmide brilhante espetacular. As notas de uma ária eram emitidas por alto-falantes ocultos. Jake transformara o local sombrio e úmido num mundo subterrâneo fantástico. E claro, o ambiente não mudava nada.

Havia algo meio escondido pela água. Era uma estátua de mármore da Vênus de Milo sem braço. Pela neblina, um líquido escuro descia por suas faces de pedra e pousava com uma gota rítmica na água abaixo. Demorei um pouco para perceber que a estátua chorava lágrimas de sangue.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, Jake estalou os dedos, e uma gôndola decorada apareceu diante de nós.

— Você primeiro — disse ele, oferecendo-me o braço para me dar apoio. Andei com cuidado pelo cais, e Jake me acompanhou. A gôndola passou pela água brilhante até chegar a uma plataforma de pedra. Saí, sem me importar em segurar a barra do vestido, que se arrastava pelos degraus. Jake caminhou até a cama e passou os dedos sobre a manta. Ele me chamou para ficar ao seu lado.

Ficamos um diante do outro em silêncio. O desejo no rosto de Jake me fez estremecer. Não senti nada além de um grande vazio. Minhas emoções se retraíram totalmente; meu corpo funcionava no piloto automático. Precisava permanecer calma e alheia enquanto a salvação chegava... se viesse mesmo. Não me permiti pensar no que aconteceria se o plano de Miguel não desse certo. Se o fizesse, gritaria ou tentaria afastar Jake. Então, fiquei parada e esperei. Jake estendeu os braços e passou os dedos compridos e finos pelos meus braços. Eram dedos habilidosos, e, alguns minutos depois, a alça do vestido caiu e deixou meu ombro à mostra. Ele se inclinou para a frente e pressionou os lábios quentes contra a minha pele, passando pela clavícula e pelo pescoço. Segurou-me pela cintura, puxando-me contra seu corpo. Ao encostar os lábios nos meus, o beijo foi intenso. Tentei não pensar em como Xavier me beijava — suave e lentamente, como se o beijo fosse o prêmio em si, não o prelúdio para algo mais. Senti a língua de Jake forçando a abertura dos meus lábios e fazendo pressão para entrar na minha boca. Seu hálito quente era sufocante. Quando as mãos começaram percorrer o meu corpo, ele não pareceu perceber que eu não reagia muito. Então, num movimento fluido, ele esticou o braço e desceu o zíper da parte de trás do meu vestido, que caiu no chão quando menos esperei, e fiquei diante dele vestindo nada além de minha roupa íntima transparente.

Jake se afastou por um momento, ofegante como se tivesse corrido numa maratona, e então me deitou na cama e se inclinou, observando-me com uma

expressão curiosa.

Abaixou-se e escorregou a mão na parte interna da minha coxa, traçando círculos lentos com o polegar. Começou a me beijar num trajeto que ia do pescoço até os seios e o estômago enquanto abaixava o corpo para se aproximar do meu.

Onde estavam Miguel e os outros? Um pensamento ruim me ocorreu. A sua espada pode não ter conseguido abrir o portal, ou talvez Miguel tivesse mudado de ideia. Apenas alguns minutos eram necessários para mudar o destino; qualquer coisa poderia ter acontecido no tempo que perdi. Senti meu coração começar a bater mais depressa e comecei a transpirar. Jake correu um dedo pelo suor e sorriu com satisfação. Levou um dos meus dedos aos seus lábios e chupou-o de leve.

— Está se divertindo, afinal? — perguntou ele. Minha boca estava seca demais para que eu conseguisse falar, mas forcei-me a responder.

— Podemos acabar logo com isso?

Eu tinha quase certeza de que Jake desejaria prolongar a experiência o máximo possível, mas sua resposta me surpreendeu.

— Podemos fazer como você quiser. — Ele tirou a camisa e a jogou no chão, de modo que seu peito nu ficou diante de mim, os cabelos escuros caindo sobre os olhos brilhantes. Ele abaixou a cabeça e senti seus dentes mordiscarem minha orelha. — Estamos apenas começando — sussurrou, indo para baixo e passando a língua sobre minhas costelas. — Você está achando intenso? Espere para ver, vou levá-la à loucura. Você ficará prestes a explodir.

Tremi de medo quando ele me tocou. Havia uma centena de coisas que queria dizer, mas forcei-me a ficar calada.

Em minha mente, uma voz berrava: E se eles não vierem? Conforme os minutos foram passando, ficou cada vez mais claro que não viriam. Tentei me desligar.

Estiquei o braço e deixei um dedo descer pelo peito de Jake. Ele estremeceu e se apertou contra mim.

— Estou nervosa — sussurrei, tornando a minha voz a mais inocente que consegui. — Nunca fiz nada assim antes.

— Porque você estava com um amador — disse Jake. — Não se preocupe, vou cuidar de você.

Não consegui pensar em mais nada para atrasar o inevitável. Não havia sinal de Xavier nem de minha família. Era tarde demais; não havia mais o que fazer. Eu me deitei e fechei os olhos, aceitando o meu destino.

— Estou pronta.

— Estou pronto há muito tempo — respondeu Jake e senti suas mãos subirem pelas minhas pernas.

De repente, escutei um som parecido com um ronco forte do fundo da

caverna. Era como se a rocha em si estivesse sendo aberta. O som ecoou pelas paredes, fazendo Jake sentar-se ereto, de repente em alerta, os olhos escuros analisando o ambiente ao redor. Parecia que o teto acima de nós estava prestes a ruir. Eu me sentei, esforçando-me para tentar escutar um som confortante.

Jake disse vários palavrões um pouco antes de a parede mais distante explodir numa torrente ensurdecedora de pó e pedras, e um conversível Chevrolet Bel Air 1956 passar pelo buraco aberto. O carro pareceu voar quase em câmara lenta ao entrar na caverna e parar a metros de onde estávamos, com o barulho de um trovão. O corpo do carro era comprido, como eu me lembrava, com os faróis acesos e a pintura azul-clara arranhada pelo mergulho que acabara de dar.

— Xavier? — sussurrei.

O para-brisa estava coberto de poeira, mas, um momento depois, a porta do motorista se abriu e uma pessoa saiu dali. Ele era exatamente como eu me lembrava: alto, ombros largos e olhos azul-claros. As mechas loiras que caíam em sua testa ainda tinham partes mais douradas e, em seu pescoço, vi o crucifixo brilhando.

Atrás dele, Ivy e Gabriel saíram do carro, parecendo pilares dourados na câmara escura. A expressão deles era séria, e olhos acinzentados estavam fixos em Jake. Um vento soprou e seus cabelos dourados esvoaçaram. Demorei um pouco para perceber que as asas deles estavam abertas, como sempre acontecia antes de um conflito. Estavam eriçadas, como as asas de uma águia, formando sombras de três metros nas paredes de pedra. Estavam fortes e majestosos como sempre, mas senti que o fato de estarem no Inferno enfraquecia-os. Não tinham nada a ver com o lugar, e logo seus poderes começariam a diminuir. Não havia sinal de Miguel... Supus que ele tivesse aberto o portal e desaparecido. Mas a espada dele brilhava na mão de Gabriel. Também não vi Molly. Provavelmente a deixaram no Alabama — aquela parte da missão seria perigosa demais para ela.

O rosto de Xavier estava tomado de alívio. Ele deu um passo à frente e estendeu o braço na minha direção, mas parou ao ver como eu estava vestida. Analisou a cama, as flores e os lençóis desarrumados. Nós nos entreolhamos, e sua expressão de dor me fez sentir como se me dessem um tapa na cara. A princípio, ele se mostrou confuso, e então irado, e depois estranhamente impassível, como se a montanha-russa de emoções que o invadia fosse forte demais para ele agüentar.

Foi Jake quem interrompeu o silêncio primeiro.

— Não! — Ele saltou em minha direção e me pegou com tanta força que gritei de dor. Isso pareceu colocar Xavier em ação.

— Tire as mãos imundas dela! — rosnou ele. Tentou correr, mas Ivy e Gabriel o contiveram. Jake olhou para eles como um animal feroz, os olhos

escuras arregaladas de ódio e pânico.

Gabriel contraiu os lábios numa expressão de zombaria que eu já vira antes.

— Você achou, de fato, que sairia ileso? — perguntou com a voz suave, tornando-o ainda mais ameaçador.

— Vocês não deveriam estar aqui — disse Jake. — Como entraram?

Gabriel deu um passo à frente e girou a espada num arco, testando seu peso nas mãos.

— Digamos apenas que tivemos reforços inesperados.

Jake silvou como uma serpente, espalhando perdigotos pelo ar.

— Você não entenderia, mas cuidamos de nossos semelhantes — disse Gabriel.

Senti os dedos de Jake apertarem meu ombro.

— Ela é minha — disse ele. — Não podem tirá-la de mim. Eu a ganhei.

— Você enganou e mentiu — disse Gabriel. — Ela é nossa, e viemos buscá-la. Solte-a antes que tenhamos que forçá-lo.

Por um momento, Jake ficou totalmente parado. Então, de repente, me senti sendo erguida, com os dedos dele ao redor de meu pescoço. Estava pendurada, e a pressão na minha garganta era quase insuportável. Meus pés se debatiam sem parar, e me esforcei para puxar todo o ar que conseguia.

— Eu poderia quebrar o pescoço dela num instante — avisou Jake.

— Pare com isso — disse Xavier e, antes que pudessem detê-lo, ele se lançou para a frente e atacou Jake com o ombro direito, como se estivesse num campo de futebol. Surpreendido, Jake me soltou e me joguei na cama, ofegante. Os dois caíram de costas na água. Jake parecia não acreditar na intensidade do ataque. Xavier se virou, acertando um soco certeiro na mandíbula de Jake. Eles se atracaram de novo, rolando pelas rochas nas sombras enquanto tentavam conseguir o controle. Escutei Jake gemer diversas vezes com os golpes. Era evidente quem era fisicamente superior. Mas Jake não jogava limpo e, assim que ele se recuperou por um momento, passou uma das mãos pelos cabelos, e Xavier correu pela caverna e pulou na cama ao meu lado. Jake estalou os dedos e correntes de ferro se materializaram, prendendo-nos ali. Jake se aproximou como um predador esperando pela caça. Ficou perto de nós por um momento e deu um soco no olho esquerdo de Xavier, que virou a cabeça para o lado. Eu o vi fazer uma careta, mas ele não deu a Jake a satisfação de saber que estava ferido. Gritei e tentei me livrar das correntes quando Jake acertou um soco na mandíbula de Xavier, e o sangue escorreu de seu lábio cortado.

Então, uma força ergueu Jake e o jogou no chão da caverna. As correntes que nos prendiam desapareceram. Xavier gemeu e rolou para o lado, encarando-me.

— Sinto muito — disse ele. — Sinto muito por ter deixado isso acontecer.

Jurei que sempre protegeria você e a decepcionei.

Olhei para ele por um momento antes de abraçá-lo e enterrar o rosto em seu pescoço.

— Você está aqui — sussurrei. — Você está aqui de verdade. Meu Deus, como senti saudades.

Ficamos abraçados por muito tempo, até vermos meu irmão e minha irmã confrontando Jake. Ele deixara de ser um rapaz garboso e transformara-se em algo que mal lembrava um ser humano. Seus cabelos escuros estavam despenteados, seu nariz sangrava e seus olhos brilhavam de raiva.

Ivy e Gabriel, juntos, pareciam oponentes inatacáveis.

— Solte Bethany, Arakiel — avisou Gabriel em voz baixa —, antes que isso fuja do controle.

— Você terá que me matar — disse Jake. — E fizeram um trabalho muito ruim na primeira vez.

Gabriel apontou a espada de Miguel diretamente a Jake.

— Não viemos despreparados.

— Aham que não sei o que este lugar faz a vocês? — perguntou Jake.

— Cada segundo que passam aqui ficam mais fracos.

— Somos quatro — disse Gabriel.

— Incluindo um ser humano e um anjo tão fácil que estava prestes a se entregar a um demônio.

Xavier saiu da cama e encarou Jake com olhar intenso.

— Não fale assim dela.

— O que foi? — perguntou Jake. — Não tolera saber que sua namoradinha estava prestes a permitir que outro homem a usasse? Que desse a ela algo que você nunca conseguiu dar?

Xavier balançou a cabeça.

— Isso não é verdade.

— Pergunte a ela — disse Jake, divertindo-se.

Xavier virou a cabeça de leve para olhar para mim.

— Beth?

Não soube o que dizer. Como poderia lhe contar que estivera prestes a cometer uma traição imperdoável? Abri a boca e a fechei de novo, torcendo os lençóis.

— Acho que quem cala consente — disse Jake, feliz consigo mesmo. Xavier fez uma careta e se afastou.

— Então é verdade. — Ele fez um movimento com a mão ao seu redor.

— Tudo isto era para ele?

— Você não entende — disse. — Estava fazendo isso por você.

— Por mim? Como assim? Jake uniu as mãos, animado.

— Oh, por favor, não é hora de discutir a relação.

— Fizemos um acordo — expliquei. — Se dormisse com ele, ele não tentaria ferir você de novo.

Os olhos prateados de Gabriel se voltaram para Jake.

— Você é, mesmo, o maior verme da Terra — disse ele, com nojo. — Não culpe Bethany, Xavier... Ela não sabia que ele mentia.

— Você estava mentindo? — gritei. — Ia me entregar, e você estava mentindo o tempo todo!

— Claro que sim — disse Jake. — Não se pode confiar num demônio, querida. Você, mais do que qualquer pessoa, deveria saber disso.

Antes de eu responder, Xavier se descontrolou e começou a dizer palavrões. Nunca o ouvira xingar antes, e até Gabriel ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Veja só... quem diria... parece que o menino bonito tem sangue correndo nas veias — debochou Jake.

— Quando vai parar de nos perturbar? — perguntou Xavier. — É a única maneira de se divertir na vida? Você é realmente tão patético?

Aproveitei que Jake estava distraído para sair da cama e correr até meus irmãos, colocando-me atrás deles em segurança.

— Pode se esconder, Bethany — disse Jake lentamente. — Mas não vai conseguir sair.

— Na verdade, irmão — disse Gabriel com intensidade. — É você que não vai.

De repente, as asas de Gabriel o ergueram, e rapidamente ele sobrevoou Jake... com a espada de Miguel em punho. Tudo aconteceu muito depressa, praticamente um borrão. Escutei o som do metal cortando o ar, e, quando os pés de Gabriel tocaram a terra firme, a espada estava dentro do peito de Jake. Xavier ficou boquiaberto pelo choque e correu em minha direção, segurando-me pelos ombros.

Jake gritou e segurou o cabo, arrancando a espada de seu corpo e jogando-a no chão. O sangue que manchava a lâmina era mais denso do que o normal e preto como a noite. Jorrava do ferimento e formava uma poça ao redor dele, o poder demoníaco saindo dele. De repente, o sangue espumou na boca de Jake. Um espasmo tomou conta de seu corpo, e ele caiu no chão.

Antes de Jake perder os sentidos, ergueu a cabeça e esticou o braço na minha direção. Seus olhos imploravam enquanto ele tentava dizer algo, mas sem emitir som. A princípio, não consegui entender as palavras, mas consegui assimilar algumas sílabas em sua respiração ofegante.

— Bethany, perdoe-me.

A pena fez com que me aproximasse dele. Fui guiada por um desejo de oferecer o conforto que pudesse.

— O que está fazendo? — Escutei a voz de Xavier atrás de mim, mas

estava distraída demais com a tristeza dos olhos escuros de Jake. Ele podia ter me atormentado em Hades, mas eu sabia que tudo aquilo surgia do desejo de ganhar meu afeto. Talvez, no fundo, Jake só quisesse ser amado.

No mínimo, não deveria morrer sozinho. Estranhamente, uma parte de mim queria ter a chance de se despedir.

— Bethany, não!

Meus dedos quase tocaram a mão de Jake quando de repente fui puxada para trás. Caí no chão e vi duas asas brilhantes batendo sobre a minha cabeça.

Gabriel, percebendo o que eu estava prestes a fazer, havia atravessado a caverna para me impedir.

— Fique para trás. Se você tocá-lo agora, ele vai levá-la para a morte. Fechei o punho e o pressionei contra o peito. Então havia entendido errado de novo. Pelo jeito, Jake continuava mentindo até o fim.

Ele ainda me olhava fixamente quando seu corpo se remexeu mais uma vez e então ficou parado. Observamos a luz desaparecer de seus olhos até ficarem estáticos olhando para o espaço.

— Acabou — sussurrei, precisando dizer as palavras em voz alta para acreditar nelas. Ivy e Gabriel me envolveram num abraço apertado. — Obrigada por virem me salvar.

— Somos uma família — respondeu Gabriel como se fosse a única explicação necessária.

Olhei para Xavier e segurei seu rosto com as mãos. Seus olhos estavam marejados e, quando ele me tocou no rosto, percebi que eu estava chorando em silêncio.

— Eu amo você — disse apenas, afirmando um fato inegável.

Poderia ter dito muito mais coisas, mas, naquele momento, aquilo era suficiente. Era só o que importava.

— Amo você também, Beth — disse Xavier. — Mais do que pode imaginar.

— Precisamos sair depressa — alertou Gabriel, orientando todos nós em direção ao carro. — O portal não permanecerá aberto por muito tempo.

— Espere. — Resisti enquanto eles tentavam me levar ao carro. — E Hanna e Tuck?

— Quem? — perguntou Ivy, confusa.

— Meus amigos, eles cuidaram de mim enquanto estava aqui. Não posso simplesmente deixá-los.

— Sinto muito, Bethany. — Os olhos de minha irmã estavam repletos de pesar verdadeiro. — Não podemos fazer nada por eles.

— Não é justo — gritei. — Todo mundo merece uma segunda chance.

— Os demônios estão vindo. — Gabriel segurou a minha mão. — Eles sabem que estamos aqui e que o portal está começando a se fechar. Devemos

sair ou ficaremos presos.

Assenti em silêncio e os segui, com lágrimas quentes escorrendo pelo rosto. Gabriel assumiu o volante e me recostei em Xavier no banco de trás. Olhei para trás mais uma vez e vi o corpo de Jake boiando na água. As coisas pelas quais me havia feito passar provavelmente me assombrariam pelo resto da vida, mas ele não podia mais me afetar. Queria sentir raiva, mas apenas sentia pena dele, que morreu como vivera, sozinho e sem ter conhecido o amor.

— Adeus, Jake — sussurrei e virei o rosto, escondendo-o no peito de Xavier. Senti quando ele beijou o topo da minha cabeça e seus braços fortes me apertaram quando Gabriel deu partida no Chevy e correu em direção ao buraco na caverna que já estava começando a se fechar.

Só estava pensando numa coisa quando a escuridão desapareceu e voltei para a minha amada Terra. Estava voltando para a vida que conhecia, a vida da qual sentia falta e para a qual desejava voltar... mas ali nos braços de Xavier eu já estava em casa.

Nos gramados bem-aparados da Bryce Hamilton, os alunos do último ano se esticavam sob o sol forte de junho com seus bonés e vestidos azul royal, os rostos iluminados de ansiedade. De certa forma, não pareciam mais adolescentes em busca de orientação: eram jovens prontos para trilharem seus caminhos no mundo. Começariam a faculdade meses depois, e todos estavam ansiosos pelas férias de verão. Eu sabia que Xavier recebera ofertas de diversas faculdades dispostas a tê-lo em seu time, especialmente as que tinham os times de futebol com mais astros.

Apesar de saber que a formatura não teria tanto impacto no meu futuro, não consegui evitar certo nervosismo. Esperávamos pelo sinal para que o desfile começasse. Do lado de fora do auditório, vi Gabriel com os coristas da escola aquecendo-se para a última apresentação de "Amigos para sempre", uma música já conhecida nas colações.

Entre os formandos, o sentimento positivo era contagiante.

As meninas ajustavam suas becas e prendiam os cabelos umas das outras para que as mechas não caíssem sobre os olhos e estragassem as fotografias. Os meninos se preocupavam menos com a aparência, concentrando-se em trocar apertos de mão e tapas nas costas. Todos usávamos anéis entregues poucos dias antes. Eram anéis simples de prata com o lema da escola gravado: "Viver. Amar. Aprender."

Bryce Hamilton adorava pompa e requinte. Dentro do auditório, os convidados e os pais se sentaram e se abanavam com cópias douradas do programa.

Ivy estava sentada ao lado de Dolly Henderson, a vizinha, fingindo interesse nas fofocas do bairro. Esperando na coxa estavam o dr. Chester e o corpo decente com roupas de gala para acadêmicos, e a cor de seus chapéus indicava seu ramo de especialidade. O diretor faria o discurso de abertura e então o representante da turma, Xavier, faria um discurso motivador com apenas algumas anotações com as quais se guiar. Do lado de fora, vi Bernie na platéia, tentando impedir seus pequenos de subirem uns nas cabeças dos outros e repreendendo Nicola por ficar jogando no seu iPhone.

Após a cerimônia, um brunch seria servido no refeitório, que havia sido transformado com toalhas de mesa brancas e arranjos de flores para combinar com a ocasião. Um fotógrafo profissional já fazia seus cliques, e observei Abby e as meninas aplicarem camadas novas de brilho labial e ajeitarem seus cabelos. Estava ansiosa à espera do momento em que todos jogaríamos nossos cabelos para cima — já vira a cena em diversos filmes e queria viver a experiência. Ivy colocara um adesivo com meu nome na parte interna do capelo, para eu encontrá-lo depois.

A escola toda estava animada com uma energia estranha. Mas, no meio

de toda aquela animação, havia certa melancolia disfarçada. Molly e suas amigas nunca mais se sentariam no pátio; aquela posição seria passada ao grupo de alunas do último ano, que não poderiam ser como elas. Os dias de matar aula, de estudar para as provas em cima da hora e de paquerar os meninos nos corredores haviam terminado. A escola uniria todos nós, mas agora tínhamos que correr atrás do futuro, e era possível que nunca mais ficassemos todos reunidos no mesmo lugar.

Queria que a cerimônia começasse logo. Estava tão animada que quase me esqueci de que era apenas uma observadora. Eu me sentia totalmente humana, como se devesse me preocupar com a entrada na faculdade e com as opções de carreiras. Precisei me lembrar de que aquela vida não era para mim. O melhor que podia fazer era participar da experiência por meio de Xavier e de meus amigos.

Molly apareceu do meu lado e me abraçou.

— Meu Deus, é tão triste! — exclamou ela. — Passei os últimos quatro anos reclamando deste lugar, mas agora não quero ir embora.

— Oh, Molly, vai dar tudo certo — disse, colocando uma mecha cacheada dos seus cabelos atrás da orelha. — Vai demorar muito até a faculdade começar.

— Mas passei treze anos da minha vida nesta escola — disse ela. — É estranho pensar que nunca mais vou voltar. Conheço todo mundo nesta cidade: é a minha casa.

— E sempre será. A faculdade também será uma aventura incrível, mas Venus Cove ainda estará aqui quando você voltar.

— Mas estarei tão longe! — resmungou.

— Molly... — Eu ri e a abracei. — Você vai para a Alabama... Fica logo ali, no estado vizinho!

Ela riu e fungou.

— Acho que sim, obrigada, Beth.

Senti uma mão em minha cintura, e os lábios de Xavier em minha orelha.

— Posso conversar com você? — perguntou ele. Eu me virei e o encarei. O azul da beca destacava a cor dos seus olhos, e os cabelos sedosos e castanhos não foram despenteados pelo capelo.

— Claro que pode, o que houve? — perguntei. — Está nervoso?

— Não — respondeu Xavier.

— Seu discurso está pronto? Não vi nada dele ainda!

— Não vamos ficar — Xavier deu a notícia bombástica com uma calma surpreendente.

— Como é? Por que não?

— Porque não significa mais nada para mim.

— Não diga isso.

— Estou falando muito sério.

Ainda assim, não consegui acreditar.

— Acho que o dia de hoje está deixando todo mundo meio estranho. Você não quer se formar?

— Vou me formar participando da cerimônia ou não.

Naquele momento, vi que seus olhos brilhavam, e um sorriso iluminava seu rosto. Ele estava falando sério sobre ir embora.

— Mas você é o orador da turma!

— Já cuidei disso, Wes vai me substituir. Mas não foi fácil.

Olhei para ele. Como podia fazer piadas prestes a deixar um dos acontecimentos mais importantes de sua vida? Todo mundo esperava que ele liderasse a cerimônia... que não seria a mesma sem ele.

— Seus pais nunca o perdoarão. Por que não quer ficar? Não está se sentindo bem?

— Estou bem, Beth.

— Então, por quê?

— Porque há algo muito mais importante a fazer.

— O que pode ser mais importante do que se formar?

— Venha comigo e vai descobrir.

— Não vou se você não me disser aonde vamos.

— Não confia em mim?

— É claro que confio. — Assenti com vigor. — Mas nunca vi você fazer algo assim... tão... imprudente.

— Engraçado, não me considero imprudente — disse ele. — Nunca me senti tão no controle quanto agora.

A banda da Bryce começou a subir pelo caminho, e os alunos começaram a entrar no auditório para se posicionarem sobre o palco. Uma professora estava contando os presentes de dez em dez. Vi Molly à minha procura na multidão, pois planejavamos nos sentar juntas. Os representantes da escola sempre entravam por último, porque seus assentos ficavam na fileira da frente. Olhei para Gabriel. Ele estava levando o coral para trás do palco, mas deve ter pressentido algo, porque olhou com curiosidade para trás. Sorri e acenei rapidamente para ele, esperando dar um sinal de que tudo estava bem. Xavier olhava para mim com ansiedade.

— Venha se sentar comigo sob o grande carvalho por cinco minutos e explicarei tudo. Se você não gostar do plano, vamos voltar e entrar juntos. Combinado?

— Cinco minutos? — perguntei.

— É só o que peço.

Fiquei em pé sob o velho carvalho que ficava no meio do pátio circular da escola, sabendo que aquele seria o nosso último momento juntos ali. Uma onda

de nostalgia tomou conta de mim. O carvalho fora um amigo fiel durante o tempo que passamos na Bryce Hamilton, com seus galhos retorcidos oferecendo abrigo e servindo como nosso local de encontro secreto sempre que o desejo de estarmos juntos era maior do que o senso de responsabilidade. Abracei o tronco de modo brincalhão, e Xavier continuava sério, como se tivesse feito a descoberta do século.

— Certo — disse. — Seu tempo começa agora. Qual é a grande ideia pela qual vale a pena fugir da formatura?

Xavier tirou o capelo e a beca e as colocou sobre a grama ao nosso lado. Por baixo, ele vestia camisa branca, gravata e calça social. Ver seu peito atlético sob o algodão fino fez nascer em mim o desejo profundo de sempre.

Xavier olhava para mim de modo apaixonado. Ele se inclinou e beijou a minha mão.

— Tenho pensado em nós dois.

— Coisas boas ou ruins? — perguntei imediatamente, o desejo dando espaço ao medo.

— Boas, é claro.

Consegui voltar a respirar de novo.

— Então, pode dizer.

— Acho que descobri a resposta.

— Que ótimo — disse. — Qual é a pergunta? Mas Xavier estava falando muito sério.

— A pergunta é como podemos garantir que ninguém nos atrapalhe de novo.

— Xavier, sobre o que está falando? Precisa relaxar. Estamos juntos agora. Eu voltei. Jake não vai nos incomodar durante um bom tempo.

— Se não for o Jake, será alguém ou outra coisa. Não dá para viver assim, Beth. Sempre preocupados, tentando descobrir quanto tempo nos resta.

— Então não vamos fazer isso. Vamos apenas nos concentrar no que temos aqui e agora.

— Não posso. Quero que dure para sempre.

— Não podemos ter essa expectativa. Você sabe.

— Acho que podemos. — Olhei em seus olhos brilhantes e vi algo que nunca vira antes. Não sabia o que era de fato, mas algo havia mudado.

E então, no minuto seguinte, Xavier segurou minhas mãos com firmeza e se abaixou, apoiando um dos joelhos na base do carvalho e amassando as folhas secas no chão. Meu coração começou a bater na frequência de um trem-bala. Um conflito interno começou entre a alegria e o que ele estava prestes a fazer.

— Beth — disse apenas, seu rosto perfeito iluminado pela ansiedade. — Não tenho a menor dúvida de que somos feitos um para o outro, mas passar o resto da minha vida com você seria uma honra e um compromisso que adoraria

ter. — Ele parou, com os olhos azuis bem claros. Fiquei sem fôlego, mas Xavier apenas sorriu. — Beth — repetiu ele. — Quer se casar comigo?

A expressão dele era de pura alegria.

Fiquei boquiaberta. Podia dizer que Xavier era um livro aberto para mim, mas com certeza não esperava aquilo. Involuntariamente, olhei para o céu à procura de orientação, mas não encontrei nada. Aquilo era algo com que eu teria que lidar. Pensei em diversas respostas, uma mais racional do que a outra.

Xavier, está delirando? Perdeu totalmente a razão? Você não tem nem 19 anos e não tem condições de se casar. Não acha que precisamos pensar bem? Não posso permitir que você jogue todos os seus sonhos fora... Depois da faculdade, talvez possamos falar sobre isso. Não temos autoridade para tomar uma decisão dessas sozinhos. Seus pais vão deserdá-lo. Como acha que Ivy e Gabriel receberão essa notícia?

Mas apenas a resposta menos racional saiu de minha boca:

— Sim.

Nós nos afastamos depressa do velho carvalho, com receio de que alguém fosse nos procurar. Assim que lhe dei a resposta, ele me levou no colo em direção aos portões da escola, sem parar até chegar à rua onde o Chevy estava estacionado. Xavier me colocou com cuidado na calçada para abrir a porta do carona, e então assumiu o volante e seguiu para a cidade.

— Aonde estamos indo agora? — perguntei ofegante por causa da emoção.

— Temos que fazer algo para comemorar.

Alguns minutos depois, o carro parou diante do Sweethearts, na rua principal. O café estava quase vazio. Imaginei que a maioria dos clientes devia estar na formatura na Bryce. Dei uma olhada rápida para o relógio de pulso quando Xavier não estava olhando. Já estávamos afastados havia meia hora.

Nossa ausência teria sido notada. O diretor já devia estar na metade do discurso de abertura. Os professores, nos bastidores, certamente comentariam sobre o nosso sumiço, procurando quem nos tivesse visto pela última vez e onde, e para onde podíamos ter ido. Alguém se ofereceria para procurar pelo pátio.

Ivy e Gabriel perceberiam nossos assentos vazios e saberiam que algo estava acontecendo, e os pais de Xavier ficariam confusos com o desaparecimento do filho exemplar. Pensar nisso tudo me trazia de volta à realidade e estragava um pouco o encanto do momento. Precisei pelo menos confirmar que Xavier havia tomado a decisão de modo consciente.

— Xavier — comecei.

— Puxa, Beth, não me diga que já mudou de ideia?

— Não, é claro que não. Preciso dizer só uma coisa.

— Certo. Pode falar.

— Você precisa pensar no seu futuro.

— Pensei. Ele está sentado bem na minha frente.

— Mas o que seus pais acharão sobre isso?

— Pensei que você queria dizer só uma coisa.

— Por favor, Xavier, vamos falar sério.

— Não sei o que eles pensarão. Não pretendo perguntar. Isto é o mais certo a se fazer. Já pensei muito em tudo. E o que quero e sei que você também quer. Se as circunstâncias fossem normais, podíamos abordar as coisas de outro modo, mas não podemos nos dar esse luxo. É a única maneira de proteger o que temos.

— E se as coisas ficarem piores?

— Não importa, porque vamos conseguir encarar juntos.

— Já pensou sobre como faremos isso?

— Já cuidei de tudo. O padre Mel concordou em nos ajudar. Na verdade, ele está esperando por nós agora mesmo, na capela.

— Agora? — Fiquei boquiaberta. — Não devemos contar a alguém primeiro?

— Tentarão nos fazer desistir da ideia. Podemos contar à cidade toda depois. Quando nossas famílias superarem o susto inicial, vamos sair e comemorar. Você vai ver.

— Você faz parecer tão fácil.

— Porque é. O casamento é um sacramento. Até mesmo Deus ficará satisfeito.

— Estava pensando na sua mãe.

— Do que ela pode reclamar? Pelo menos, vamos nos casar numa igreja!

— Verdade.

Xavier ergueu o milk-shake para propor um brinde.

— A nós — disse ele quando nossos copos tilintaram. — Que o que Deus unir o homem não separe.

O que podia fazer além de retribuir o sorriso otimista dele? Não havia nada que quisesse mais do que ser dele para sempre. Como dizer que não temia a interferência dos homens?

Eu me lembrei do sofrimento enfrentado por Xavier durante o tempo que fiquei em Hades. Agora a crise havia passado, o rapaz que eu amava estava de volta, pronto para anunciar o nosso compromisso ao mundo. Estava preparado para arriscar tudo pela felicidade. O velho Xavier voltara para mim, talvez ainda mais forte do que antes. Não podia correr o risco de perdê-lo de novo, mesmo que isso causasse ira no Céu.

Xavier deve ter percebido a incerteza em meu rosto.

— Você pode voltar atrás — disse ele, baixinho. — Vou entender. Hesitei por um momento, pensando em todas as conseqüências possíveis. Mas, quando Xavier segurou a minha mão, tudo ficou claro, e soube exatamente o que queria.

— De jeito algum — respondi. — Mal posso esperar para ser a sra. Xavier Woods.

Ele bateu a mão na mesa, momentaneamente frustrado. Eu me sobressaltei.

— O que foi que eu disse?

— Droga! Eu me esqueci da aliança!

— Podemos nos preocupar com isso depois — respondi.

— Não, não precisamos — disse ele com um sorriso.

Ele enfiou a mão no bolso da calça e tirou de dentro dele a mão fechada. Quando a abriu, havia ali uma caixinha redonda e antiga.

— Abra — sugeriu ele.

Fiquei surpresa ao erguer o fecho de metal e abrir a tampa. Dentro da caixinha, havia uma aliança de diamante tão perfeita que me deixou boquiaberta. Assim que a vi, sabia que era a minha aliança e que nunca mais me separaria dela. Nunca sentira uma ligação tão forte com algo material antes. A aliança parecia ter sido feita para mim. Nem parei para pensar que podia precisar ser ajustada. Simplesmente sabia que serviria. Não havia nada de extravagante nem ostentoso nela. Já tinha ido com Molly e as outras meninas admirar as vitrines da joalheria da cidade. Sempre fingi interesse para ser educada, mas as modernas alianças de diamante pelas quais elas babavam não me atraíam. Elas eram muito coloridas e grosseiras. Minha aliança era delicada como uma flor. Seu design era perfeito. A pedra central multifacetada estava presa a um aro de platina e tinha uma ponta, parecida com a de um pequeno domo. Ao redor dela, havia diamantes menores que desciam pela lateral.

— É perfeita para você — disse Xavier.

— É tão elegante — suspirei. — Onde você a encontrou? Nunca vi algo assim antes.

— Minha avó a deixou para mim em seu testamento. Minhas irmãs ficaram irritadas com o fato de ela querer deixá-la comigo. E uma aliança feita para um anjo. Não vai experimentá-la?

Assenti e peguei a aliança com hesitação, ainda me esforçando para acreditar que algo tão lindo e precioso seria meu. Mas não consegui experimentá-la. Quando Xavier terminou de falar, a terra sob nossos pés começou a chacoalhar como se o Céu estivesse em guerra.

A aliança escorregou da mesa e caiu no chão estremecido.

Obrigada, mamãe... por tudo. Não sei nem por onde começar.

Obrigada, Liz Kerins, por ser minha irmã mais velha postiça e querida amiga. Nossa viagem de carro pelo Texas foi épica.

Obrigada, Janna, Gail e todas as meninas de Memphis, por fazerem me apaixonar pelo Sul.

Obrigada, Christopher, por entender que "criativa" é um código para "maluca".

Obrigada a cada um de meus fãs. Sem vocês, nada disto teria sido possível. Amo todos vocês!

Obrigada a todos da Feiwei and Friends pelo compromisso e dedicação a esta série.

Obrigada a meus queridos agentes, Jill e Matthew, por acreditarem em mim.

Obrigada a minha querida amiga Lisa Berryman: sua inteligência, sua graça e seu conhecimento ajudaram-me a me moldar como pessoa e também como escritora.

Finalmente, obrigada a meus ídolos da música country: Hank Williams, Johnny Cash, Willie Nelson, Kitty Wells e Alan Jackson, por serem minha inspiração constante.

Este *ePub* teve como base a digitalização em *Pdf*
feita por autor desconhecido da **Comunidade**
Traduções e Digitalizações.

Abril de 2014
LeYtor